

**1213fb29-7b92-45f
2-8ec4-
ba48a0f014c1**

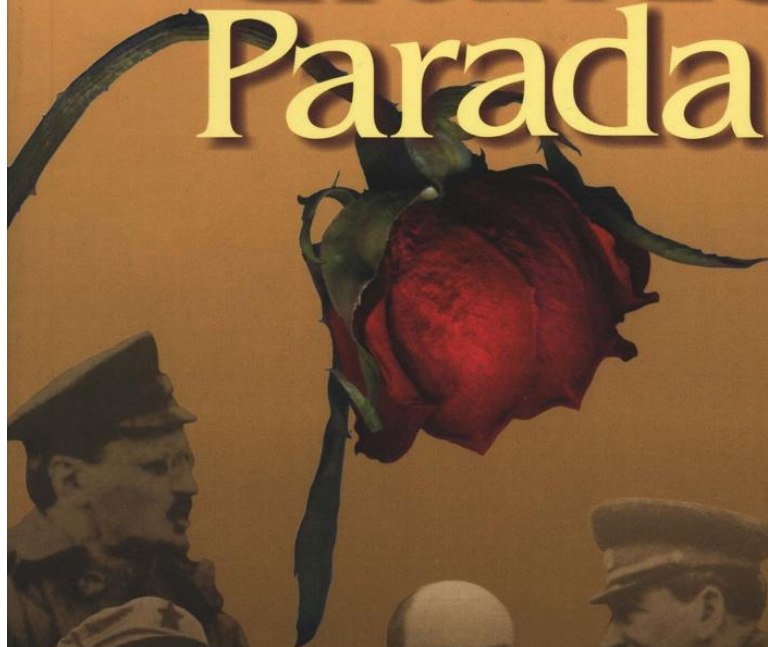
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

**1213fb29-7b92-45f
2-8ec4-
ba48a0f014c1**

Jean François Revel

A Grande Parada



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA



JEAN FRANÇOIS REVEL

Nasceu em Marselha, no ano de 1924, de família cujas origens estão em antiga província da França (franc-comtoise). Fez o curso secundário em Provence e, posteriormente, foi estudar no Liceu de Paro, em Lyon, onde se diplomou em 1943. Participou, também, da Resistência em 1944.

Professor de filosofia, foi designado, sucessivamente, para lecionar em Tlemcen (1947-48), no Liceu francês e no Instituto Francês do México (1950-52). Regressou, para a França, no final de 1956 e participou do gabinete do subsecretário do Estado de Artes e Letras.

Sua carreira literária se iniciou em 1957. Destacam-se, em seu currículo, os trabalhos de conselheiro literário e de editor de renomados autores, como René Julliard, Jean Jacques Pauvert e Robert Laffont. Em 1978, foi designado diretor do semanário L'Express, onde já cooperava como jornalista desde 1966. Mais tarde, já em 1982, quando já havia deixado a direção, passou a fazer parte da redação de Point. Colaborou, igualmente, em estações radiodifusoras.

Foi eleito, em 19 de junho de 1997, para a Academia Francesa, ocupando a cadeira número 24, pertencente à Étienne Wolff.

EDITORIAL 2002

Coleção General Benício

A Conduta da Guerra

J. F. C. Fuller

Bombardeiros, Caças e Guerrilheiros

Heinrich Boucsein

Campanha do Paraguai – Diário do Exército

Luís Felipe M. F. Gastão de
Orleans – Conde d'Eu

Cannæ e Nossas Batalhas

H. O. Wiederspahn

A Compreensão da Unidade do Brasil

J. B. Magalhães

Geopolítica e Modernidade

Carlos de Meira Mattos

Independência: Revolução e Contra-revolução

J. Honório Rodrigues

A Mulher Militar – De Suas Origens Até Nossos Dias

Raymond Caire

História das Lutas com os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654

Francisco A. De Varnhagem

Vitória a Qualquer Custo

Cecil B. Currey

"É preciso ler, página a página, esse livro e só aceitar a polémica que suscita levando em conta as vítimas de que trata. É preciso lê-lo página por página, do começo ao fim. Diremos, para nós, que talvez uma página é um modesto marco, no caminho dos deportados, e que estamos longe de fazermos uma idéia do drama, do sofrimento... Após lê-lo até o fim, aí sim, poderemos falar, discutir. Só assim teremos cumprido o dever de lembrar e respeitar a honra dessas vítimas. Pois trata-se de vítimas, antes de falar em ideologias ou intenções políticas."

Jean François Revel

BIBLIOTECA
DO EXÉRCITO 
EDITORA
Publicação 711
Coleção General Benício
Volume 374

ISBN 85-7011-294-7



9 788570 112941

A GRANDE PARADA



Conselho

BIBLIOTHECA DO EXERCITO

Casa do Barão de Loreto

- 1881 -

Fundada pelo Decreto nº 12 833/36, de 17 de dezembro de 1881, por
FRANCLIN AMÉRICO DE MENEZES DÓRIA, Barão de Loreto, Ministro da Guerra, e reorganizada pelo

General-de-Divisão VALENTIM BENÍCIO DA SILVA,

pelo Decreto nº 11 748, de 26 de junho de 1937.

Comandante do Exército

General-de-Exército Gleuber Vieira

Departamento de Ensino e Pesquisa

General-de-Exército Gilberto Barbosa de Figueiredo

Diretor de Assuntos Culturais

General-de-Divisão Synésio Scofano Fernandes

Diretor da Biblioteca do Exército

Coronel de Engenharia Luiz Eugênio Duarte Peixoto

Editorial

Presidente

Coronel de Artilharia e Estado-Maior Luiz Paulo Macedo Carvalho
Benemérito

Coronel Professor Celso José Pires

Membros Efetivos

Embaixador Francisco de Assis Grieco

Embaixador Vasco Mariz

General-de-Divisão Ulisses Lisboa Perazzo Lannes

General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos

General-de-Brigada Arici/des de Moraes Motta

Coronel de Artilharia e Estado-Maior Luiz de Alencar Araripe Coronel
de Artilharia e Estado-Maior Amerino Raposo Filho Coronel de
Cavalaria e Estado-Maior Ni/son Vieira Ferreira de Mel/o Professor
Doutor Arno Wehling

Professor Doutor José Arthur Alves da Cruz Rios

Biblioteca do Exército Editora

Palácio Duque de Caxias

Praça Duque de Caxias. 25 - Ala Marcílio Dias - 3Q andar 20221-260 -
Rio de Janeiro. RI - Brasil

Tel.: (21) 2519-5707

Fax: (21) 2519-5569

DDG: 0800-238365

Endereço Telegráfico "BIBLIEX"

E-mail: bibliex@ism.com.br

Home-Page: <http://www.bibliex.eb.br>

Jean François Revel

A GRANDE PARADA

Ensaio acerca da sobrevivência

da utopia socialista

Tradução

Lais Andrade

m

Biblioteca do Exército Editora

Rio de Janeiro

2001

A GRANDE PARADA

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Publicação 7 1 3

Coleção General Benício

Volume 3 76

Copyright © 2001 da edição brasileira, Biblioteca do Exército
Editora Título do original: La Grande Parade - Essai sur la Survie

de l' utopie socialiste Capa:

Muri l l o Machado

Revisão:

E l l i s Pi nheiro

Reve l , Jean François, l 924-

R449

A gra nde parada: ensaio acerca da sobrevivência da

utopia socialista/ Jean François Revel; tradução Lais Andrade.

- Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora , 200 1 .

288 p . : i l . - (Bibl ioteca do Exército; 7 1 3 . Coleção General Ben
ício; v. 3 76) Tradução de: La grande parade

ISBN 85-70 1 1 -294-7

1 . Soci a l i s m o . 2. Com u n i s m o . 3. Tota l i t a r i s m o . 4 .

Traba l h ismo - Inglaterra . 1. Título. l i . Série.

CDD 3 3 5

I mpresso no Brasi l

Pri nted i n Brasi l

4

Apresentação

Jean-François Revel. além de pertencer à Academ ia Francesa. é jornal
ista de longo curso. polemista e escritor. Na lista de suas obras,
algumas, particularmente. marcaram uma carreira e firmaram uma
tradição.

Pensador, escreveu sobre Filosofia e Crítica Literária . Seu l ivro Como
terminaram as democracias (Granet. 1 983) mereceu vários prêmios
literários. A Denúncia do Totalitarismo (La Tentation Totalitaire) é de
1 976. Desde 1 987, alertava a França contra os riscos do terrorismo (
le Terrorisme contre la Démocratie) . Seu terreno de reflexão e

atuação é a Filosofia Política e a Ciência Política, encarada na análise dos regimes e.

sobretudo. na dissecação dos efeitos da esquerda em suas várias modalidades.

Neste livro, A Grande Parada (La Grande Parade) , recentíssimo (2000) , estuda o escândalo da sobrevivência da utopia socialista - depois da queda do Muro e do fracasso de tantos regimes comunistas pelo mundo afora.

Sua crítica aos social ismos fundamenta-se numa posição liberal . definindo o liberal ismo não como uma ideologia a mais, nem , muito menos, como o social ismo às avessas, mas como "um conjunto de observações sobre fatos que já se produziram

- u m a s é r i e de hipóteses inter pret a t i v a s r e l a t i v a s a acontec i m e n t o s q u e efetivamente ocorreram". Partindo do princípio de que uma ideologia é um apriorismo, demonstra que não é nem ciência, nem filosofia, nem religião, nem moral - portanto, intrinsicamente falsa .

Foge assim à armadilha da opção ou-ou . socialista ou liberal que leva a impasses intransponíveis como a identificação fatal e necessária do socialismo com a justiça social. Desfilam no livro os massacres, as violências. as opressões. cometidas em nome dos vários socialismos. pelos diversos regimes que avocaram, contra a maioria de seus cidadãos, o privilégio de promover a utopia - da Rússia à China, do Vietnã à Cuba.

A GRANDE PARADA

O livro de Revel é também um combate à hipocrisia. que atribui . por exemplo, os descaminhos do comunismo na Rússia unicamente a Stalin, quando Lenin foi responsável por dois milhões e meio de mortes; ou quando promove a memória de ditadores como Ho-Chi-Minh. todos descritos sob os traços de benfeitores da humanidade.

Essa falsificação deliberada da História contemporânea é severamente denunciada pelo escritor. A idealização de Castro, que fuzilou 17 mil pessoas. contra Pinochet, cuja repressão vitimou 3 . 197 pessoas. é, da mesma forma, indesculpável.

Como in justificáveis são as defesas dos saudosistas que alegam a derrota dos comunistas - pelas deficiências. falhas etc. dos seus executores - nunca pela monstruosidade do próprio sistema . pelo seu

caráter intrinsecamente concentracionário, totalitário. anti-humano.

A utopia é, assim, permanentemente adiada. Nunca se realizou. mas amanhã, quem sabe, dentro das condições mais propícias, trará a prosperidade às nações. a felicidade aos homens. Com um pouco mais de boa vontade. mais algumas voltas no parafuso. mais algumas milhares de vozes silenciadas. de presos recolhidos a masmorras. de opositores executados - e já chegamos lá.

Revel não atribui apenas a Marx e ao marxismo esses malefícios. Vai mais longe e remonta ao Contrato Social. a Rousseau. a origem dessa cri minosa distorção no pensamento político do Ocidente. Seu liberalismo não é rousseauniano. não é jacobino. mas de outra cepa, como sua democracia não é a ditadura presidencialista.

mas o regime parlamentar.

Fenômeno singular na história do pensamento é a sobrevivência de uma ideologia depois que sossobraram as realidades políticas e sociais que capeava. É o que Revel chama a "remanescência ideológica", uma forma de inércia do pensamento.

Observa muito justamente que uma ideologia pode permanecer no domínio dos fatos e persistir no domínio do espírito.

Em tudo isso é fundamental a mídia, o jornal, o rádio, a TV. Parte dos exemplos desse saudosismo obstinado. aduzidos pelo autor. é colhida na vivência dos meios de comunicação, no seu falso prestígio. Alguns. como uma trava reacionária que bloqueia a discussão das idéias. impedem a crítica, propagam a inverdade.

O livro é antídoto contra esses desdobramentos e é. porta-voz. muito de meditar em países como o nosso, onde a opinião imatura ingere sem digerir a notícia. a corrente, a teoria não pelo que valem. mas pela indumentária, a marca. a grife do além-mar. Por isso, é indispensável leitura.

José Arthur Rios

6

À memória de Christian Jelen

Nil igitur mors est ad nos neque pertinet hilum,
quandoquidem natura animi mortalis habetur.

Lucrécio

Sumário

Saída de emergência

11

Primeiro esquivar, depois ripostar

21

O verdadeiro culpado do século XX: o Liberalismo

37

Socialismo versus Liberalismo: um debate de cartas marcadas 53

Da ilusão à responsabilidade

63

Pânico entre os revisionistas

77

Entrevista ao Le Figaro em 14 de novembro de 1997

91

As origens intelectuais e morais do Socialismo

95

A memória mutilada

109

O escritorzinho vermelho

141

Disposições do novo Código Penal

145

A cláusula do "totalitarismo preferido"

147

Camboja: a ocupação

165

O Comunismo no século XX: uma história sem significado?

169

O Comunismo, estágio supremo da Democracia?

189

Medo do Liberalismo

211

Extrema esquerda e antiamericanismo

245

Ódio ao progresso

275

necessida-

transmissão de idéias?

aberração

criminosa,

1

Saída de emergência

Na ofúlti

ensm a

iva década

dos pol í do

tic sécu

os e i lo

n XX

telec o m u

tuais ndo

da vi

ant u armar

iga esqu -se

er uma

da , no vigorosa

sentido contr

de a n u laa r

e inverter conceitos estabelecidos em 1990, em decorrência dos
evidentes sinais de derrocada do comunismo e, em sentido mais
amplo, do fracasso do socialismo.

O que teria levado esses políticos e intelectuais a acreditar que poderiam extrair, dos acontecimentos vividos e presenciados por todos nós, lições tão francamente contrárias às que os fatos consumados nos ensinaram? De que argumentos eles se valeram para sustentar suas justificativas dos desvarios e crimes inerentes ao totalitarismo ou, pelo menos, das intenções que os alimentaram? Que desejos estariam sendo satisfeitos por esses curiosos argumentos? Até onde seus

defensores conseguiram incutir tais argumentos nas mentes de outros indivíduos, e em que mentes, através de que canais de

Será numerosa

sua audiência? Ou será que sua influência se restringe a um público que tem poder, mas é pouco numeroso, e que, no fundo, se mira no espelho da maquiagem moral, a fim de poupar-se da confissão de seus erros e da vergonha do remorso?

Enfim, terá sido um sucesso o grande espetáculo do final do século? Será que ele pode ter sucesso? Ou teria sido apenas o derradeiro espasmo de uma que só poderá ser verdadeiramente rejeitada, sem dor nem culpa, pelas futuras gerações, capazes de vê-la à distância, com isenção de ânimo?

anos)desempenhou esse duplo
esquivar-se do pontapé que a iria

informação.

A GRANDE PARADA

Parada . Parar. Aparar u m golpe.

Parada . Desfi le. Exi bição de seus atrativos para chamar a atenção dos outros .

.A{' grande parada-da esquerda nos últimos dez

pape l . Ela precisava desviar o golpe ou

expu l sar

◆ e. ao mesmo tempo. queria continuar participando do teatro do pod◆_r e da cen-ª_c.ultural para seguir conduzi ndo o desfi le - a parada - do circo. Tratava-se a i nda . para usar u m a expressão típica da Mari n h a . de preparar-se para ca m bar de bordo.* sem que essa meia volta fosse m u ito evidente.

E final mente. tratava-se também de "paramentar" ou embelezar o com u n ismo.

para sa lvar-lhe o máxi mo possíve l . assim como fazem os mestres da cu l i nária qua ndo retiram as partes menos nobres da carne . do peixe e dos legumes. Teria a esquerda conseguido. dessa forma , servir novamente o mesmo prato ideológico.

apresentando-o como se fosse uma nova receita? Essas pergu ntas nada têm de supérfl uas. se considerarmos que a h u man idade acaba de atravessar o sécu lo do

!9tal itarismo e . ao mesmo tempo. o da

Se constataremos que os homens não entenderam o que sej a o total itari smo. ficará demonstrado que a i n formação não serve para nada; e. particularmente . que são i n útei s . ou mesmo nefastos . os agentes i ntelectuais que geram e propagam a i n formação. Em uma época na

qual se cultuou o "sentido histórico". tê-lo compreendido tão pouco seria dar provas de uma falta cultural e imperdoável. ou então. pior ainda. de uma inveterada desonestidade na relação com a verdade. o que a falta é uma seqüela indelével da moldagem totalitária do pensamento.

1 Em 1990. ao referir-me a um artigo de um certo Ivan Frolov. conselheiro de Mikhail Gorbatchev. extraí do texto a seguinte pérola: " Lenin é um valeriano perene."

Meu comentário foi : "O Sr. Frolov deveria saber que tal afirmativa . nos dias de hoje.

só poderá provocar o riso na comunidade ocidental . " 1 Em 2000. eu não mais ousaria escrever isso. Porque atualmente a reabilitação do marxismo-leninismo está em alta. Ela proliferou em livros e artigos que nos aconselham - não. esta não é a palavra correta - que nos intimam a voltar ao "verdadeiro" Marx.

Alguns desses rasgos de inspiração. nos quais Frolov pregava um a "transição a um estado qualitativamente novo . a um socialismo renovado. humano". soavam .

há dez anos. como um a patética algaravia. Agora . eles se tornaram presença constante-

*

N. do T. : O autor faz um jogo de palavras e em torno do verbo parer e do substantivo parade, que tem vários significados em francês. A expressão " prepara r-se para cambar de bordo " , no original em francês é parer à virer.

Le Point, 2 de julho de 1990, "Catastroika intelectual".

12

■

--

SAÍDA DE EMERGENCIA

tante nos textos ocidentais , que poderiam subscrever esta outra in descritível velharia do mesmo Frolov: " Estamos no processo de rever

a u n id e_ dia lética dos aspectos científico, revol ucionário e h u man ista do marxismo."

Quando me debruço sobre os artigos publicados na imprensa do mu ndo ocidental no i n ício da década de 1 990, fico su rpreso ao constatar duas noções que aparecem com grande assiduidade, na maioria dos periódicos , inclusive os de esquerda, onde elas são apresentadas como verdades absol utas. A primeira é que seria necessá rio , de u ma vez por todas, colocar u ma pedra sobre o com un ismo e tudo aqu i l o que a ele se relacionasse, conclusão lógica de uma catástrofe impiedosamente exempl i ficativa ; a segunda era que a solução l ibera l surgia então, após o desastre marxista , não como o melhor ca m i n ho, com certeza , mas como o ú n i co possíve l . Tanto no plano econôm ico quanto político, ela era a ú n ica solução viável que existia ou que subsist i a , i n dependentemente de suas i m perfeições. Para que algo seja i m perfeito. esse a lgo precisa , primeiro, exist i r, condição essa não preenchida pelas economias estatizadas. Ao fi nal da década de 1 990, a virada é vertiginosa . Essas duas noções voltam a ser espezinhadas quase u n iversal mente. Pelo menos na teoria , pois a prática . quem viveu sabe, m u itas vezes contradiz a teoria .

Tendo sido abandonado na prática . o com u n ismo passa a s e r cada vez menos condenado. Sendo quase u n iversal mente condenado, o l i bera l ismo é cada vez mais praticado. Ass i m , a antítese interiorizada entre o idea l e o rea l . característica fu ndamental do pensamento tota l itário, reconstitu i-se em u m outro registro de l inguagem e sobretudo, por assi m dizer. no vácuo. já que o com u n ismo "real " desapareceu.

Por outro lado, a ressurreição das convicções liberais precedeu o desmoronamento do com unismo por volta de 1 990. Esse processo começara 1 0 anos antes . com a subida ao poder de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha e, em seguida. de Ronald Reagan , nos Estados Unidos. Contrariando chavões equivocados. segundo os quais o l ibera l ismo. contra o qual o gênio francês estaria milagrosamente i m m u ne. seria propriedade da civil ização "anglo-saxônica". e somente dela. talvez por algum defeito congênito. essas vitórias eleitorais não foram assim tão evidentes. Desde a época de Frankl in Roosevelt, os Estados Unidos da América vinham aumentando cada vez mais o peso do Estado na vida econômica e social (o chamado big government). O

país havia apl icado sem pena o princípio de "cada vez mais impostos. cada vez mais gastos públicos"(" Tax and spend; spend and tax") . A Europa continental e sobretudo a França pareciam ou queriam ignorar

esse processo; como também pareciam ou 1 3

A GRANDE PARADA

queriam desconhecer o fato de que o trabalho britânico, desde 1945, havia gerado a sociedade mais estatizada, mais burocratizada, mais tributada, mais sindicalizada e mais regulamentada de toda a Europa democrática. Embora os conservadores tivessem conseguido vencer várias eleições durante esse período, nenhum governo conservador antes de Margaret Thatcher havia obtido, por sufrágio universal, um mandato suficientemente forte e definido que lhe permitisse tocar nos próprios fundamentos do sistema trabalhista. Foi necessário sobreviver a regressão econômica, o empobrecimento da população, a decadência dos serviços públicos, a paralisação das administrações, feridas que se tornaram críticas em 1977 e 1978, mergulhando o Reino Unido no caos, para que o eleitorado desse seu aval não mais a uma alternância sem mudanças, mas a uma mudança das próprias bases lançadas em 1945, ou seja, a uma revolução liberal draconiana. Na verdade, esse passaporte outorgado pelos ingleses ao liberalismo nunca mais foi confiscado, já que o partido trabalhista só voltou a ver as urnas se expressarem a seu favor em 1997, após ter expurgado de seu programa todos os vestígios de socialismo. Tony Blair não é tanto o herdeiro político de James Callaghan, o último primeiro-ministro trabalhista da era pré-revolução

liberal, mas sim o sucessor de Margaret Thatcher, queiram ou não aqueles que, no final do século, surgiram como os cronistas do "triunfo da esquerda na Europa". Sim, mas que esquerda? Entrarei em detalhes mais adiante. Mais impressionante ainda foi a tempestade liberal que invadiu as mentes na Europa continental, entre 1980 e 1985. Na Itália, socialistas e comunistas cada vez ocupavam menos posições de governo. O partido socialista espanhol nunca havia estado no poder. Em Portugal,

onde o líder socialista Maria Soares representava, desde a Revolução dos Cravos em 1974, a muralha intransponível contra todas as tentativas comunistas de golpe de Estado, os eleitores levaram ao poder, por duas vezes, em 1980 e em 1985, liberais que promoveram a reprivatização da economia. Mas foi sobretudo o naufrágio econômico e financeiro ao qual a França chegou, com espantosa rapidez, após os dois primeiros anos do socialismo de Mitterrand, o que influenciou o pensamento e fez mudar a opinião pública. De repente, vimos levantarem-se as vozes de "elogio ao empreendimento" (privado, bem entendido). Adolescentes - e eu fui testemunha de uma dessas cenas cômicas - chegavam a repreender

seus pais, funcionários públicos, por "nunca terem criado um empreendimento". Da noite para o dia, os franceses tornaram-se críticos ferrenhos das nacionalizações, que eles haviam majoritariamente defendido por tanto tempo. Essa conversão ficou evidente nas pesquisas de opinião. Entre tantas outras, uma pesquisa publicada na revista Paris Match, de 12 de 14

SAÍDA DE EMERGENCIA

abril de 1983, mostrava que 59% dos franceses eram agora favoráveis ao aumento da liberdade de mercado, contra apenas 25% que continuavam desejando um maior controle do Estado sobre a atividade econômica. Já minoritária no país desde as eleições municipais de 1983, a esquerda tornou-se praticamente marginal nas elei

ções europeias de 1984. Além disso, quando verificamos o estudo das motivações do eleitor, tais como foram analisadas, à época, pelos institutos de pesquisa, constatamos que essa reviravolta expressava uma rejeição não apenas dessa ou daquela equipe de governo, mas da esquerda como tal, de seus princípios doutrinários, entre os quais a estatização maciça ocupava o primeiro lugar na lista. O partido comunista havia perdido 50% de seu eleitorado em cinco anos. Nunca mais os recuperou. Em 1984, caiu para 11% dos votos e continuou caindo ainda mais. Recusou participar do governo de Laurent Fabius, que sucedeu e virou as costas. Em julho de 1984, ao de Pierre Mauroy. Com o partido socialista caindo de 38% dos votos no legislativo, em 1981, para 21%, em 1984, nas eleições europeias. Mitterrand se vê obrigado, até as próximas eleições legislativas de 1986, a exercer o poder com uma câmara que representa apenas um quinto dos cidadãos.

Talvez a ainda mais mortificante do que seu fracasso político e econômico fosse a derrocada ideológica e cultural da esquerda. No exato momento em que desmoronava em todos os regimes não capitalistas do mundo, seu programa econômico, cujo alinhamento era a "ruptura com o capitalismo", de repente se revestia de um aspecto cômico, e além disso, seus outros projetos de redenção da sociedade começavam a parecer cada um mais desgastado do que o outro e a se chocar contra os arrecifes da realidade popular.

Foi assim que, em julho de 1984, Mitterrand teve que retirar da pauta seu projeto de lei escolar, um protótipo do socialismo arcaico.

Não poderemos compreender a magnitude dos protestos contra esse projeto de lei, que visava à supressão do ensino privado, se os

atribuímos apenas a motiva

ções religiosas, que só explicam uma parte da reação. Na realidade, em sua maioria, os milhões de franceses que saíram às ruas por toda a parte durante mais de um ano, protestavam, antes de mais nada, tivessem ou não alguma crença religiosa.

contra uma lei de caráter ideológico, cujo objetivo era unicamente ficar o ensino básico, secundário e superior, todos sob a égide do Estado e dos sindicatos do ensino público, dominados por marxistas. O público percebera claramente a intenção desse projeto de lei: criar uma hegemonia, mais uma, um direito de propriedade ideológica para os socialistas e comunistas. Nesse momento, assim como em 15

A GRANDE PARADA

outras ocasiões, assistimos a um processo de rejeição do Estado. Portanto, o poder socialista, passando por cima dos desejos mais profundos da sociedade pela qual ele era responsável, cometeu um contra-senso cultural grosseiro, que teve ainda outros exemplos, como a lei de imprensa e a forma de utilização da televisão pública, a concepção de que o sucesso do governo dependia, antes de mais nada, da propaganda. Foi assim que um governo de esquerda conseguiu angariar contra ele próprio não apenas o povo em geral, mas toda a classe intelectual.

Em meados da década de 1980, contemplávamos então um cenário de valores políticos no qual o comunismo estava desacreditado, muito antes da queda do Muro de Berlim, no momento em que nem se pensava que ele cairia tão rapidamente. O socialismo, por seu lado, também se arrastava, não apenas na prática mas também como ideologia. Acrescentava-se ao fracasso francês a duradoura exclusão do poder dos trabalhadores britânicos e do SPD* na Alemanha. E para culminar, esboça-se a falência da Suécia, que há quarenta anos representava o santuário do milagre da social-democracia-providência com administração realista.

Em seguida, durante a segunda metade da década, entre 1985 e 1990, começa o ataque contra esse tímido renascer do liberalismo. O embrião do sucesso dos temas liberais e da contradição levantada contra a ideologia socialista e os regimes comunistas inspirou nos sectários um ardor redobrado para refutar os contestadores, logicamente utilizando as armas clássicas e já famosas do

"debate" de esquerda. Assim foi que Octavio Paz, em um discurso proferido em Frankfurt, onde comparou o regime sandinista da Nicarágua ao regime castrista, e onde evocou uma verdade, hoje banal e amplamente demonstrada, a de que Moscou financiava e equitava os sandinistas, viu-se de repente subjeito, em seu país, ao tratamento

"tolerante" que caracterizou as "discussões" segundo a esquerda. A esquerda marxista dos intelectuais mexicanos, uma espécie de museu de história natural do pensamento político mundial, inflamou-se. Durante uma semana, jornais e revistas estamparam artigos, caricaturas, pesquisas de opinião e até um manifesto, assinado por 228 professores "de todas as disciplinas científicas e culturais", provenientes de 13 países e cinco instituições".

Em 1987, os exorcistas pró-comunismo eram o clássico exemplo desta entidade coletiva, desta personalidade cultural de base, apropriadamente batizada "o perfeito idiota latino-americano".² O nome de Octavio Paz foi excluído do progra-

..

*

N.d.T. : Sigla do Partido Social Democrata alemão (Socialdemokratische Partei Deutschland).

2

Manual do Perfeito Idiota Latino-americano. Obra coletiva. Plaza y Janes, 1996.

16

SAÍDA DE EMERGENCIA

ma de um concerto onde seriam cantadas melodias compostas com base em seus poemas. Um ator, que deveria ler esses poemas previamente, recusou-se a fazê-lo.

Condenou-se por unanimidade o discurso de Frankfurt, que ninguém no México havia lido, pela simplista razão de que ele ali não estava inédito, exceto por algumas linhas publicadas na imprensa alemã. Aliás, nesse discurso, Paz abordava muitos outros temas que

não a N i carágua; e seu quadro geral da evolução do ideário político nos parece hoje u m perfeito retrato da rea l idade. Entretanto, a atitude heróica da esquerda i n formada e tolerante, em seu feroz entusiasmo para rechaçar o fasci smo, ati ngiu o ápice em u m a manifestação em frente à embaixada dos Estados U n idos no México, na qual Paz, esse "tra i dor do México" (sic) teve sua efígie i ncendiada pela m u ltidão de estudantes aos brados de " Reagan ladrão! Teu comparsa é Octavio Paz!"³

Não devemos nos esquecer, na verdade, que na E u ropa , ass i m como na América Lati n a , a certeza de pertencer à esqu erda repousa sobre um critério bem s i mples, de fác i l entendi mento para qualquer deficiente menta l : ser, em qualquer c i rc u n stância , de ofício, aconteça o que acontecer, ven h a o que vier. antiamerica n o . Al iás, u m a pessoa pode ser, e freq üentemente é u m verdade i ro retardado mental em matéria de política , em bora sendo m u ito i nteligente em outros ca mpos do con hecimento. Entre i n ú meros exemplos, o ator de teatro i nglês H a rold Pi nter exp l i ca⁴ a i ntervenção da OTAN na Sérv i a , em abri l de 1 999 , pelo fato de que, segu ndo ele, os Estados U n idos só têm um pri ncípio em termos de pol ít i ca externa : " Be i j e meu trase i ro senão te destru o . " Ser talentoso nas artes d ramáticas não i m pede que o mesmo i n divíduo apresente u m a profu nda deb i l idade e u m a vulga ridade nauseante no que diz respeito às diatribes pol íticas. Eis u m dos m i stérios da pol ítica, essa capacidade de provoca r uma súbita deteriora-3

Para m a i o r precisão, esclareço que a agressão contra Paz teve como pretexto dois d isursos. O

primeiro foi feito em Fra n kfurt, em outu bro de 1 984, por ocasião da entrega do prêmio da Paz, ao escritor, pelo presidente da República Federativa da Alemanha. Foi um discurso bem genérico, sobre a paz e a guerra , o papel dos governos e o enfrenta mento Leste-Oeste. O trecho que desencadeou a ira dos ideólogos foi o seguinte: " Está claro que os Estados Un idos dão apoio a grupos armados que se opõem ao governo de M a nágua ; também é claro que a U n ião Soviética e Cuba enviam conselhei ros m i l itares e armas aos sand i nistas; enfi m , é evidente que as raízes do conflito encontram-se profunda-

mente implantadas no passado da América Centra l . " Convenhamos que trata-se de verdades básicas expressas de forma bem moderada e equ i l i brada . Mas o ódio contra Paz vinha de mais longe: de sua recusa, há m u ito tempo, em ser u m "companheiro de jornada" do comunismo. O segundo discurso incrimi nado foi proferido em Va

lência (Espanha), em 15 de junho de 1987, nas comemorações do aniversário do Congresso dos Intelectuais Antifascistas, realizado nessa mesma cidade em 1937, durante a guerra civil espanhola. Paz teve a infelicidade de lembrar o papel de Stalin e de seus seguidores na derrota das forças republicanas, um papel fartamente documentado, hoje em dia, por todos os historiadores sérios.

4

Libération, 9 de abril de 1999.

17

A GRANDE PARADA

ção de muitas pessoas a liberdades, sob outros aspectos, brilhantes. Como será que Pinter reagiria se um crítico de teatro descesse assim tão baixo a imbecilidade ofensiva ao "comentar" uma de suas peças?

Na França, o antiamericanismo, seja de esquerda ou de direita, antes de chegar às raízes do delírio, na década de 1990-2000, quando os franceses descobriram que os Estados Unidos haviam emergido da guerra fria como superpotência isolada, começa pela vertente econômica. O lançamento da cruzada antiliberal ocorreu na época da luta dos socialistas contra o governo de Jacques Chirac, da primavera de 1986 à de 1988. Embora as privatizações efetivadas por esse governo tenham atingido apenas uma parte muito modesta das empresas estatizadas e nenhuma das reformas tenha reduzido, sensivelmente, a pressão fiscal e os gastos públicos, os socialistas e comunistas bombardearam a equipe de Chirac, durante dois anos, com improperios, pregando-lhe o rótulo do ultraliberalismo (o prefixo in fame tornou-se, desde então, obrigatório) e acusando-a de perversidade anti-social. Para avaliar os pontos os reformadores liberais, a maioria dos de toda a Europa continental. mas sobretudo os da França. são pouco liberais na prática. e mal conseguiram retirar a camada superficial da sociedade estatizada, basta observar como ainda é grande a fração da economia administrada pelos governos, dez anos após o início da chamada "onda liberal" e apesar de terem sido realizadas importantes privatizações. Na Europa, em média, a participação estatal na economia passou de 15,4% dos produtos internos em 1920 para 27,9% em 1960 e para 45,9%

em 1996. Na França, sempre campeã na pressão assim como na

compressão, a economia e a estatal atingiu, em 1997, 54,5% do produto interno.⁵ Assim, a campanha antiliberal teve grande sucesso, já que levou Mitterrand à reeleição em 1988, apesar de ter sido, em 1984, o chefe de Estado mais impopular de toda a Quarta República. Para apoiar sua propaganda política, os socialistas brandiam, nessa época, à guisa de elemento de contraste, a América de Reagan e a Grã-Bretanha de Thatcher. Foi nesse momento que começou a proliferar um inegotável volume de publicações que tinham por hábito descrever esses dois países como imensos nosocômios, devastados pelo liberalismo "selvagem", onde se arrastavam, gemendo, famintas, hordas de indigentes escrofulosos. Tal produção literária era fruto dos fantasmas de seus autores e não da observação da realidade. Sua secreta inspiração não era o fracasso do liberalismo mas a necessidade que tinha o socialismo de esconder a sua própria derrota. Essa campanha, é preciso que se diga, 5

The Economist, 20 de setembro de 1997.

18

SAÍDA DE EMERGÊNCIA

soube ser conveniente, já que alimentou por muito tempo o postulado básico dos meios de comunicação de massa e uma grande parte da imprensa considerada de boa qualidade, sobretudo, mas não exclusivamente, na esquerda. Os dirigentes políticos de direita foram pintados como perfeitos demônios cujas doutrinas espalhavam-se em Thatcher ou Reagan. Nesse período, a esquerda venceu a batalha destinada a incutir nos liberais o medo de assumir seu próprio liberalismo e, na sequência, o desejo anteriorizado de renegá-lo.

Por outro lado, nesse mesmo período, a esquerda européia amorteceu sua censura ao anticomunismo e chegou a ponto de fechar os olhos às críticas aos sistemas totalitários marxistas. Isso porque ela havia investido todo o seu entusiasmo e depositado suas esperanças em Mikhail Gorbachev, e convencendo-se de que ele estava finalmente construindo esse comunismo associado à liberdade, essa avizinhação esperada, em vão, há setenta anos. Por que aborrecer-se com as investidas ultrapasadas dos anticomunistas, quando o advento do Messias "socialista com face humana" iria, de uma vez por todas, calar a boca desses fascistas enrustidos?

Depois do malogrado (ou simulado?) golpe de 19 de agosto de 1999

1 , em Moscou , e apesar do breve retorno de Gorbatchev ao Krem l i n , j á transformado em i nvá l ido pol ítico, a esquerda mundial intu i u correta mente que, desta vez, o com u n i s m o estava real mente acabado. O ú l t i m o bote salva-vidas havia afundado. Na aparência , nada acontecera . Esse golpe de Estado fal ido contra uma pol ítica igualmente fal ida deixara intacto o edi fício do poder soviético. O u , mel hor d izendo, a fachada do ed íficio; mas por trás dessa fachada só havia escombros. A esquerda o percebeu i mediatamente, antes mesmo da desagregação oficial da U n ão Soviét i ca, q u e sobreveio em 2 5 de dezembro de 1 99 1 . Por isso ela lançou a contra-ofensiva ideológica a part i r do mês de agosto, espa l hando uma enxu rrada de a rtigos, na maioria assinados por autores da esquerda não-co m u n i sta, menos desqua l i ficados que os próprios com u n i stas para empreender o processo de j ustificativa póstuma do com u n ismo. Nos anos que se segu i ra m , essa tarefa foi sempre ga n hando vigor e ampl itude. De atitude defensiva que ela, ao menos , deveria ter, ela passou à ofensiva em pri m e i ro plano. O evento que deveria ter servido de sinal para despertar o arrependi mento nos cúmpl ices que haviam sustentado, a j udado ou tolerado o com u n i smo, transformou-se em l i belo acusatório contra os malvados que ousavam identi fcar, nos seus cri mes e fracassos , uma vaga evidência de seu caráter nocivo. O com u n ismo acabou , nos dizi a m , mas quanta gente maravi l hosa ele mob i l izou! O que será de nós sem esse ideal? De qualquer mane i ra , o l i bera-1 9

A GRANDE PARADA

l ismo é pior. i sso é óbvio. Será que teremos que nos resignar com u m a l úgubre pol ítica de "gestão" e "pragmatismo" sem o sublime horizonte da esperança revolucionária?

Assi m , com u m a louvável rapidez de reflexos. o debate foi t i rado da real idade nua e crua e a l çado ao i mpério subl ime das i ntenções , onde nen h u m ideólogo jamais está errado. Deram meia volta e desviaram portanto a traj etória para a saída de emergênc i a : a j uventude do marxismo-len i n ismo. o período fel iz onde ele era dotado de perfeição, s i m plesmente porque a i nda não havia sido aplicado.

Havia apenas u m pequeno e incômodo detalhe: é que desde então ele h avi a , s i m , sido apl icado , e com o ! E . portanto, seus adu lados tardios dava m-se a cha nce de uma segunda adolescência , um tanto sen i l .

Segundo u m i n teressante paradoxo , a l egião d e combatentes marxi

stas redobrou em ferocidade exatamente a partir do ano em que a História acabava de destruir seu objeto de adoração. Traçando o pensamento de Marx, seus discípulos recusavam curvar-se ante critérios da práxis, para retornar à fortaleza inexpugnável do idealismo. Enquanto eles tiveram que arrastar a bola de ferro do socialismo real, foi preciso tolerar certas objeções. Às imperfeições patentes do regime em curso, eles opunham a infinita perfeição de uma revolução ainda inacabada. Entretanto, a partir do momento em que o sistema soviético desaparecera, a missão do comunismo reformável se evaporava juntamente com o objeto da reforma, e com eles a penosa obrigação de ter que defender a causa à luz de sucessos ou fracassos observáveis. Livres da importuna realidade, à qual eles passaram a negar qualquer valor de prova, os leais seguidores recuperaram sua intransigência.

Sentiram-se finalmente livres para novamente sentir-se sem reservas, o comunismo devolvido à sua condição primordial: a utopia. O socialismo praticado dava margem a críticas. A utopia, ao contrário, é por definição inattingível. A combatividade de seus guardiães pôde então tornar-se ilimitada, já que seu modelo não estava mais em prática.

20

2

Primeiro esquivar, depois ripostar

Uma pr

Sob ece

o im queix

pacto osa

do servi

naufráu de

gio, in

ad tróito,

mitir em

am- sur

se, a dina,

contr para a

agosto, agres

a fa siva co

lência e nfissão.

até mesmo os crimes do comu nismo. Mas foi apenas uma figura de retórica para melhor poder chorar a perda do Bem supremo que somente ele teria sido capaz de nos trazer e do qual a humanidade se via para sempre privada, em virtude de sua queda.

Tratava-se de um a vel ha fraude. a de contestar o essencia l , que não era tanto o fracasso em si do comu n ismo, que em 1 990 n i nguém m a i s , ou n i nguém ainda, ousava negar, mas o fato de que o seu fracasso era de tal natureza e ampl itude que l h e condenava o próprio princípio. Aí estava o fato novo. Depois de tantos adiamentos imerecidos, era chegada a hora do j u ízo fi nal para o com u n ismo como doutri na. Tudo mais era a rqueologia. Já estávamos habituados h á m u ito tempo, aos desastres do socia l ismo real . Em momento algum e em nen h u m l ugar ele havia produzido outro resultado que não esse. A part i r de agora . o que se impunha, além d i sso, era o reconhecimento de que ele não poderia produzir nada senão desastres. Essa era a prova suplementar e l ibertadora : o soci a l i smo sofria , no âmagos de sua concepção, de um vício de formação. M uitos i n divíduos não conform i stas o haviam constatado e citado desde há m u ito tempo. A esquerda, mesmo a não com u n i sta , ati rava a todos, constantemente. na mesma va la com um da "rea

ção". Em 1 990, seus a rgumentos passaram a ser os de todo o m u ndo.

-

A GRANDE PARADA

Assi m , o com u n i smo havia sido levado a prod uzi r nada mais do que m i séri a , i n j ustiça e massacres . n ã o p o r conta de traições fortuitas ou má sorte, m a s pela própria lógica de suas verdades mais profu ndas.

Essa foi a revel ação de 1 990. Mais do que o com u n i smo rea l . a h i stória condenava a própria idéia do com u n ismo.

Ora , o postu lado q u e se reafi rma através dos soluções do l uto pós-soviético expressa caba l mente a recusa dessa concl u são. Poré m , não podendo apoi ar-se em fatos. ele se red uzi u a uma crença s u persti ciosa de que. em a l g u m a ga láxia longín q u a. encontra remos u m a sociedade perfeita , próspera . j u sta e fel iz . tão s u b l i m e q u a nto o m u ndo s u persensível de Platão e tão i n a l ca n cável qua nto a

"coisa em s i " de Ka nt. Tal sociedade ideal teria no com u n ismo o ú n i co i n strumento capaz de trazer à Terra o seu modelo. Como ele desaparece u , a s i m ples possi b i l idade da exi stência dessa sociedade j u sta s u m i u também . A derrocada d o comu n ismo, apesar de todo o mal que perpetro u . é portanto também a derrota d o Bem . Raciocín io c i rc u l a r que considera demonstrada exata mente a tese q u e a experiência acaba de refutar. Fa rsa q u e nada m a i s é . fi n a l mente. do q u e u ma n ova versão d o a ntigo sofisma com o q u a l a fa n farra da propaga nda havia constantemente enchido os ouvidos dos bobos que corria m a esvazi a r as l ixei ras da H i stória : não n ega mos, con fessava m de tem pos em tempos os soci a l i stas. em suas manobras táticas. nem os maus resultados nem as atrocidades do com u n ism o ; porém rechaçamos. categorica mente , a n oção de que esses i nconve n i entes representem a essência do soci a l ismo. Essa permanece i n tacta . i macu lada e desti nada a u m a nova e próxima encarnação. Segundo essa a rg u m entação, o horror das conseq ü ê ncias é prova da excelência do princípio.

Alegando ter u m protóti po perfeito, porquanto i rrea l izável , o com u n ismo. por mais monstruosos que tenham sido seus erros. na prática . não pode ser reacionário. Daí porque o são as pessoas que o j u lgam por seus atos . Poi s não são os atos que devem serv i r de critério. qua ndo se ava l i a m os adeptos de um modelo idea l .

e s i m a s i ntensões . N o fu ndo, o reino d o com u n ismo não pertence a esse m u ndo.

e seu fracasso aqui emba ixo é c u l pa do mundo e não do conceito com u n i sta. A part i r dessa lógica . os q u e o recusa m , a l ega ndo o q u e ele fez. são motivados . na verdade, por um secreto ódio contra o que precisava ser feito: a l ca n ça r a j u stiça .

O antico m u n i sm o é porta nto condenáve l , por m a i s negativo q u e s e j a o ba lanço do com u n ismo. Esse foi o segu ndo voleio da esqu iva pre l i m i nar. preparação para a posterior contra-ofensiva .

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

O subterfúgio da salvação pelas boas intenções aparece em inúmeros textos publicados na época da decomposição da União Soviética ou logo depois. Como exemplo, esta passagem de um artigo de Lily Marcou sobre o fim da experiência comunistas, à qual ela havia consagrado, durante anos, comentários mais otimistas: "Fora do âmbito dos países do 'socialismo real', e não apenas entre os comunistas ocidentais, quantos acreditaram nesse experimento. 'Imbecis', diríamos hoje. Imbecis aos quais dedico uma grande ternura: eles tiveram fé, lutaram, com e por essa fé, e se enganaram; mas pelo menos seu engajamento encerrava uma generosidade e uma altruísmo que já não existem mais nesse final de século. (...) Todos esses sentimentos e comportamentos, que caracterizaram várias gerações da primeira metade do século, são hoje em dia, sem dúvida, ultrapassados, mas isso não lhes tira o mérito de haver demonstrado a poderosa carga emocional e a força de convicção do projeto comunista."6

Está claro: a primeira metade do século foi moralmente superior à última década porque o comunismo existia. Seu desaparecimento é portanto um recuo e não um progresso. Os homens que serviram ao comunismo, mesmo à custa de uma vida inteira passada na mentirinha ou na "imbecilidade", eram mais "generosos" do que aqueles que tentaram empregar sua inteligência a serviço da verdade e para estabelecer um relato preciso da postura comunista. Os caluniadores que se empenhavam em deturpar e desautorizar esses depoimentos críticos, ou simplesmente fiéis à formação, eram, sim, "altruístas". É claro que os pecados do comunismo são incontestáveis, concorda Lily Marcou, mas são veniais, já que seus autores e os culpáveis ou os inocentes idiotas que participaram do mais longo e mais difundido crime contra a humanidade praticado no século XX eram portadores de uma "carga emocional" e de um "poder de convicção".

Vinda da parte de uma marxista, essa absolvição baseada na exaltação de um subjetivismo levado às raias do solipsismo é nada mais nada menos do que uma contradição cômica. A correção da práxis política baseada no critério exclusivo da crença íntima e do sentimentalismo pessoal é uma estranha metamorfose do materialismo histórico! Fico sempre um pouco preocupado quando ouço alguém elogiar uma personalidade política dizendo, de forma genérica: "É um homem ou uma mulher que tem convicções." Quais? Esse é o problema. Hitler também era um homem cheio de convicções, ora! Como teríamos preferido que ele não credi-

A GRANDE PARADA

tasse em nada ! Em todas as apologias retrospectivas do comunismo encontramos esse apelo à afetividade que serviria para desculpar os piores malfeitos. No Evangelho segundo Li Ly Marcou e vários outros. são rompidos todos os elos de responsabilidade entre a nobre utopiasuasão do militante comunistas e os resultados ignóbeis que ela provoca ou encobre.

Essa cegueira voluntária, essa irresponsabilidade moral são louvadas como o ápice da virtude no campo da ação política! Por via recíproca. qualquer pessoa que tenha aberto os olhos com lucidez sobre o comunismo, tal como ele era realmente, ou tal como sua queda o revela, essa pessoa estaria ou ainda está abraçando uma crença egoísta e mesquinha. Em suma, tal atitude foi e continua sendo, ainda hoje, "de direita", reacionária. Mais uma vez, esse hipócrito está apenas escondendo, sob a máscara de uma honesta imparcialidade, sua aversão "visceral", não pelo comunismo em si (e que se admita seja "ultrapassado"), mas pela sociedade justa que o comunismo queria criar. Está um outro corolário encantador dessa versão redentora do materialismo histórico: a História não tem sentido algum. Ou, pelo menos, seu sentido depende, não do destino e seu ponto de chegada objetivo, mas de seu ponto de partida subjetivo.

A partir desse complexo amontoado de argúcias, torna-se possível dar o passo seguinte, alegando que os mais infelizes. aqueles dos quais se deve ter compaixão, nesse período onde se extinguem a "grande luz a leste", não são as vítimas passadas e presentes do comunismo, mas seus antigos adeptos, hoje cruelmente postos à prova por sua morte. Esse passo foi dado, entre outros membros do coro que entoou esse De profundis, por Daniel e Salenave, que o fez com uma intensidade lacrimosa tão emocionante que deveria ter estimado os antigos zeks do Gulag a se cotizarem para consolá-la em seu luto. Levando-lhe algum presente.

O título de seu artigo, Fin du communisme: /"hiver des âmes", 7 requer logo de saída um comentário, que é uma obviedade, mas que se faz necessário por ter poder de prova: se o fim do comunismo é o inverno das almas. conclui-se, necessariamente. que o apogeu do

comu nismo foi seu verão. Essas a l mas d ignas de compaixão não são, é claro , as "almas mortas" que o com u nismo enviou para o céu às dezenas de m i l hões , e sim as a l mas feridas das esquerdas ocidenta is que, i n staladas no con forto de nossas democracias. contemplavam de longe, com i nteresse. altru ísmo e generosidade, a tarefa dos carrascos.

7

Fim do comunismo: o i nverno das almas. Paul Johnson, Tempos Modernos. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora e I nstituto Li bera l , 1 994.

24

PRIMEIRO ESQUIVAR.DEPOIS RIPOSTAR

De forma sucinta, red uzida ao seu esqueleto l ógico , a oração fú nebre de D. Sallenave repousa sobre a abordagem i ntelectual i ntrinsecamente contraditória que já vimos em ação. O com u nismo era , confessa e l a , u m a "tira n i a odiosa" e u m

"modelo econôm ico nefasto". M a s . ao mesmo tempo. era o ú nico sistema que poderia nos salvar do "aprisionamento pelo consumo". do l i bera l ismo desenfreado, do i m pério do d i nheiro , da dom i n ação e do desprezo. Assi m , a autora retom a , ao p é da letra , o j ulgamento sobre o capital i smo feito p o r s e u s a ncestra is socia l i stas por volta de 1 850 e o que os com u n i stas faziam sobre a democracia por volta de 1 920. Com suas lágrimas eficazes. ela apaga um século e meio de h istória no qual o socia l ismo teve i n úmeras poss i b i l idades de demonstrar seu valor e no qual as sociedades capital i stas e democráticas não se desenvolveram exatamente conforme as previsões de Marx, Jaures ou Leni n . O remédi o comu n i sta transformou em ruínas as sociedades que foram forçadas a tomá-lo; ele subj ugo u . i m beci l izou e matou os homens , destru i u a cultura . mas continua sendo o ú n ico remédio. E o l i bera l ismo conti n u a sendo a pior doença , da qual estamos i m pedidos para sempre de nos curar devido à queda do com u nismo. Ass i m como teria feito qualquer secretário geral de PC da década de 1 950. D. Sal lenave não consegue ver nas sociedades capita l i stas democráticas da E uropa ou da América nada além "da domi n ação e do desprezo".

No seio do vício de formu lação lógica desse salmo encontram-se outras contradi

ções assessórias. Por exemplo, para toda a humanidade, durante a

maior parte de sua história, e. ainda hoje, na maior parte do planeta, o principal objetivo é o de eliminar a pobreza. Essa era a meta que os comunistas apregoavam ser os únicos capazes de atingir. Na realidade, seu programa engendrou sobretudo a fome. Mas ao longo de toda a história, a fartura continuou sendo o ideal para o qual se voltava o seu sistema. Por que então, quando tem origem liberal, o "consumo"

passa a ser um flagelo. um vício no qual nos encolhemos "apriados"?

O restante desse banquete literário nos convida a mastigar novamente a carne estragada da dialética pós-comunista. O comunismo era bom porque representava o "sonho" de tantas pessoas de valor! Os canalhas que enganaram essas pessoas de valor, e mais particularmente os lacaios intelectuais desses canalhas, propagadores de uma mentira planetária, nem são mencionados. A decência recomenda. em vez disso, seguindo a Sra. Sallenave. meditar sobre a desgraça dos que perderam "a esperança". Nesse ponto. a linguagem vai num crescendo, até chegar à suplica. Deveríamos "ter uma atitude mais piedosa" em relação a esse "mágico 25

A GRANDE PARADA

apagar" (por que mágico?). "O desaparecimento da União Soviética deveria nos levar a uma postura de lembrança. recolhimento, piedade" (bis). Compreende-se então por que se falou do "culto" à personalidade de Stalin.

Para uma melhor avaliação da enormidade desse cinismo, imaginemos os carrascos nazistas. em 1945, no julgamento de Nuremberg, dirigindo-se ao tribunal nesses termos: "Senhores juízes. os senhores certamente têm o direito de reprovar alguns de nossos atos. Aliás. nós somos os primeiros a deplorá-los. Mas não creiam os senhores que seja mais oportuno elevar o pensamento, em uma atitude de piedade pela dor de todas as pessoas de bem que acreditaram no nazismo e que hoje perderam a esperança? Elas estão condenadas a "viver sem perspectivas".

segundo a expressão de Edgar Morin. Observemos um minuto de silêncio para meditar sobre o inverno de suas almas. " Com certeza. D. Salles e seus congêneres intelectuais ocidentais, comunistas ou simpatizantes. não têm as mãos sujas de sangue. Mas

podem tê-lo na caneta .

Principalm ente porque nesse caso . assim como ocorre com outros chorões e choronas. as lamentações logo se transformam em acusações. Depois de se com padecer dos sen l utados. D . Sal lenave abre fogo contra os anticom unistas que demonstra um a alegria obscena. contra aqueles que "sempre consideraram o com unismo ruim porque ele aspirava a ideais de igualdade. justiça e fraternidade".

Assim sendo, o postulado básico permanece inalterado. Embora o com unismo tenha contribuído para agravar as injustiças. ser contra ele é ser contra a justiça. O

perigo maior continua a ser o capitalismo. Em um livro publicado um ano após o artigo que aqui analisamos,⁸ D . Sal lenave deplora a reunificação da Alemanha .

"Era necessária tanta pressa? Quem está estimulando a união das duas Alemanhas? Os industriais do Ocidente. ansiosos pela abertura de novos mercados.

mesmo que ao preço do sofrimento e da derrocada dos indivíduos." Sempre me intrigou a ignorância das mais elementares noções de economia e a indiferença à observação dos fatos econômicos correntes cultivada por tantos intelectuais marxistas. com uma zelosa preguiça . embora , se bem me lembro , seu mestre tenha sido um economista que, ele sim, trabalhava. Todos conhecem . e todos poderiam escrever. desde 1990, bastando ler o jornal . o custo gigantesco da reunificação para o Ocidente. as centenas de milhões de marcos despejados sobre o Leste. o que levou à implementação. no lado ocidental . de um imposto especial "de solidariedade" , o que. naturalmente. aumentou . entre outros , o imposto de renda sobre o 8

Passage de l'Est, Gallimard, 1993.

26

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

lucro das empresas.⁹ Mas não, são os industriais da República Federal da Alemanha (RFA) que comparecem perante a corte de justiça de D . Sal lenave, e não a Stas¹¹ * E de qualquer modo, por que seria um

crime "abrir novos mercados"? Será que D. Sal lenave se dá conta de que, se esses mercados tiverem liquidez, isso signifi cará que, em uma região da Europa onde o nível de vida era muito baixo, o poder de compra aumentou? Onde está o mal nisso? No fato de que o capitalismo continua sendo fundamentalmente mau, mesmo quando é "sol idário" e o socialismo incondicionalmente bom, mesmo quando espolia? Tanto no campo do fracasso de ordem prática quanto no terreno da responsabilidade moral. o primeiro movimento da esquerda, logo após a queda do império soviético, de 1990 a 1993, foi portanto de se esquivar de toda e qualquer análise histórica séria e a todo e qualquer exame de consciência. Após alguns esboços de revisão crítica, sem contudo nem humilhar a arrependimento, a porta entreaberta da honestidade intelectual se fechou violentamente.

A esquerda esboçou um simulação de reflexão, sob a forma de um colóquio intitulado "internacional" (porém com uma forte tendência franco-francesa) realizado em 12 e 13 de dezembro de 1991. Ao examinar o programa desse colóquio, já se percebe que ele terá lugar, no dia 12, na Assembléia Legislativa, e no dia 13, na Sorbonne. ou seja, à custa do contributo, sob o patrocínio da Maison des Ecrivains! Casa dos Escritores! também sustentada com dinheiro público. A inteligência da esquerda é a consciência limpaa liada à subvenção. O progresso exige, portanto, que os remorsos da esquerda também sejam subvencionados.

embora, de remorsos, nesse colóquio, pouco se tenha ouvido. Segundo elemento pitoresco: a ausência evidente, na lista de oradores, dos intelectuais que haviam condenado, com base e evidências, o comunismo, há dez, vinte ou trinta anos antes que ele se condenasse por si próprio, afundando sob o peso de suas vítimas e de sua própria népcia. Ou seja, não foi convidado nenhum dos autores que, há décadas, haviam sido críticos ferrenhos do totalitarismo e que haviam com frequência sustentado polêmicas com a maioria dos presentes a esses dois dias de colóquio - exceto por alguns estrangeiros, muito poucos, e que não estavam em condições de exigir explicações de oradores cujas posições anteriores eles pouco ou nada conheciam. Somente um ínfimo punhado de franceses represen-

Ainda em 1999, a transferência de divisas do lado ocidental para o lado oriental foi de 70 milhões de dólares no ano, ou 455 milhões de francos.

N. do T.: Abreviatura de "Staatsicherheit", polícia secreta da Alemanha Oriental que atuou de 1950

até a reunificação da Alemanha, em 1990.

**

N. do E.: Forma redundante de caricaturar o chauvinismo francês.

27

A GRANDE PARADA

tava a esquerda moderada que, sem chegar a praticar o antigo munitismo, havia sabido conservar. Na época da intimitização ideológica, um mínimo de liberdade e de dignidade. Eles não chegara a ousar perturbar o cerimônia de austerosustentativa desse colóquio. Resumindo, mesmo após a queda do Muro, a esquerda não conseguiu a se conscientizar e nunca admitia ter chegado o momento de debater com os intelectuais que haviam manifestado e mrelação a ela, em 1989, época em que tudo ainda estava em jogo, uma discordância fundamental.

terceiro comentário é a respeito do título do colóquio. Poderíamos imaginar que ele seria Esquerda: intenções e ilusões, ou então Esquerda: ingenuidade e cumplicidade. ou ainda, de forma mais clara, A esquerda e o totalitarismo. Não.

título não podia implicar sequer uma alusão a qualquer falhada intelectual ou da consciência do passado. mesmo o mais recente. A esquerda nunca erra ou, pelo menos. só em relação a si mesma, e em seu próprio seio, de uma forma que só deve ser discutida entre seus pares, nunca em situações que pudessem levá-la a ter que dar razão a seus adversários. nem mesmo a lhes dar palavra.

Assim, a criatividade intelectual e a vocação redentora da esquerda seguem seu curso triunfantes. Isto precisava ser afixado na entrada desse colóquio. Assim foi feito. Nunca um título de colóquio o satisfaz com tão incomparável suavidade à necessidade de absolver-se a si mesmo, e portanto lia-se sobre o programa:

"As metamorfoses do engajamento." Puxa vida! Que lindas palavras! Em qualquer língua articulada, esses malabarismos verbais são chamados de hipocrisia.

Dois oradores : para dizer a verdade . tivera muita ousadia de se perguntarem : Devemos nos envergonhar? Não é preciso dizer que essa provocação retórica teve como único objetivo servir de pretexto para que esses dois oradores pudessem responder com um não retumbante e expor ainda mais o absurdo de tal pergunta.

É preciso insistir que, nesse colóquio sobre as Metamorfoses do Engajamento, a maioria dos participantes era da esquerda não comunista. Devemos concluir que a alguém se sentiu mais envergonhado por ter sido oltado o roubo do que o próprio ladrão? É fato que os antigos comunistas muitas vezes se furtaram menos a confessar seus erros ou envolvermos e disfarçar menos sua perda da inocência do que seus companheiros de jornada pertencentes a outras famílias da esquerda . Como exemplo , cito esse parágrafo louvável de Paul Noret: "A lucidez" , disse ele. "é a última coisa que se deve exigir de todos aqueles - eu, inclusive - que participaram dessa fabulosa empreitada : no fim das contas , não construímos nada duradouro . Nem sistema político. nem sistema econômico, nem 28

-

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

coletividades humanas. nem ética . nem mesmo estética. Tentamos dar forma às mais elevadas aspirações humanas e o que fizemos foi gerar monstros históricos. " 1º

Por que tão poucas vozes assim honestas se fizeram ouvir nesse início da era póscomunista? Ninguém pediu que eles se autoflagelassem em público. Além do mais.

toda carga de humilhação se extingue quando o analista de seu próprio passado dedica-se a destrinchar as engrenagens que o conduziram ao erro. o que aliás pode ocorrer com os melhores e com os mais inteligentes. Essa lucidez corajosa é um serviço prestado à humanidade. Podemos encontrá-la nas memórias de antigos comunistas como Arthur Koestler. Sidney Hook ou Pierre Daix, que dissecam com clarividência e probidade as conjunturas políticas e ideológicas que os levaram a se enganar, sob o domínio de fatores que, nas mesmas circunstâncias, sob as mesmas influências. não teriam poupado nenhum de nós. Será que os peregrinos da esquerda não comunista foram os manipulados e não os manipuladores e por isso não conseguem reunir as energias necessárias para ter essa mesma probidade?

A "sinceridade", a "sede de justiça", a "esperança" de "mudar o mundo", esses miseráveis lugares-comuns, sobretudo na boca de intelectuais, não servem de desculpa para nada. Não se pode apresentar, conso a prova da presumida orientação de um sistema político para a justiça e a liberdade, as ilusões daqueles que foram enganados por ele e as mentiras daqueles que foram seus aproveitadores.

Os fenômenos aqui descritos pertencem basicamente ao mundo chamado ocidental. Ou seja, aos países que jamais foram efetivamente governados pelo sistema comunista totalitário, mesmo que tenham sido marcados pela ideologia desse sistema. Os países onde o mesmo rei nou de verdade devem enfrentar outros tipos de dificuldades, bem mais temíveis. Eles são prisioneiros não apenas das idéias do passado, mas das suas realidades. Devo acrescentar que, entre os países que sempre conseguiram escapar ao mesmo mas onde a ideologia totalitária continua a forte, tanto no debate ideológico quanto por seu peso na vida política, a França ocupa um dos primeiros lugares. Senão o primeiro. Em relação à Europa, ela representa uma espécie de laboratório de ponta na produção das manobras destinadas a rejeitar ou mesmo a rechaçar as lições da experiência, ou a não as aceitar senão tardiamente e com uma tamanha má vontade que até anula os benefícios da aceitação da verdade.

Benefícios, ademais, que atualmente são bem modestos no plano da ação, assim como teria sido mais útil admitir quando o comunismo ainda existia. Ele 10 Panorâmiques, 2 • trimestre de 1992, n. 4, Arléa Corlet.

29

A GRANDE PARADA

teria durado menos. Porque, retomando o recurso simbólico do Muro, o que me parece a falência do comunismo não é a queda do Muro de Berlim, em 1989, mas sua construção, em 1961. Ela foi a prova de que o "socialismo real" havia atingido um tal ponto de decomposição que se via obrigado a apressar seus desertores para impedir-lhes de fugir. Infelizmente, a menagem palável dessa estrofiada confissão de fracasso não foi compreendida senão por uma minoria de ocidentais. Para a maioria dos demais habitantes dos países democráticos, a sua década que se seguiu à construção do Muro foi a idade de ouro das tendências e dos partidos marxistas, do terrorismo

esquerda e a direita - a esquerda e a direita - e das ideologias revolucionárias. Ao mesmo tempo, para os partidos liberais, e para as forças da esquerda da direita, da proximidade e das constrangidas com os marxistas, da "diensão" com a União Soviética, da Ostpo/itik, do "compromisso histórico" na Itália, do "eurocomunismo". Foi motivo de desonra para o Ocidente que o Muro tivesse sido, finalmente, derrubado pelas populares subjugadas pelo comunismo, em 1989, e não pelas democracias, em 1961. Com o ter sido tão fácil!

Os autores de todos esses panfletos a favor do comunismo. visto como único vetor possível. se não real (mas todos os demais são, segundo ele, impossíveis, mesmo quando são reais) da prosperidade na solidariedade, agora que ele praticamente desapareceu, evitam levá-lo em consideração nos locais onde ele ainda não desapareceu. Na Coreia do Norte, por exemplo, onde durante os dez últimos anos do século XX grassou a fome, matando entre 1,5 e 3 milhões dos 22 milhões de habitantes e onde a vida dos sobreviventes é, segundo suas próprias palavras.

"pior do que a dos porcos na China". Qualquer interlocutor socialista a quem se apresente o caso coreano certamente responderá que esse exemplo não prova nada. Nenhum desastre comunistas. a lição, "socialista moderado" já mais prova nada. Nenhum já mais serve para refutar a validade do modelo. Porque sempre se pode invocar circunstâncias excepcionais que sabidamente suprimem dessa experiência em particular qualquer valor demonstrativo. Aconselhar a D. Salinas, se ela quer reencontrar "o verão das almas", que vá a instalar-se em Pyongyang, seria obra de alguém com sórdida má-fé. A Coreia do Norte não conseguia "matar a esperança". É um matadouro, sem dúvida, mas o ideal de fraternidade que a inspirou no princípio continua sendo moralmente superior aos miasmas da cloaca liberal.

A utopia não tem obrigação de apresentar resultados. Sua única função é permitir aos seus adeptos a condenação do que existe em nome daquilo que não existe.

30

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

A retomada do passado soviético é tão poderosa nos Estados Unidos quanto na França. e talvez até mais invasiva. porquanto menos culpabilizada e menos explicável à luz da história política do país.

Os Estados Unidos nunca tivera um partido com uma capacidade de eleger sequer um deputado ou um senador. Os cidadãos desejosos de trazer para o país o modelo soviético nunca representaram mais do que uma minoria impalpável e irrelevante, composta sobretudo de intelectuais.

Os sindicatos de operários norte-americanos, enquanto eleitores democratas, têm uma longa tradição anticomunista. Muitas vezes, a esse respeito, eles foram mais intransigentes do que os grandes capitalistas. Em 1959, por exemplo, eles se recusaram a receber Khrushchev, quando de sua turnê nos Estados Unidos, alegando, com razão, a falta de liberdades sindicais na URSS. Durante a mesma viagem,

o radiante secretário-geral era ovacionado aqui e ali nos meios patronais. É bem verdade que o partido comunista norte-americano, embora diminuto, desempenhou um papel de eficácia deplorável durante a década de 1940. Ele se tornou uma das bases da espionagem soviética. Mas a opinião pública nos Estados Unidos nunca representou, como o fez na Itália, na França, na Espanha, uma corrente favorável à aplicação do comunismo. Por isso, nos Estados Unidos, diferentemente da Europa, o pós-comunismo não fez dobrar os riscos da morte de um ideal acalentado por muitos e que precisava ser revivido com esforço. Esse ideal não havia alcançado, no imaginário político e ideológico americano, o lugar de destaque que havia ocupado no nosso, onde ali mentara uma visão de mundo e o sentimento de grupo de tantas e tantas gerações.

No entanto, a partir de 1990, os "liberais" norte-americanos sentiram a necessidade e realizaram a proeza de abafar toda e qualquer avaliação séria da tragédia soviética

ética e recordação dos erros cometidos no Ocidente a esse respeito. "Liberais", como se sabe, nos Estados Unidos, designa uma espécie de extrema esquerda do partido democrata. Sem organização política, esse "liberalismo" exerce uma influência

ênfática mas soberana, graças às posições importantes que controla dentro da imprensa, nas editoras e nas universidades. Trata-se, evidentemente, de uma tendência oposta ao liberalismo no sentido clássico, que, nos Estados Unidos,

aliás, denomina-se classic liberalism para evitar qualquer confusão.

1 1 Gostaria de citar m i n h a modesta experiência pesso a l : meu l ivro La tentation totalitaire (A Tentação do Total itarismo, 1 976). quando teve sua tradução publ icada nos Estados U nidos, foi entusiasticamente apoiado pelos d i rigentes sindicais, q u e me convidaram para proferir diversas palestras em suas assembléias de associados. A recepção foi , contudo, m a i s reservada nos meios u n iversitários, i mpregnados nessa época pelo espírito da "distensão" e m relação à União Soviética e por u ma admiração a i nda muito viva pela China comunista.

3 1

A GRANDE PARADA

As razões da host i l idade " l i bera l " contra qualquer i nventário do passado soviético, e mesmo contra qualquer a n á l i se do pós-comun ismo e de seus problemas.

têm suas raízes na guerra fri a . Dura nte várias décadas, as opi n i ões da classe i ntellectual norte-americana dividiam-se entre os chamados "falcões" e "pombas".

Esses ú l t i mos domi navam os principais meios de comu n i cação com a opi não públ ica . Para eles. a agressividade soviética não tinha origem no próprio país . mas era apenas u m a resposta angustiada à estratégia de contenção dos "falcões". A d i plomacia ocidenta l deveria portanto dedicar-se a l i bertar os soviéticos e os demais governos com u n i stas de todo m edo da i n segurança , evitando e m relação a eles qualquer atitude de i ntransigênci a , m u ltipl icando as concessões e a j udas e abstendo-se de responder aos ataques, mesmo que apenas verba l m ente.

Em dezembro de 1 979, quando o Exército vermelho i nvadi u o Afegan i stão, vimos florescer na i mprensa " l i beral" norte-americana -a melhor. a mais d i fu ndida e a mais i n fl uente - editoriais e "anál ises" condenando (. . .) os norte-americanos, ou pelo menos os neuróticos da guerra fri a , os co/d warriors. Incorrigíveis. estes não deixariam escapar esse pretexto. um aconteci mento mal-i nterpretado. para exigir u m endurecimento da pol ítica externa da OTAN e para recomendar o fi m da

"distensão". Este sim era o mais grave perigo naquele momento e não a invasão do Afegan i stão. Com ou sem i nvasão, o lado agressivo era o Ocidente, onde se fazia u rgente isolar os defensores do "confronto". Sem dúvida eles estavam se preparando para aproveitar a crise e d i fu

nd i r a idéia malévola de que dez a nos de concessões diplomáticas e estratégicas à U n ião Soviética não haviam dado qua lquer resu ltado e que, portanto. se deveria mudar de método.

De acordo com essa lógica . a concepção fantasi osa de uma diplomacia soviética l ivre de qualquer agressividade exterior pressupunha u m regime soviético progressista no i nterior. Segundo a maioria dos soviétólogos norte-americanos. o poder soviético havia deixado de ser total itário há muito tempo. Tendo consegu ido construir uma i n dústria moderna e reformar a agricu ltura no sentido de maior prod utividade, aos poucos ele se voltava para um pl u r a l i smo pol ítico m u ito semel ha nte ao do Ocidente. Essa visão angelica l . baseada na ignorância crassa a respeito de i n formações que, apesa r de tudo, estava m disponíveis, prova que não havia talvez nos Estados U n idos u m partido com u n i sta pol iticamente i m portante mas sim (e a i nda h á) i n ú m eros marxistas. Essa descrição da U RSS prevaleceu d u rante as décadas de 1 960 e 1 970 nas u n iversidades norte-americanas. Todo

"confronto", por parte do Ocidente, segu ndo essa tese, freava ou comprometia a 32

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

democratização soviética . Ass i m . o soviétólogo Stephen Cohen . que além de professor u niversitário assi nava um editorial do New York Times. atacava regu larmente o cold war establishment. a camari l h a da guerra fri a . Ele a legava que os meios pol íticos soviéticos estavam subdivididos em vários "cri ptopa rtidos" e que uma diplomacia demasiadamente d u r a por parte do Ocidente enfraqueceria. no Leste.

os d irigentes reformadores e concí l i adores. Deveríamos. portanto . mesmo em caso de ações aparentemente expansionistas da U RSS. continuar cal mos e evitar qualquer reação precipitada.

Essa oposição entre partidários e adversários da guerra fria continuou a servir de critério de class ificação pol ítica e de fio condutor de toda reflexão h i stórica mesmo após o fi m da citada guerra fria . por ausência de u m de seus protagonistas .

Fi nalmente. toda tentativa de avaliar serenamente o passado do com u n ismo.

agora que ele já não era mais u m elemento político do presente. toda

obra consagrada ao pós-comunismo. ou seja . às dificuldades existentes nas sociedades gravemente mutiladas por décadas de escravidão totalitária. toda a lancha. toda pesquisa. mesmo a busca nos arquivos do Leste. eram consideradas como "nostalgia da guerra fria" disfarçada como curiosidade científica . Por que remexer nessas velharias? Já não entendemos as causas? Viremos a página ! O interesse persistente dos antigos "falcões" pela história dos países comunistas e por seu futuro provinha. claramente. de sua amargura por haver perdido o alvo de sua animosidade do passado. por terem sido privados. de certa maneira . de sua moeda de troca cultural . Nesse contexto. o "inverno das almas" era o dos antigos anticomunistas.

ainda mais inconsoláveis que os antigos comunistas.

Assim. tanto nos Estados Unidos quanto na Europa . no momento em que o comunismo acaba de desmoronar-se e quando o horror de seu passado surge enfim com todas as cores. são os antigos anticomunistas que estão no banco dos réus. enquanto que os antigos pró-comunistas ratificam com orgulho redobrado suas escolhas.

Eles não se enganaram , seus contendores é que foram rechaçados pela história . Por quê? Particularmente porque esses obcecados haviam classificado o totalitarismo comunista como irreversível . Ora . ele desapareceu . e por isso eles estavam errados. Já respondi . de forma extensiva . no que me diz respeito. a essa objeção. no livro *Le Regain démocratique* (A Volta da Democracia) . Portanto. bem sucedida agora . Muitas vezes escrevi que o comunismo era irreversível .

12 Fayard et Pluriel - Hachette, 1992. Ver especialmente o capítulo 6 , " Le prévisible et l'imprévu" (O

previsível e o imprevisto) e o anexo 1, " De la réversibilité du communisme" (Sobre a reversibilidade do comunismo), reprodução de um artigo publicado em 1988.

A GRANDE PARADA

no sentido de que não poderia ser modificado, mas nunca disse que não poderia ser derrubado. Muitas vezes disse exatamente o contrário. O sonho da esquerda univ ersal - a referência ao comu

n i s m o , h u m a n i z á - l o , t o r n á - l o m a i s e f i c a z e c o n o m i c a m e n t e e m e n o s r e p r e s s i v o p o l i t i c a m e n t e , a o m e s m o t e m p o c o n s e r v a n d o a s e s t r u t u r a s m e s t r a s d o s o c i a l i s m o - f o i s e m p r e r e f u t a d o p e l a p r á t i c a . e m t o d a p a r t e . U m s i s t e m a t o t a l i t á r i o n ã o p o d e s e r m e l h o r a d o : s ó p o d e s e m a n t e r o u c a i r .

O que equiva l e a dizer que não é reversível . mas é removível . Por i s s o e s c r e v i , n o l i v r o l a T e n t a t i o n t o t a l i t a i r e I A T e n t a ç ã o T o t a l i t á r i a 1 (1 9 7 6) : " A ú n i c a m a n e i r a d e m e l h o r a r o c o m u n i s m o é l i v r a r - s e d e l e . " F o i e x a t a m e n t e i s s o q u e o s p o v o s d a e x

U n i ã o S o v i e t i c a e d e s u a s c o l ô n i a s n a E u r o p a C e n t r a l a c a b a r a m c o m p r e e n d e n d o e r e a l i z a n d o e n t r e 1 9 8 9 e 1 9 9 1 . C o m o e u p o d e r i a c r e r n a e t e r n i d a d e d o c o m u n i s m o s e , d e s d e 1 9 7 0 , q u a n d o e s c r e v i N i M a r x n i J é s u s 1 N e m M a r x n e m J e s u s 1 .

j á d i z i a q u e e l e h a v i a f r a c a s s a d o e m t o d o s o s c a m p o s , q u e n u n c a h a v i a s i d o v i á v e l e q u e s u a l o n g e v i d a d e e r a u m a n o m a l i a , q u e d e p e n d i a d a e x c e l ê n c i a d e s e u s i s t e m a r e p r e s s i v o a s s o c i a d a à c o m p l a c ê n c i a p a r a d o x a l d a s d e m o c r a c i a s ? E s t a s . p o r d i v e r s a s v e z e s , s o c o r r e r a m s u a e c o n o m i a e a q u i e s c e r a m à s u a d i p l o m a c i a . B a s t a c e s s a r , d i z i a e u e m C o m m e n t / e s d é m o c r a t i e s f i n i s s e n t

! C o m o a c a b a m a s d e m o c r a c i a s ! (1 9 8 3) . a c o m p l a c ê n c i a p a r a q u e a i n e r e n t e f r a g i l i d a d e d o c o m u n i s m o e x e r ç a t o d o s o s s e u s e f e i t o s e o c o n d u z a à p a n e g e n e r a l i z a d a ; p a n e q u e a s d e m o c r a c i a s r i c a s t e i m a v a m , d e s d e 1 9 2 1 , e m e v i t a r a t o d o c u s t o . O l e i t o r q u e m e p e r d o e e s t a s c i t a ç õ e s , m a s c o m o c e r t o s c r í t i c o s n o r t e - a m e r i c a n o s a l a r d e a r a m q u e e u h a v i a c a í d o e m c o n t r a d i ç ã o c o m m i n h a s o b r a s a n t e r i o r e s q u a n d o e s c r e v i l e R e g a i n d é m o c r a t i q u e , 1 3 a c h e i q u e t i n h a d i r e i t o d e f a z e r e s t e s r á p i d o s e s c l a r e c i m e n t o s .

Qualquer que seja a luz que seu epílogo tenha lançado sobre a s o m b r i a h i s t ó r i a d o c o m u n i s m o , o r e s u l t a d o e s s e n c i a l . t a n t o n a E u r o p a q u a n t o n o s E s t a d o s U n i d o s , d o p o n t o d e v i s t a d a e s q u e r d a , f o i o b t i d o : o s b o n s c o n t i n u a m s e n d o o s b o n s , e o s m a u s c o n t i n u a m s e n d o o s m a u s . N o s E s t a d o s U n i d o s . e s s e s s ã o o s i n c u r á v e i s

"nostálgicos da guerra fria"; na Europa , s ã o o s e t e r n o s r e a c i o n á r i o s , c u j a c r í t i c a a o c o m u n i s m o o r i g i n a v a - s e d e s u a r e c u s a d o p r o g r e s s o s o c i a l e q u e a i n d a p e r s i s t e m .

Mas, para os i n t e l e t u a i s d e e s q u e r d a d o m u n d o i n t e i r o , o o b j e t i v o

é o mesmo: eles que, diante do fenômeno social isto . se enganaram intelectualmente e, se comprometeram moral mente, nada têm a lamentar - ou têm muito pouco - e sobretudo nada 13 Foram dois artigos no New York Times: "Very well , he contradicts himself " , de Alan Tonelson (21 . 11 . 1993), e "Contradicted by Events, a Pundit Plows Ahead " , de Michiko Kakutani (17 . 12 . 1993).

34

PRIMEIRO ESQUIVAR, DEPOIS RIPOSTAR

têm do que se arrepender. porque, como buscavam a justiça , no final das contas eles não cometeram erro algum nem fizeram nenhum mal .

Bem ao contrário: logo eles se sentiram em posição de voltar a acusar. Um ingênuo. entre outros, quem se deixou crucificar por não o ter percebido quem o vento havia mudado nova mente, foi o Cardeal Decourdtray, Arcebispo de Lyon e primado das Gálias. No le Figaro, de 5 de janeiro de 1990, o cardinal (já falecido) publicou um comentário acerca do comunismo em decomposição que. com a queda da censura . revelava todos os seus charmes passados e todas as suas conseqüências presentes. Falando sobre os católicos de esquerda. o cardeal declarou : "Preocupados em manter a comunhão com os mais engajados. nós nos deixamos levar por uma certa convicção , é preciso admitir. " Comentários bem moderados. já que.

embora fazendo ressalvas. Decourdtray confirmou a pureza de intenções e assinala os limites do compromisso. Mas isso foi demais para os antigos com panheiros de jornada cristãos do totalitarismo. Projéteis começaram a chover sobre o imprudente religioso. "Poderemos lançar suspeitas sobre aqueles que lutam contra as injustiças?" interpela. no le Croix de l'O de fevereiro. a secretária-geral da Ação Católica Operária . Nota-se . mais uma vez. a declaração de princípios que considera comprovado aquilo que a História acaba de negar. ou seja , o valor do comunismo como instrumento de luta contra a injustiça. "Acaba de ser desferida uma bofetada no rosto de muitos homens e mulheres engajados na luta pela libertação da humanidade, sejam eles adeptos religiosos ou não", acrescenta a secretária-geral . É importante ressaltar: a autora dessa réplica ao artigo de Decourdtray não tem . em 1990, nenhum mal

úvida de que o comunismo tenha realmente lutado pela libertação da humanidade. As eternas escapatórias, já tão desgastadas, vêm novamente ao socorro dessa tese: os crimes e abusos do totalitarismo não são o "verdadeiro"

comunismo. dizem ; e o desastre econômico não questiona as verdades do marxismo. Decoutray havia, de forma indigna, condenado à "exclusão" o "dinamismo missionário da Igreja no mundo operário". O que leva à conclusão de que a única forma possível de expressão desse "dinamismo missionário" é a "convivência" com o comunismo, mesmo após sua queda. Tão logo foram os protestos desse quilate que desabaram sobre a cabeça do primado da Gália que o infeliz teve que retratar-se. Desconcertado, ele escreveu aos bispos que havia sido "muito rápido nas palavras para ser compreendido" e que não havia "revisado o conteúdo da entrevista". Vindo de um padre, que deveria ser um modelo de coragem, esse recuo ilustra muito bem a perseverança do terrorismo ideológico comunistas. Os cúmplices 35

A GRANDE PARADA

ativos ou as testemunhas silenciosas de seus malefícios. momentaneamente tocados por uma suspeita de culpabilidade, souberam reagir prontamente para recuperar todo o vigor de sua agressividade.

36

3

O verdadeiro culpado do século XX:

o Liberalismo

A defesa

rali

póst

smo

u

no ma

bancdo

o com

dos u

ré n

u ismo

s .

tem

Reabi l como

itar o com

com u ple

n i s mento

mo

a col

propri

oção

amente d ido

to l i beseria

uma tarefa d ifíci l , até mesmo i m possível . Decid i u-se então defendê-lo i n d i retamente, mostrando que seu oposto, o l i beral ismo, era ainda pior. Portanto, além da nobreza de i ntenções que o inspiraram, o comunismo tinha o mérito de fazer oposi

ção ao domín i o exclusivo do l i bera l ismo e de l i m itar seus estragos .

Agora que a barragem comu n i sta havia sido reti rada , o mal l i bera l estava l ivre para espalhar-se por toda parte. Com seu corolário, a globalização, ele mergul hará a humanidade na m i séria ou , pelo menos, na i n j ustiça . Ass i m , em u m ou dois anos, após a desagregação da Eu ropa com u nista , consolida-se um "pensamento u

n ísson" segundo o qual . parafraseando uma social ista , membro do governo de Lionel Jospi n , "o sécu lo XX teria assistido à falência do l i bera l ismo". Algun s i ngênuos parecem ter col h i do, a part i r da simples observação dos fatos, a vaga i mpressão de que o sécu lo XX assisti u sim à falência das econom ias estatizadas . Segundo teste m u nhas e h istoriadores, as economias que haviam fracassado mais tragicamente era m , apa rentemente, as da Rússia de Sta l i n e de Bre j n ev ou a da China da G rande Marcha para a Frente. Estava m em piores condições, entre os países em desenvolvimento, aqueles que haviam copiado o modelo soviético ou maoísta . À

pri me i ra vista, sentíamo-nos incli nados a acreditar que a vida, a part i r de 1 94 5 ,

.

A GRANDE PARADA

havia sido m a i s suportável na Holanda do que na Bu lgária ; na Fra nça ou na Itá l i a do que na Romênia ou na Polôn i a ; na Aleman h a Ocidental do que na Alemanha Oriental ; na Coréia do Sul do que na Coréia do Norte e mesmo mais suportável na Índia do que na C h i n a

.

Ora , acontece que precisamos fugi r d a tentação dessas análises superficial i s ! O

que a decomposição do com un ismo provou é que o l i beralismo não é viável . Na França, em gera l , se classifica de "pensamento unificado" o pensamento dos partidários da moeda ú n ica européia e da globalização, portanto de u m certo l i bera l ismo.

Entretanto, a j u lga r pela massa de opin iões em sentido contrário, o "pensamento u n i ficado" não seria na verdade aquele dos i n i m igos do l i beral ismo? Em todo caso.

poucas vezes se vira m tantos l ivros publ icados e tantos j ulgamentos proferidos contra o l i bera l ismo quanto naqueles anos que se seguiram ao fi m do social ismo rea l e da gestão coletivista , em razão de terem ido à bancarrota . N u nca uma experiência havia ass i m fracassado, de forma tão absol uta , em tão pouco tempo, e de modo tão autônomo, em consequência de seus próprios vícios internos , sem infl uência de nen h u m fator externo, catacl ismo natura l . epidemia ou derrota m i l itar.

A coisa parecia tão clara que até mesmo as versões democráticas do

socialismo haviam falido ou sido obrigadas a uma revisão cruenta . Foi o que ocorreu com o trabalhoismo britânico a partir de 1980, com a "ruptura com o capitalismo" à moda francesa a partir de 1983 , com a socialdemocracia sueca entre 1985 e 1990.

No entanto, vinte anos após o alívio da China ao mercado mundial . dez anos após a queda do Muro de Berlim , oito anos após o fim da URSS, o principal ensinamento a extrair da história do século XX, ao que parece, não é a condenação do coletivismo, mas sim do liberalismo! Na verdade, entre os intelectuais, nos meios políticos . o liberalismo , aliás , é sistematicamente traçado em

"ultra liberalismo", liberalismo selvagem, o mesmo desenfreado. Até mesmo a direita clássica aceita e utiliza o clichê segundo o qual o liberalismo seria uma selva , para usar uma expressão empregada por Alain Juppé (declaração à RTL em 27 de maio de 1997) . Os mais liberais entre os políticos franceses nem ousam evocar Margaret Thatcher, preferindo colocar-se sob a égide de Tony Blair. Em 1994 , um médico "político", Jean-Christophe Rufin , publica sem pestanejar e sem intenção humanística um livro intitulado La Dictature libérale IA Ditadura Liberal ! . Em 1997, um líder gaullista . Philippe Séguin , devolve o contra-senso aos socialistas: foram eles. brada , que desencadearam a "ditadura do liberalismo".

Segundo o mesmo Séguin (discurso de Bruxelas, em 6 de janeiro de 1997) . a Euro-38

.

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

pa estaria sob a ameaça de um "capitalismo totalitário". A Igreja Católica e a maioria dos bispos adotam esse vocabulário de repressão da liberdade econômica. No plano cultural , o mercado representa o mal . No jornal Le Monde (15 de fevereiro de 1997) . Philippe Dagen praticamente chama de nazista o maior historiador vivo da literatura e da arte do século XVI , Marc Fumaroli . que ousou levantar a voz contra a concepção de uma cultura inteiramente dirigida pelo Estado e financiada por suas subvenções. Um escritor pró-Chrac, Denis Tillinac. publica l'Horreur Capitaliste 10 Horror Capitalista ! .

Não foi apenas na França que esses disparates ocorreram . O Mini

stro do Trabalho alemão. pertencente à CDU . * Norbert Blüm declarou que "a economia de mercado só é aceitável se trazer equilíbrio entre concorrência e solidariedade" (Time, 7 de julho de 1997). Não se pode esquecer que os únicos Estados que tiveram a vontade e os meios para construir uma nação provedora . real e eficaz. com previdência social . salário familiar , seguro desemprego, aposentadoria . em suma. todo um conjunto de serviços significativos e efetivamente subsidiados , foram as grandes economias capitalistas. Além disso, as sociedades liberais nunca são "selvagens". Ao contrário. elas são os únicos Estados de direito, os únicos onde a economia está regulamentada por princípios jurídicos severos e que são realmente aplicados. A ignorância histórica de nossos contemporâneos torna-se às vezes abissal .

Assim é que o multimilionário George Soros , um norte-americano de origem húngara . condena o capitalismo, em um artigo do The Atlantic, no início de 1997, porque, diz ele, durante sua infância na Europa viu o liberalismo gerar desemprego e este gerar o totalitarismo. Ora , o desemprego não teve nada a ver nem com a instalação do bolchevismo russo. em 1917-18. nem do fascismo italiano em 1922 .

Ele tem um papel na subida de Hitler ao poder em 1933 . mas em meio a outros fatores mais importantes. Afinal de contas . a crise econômica e o desemprego da década de 1930 levaram dois outros países não pouco importantes a reagir voltando-se para a esquerda e não em direção à extrema direita : a França. com a frente popular de Léon Blum , e os Estados Unidos com o New Deal/ de Franklin Roosevelt.

Enfim , as economias daquela época eram apenas parcialmente liberais e viviam trancadas atrás de grossas e altas murallas protecionistas.

Com sua argumentação, Soros demonstra que. intelectualmente. ele continuou sendo mais europeu do que norte-americano. Qual será , na verdade, o segredo dessa fobia ao liberalismo que atormenta os países da União Européia com exce-

*

N . do T. - Sigla do Partido Democrata-Cristão da Alemanha.



A GRANDE PARADA

ção do Reino Unido e da Irlanda? O problema é que na Europa atribui-se, ao excesso de liberalismo, males que, na verdade, decorrem do excesso de regulamentação, de sobrecarga tributária, de transferências de renda, de protecionismo setorial e de intervenção estatal. Esse erro ocorre em diversos países, em maior ou menor grau - sendo a França o mais radical. É como se um sedentário glutton atribuisse ao excesso de exercício físico o peso no estômago que está sentindo.

Por exemplo, no livro *L'Horreur Economique* (O Horror Econômico!)*, cuj o enorme sucesso mostra o quanto ele corresponde aos preconceitos do público, Yviane Forrester sustenta a tese de que a globalização e o liberalismo acaba m com os empregos. Ora, essas duas forças, ao contrário, criaram centenas de milhões de empregos a partir de 1980, em vários países, exceto na Europa. Foi a Europa que apresentou o maior índice médio de desemprego do período e onde a criação de empregos foi a mais baixa. Por quê? Em vez de se questionarem a respeito, os europeus preferem se enganar dizendo que os empregos norte-americanos ou ingleses são "biscates" os quais não aceitariam por nada nesse mundo. Ora, para começar, é melhor se integrar à sociedade através de um trabalho mal pago, mas sempre com a esperança de um melhor salário mais tarde, do que ser um "excluído"

que se afunda cada vez mais, como milhões de pessoas na Europa. Além disso, o argumento não resiste aos números: quando o desemprego cai para próximo de 5%, como ocorre nos Estados Unidos desde 1997, a oferta de empregos ultrapassa a demanda e o assalariado assume o controle do mercado de trabalho. Como observa Alain Cotta, o desemprego norte-americano caiu de 7%, em 1991 (taxa considerada elevada, mas assim mesmo ci nco pontos abaixo do desemprego socialista francês). para menos de 4,5%, em 1998, e de 4,1%, ao final de 1999. Taxa ainda mais impressionante quando se sabe que a população ativa aumentou em dez milhões de pessoas desde 1991.

A maioria dos governos europeus, com suas políticas ditas, ironicamente.

"empregatícias", teima em lançar ao mar um barco muito pesado

para fl utuar. E

depois gastam fortunas em operações de reboque, reparo e salvamento. para tentar trazê-lo de volta à tona e resgatar os náufragos . O pior cego é aquele que não quer ver. Não só se ignora m as conquistas do l i bera l ismo, quando elas existem .

mas se l h e atribuem males que nada têm a ver com ele. Mesmo u m cérebro tão refi nado quando o de H u bert Védrine, M i n i stro do Exterior no gabi nete Josp i n , em Fayard , 1 996.

14 Alain Cotta , Wall Street ou Le mirac/e américain [Wa l l Street ou o M i lagre Americano] , Fayard , 1 999.

40

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

visita a Mosco u . em 1 1 de janeiro de 1 999, atribu i u a crise russa do verão anterior ao "abuso dos brinquedos u ltra l i berais". Enxergar sinais de u ltra l i bera l ismo na pesada máqui na estata l dos "apparatchiks" que se criaram na era Brej nev. espécie de ladrões que enviara m pa ra suas contas na Suíça , incontinente, tão logo ele chegava . o d i n h e i ro emprestado à Rússia pelo Fundo Monetário Internaciona l .

denotava uma leitura do m u ndo contemporâneo. d a h i stória e d a economia i nquietante. part i ndo de u m m i n i stro cuja tarefa é conhecer o cenário i nternaciona l .

H u bert Védri ne t e m a descu lpa d e n ã o s e r o ú n ico. longe disso, a cometer esse contra-senso a respeito da crise russa de 1 998, e. de modo mais amplo. a respeito da incapacidade da Rússia. entre outras coisas, para superar as conseqüências do com u nismo. 1 5 Voltarei a esse tema mais adia nte.

Certamente é m u ito útil vascu lhar os defeitos do l i bera l i smo. os erros e as i n j ustiças do capita l ismo democrático. Mas isso torna-se i n út i l se for feito com a espera nça de trazer à tona o soci a l i smo. O socialismo naufragou e não será de seu casco afundado que i remos extrai r os remédios para os males sociais. econômicos e pol íticos do l i bera l ismo. Os partidos socia l i stas do fi nal do sécu lo XX nada mais têm de socia l i stas senão o nome e uma certa habil idade pa ra i m ped i r a economia de se desenvolver. Eles tiveram que ren uncia r à prática do soci a l i smo no sentido exato da palavra , tal como ele foi i nventado no sécu lo XIX e aplicado no sécu lo XX.

Esse socialismo, único autêntico, morreu. Hoje, o que há são diversas formas de praticar o capitalismo. com mais ou menos mercado, propriedade privada. impostos e redistribuição de renda. Por isso, a correção das falhas do liberalismo só poderá emanar dele mesmo.

O delirioso paradoxo do antiliberalismo é que a esquerda soube utilizá-lo para levar a direita ao suicídio renegando suas convicções. enquanto que ela mesma.

quando estava no poder. afastava-se pouco a pouco do socialismo para adotar, de forma sub-reptícia e imperceptível, a economia de mercado. É verdade que essa evolução sempre foi muito lenta e atrasada em relação à necessidade. Ela deixou prolongar-se demasiadamente a estatização redistribucionista, baseada no confisco através dos impostos e no déficit público. Mas a esquerda, embora constrangida e forçada a tal, tomou o caminho do liberalismo. enquanto a direita, aterrorizada, continuava a condenar o "modelo anglo-saxão". "Não podemos nos intitular gaullistas quando somos partidários de um liberalismo desenfreado, pro-15 Meu livro *Le Regain démocratique* (1992) trata principalmente dessa incapacidade ou extrema dificuldade.

dade. Nele, eu faço ressalvas ao otimismo excessivo que, por volta de 1990, previa que os países livres do comunismo fariam uma rápida ascensão à prosperidade capitalista e à democracia.

41

A GRANDE PARADA

clama Charles Pasqua, político gaullista que, em 1999, nas eleições europeias.

criou grupo de dissidentes do partido gaullista oficial. O homem que encabeçava a lista de centro (UDF). François Bayrou, declara, por sua vez: "Junto a um partido conservador liberal! trata-se da lista única do RPR, partido gaullista, e do partido da Democracia Liberal. de Alain Madelin. ocuparemos o vasto centro, enfim, com um partido europeu, reformador. solidário." A palavra "solidário" evidentemente se opõe ao liberalismo clássico, mais uma vez. a falsa ideia de que as sociedades liberais seriam incompatíveis com a solidariedade. quando foram elas, e somente elas, que inventaram e implementaram os grandes sistemas de proteção social e o Estado provedor.

Outro ângulo da defesa retrospectiva do comunismo está baseado sobre este erro histórico. Consiste em conferir ao comunismo um papel positivo. não tanto por si mesmo. e nos países onde existiu, mas como motor do progresso social nas sociedades onde ele não foi implementado. Em suma, se o comunismo governou foi um fracasso. o comunismo oposição foi um fator de justiça. Essa é a tese sustentada por Jean-Denis Bredin em um artigo intitulado "Est-il permis?" I É permitido? ! (s u bentende-se: la mentar a fa lta do comunismo) publicado no jornal le Monde, de 31 de agosto de 1991, alguns dias depois do golpe de Estado, falso ou verdadeiro, em todo caso fracassado, contra Gorbachev, evento sentido por muitos.

com razão. e muitas vezes la mentado como um aviso da dissolução iminente da União Soviética. "Poderíamos dizer timidamente", escreve Bredin, "que o comunismo, tão detestável enquanto esteve no poder. foi útil a certas democracias que não fazem progresso se não forem sacudidas? (...) O progresso social. em nosso velho país conservador francês! muito deve a ele." E mesmo. "o socialismo talvez não tivesse sido. entre nós, senão um radicalismo disfarçado, se o comunismo não estivesse lá para fiscalizá-lo".

Reconhecemos nesse argumento a teoria segundo a qual somente as "lutas", as greves. as invasões de fábricas. ou mesmo as rebeliões teriam permitido o progresso social. somente a alcançável se arrancado à força aos proprietários dos meios de produção. Ora. trata-se aqui de uma reconstrução da história pela óptica marxista.

Décadas antes do aparecimento dos primeiros partidos comunistas e mesmo dos primeiros teóricos socialistas. foram os liberais do século XIX que levantaram.

antes de qualquer outro grupo, o que então se denominava a "questão social" e que respondera com a elaboração de muitas das leis que constituem os fundamentos do direito social moderno. Foi o liberal François Guizot. ministro do Rei Louis-42

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

Philippe, quem, em 1841, colocou em votação a primeira lei destinada a limitar o trabalho de crianças nas fábricas. Foi Frédéric Bastiat, esse economista genial que seria chamado hoje de ultraliberal desvalorado ou desenfreado, quem. em 1849, quando deputado na Assembléia Legislativa, interveio, pela primeira vez em nossa história, para encerrar e solicitar reconhecimento do pri

ncípi o do d i reito de greve. Foi o l i bera l É m i l e O l l ivier que, em 1 864, convenceu o Imperador Napoleão I l i a abol i r o cri me de coal izão (ou sej a , a proibição aos operá rios de se reu n i rem para defender seus d i reitos) . abri ndo ass i m ca m i n ho pa ra o futu ro sindica l ismo.

Foi o l i bera l Pierre Wa ldeck-Rou ssea u quem . em 1 884, no i n ício da Tercei ra Repúbl ica . fez votar a lei que atribuía aos sindicatos uma personal idade civi l . Perm i tam-se assi nalar, como u m lembrete, que os soci a l i stas da época . apesa r de s u a lógica revol ucionária (bem anterior ao aparecimento de qualquer partido com u n ista) . manifestavam violenta hostilidade contra essa lei Waldeck-Roussea u . Porque, d issertava J u les Guesde, "sob o disfarce de autorização para a organ izaçã o profissional de nossa classe operária, a nova lei só tem u m objetivo: i m ped i r sua orga n i zaçã o pol ítica". O s acontecimentos que s e seguiram desmenti ram esse perspicaz prognóstico e mostraram que, bem ao contrário, uma coisa favoreceu a outra . Os grandes s i n d i catos operários fora m o fulcro e até mesmo a fonte de recursos, durante m uito tempo, do partido traba l h ista britâ n i co , do partido democrata norteamericano, do partido social ista alemão, assi m como dos diversos partidos social i stas reform i stas da Escandi n ávia. Foi ass i m que surgiram e se perpetuara m .

nesses países. na a usência quase tota l d e qualquer agu i l hã o com u n i sta . o s sindicatos operários mais poderosos. Ao contrário, nos pa íses onde os partidos comun istas adq u i riram u m i m portante peso pol ítico, principa l mente na França , eles enfraqueceram os sindicatos por terem-nos i mpregnado de ideologia. É fato con hecido que os si ndica l i stas na França representam u m a pa rcela ínfima da população ativa . Por outro lado, o sindica l ismo francês. i ndependentemente da ideologia de suas diversas centra i s , logo passou a defender apenas os interesses de certas categorias, basicamente a dos agentes da fu nção pública e a dos servi ços públicos propriamente d itos . traba l hadores já privilegiados em relação aos assalariados do setor mercanti l . H á várias décadas os sindicatos franceses não mais preenchem os critérios de representatividade defi nidos por lei no i n ício da década de 1 950, pa rticu larmente o critério segu ndo o qual um sindicato só é legítimo se puder viver das contribuições de seus associados. Os sindicatos franceses , há m uito tempo, subsistem apenas graças às subvenções . d i retas ou i nd i retas . do 43

A GRANDE PARADA

Estado. ou seja, graças ao dinheiro dos contribuintes, cuja imensa maioria não é sindicalizada. Portanto, não parece ser possível demonstrar o papel de lança impulsora do progresso que teria sido desempenhado pelos partidos comunistas. Pode-se mesmo dizer que, em muitos casos, a presença de um partido comunistas forte no jogo político reduziu a marcha do progresso social ao invés de acelerá-la. Por exemplo, no final da década de 1950 e início da de 1960, o PCF

decidiu defender acaloradamente a estúpida teoria do "empobrecimento absoluto"

da classe operária. Isso, no exato momento em que uma decolagem econômica sem precedentes na história da França permitia à classe operária alcançar um nível de conforto com o qual ela nem mesmo sonhara na época da Frente Popular, há vinte anos. Na verdade, o único empobrecimento absoluto da classe operária que tivemos ocasião de contemplar no século XX foi aquele produzido nos países comunistas, e somente nesses países.

Por isso eu não acredito, como diz Breton, que todos aqueles que se alegraram com a queda do comunismo sejam exclusivamente "os que tinham, aqui e acolá, que em uma noite sinistra os oprimidos tomariam o poder, aqueles que o comunismo fez tremer menos pelas armas e mais pela ideologia". Que me perdoe Jean

Denis Breton, escritor por quem tenho apreço e que é meu amigo, mas muitos dos que se alegraram com a queda do comunismo o fizeram por solidiedade com a classe operária, por amor aos oprimidos. finalmente libertados de um dos mais cruéis e ineptos casos de despotismo de toda a história da humanidade. E isso.

será que é permitido dizer isso?

...

Estando assim aberto o caminho, as mentes menos sutis apressaram-se a enveredar por ele. Deixando de lado toda e qualquer precaução verbal, sentiram-se livres para afirmar sem rodeios que haviam testemunhado exatamente o contrário do que havia ocorrido. Os ingênuos foram levados a crer que, depois de 1989, havíamos entrado não no pós-liberalismo mas no pós-comunismo. Era preciso esclarecer tudo. l'Après-Libéralisme 10 Pós-Liberalismo ! é

o título, a li á s bem apropriado, de um l ivro de M. Immanuel Wa l lerstein . 16 Na quarta capa , para nossa surpresa . descobrimos que esse autor di rige o Centro Fernand-Braudel na U n iversidade de Binghampton e é professor na Escola Superior de Ciências Sociais em Pari s . E o que ele ensina? Que com a derrocada da U n ão Soviética vivemos, sem saber. a " i mplosão do l ibera l i smo". Esse é o título do tercei ro capítulo do l ivro. "O

16 Éditions de l 'Aube, 1 999.

44

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

ano 1 989" , diz Wal lerste i n , "é o ano do chamado fim dos chamados com u n ismos . "

Mas ele assina lava , segu ndo Wa l lerste i n , o fim do l i bera l i smo. Na mesma frase, nota-se a presença implícita da i ncansável e i nel utável farsa: o comunismo que fracassou não era o verdadeiro comu nismo, o qua l . por isso mesmo, contin ua e continuará até o fim dos tempos, insubstituível e i nati ngíve l , ficando assim imune a qualquer crítica.

Cabia, ao contrário, a crítica ao l i beral ismo, consequência evidente da queda do socialismo, que ocupava então a ordem do dia. E a esse trabalho dedicaram-se, com afinco, inúmeros i ntelectuais, da antiga ou nova esquerda , moderada ou radical. Se eu entendi bem , esses i ntelectuais eram os vitoriosos do momento. aqueles aos quais os acontecimentos davam razão. Os outros eram os supostos l i berais, que deveriam comparecer perante o tribunal da História e, antes de mais nada , ser i nterpelados pelos j u ízes de instrução impregnados com a defu nta ideologia.

Ass i m , alguns meses após a publicação de m i nhas memórias, le Voleur dans la maison vide 1 0 Ladrão na Casa Vazia i , 17 fu i visitado por um jovem e talentoso escritor c u j o l ivro original sobre o movi mento de reivindicação dos homossexuais na França , desde 1 968, acabara de provocar calorosos debates e de alcançar u m merecido sucesso. 1 8 Ele me ped i u uma entrevista sobre m i n has memórias para a revista Politique internationale/e, fundada e d i rigida por Patrick Wa j sm a n . Aceitei de bom grado, por ter simpatia ao mesmo tempo pela revista e pelo meu interlocutor.

Mas desde o início da entrevista surpreendeu-me o fato de que, apesar das memórias serem essencialmente, e por definição, narrativas, evocando personagens que, na maioria, nada tinham de públicos e relatando acontecimentos quase todos de natureza privada, meu juízo de instrução só me fazia perguntas políticas.

Logicamente, por força das circunstâncias, quando os relatos da minha vida assim o exigiam, eu precisava reconstituir momentos e retratar certos atores do cenário político. Porém, mesmo nesses casos, sempre tive o cuidado de me manter fiel ao registro da obra, evitando a análise teórica, à qual eu já havia consagrado tantos outros livros. Na última vez em que eu escrevera um livro tão distanciado da política quanto possível e em sua inspiração fundamental, eis que tentavam me forçar a voltar a ela!

Logo entendi o porquê. O interrogatório tinha por objetivo não me fazer falar da minha vida, apesar de ser esse o assunto do meu livro, mas de me extrair uma 17 Editora Plon, 1997.

18 Frédéric Martel, *Le Rose et le Noir*, Seuil, 1996.

45

A GRANDE PARADA

confissão sobre a orientação da minha trajetória ideológica. Que confissão? Rapidamente percebi o fio condutor implantado no pensamento de meu interlocutor e a intenção que, independentemente do gravador, orientava todas as suas perguntas.

Assim poderíamos descrevê-los: defender o liberalismo era, a rigor, uma tática aceitável enquanto alguém se servisse dela como um instrumento de realce das fraquezas do coletivismo comunista. Mas a partir do momento em que essa arma estritamente comparativa e circunstancial perdia sua utilidade, em virtude da queda do adversário, não teria chegado a ocasião em que os liberais deveriam fazer sua autocrítica e reconhecer a néquia ou mesmo a imaturidade do liberalismo propriamente dito? Voltávamos ao eterno sofisma: o desmoronamento do comunismo privava de argumentos aqueles que o haviam combatido; para esses já era tempo de fazer seu mea-culpa e denunciar o liberalismo, único perigo verdadeiro, por muito tempo mascarado pela obsessão anticomunista.

Obsessão: essa foi a tara com a qual meu inquisidor me apresentou na resenha que escrevi, pouco tempo depois, acerca do ladrão, na mesma revista. 19

M i n has sei scentas pági nas são, segu ndo ele nesse a rtigo, o relato de "cinquenta a nos de i ntensa reflexão d i plomática em torno de uma obsessão: o com u n ismo".

Afi rmação q u e , antes de mais nada . consiste em u m erro materi a l . como comprovam as próprias memóri a s . E u n u n ca pertenci ao Pa rtido Com u n i sta . N u nca o aprovei e n u nca o s u stente i . Mas assim como m u itos outros i ntelect u a i s da m i n ha geração, d u rante os dez ou q u i nze anos que se seg u i ra m à guerra de 1 939-4 5 , eu aderi , ao menos parcial mente, à grade marxista de i nterpretação da h i stória e da l uta de classes nas sociedades capita l i stas. Afi rmação q u e , a l é m d i sso, mostra até onde o voca b u l á rio sta l i n i sta i m pregnou os m e l hores cérebros da esq uerda não sta l i n ista . Anticom u n i sta "pri mário", "obsessivo", "viscera l " , esses foram os adj etivos bradados desde sem pre pelos sta l i n istas para desacred itar os autores de críticas ao com u n i s m o e para tachá-los de paranóicos i n capazes de reflexão o u i m pa rci a l i dade. Como é tri ste ver com que subserviência os escritores da esquerda não-co m u n i sta . a i nda . em 1 999 , rot u l a m os heterodoxos com esses a d j etivos forjados há m a i s de meio sécu l o nas oficinas da pol ícia i ntelect u a l tota l itária ! Mesmo depo i s que o epílogo da t ragéd ia com u n i sta con fi rmou a s a n á l i ses daqueles q u e a soubera m j u lgar pelo que ela rea l m ente representava , enqua nto tantos outros a aclamava m , não se admite que eles tenham obedecido a um rigoroso exa me dos fatos e à i m pa rci a l idade de u m a reflexão ca l cada 19 Politique internationale, verão de 1 99 7 , n . 76.

46

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

em i n formações . Qua ndo fu i eleito pa ra a Academia Fra ncesa (20 de j u n h o de 1 997) . o diário Libération consagrou uma entre l i n ha a essa notícia . declarando a meu respeito: " N os anos setenta , ele se transforma em u m reacionário, empedern ido, pa l a d i n o do antico m u n i s m o . " Donde se concl u i que, ao contrário, pa ra a esq uerd a , ter sido pró-co m u n i sta é ter sido progressista . E estáva mos em 1 99 7 !

Apesar de u m a reclamada i n dependência em relação aos gri l hões i ntelect u a i s sta l i n istas, a esquerda , ex-co m u n i sta ou n ã o . conti n u a subj ugada por s u a s regras de rot u lagem p reparatórias para o abatedou ro . Em seu ínti mo. ela a i nda con s i dera o anticom u n i s m o como u m pecado, o s i ntoma de uma pred isposição ao

fascismo. agravado por um leve distúrbio mental.

Na última década do século. o anticomunismo aínda é usado como critério de discriminação. Isso indica a lentidão do progresso da liberdade de pensamento. A grande maioria dos intelectuais continua se perguntando, antes de mais nada. não o que deve pensar. mas o que os outros pensarão deles.

A resenha de Frédéric Martel) conclui-se com o posicionamento que já nos é familiar. Verdadeira intervenção nas responsabilidades históricas: "O que será", pergunta ele caridosamente, "dos antitotalitários entre os quais Revel fora um dos mais ativos e lúcidos. agora que seu grande adversário desapareceu? (...) Melhor do que ninguém. na verdade. Revel sabe que os liberais precisam a partir de agora reposicionar-se (o grifo é meu) e mostrar-se capazes de inventar. por sua vez, uma linguagem pós-antitotalitária. Ou seja, na falta de um pretexto. a partir de agora.

que justifique, na aparência, o liberalismo. eles têm mais é que sair 'de fininho'."

Quanto à nossa entrevista, comuniquei a Frédéric Martel que não queria ver publicada. Porque, na realidade, não tinha nada a ver com meu livro (le Voleur dans la maison vide) e portanto me parecia fora de propósito. Mas não deixava de ser interessante. Guardei comigo uma cópia. Ela poderia servir, eventualmente.

como com entário falado de um outro livro meu, publicado cinco anos antes. le Regain démocratique, onde eu tento, exatamente. "inventar uma linguagem pósantitotalitária".

Alain Touraïne. em um livro lúcido, lançado no início de 1999, soube muito bem enquadrar o contra-senso ou a alucinação através dos quais se fustiga como sendo pertencente ao liberalismo aquilo que na verdade se opõe a ele. Denunciando particularmente as contradições da esquerda francesa. ele confessa não conseguir

"ver realmente como a defesa do protecionismo e do Estado, como ator no cenário econômico. pode melhorar a situação dos desempregados ou ajudar na criação de 47

A GRANDE PARADA

novos empregos". A defesa do protecionismo e, digamos claramente. o reforço dos privilégios tornaram-se as principais causas daquilo que a esquerda aínda ousa chamar de movimentos sociais, quando eles

são, na verdade, anti-sociais. Toura i ne entrevê, com perspicácia . o duplo comportamento de seus atores e a i ngen u idade de suas vítimas. "Aqueles. lamenta ele, que vêem no maciço apoio da opi n ião públ ica à greve I dos serviços públicos ! de dezembro de 1 995 u m sinal da renova

ção das l utas de classes ou mesmo da combatividade si ndica l . tomam seus próprios desej os como rea l idade. " O autor segue o sábio conselho de Karl Marx (raramente ou n u n ca segu ido pelos marxistas) . de saber separar a rea l idade da idéia que dela fazem ou querem fazer os atores sociais. Tou ra i ne i roniza então os obscurecidos que q u a l i ficam de u ltra l i bera l o modelo econôm ico francês . "Não é ridículo", diz ele, "fa l a r em l i bera l ismo extremo em u m pa ís onde o Estado adm i n i stra a metade dos recursos d i spon íveis , seja d i retamente, ou através de sistemas de proteção soci a l . ou a i nda i ntervi ndo na vida econôm ica?"

I nfelizmente, u m lamentável erro t i pográfico das oficinas gráficas do editor, u m dos m e l h o res na praça , esta mpou sobre a capa desse l ivro u m t ít u l o obviamente desti nado a outro : Comment sorUr du Jjbéralisme? ! Como s a i r do l i beral i s m o j ?20 Ora , o contexto do l ivro revela, de forma categórica . que pel o menos três q u a rtos das n ações do pla neta , e. pri ncipalmente, a França , nem ch egara m a entrar no l ibera lismo. Como então poderiam sai r dele? Estamos. diz nosso autor, na "mais extrema estatização (p . 1 1 1) . pa rticu larmente em 1 99 5 , quando a defesa do setor públ i co foi elevada à categoria de dever democrático , para res istir aos ataques de u m a sociedade civi l (e sobretudo de u m a econ o m i a) governada , segu ndo se afi r m a . ú n i ca e exclus ivamente pela busca do i n teresse particular. Que i magem grotesca" ! Parece que estamos lendo Frédéric Bastiat. Assi m como ele, Tou ra i n e nos leva a pensar que o Estado é a própria fonte das i n j ustiças e privilégios e não o i n stru mento capaz de combatê-los. Essas passagens do l ivro tornam a i nda m a i s odioso o i nexp l i cável erro t i pográfico do tít u l o . Essa bri ncadei ra de m a u gosto com u m soci ólogo fra ncês tão e m i nente me revolta. Será que foi violentado? Drogado? Ta lvez até tort u rado? Teria ced ido a a m eças? Será q u e teve medo? De q u e m e do quê? Tendo sempre mantido relações m u ito cord i a i s com Ala i n Tou ra i n e , propus fu ndar uma associação para a defesa de s e u s d i reitos i ndividuais e de sua l i berdade de expressão. A " resi stência" anti l i beral é capaz de tudo para a fast a r o perigo do pensa m ento u n i fi cado. N a N i ca rágua . u m ho-20 Alai n Tou raine, Comment sortir du /ibéralisme?, Fayard , 1 999.

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

mem não chegou ao ponto de "estrangular sua m u l her porque ela s i m patizava com os l i be rais"?21

Visível mente, Ala i n Tou raine foi arregimentado, contra sua vontade, no complô que visa a desacreditar o l i bera l i smo a fi m de reabi l itar, indiretamente, o com u n i smo. Denegrir o l i bera lismo leva , naturalmente, a uma indu lgência retrospectiva em relação ao com unismo e a uma desqual i ficação prospectiva da d i reita , acusada de não ter regi strado formal mente a morte do capital ismo - o qua l , aliás, como todo bom marxista sabe, está em processo de putrefação desde a metade do sécu lo XIX.

Considerando que o capital ismo e a economia de mercado não produzi ra m , no século XX, senão i n j ustiça soci a l , penúria econômica e despotismo pol ítico nos países onde não h ouve socialismo real , eles só poderiam produzir esses mesmos males nos países a nteriormente com u n i stas quando estes comessem a dismantelar suas economias estatizadas. Desde os pri meiros anos da era pós-comun i sta, u m tema favorito do pensamento u n i ficado a nt i l i bera l n o Ocidente foi a denú ncia dos malfeitos caóticos do capita l i smo nos países que haviam conhecido as estrut u ras protetoras e estáveis do socialismo rea l . Por toda a parte ressoavam imprecções contra a precipitação cri m inosa com a qual os "ideólogos da seita neo l i bera l " haviam i n fl igido, sem demora , a esses i n fel izes territórios uma dose maciça , até mesmo fatal , de economia de mercado.

Esses gritos de desespero e, ao mesmo tempo, de alegria, que saudavam uma prova suplementar, supérflua, do caráter nocivo da economia de mercado, buscavam sua inspiração profética em duas fal has de interpretação, que não nos surpreendem .

A primeira consistia em ignorar voluntariamente que o retorno à economia de mercado, nos l i mites permitidos pelas estruturas existentes, não havia dado mau resultado em todos os casos. Mesmo se deixarmos de lado o caso particu lar da Alemanha Oriental - j á que nenhuma outra zona ex-comunista poderia esperar receber o mesmo suporte colossal fornecido pela Alemanha Ocidenta l a essa pequena população de pouco mais de 1 5 m i lhões de habitantes - mesmo excetuando-se esse exemplo d idático, logo fica claro que a Polônia, a H ungria e a República Tcheca não estavam i ndo mal em sua

transição liberal e democrática. Essa orientação se confirmou até mesmo pelo fato de antigos dirigentes comunistas terem ganhado eleições em certos países do antigo bloco soviético. Essa divina surpresa para os marxistas ocidentais não teve, contudo, influência sobre o curso dos acontecimentos. Onde ocorreu, a 21 "Sandinista" enguliu a esposa por simpatizar com o liberalismo. "Diário de las Americas, 22 de fevereiro de 1998.

49

A GRANDE PARADA

volta ao poder dos comunistas não foi o retorno ao poder do comunismo. Os excomunistas mudaram de camisa, como por exemplo na Itália, rebatizaram-se socialdemocratas ou se disfarçaram com outros rótulos. Mas esses transexuais políticos nunca pensaram, por um minuto que fosse, em voltar ao regime do partido único, da propriedade coletiva e da ditadura cultural. Eles deixaram esse programa para os seus mentores pertencentes à esquerda ultra-radical francesa. Quanto aos renegados do stalinismo, afastando cada vez para mais longe as fronteiras da perversidade.

eles passaram a preferir a leitura da revista *The Economist* à do *Monde diplomatique*.

Embora oriundo da velha nomenklatura, o novo presidente polonês eleito em 1995, um elegante oportunista, proclamou sem demora sua intenção de persistir na economia de mercado e nas privatizações. Ele nunca renegou a "terapia de choque" anterior dos neoliberais, autores de uma reforma econômica que, queiram ou não os nostálgicos ocidentais, foi um brilhante sucesso.

O segundo erro, que diz respeito aos cataclismos econômicos pós-comunistas, consistia em atribuí-los ao sistema liberal, embora eles fossem devidos à incapacidade de aplicar esse sistema. É preciso sofrer de alucinações para ver uma economia de mercado na economia "comuno-mafiosa" da Rússia, exatamente onde o mercado foi completamente destruído pela interferência na sociedade da oligarquia política "arrivista". A economia de mercado pressupõe o estado de direito.

Será que estamos falando de economia de mercado em um país onde as linhas de crédito abertas pelo Fundo Monetário Internacional, pelo Banco Mundial e pelo Banco Europeu para financiar a reconstrução e o desenvolvimento, juntamente com o dinheiro de

empréstimo dos grandes bancos privados, como os da Alemanha, todo esse dinheiro, mal chegava a Moscou. Partia imediatamente, aos milhões de dólares, para engordar as contas secretas e pessoais. Na Suíça ou em outros paraísos acolhedores? Que economia de mercado é essa em que os investidores estrangeiros são seqüestrados e se não pagam o resgate, são assassinados pelos esbirros da máfia ex-comunista?

A impotência para decolar demonstrada pela economia da Rússia e dos demais países da União dos Estados Independentes. Após a dissolução da União Soviética, não provém de um excesso de liberalismo. Sua origem está no fato de que o liberalismo nem mesmo começou a ser aplicado nesses países. Tal aplicação pressupõe regras jurídicas, estruturas políticas e know-how econômico que os povos dessa região do mundo não puderam recuperar, porque seus governantes não tinham interesse nisso. Não se pode confundir o capitalismo democrático com o comunismo em 50

O VERDADEIRO CULPADO DO SÉCULO XX: O LIBERALISMO

decomposição. Isso foi o que admitiu Bóris Yeltsin quando, anunciando na televisão sua renúncia à presidência, em 31 de dezembro de 1999, pediu o "perdão" ao povo russo, confessou seu fracasso político e econômico desde 1991 e assinalou o fato de que "aquilo que então parecia simples revelou-se difícil e doloroso".

Ao constatarmos que a economia de mercado não consegue curar instantaneamente os males do comunismo, seria o caso de nos perguntarmos de quem é a falha: se da economia de mercado ou do próprio comunismo. Economia de mercado não é comunismo em frangalhos. As causas da falência russa, que atingiu seu ponto crítico em agosto de 1998, não estão no mercado, mas na ausência de um verdadeiro mercado (exceto o negro). O problema é que a economia russa permanece submissa à dominação da velha classe política. Por isso a agenda internacional foi, nessas condições, inútil. O fantasma do Plano Marshall não pode quebrar-se se a realidade é uma economia sem condições de assimilar de forma criativa a agenda que lhe é fornecida. Emprestar dinheiro sem limites a um país sem estruturas econômicas, políticas ou jurídicas viáveis, como a Rússia do pós-comunismo imediato, é o mesmo que colocar combustível no tanque de um carro sem motor.

Não vai adiantar triplicar a dose de combustível; o carro não vai sair do lugar. Essa agenda dilapidada e desviada só serviu para postergar a hora da verdade. Mas não impediu que essa hora

chegasse.

Logo se poderá dizer a mesmo do "comunismo comercial" (expressão de Zbigniew Brzezinski) na China. Os dirigentes chineses há vinte anos fazem todo o possível para tentar introduzir o capitalismo no seio da economia, sem provocar a explosão do sistema totalitário de partido único. Mas certamente não será dessa maneira que eles conseguiram elevar o nível de vida de sua população, da qual quatro quintos são, na verdade, os excluídos de um processo de crescimento bastante superficial. Será necessária uma total reestruturação política, o aprofundamento do estado de direito, a abertura aos mercados externos, a liberdade de informação e democratização. A crise que a China conhecerá, quando chegar a hora, não será uma crise de mercado, como certamente dirão os pensadores unidirecionalistas, mas a da incompatibilidade do mercado, a partir de um certo ponto, com o monolitismo e a corrupção totalitários.

Os arroubos de êxtase, que saudaram o "fim do capitalismo" quando estourou a crise asiática de 1997, não mostraram uma clarividência muito superior àquela com que fomos brindados nos exemplos que acabo de citar. Porque nem a Indonésia,

onde a economia era administrada há trinta anos sob o monopólio oportunistista da 51

A GRANDE PARADA

família de Suharto e de seu clã de amigos, nem a Malásia, desde 1987 sob o domínio de um autocrata megalômano, Mahathir Mohamad, correspondiam aos critérios de liberdade econômica enquadrada pelo direito. Nesses países, não havia nem leis de mercado, nem leis de espécie alguma, pelo menos leis que não dispensassem do seu cumprimento os confiscadores do poder. Ao culpar os "especuladores" pelos males que ele mesmo havia causado (queda de 45% da bolsa em Kuala Lumpur em janeiro de 1998 e de 46% da moeda nacional, o ringgit, em seis meses), Mahathir revelou-se um virtuoso do pensamento unificado. Em outros países asiáticos, como a Coreia, a Tailândia e, sobretudo, o Japão, a crise proveio de um excessivo endividamento das principais empresas em relação aos bancos, os quais, seguindo orientações políticas não totalmente alheias à corrupção, lhes concediam, há anos, empréstimos a descoberto além de qualquer limite razoável. O mercado, para os bancos privados, não significava consentir em fornecer crédito sem levar em conta os riscos. É exatamente o oposto. O "modelo" do Crédit Lyonnais de

Mitterand não é um exemplo de liberalismo, mas de estatização podre. A economia japonesa baseava-se, há muito tempo, em uma malformação orgânica: exceto por algumas multinationais de alto desempenho, as alimentadas pelas loucuras bancárias já mencionadas, as demais empresas encontravam-se tão petrificadas quanto os conglomerados comunistas. Essa contradição, que emprestava à economia japonesa uma aparência externa de modernidade, foi brilhantemente analisada em 1989 por Karel van Wolferen no *l'Énigme de la puissance japonaise* *1 Enigma do Poderio Japonês*.²² A tese desse autor, que na época foi vista como um divertido paradoxo, comprovou-se quando a forte pressão da economia da comunicação e da globalização fez explodir um sistema essencialmente autista e protecionista, apesar disso extravagantemente imprudente em suas práticas de financiamento.

Mas depois de dois anos, o entusiasmo do pensamento unificado acerca da crise asiática e o réquiem para o capitalismo se revelaram prematuros. Se, em 2000, não se podia dizer que a situação asiática estivesse corrigida, ela parece estar no bom caminho da recuperação. Nada semelhante à agonia russa. A derrocada do sistema capitalista mundial não ocorre. Ao contrário, deveríamos estar consternados. Já que a economia do pós-crise está ainda mais aberta. As lições do acidente foram aprendidas. Novas regras legais e práticas mais transparentes permitem que os mercados funcionem com menos sobressaltos. Mas podemos ter certeza: isso não desviará o pensamento unificado de sua ideia fixa antiliberal.

²² *The Enigma of Japanese Power*, 1989, McMillan, Trad. de Robert Laffont, 1990.

52

,

4

Socialismo versus Liberalismo:

um debate de cartas marcadas

Um mal-

respect entendido

ivos mérit detu

os do rpa

soci pr

al aticamen

ismo e do l te

i b todas

eral

as

ismo: d i

os scussões

socialis

ace

tas

rca dos

acham que

o l i bera lismo é uma ideologia. E segundo uma espécie de m i metismo subserviente, várias vezes descrito nesse l ivro , os l i berais se deixaram convencer por essa visão grossei ramente equivocada de si mesmos. Os social i stas. educados na ideologia , não podem conceber que existam outras formas de atividade i ntelectua l .

Farejam por toda parte essa sistematização abstrata e moralizante q u e ocupa suas mentes e os mantém . Acreditam que todas as doutrinas que os criticam na verdade copiam a deles . l i m itando-se a i nvertê-las. e que todas prometem , ass i m como as suas, a perfeição absoluta , apenas por cam i n hos d i ferentes.

Se, por exemplo, u m l i bera l diz a u m socia l i sta: "Na prática , o mercado parece ser um meio menos ru i m de distribuição de recu rsos do que a s i m ples repa rtição autoritária e planificada"; o soci a l i sta responde i mediatamente: "O mercado não resolve todos os problemas." Com certeza ! Quem jamais sustentou tamanha bobagem ? Mas, como o social ismo, ele s i m , foi concebido na i l usão de resolver todos os problemas. seus partidários atribuem aos opositores

a mesma pretensão.

Ora , nem todo m u ndo é megalomaniaco. fel izmente. O l i beral ismo nu nca teve a ambição de constru i r um sociedade perfeita . Ele se contenta em comparar as diversas sociedades existentes ou que já existiram e em extrai r as melhores l i ções .

A GRANDE PARADA

através do estudo daquelas que fu ncionam ou funcionaram menos mal . N o entanto, m u itos l i bera i s , h i pnotizados pelo imperia l i smo moral dos socia l i stas . aceitam a d i scussão no mesmo n íve l . "Acredito nas leis de mercado, mas elas não são suficientes" , decla ra o economista norte-americano Jeremy Rifki n . 23 "A econom i a de livre mercado n ã o pode resolver tudo". acrescenta o especu lador George Soros. 24

Essas lamentáveis banalidades emanam de um sistema de pensamento engessado, segu ndo o qual o l i beral ismo seria uma teoria oposta ao socialismo, em tese. mas idêntica a ele nos meca n ismos de atuação.

Nem uma coisa nem outra . O l i bera l i smo n u nca foi uma ideologia, ou sej a , não é uma teoria fundamentada sobre conceitos anteriores a qualquer experimento.

nem u m dogma i nvariável e i n dependente do cu rso dos acontecimentos ou dos resultados das ações . Ele é apenas u m con j u nto de observações a respeito de fatos já ocorridos. As idéias gera i s que dele decorrem não constituem uma doutrina global e defi n itiva , a qual aspira a se tornar o molde de toda a real idade, mas uma série de h i póteses de i n terpretação de aconteci mentos que efetiva mente se desenrolara m . Adam Smith. ao decidir escrever A Riqueza das Nações, constata que certos países são mais ricos que outros . Ele se esforça para identi ficar, na economia desses países. traços e métodos que possa m expl icar esse maior e n riquecimento, para tentar daí extrai r recomendações. Smith procede da mesma forma que Kant, na Crítica da Razão Pura. quando diz a seus colegas fi lósofos: há mais de dois m i l anos. tentamos elaborar teorias sobre a rea lidade que sejam vá l idas para a etern idade. Elas são segu idamente rejeitadas. já pela próxima geração, por falta de provas i rrefutáveis . Ora . há um sécu lo e meio, temos à nossa d i sposição u m a ciência recente, final mente capaz de estabelecer algumas leis da natureza : a Fís i ca . E m vez de insist i rmos em nosso dogmatismo metafísico estéri l , deveríamos observa r como fazem os físicos para conseg u i r alcançar seus objetivos , e nos inspirar em seus métodos. para . quem sabe, igualar

seu sucesso.

É preciso, portanto, recusar esse enfrentamento do socialismo com o liberalismo, como se fosse o debate de duas ideologias. O que é uma ideologia? É um conceito estabelecido a priori, elaborado previamente os fatos e os direitos, e que os despreza; é ao mesmo tempo o contrário da ciência e da filosofia, da religião e da moral. A ideologia não é ciência, em boa tenha tentado se fazer passar por tal; não é moral, embora acredite ser detentora de sua chave e poder reivindicar seu mon-

24 Jeune Afrique, 1 • de junho de 1999. Extraído da New York Review of Books.

54

SOCIALISMO VERSUS LIBERALISMO: UM DEBATE DE CARTAS MARCADAS

pálido, ao mesmo tempo em que se dedica a destruir-lhe a própria fonte e condição: o livre arbítrio individual; e não é religião, embora tenha sido freqüente e erroneamente a ela comparada. A religião extraí seu significado da fé em uma transcendência, enquanto a ideologia finge tornar perfeito esse mundo em que vivemos. A ciência aceita, até mesmo provoca, eu diria, os resultados da experiência, que a ideologia sempre rejeitou. A moral repousa sobre o respeito à pessoa humana, enquanto onde reina a ideologia a pessoa é sempre esmagada. Essa foi nesta invenção do lado negro de nossas mentes, que tão alto preço custou à humanidade, além de tudo parece engendrar, em seus adeptos, essa curiosa deformação que consiste em atribuir aos outros sua própria forma de organização mental. A ideologia não pode conceber que se lhe faça alguma objeção se não for em nome de uma outra.

Ora, toda ideologia é uma aberração. Não pode existir ideologia justa. Ela é intrinsicamente falsa, independentemente de suas causas, suas motivações e seus fins, que consistem em realizar uma adaptação fictícia do ser humano a si mesmo - pelo menos a esse "ele mesmo" que decide não mais aceitar a realidade, nem como fonte de informação nem como prova da efetividade de uma ação.

Por isso é uma tolice, quando uma ideologia morre, dizer-se que precisa ser urgentemente substituída. Substituir uma aberração por outra é ceder novamente à migração. Pouco importa, nesse momento, que migração substitua a anterior, porque não é o conteúdo

de uma ilusão que imporia, a sua existência.

O liberalismo não é o socialismo ao contrário, não é um totalitarismo ideológico regido por leis inteletuais e idénticas às aquelas que ele critica. Desprezar esse fato torna absurdo o diálogo entre socialistas e liberais. Assim, na entrevista (relatada no capítulo anterior) com Frédéric Martel, meu simpático interlocutor era, todo o tempo, perseguido pela idéia de que, sendo eu um velho anticomunista

"visceral", que só havia com batido o comunismo para promover o liberalismo.

Como a queda do comunismo fez caducar meu arsenal de guerra, deveria agora.

como ele diz mais tarde em sua resenha sobre minhas memórias, fazer minha autocrítica como sectário do fanatismo liberal, que se tornou inútil. Entretanto, além do fato de o liberalismo nunca ter sido um fanatismo lançado contra outro, nunca aliado contra o comunismo em nome do liberalismo, ou somente em nome do liberalismo. Lutei contra o comunismo, acima de tudo, em nome da dignidade humana e do direito à vida. Que queda definitiva e ridícula das economias estatizadas trouxe argumentos aos economistas liberais - embora muitos socialistas-55

A GRANDE PARADA

liberais ainda o continuam negando, até hoje, ferozmente - isso é incontestável.

mas não é o essencial. Quando estamos diante de uma prisão acoplada a um hospício e a uma associação de assassinos, não ficamos nos perguntando se devemos destruí-los em nome do liberalismo, da socialdemocracia, da "terceira via" do "socialismo de mercado" ou do anarcocapitalismo. Tais coisas são até indecentes, e o debate sobre o liberalismo ou a economia social-estatizada não pode renascer com legitimidade exceto em uma sociedade liberta. Combati o comunismo movido pela mesma "obsessão" que me havia levado, em outros tempos, a combater o nazismo: a "idéia fixa", "visceral", do respeito à pessoa humana. E não para saber quem tinha razão, se Margaret Thatcher ou Jacques Delors, Alain Madelin ou Lionel Jospin, Reagan ou Palme. Essa segunda pergunta pressupõe o restabelecimento de uma civilização livre.

Os sociais e contemporâneos, totalitários light, pelo menos em suas estruturas mentais e verbais, se equivocam ao imaginar que os liberais pretendem, assim como eles próprios, elaborar uma sociedade perfeita e definitiva, a melhor possível. apenas com sinal oposto à deles. Aí reside o contra-senso do debate póscomunismo. Não vale a pena aplaudir Edgar Morin quando recomenda o "pensamento complexo" contra o "pensamento simplista", se depois se reforça o simplismo desproporcional.

Traçando um paralelo pedagógico, examinemos a seguinte constatação: "A liberdade cultural é mais propícia à criação literária, plástica e musical do que o mando estatizante." Esse enunciado empírico, sustentado por uma vasta experi

ência passada e presente, não significa e não implica necessariamente que todas as produções artísticas geradas em condições de liberdade (ou, no seio dos regimes totalitários, em condições de dissidência) tenham sido, sejam ou serão sempre obras de arte. Ora, é assim que entende o socialista! Ele se apressa em citar milhares de livros, de quadros, de peças e filmes medíocres ou inúteis, que eclodiram nesse contexto de liberdade. E gritará: "Estão vendo? O liberalismo não funciona!" Em outras palavras, ele atribui ao liberalismo seu próprio totalitarismo. Considerando-se proprietário de um sistema que resolve todos os problemas, incluindo o da estética, ele acha que basta suprimir o mercado para eliminar a feiúra. O totalitarismo cultural. no entanto, nunca produziu nada exceto feiúra.

Esse fato não é incomum. A estatização não cortou também, pela raiz, a escória da arte capitalista? A análise da própria arte, pelo comando estatal, não teria sido um preço justo a pagar por essa purificação?

56

SOCIALISMO VERSUS LIBERALISMO: UM DEBATE DE CARTAS MARCADAS

É claro, e por favor não pensem que eu o ignoro. que sempre houve artistas que não puderam viver de sua arte e que foram sustentados por príncipes, subvencionados por repúblicas ou apoiados por mecenas privados. Mas, também, houve inúmeros cujo sucesso junto ao público foi suficiente para seu sustento e, até mesmo, para

enriquecê-los. Mas tampouco podemos perder de vista que nem o mercado nem a subvenção garante o talento, o u , ao contrário, a sobrevivência na sua a usência. O mercado pode fazer a fortuna de Carolus Durand ou de Picasso. A subvenção estatal pode prover a segurança necessária a um autêntico gênio mas, também , pode trazer d i n h e i r o f á c i l a u m farsa nte, cu j os principa i s méritos são sua a m izade com o m i n i stro, seu apadri n hamento pol ítico e sua arrogâ ncia em matéria de rela

ções públ icas. Decretar que o mercado é , em s i mesmo, reacionário e que a subvenção é , em si mesma, progressista deriva de uma forma de pensar não apenas simplista, mas i nteressei ra , a maneira de raciocinar dos artistas do parasitismo do dinheiro públ ico.

Por ocasião da visita do Papa João Paulo I à Polô nia, em j unho de 1 999, ouvi um jornal ista da rádio France-Info "informar" seus ouvi ntes dizendo, em suma: o papa sabe que o retorno dos poloneses ao capital i smo lhes trouxe uma certa prosperidade, poré m , em detrimento da j u stiça soci a l . Subentende-se, portanto, que o comunismo l hes havia trazido j u stiça social . Diversos estudos já mostraram a h i pocrisia que existe por trás desse m ito. O capita l ismo certamente não traz igualdade, mas o com u nismo a i nda menos e , além disso, assenta-se sobre u m fu ndo de pobreza genera l izada . Mas eis que, novamente, o com u n ismo é j u lgado pelo que ele supostamente deveria trazer e o capital ismo pelo que real mente traz. Nem isso, para falar a verdade. Porque, se fosse ass i m , teria sido constatado (também nesse caso há i n úmeras análises) que, em 1 989, último ano do regi me com u n i sta , um desempregado recebendo seguro-desemprego no Ocidente gan h ava ci nco a dez vezes mais. em termos de poder aquisitivo real . do que um operário que tivesse u m pretenso "emprego" no bloco orienta l . Ou sej a , foram as sociedades capita l i stas democráticas que i m plantara m os sistemas de proteção social mais vol tados à correção das desigualdades e dos perca lços da vida econômica . Porém. essas constatações são rej eitadas sempre que se começa a comparar a perfeição daquilo que não existe - a utopia com u n i sta - com as i mperfeições daquilo que existe - o capita l ismo democrático.

...

Essa luta de boxe entre socialismo e liberalismo é ainda mais fraudu lenta pelo fato de reinar a confusão entre liberalismo político e econômico, economia de mercado e capitalismo, liberdade de mercado e "selva" sem lei. É trágico, por exemplo, ver um prêmio Nobel de economia, Maurice Alais, até ele, cometer o erro de ortografia *laissez-faire*, com o verbo no infinitivo, ao esbravejar contra as "perversões *laissez-fairistes*".²⁵ Todo mundo sabe, ou deveria saber, que as célebres expressões */aissez faire, laissez passer* de Tu rgot e dos fisiocratas são sinônimos de liberdade de empresa e liberdade de mercado. São expressões no modo imperativo com conotação de atividade, sem nenhuma relação com a imprecisão apática dos infinitivos substantivados, ligados por traço de união, como */aissez-faire*, já degradado para *laissez-a/er*. • Consta que foi um comerciante, François Legendre (ou Le Gendre). quem, pela primeira vez, respondendo a Colbert quando este perguntou com o o governo de sua majestade poderia auxiliar o comércio, teria dito:

"laissez-nous faire."²⁶

Pode perfeitamente existir um capitalismo sem mercado. A empresa privada sem mercado, protegida da concorrência por um poder político com o intuito retributivo, esse é o sonho de muitos capitalistas. Foi o sistema praticado durante décadas na América Latina, capitalismo que, erroneamente, foi classificado de "selvagem" quando na verdade era administrado e organizado para servir aos interesses de uma oligarquia. Foi assim que, quando o "subcomandante Marcos" do Chiapas se autonegava garbosamente "líder mundial da luta contra o neoliberalismo", que chama a vida de "criminosidade humana", estava, na verdade, a serviço do capitalismo privado sem mercado, associado ao monopólio político do Partido Revolucionário Institucional que, durante quarenta anos, em nome do socialismo, manteve o povo mexicano na pobreza em benefício de uma oligarquia.

O capitalismo antiliberal também foi. durante muito tempo, a especialidade do Japão e, como todos sabem, da França. Lá, os inimigos do liberalismo se acotovelam dentro de um balaio onde há comunistas, trotskistas, radicais de extrema direita da Frente Nacional. com uma proporção de alguns socialistas e outra de 25 Le Figaro, 27 de maio de 1999.

*

N. do T.: O autor faz referência a expressões francesas, já

consagradas no português, mas que possuem significados diferentes quando o verbo /laisser (deixar) é utilizado no infinitivo ou no imperativo.

No primeiro caso, a conotação é de negligência, no segundo de liberdade. Entretanto, a distinção não existe em português, pois a pronúncia é idêntica e, em nossa língua, a expressão foi aos poucos adquirindo uma conotação de "fechar os olhos para problemas ou comportamentos inadequados".

26 Citado por Pierre Lemieux, *Ou le libéralisme à l'anarcho-capitalisme*. PUF, 1983. N. do T.: A expressão significa "deixe por nossa conta"

58

SOCIALISMO VERSUS LIBERALISMO: UM DEBATE DE CARTAS MARCADAS

alguns galileístas, muitos neo-keynesianos, protecionistas e subvencionistas culturais, privilegiados do setor público, todos unidos por motivos heteróclitos em uma farra ideológica dispersada e, sobretudo, interesseira.

Durante mais de meio século, o capitalismo francês foi, e ainda continua sendo, em grande parte um capitalismo fechado, um "dublê" da classe política. Todas as fusões entre empresas privadas, ou as operações assim rotuladas, todos os contratos de interesse de organizações públicas e privadas só eram decididos, na França, após consulta e aprovação do governo, e, em muitos casos, do Presidente da República em pessoa. Essa tradição do capitalismo fechado era comum à esquerda e à direita. Ambos ajustavam-se pela necessidade de defender a soberania nacional e a solidiedade social. Direita e esquerda promulgaram leis sociais e aumentaram a carga tributária. Um dos últimos aumentos maciços de impostos ocorreu no governo Juppé. Como disse Nicolas Baverez,²⁷ esse aumento infligiu à nossa economia, em 1995, um golpe tão duro quanto fora o primeiro choque do petróleo, em 1973.

Por isso fiquei indignado, mais uma vez, quando o seguinte trecho foi inserido no ensaio de Alain Touraïne, citado anteriormente: "O fim da ilusão liberal, fizeram-no escrever, enfraqueceu e desorientou a direita, violentamente rejeitada pelo voto direto." Em primeiro lugar, a direita francesa foi muito menos violentamente rejeitada pelo voto direto nas eleições legislativas de 1997 do que a

esquerda o fora , nas eleições de 1 993. Além disso, do mesmo modo que a esquerda, a direita na França não sucumbiu de forma alguma à "ilusão liberal", se é que existe. Se existe, por outro lado, então a União Européia cedeu a ela irremediavelmente. Porque foi a Europa , e não ninguém mais, que nos empurrou na direção do liberalismo e que forçou a França a sair, lenta mas inextinguivelmente, de nossa velha toca "social-estatizante", segundo a expressão de Guy Sorman . 28 O que agora está sendo rejeitado, tanto pelas atitudes, quanto certamente também pelo pensamento de todos, é a ilusão estatizante, com um a quase todos os partidos políticos da França .

Esse aspecto é muito bem analisado por Jacques Lesourne.²⁹ Antigo diretor do jornal *le Monde* e presidente da Associação *Futuribles*, fundada por Bertrand de Jouvenel (o ilustre autor de *Vers l'économie dirigée* 1 Rumo à economia regulamentada I) , Lesourne é um economista e um sociólogo que dificilmente poderia ser definido como um liberal sedento de sangue.

27 Nicolas Baverez, *Les Trente Pittoresques*, 1 997, Flammarion.

28 Guy Sorman, *La Nouvelle Solution libérale*, 1 998, Fayard .

29 Jacques Lesourne, *Le Modèle français*, 1 998, Odile Jacob.

59

A GRANDE PARADA

Em um tom ligeiramente provocativo . e eu diria, da minha parte . um tanto simplista , ele sustenta que da Libertação até os anos 1 975- 1 980, aproximadamente. a França foi . no plano econômico . o que ele chama de uma União Soviética que deu certo. Esse "dar certo" ocorre . diz ele. em torno do Estado, sob a forma de um compromisso entre marxistas e cristãos-sociais. Caracterizou-se por um amplo setor público . controle de preços . de salários, do câmbio e da circulação de capitais . pela regulamentação do crédito e do mercado de trabalho. O modelo coincidiu com os anos chamados. às vezes. de "Trinta Anos Gloriosos". Apesar dos erros gigantescos cometidos, ele se sustentou . graças à eficiência da administração francesa e a uma considerável margem de manobra que foi deixada às empresas privadas. Hoje , diz Lesourne. esse modelo está obsoleto, roto, caduco. Por quê?

Porque ele é incapaz de se adaptar às duas grandes novidades do futuro: a globalização e a sociedade da informação. O acontecimento histórico ao qual estamos assistindo é a agonia do "sovietismo"

à francesa .

Quando o secretário nacional do Partido Comunista Francês. Robert Hue. deseja³⁰ que o governo da esquerda dita "plural", onde figuram muitos comunistas. se afaste das "garras liberais". ele está fazendo um audacioso exercício de futurologia.

Se existem "garras", elas aí não são estatísticas. Porém. os receios de Hue são bem fundados, do seu ponto de vista naturalmente. porque a erosão do sovietismo à francesa. apesar dos sólidos bastiões de privilégios onde ele aí não encontra refúgio. tomou um curso, a partir de agora , irreversível .

Somente a economia de mercado, baseada na liberdade de empresa e no capitalismo democrático, um capitalismo privado. dissociado do poder político mas respeitando o estado de direito. pode se desenvolver liberal . Essa é a economia em vias de se instalar em todo o mundo. muitas vezes sem que o percebam os próprios indivíduos que a consolidam e a ampliam a cada dia. Não se trata de desenvolver se ela é a melhor ou a pior. É que não existe nenhuma outra - salvo na imaginação. Foi o que quis dizer Francis Fukuyama em seu livro *Fin de l'Histoire* 10 Fim da História ! . em 1989. Ele descreve o "ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democratização liberal ocidental como forma definitiva de governo humano". Por expressar uma verdade ao mesmo tempo evidente e escandalosa , seu livro foi um imediato sucesso em todo o mundo e. em seguida, transformou-se em objeto de críticas . Assim que os fiéis seguidores da ideologia defunta se deram conta .

30 Le Figaro, 31 de maio de 1999.

60

SOCIALISMO VERSUS LIBERALISMO: UM DEBATE DE CARTAS MARCADAS

Porque nem é necessário existir a possibilidade do retorno a um mundo totalmenteitário real para que todos aqueles que odeiam a liberdade se ponham a combatê-la e procurem eliminá-la. Mesmo esse mundo totalitário tendo sido destruído, mesmo quando seus partidários não conseguem abraçar senão um vazio. continuam querendo destruir a liberdade, como se o seu oposto fosse aí não uma perspectiva plausível e um programa realizável .

61

Da ilusão à responsabilidade

O ensaio

il/usion de

1 0 François

Passado Fu

de ret , poste

uma I lusã rior

o ! . ao

em 1 fim

9

do

95. fo com

i

u n ismo,

aclamado

le

pelo Pa

gr ssé

ande d'une

público. Fato digno de nota . recebeu comentários favoráveis de quase toda a esquerda i ntelectual e j ornal ística . O sucesso de público dos l ivros contendo forte crítica ao com u n i smo teve vários exemplos. desde a época da guerra e até antes dela. Por outro lado. mesmo quando as "massas" de leitores os aprovavam , as el ites de esquerda os condenavam sem discussão. O fato de a resenha Le Monde des livres ter concedido o título de "obra-pri ma", raramente dispensado por esse jornal . a um livro que contradizia a l i n h a pol ítica segu ida há cinqüenta anos pelo próprio le Monde.

nos inspirava o oti m ismo e a crença de que, fi nal mente, nesse fi nal de sécu lo. a l ição do isolamento com u n i sta havia sido aprend ida . Somente o mais baixo escalão do pensamento fossi l izado. encastelado em alguns raros veículos, entre os quais o Monde Diplomatique, procurou tranqüil izar-se decretando que o trabalho de Fu ret era desprovido de u m m ín i mo de seriedade, e que era um autor notoriamente i n competente como h istoriador, segundo seus grandes inquisidores. Portanto, exceto por algumas i nteressantes exceções. que se expressaram mais por simplicidade do que por m a l ícia, o livro foi aclamado principa l mente entre os próprios leitores, aos quais ele indireta mente aconselhava que revisassem com empenho suas convic

ções de outrora e reava l i assem seus comprom issos recentes.

A GRANDE PARADA

No pri m e i ro momento, tal aceitação i nédita me pareceu originar-se

do fato de que, com a desintegração da União Soviética e do Império soviéticos, a batalha ideológica havia perdido todo o cacife político desde 1991. É bem verdade que eu subestimava, naquele momento, a capacidade da ideologia de sobreviver a toda e qualquer perspectiva possível de aplicação prática. Apesar dessa longevidade das ideologias, que conseguem se dilatar no vácuo, a situação (no sentido dado por Sartre) do *Passé d'une illusion*! Passado dum alusão! diferia profundamente do contexto histórico que cercava o lançamento de livros de inspiração semelhante, no período anterior à queda do comunismo. Esses haviam sido publicados em uma época em que ainda havia dois campos opostos e na qual os argumentos apresentados poderiam ter consequências concretas e influência nas escolhas de militância ou de voto da opinião pública nos países livres.

Ao contrário dos que o antecederam, Furet, como assim explicitamente, aliás, o título de seu livro, fala do passado e não do presente. Em suma, não era mais política e sim história. Isso talvez explique a baixa resistência inicial. Com sua costureira lucidez, Furet confessava sem rodeios ao *l'Événement du jeudi* acontecimentos de quinquenta-férris: "Sem dúvida, eu poderia ter escrito esse livro há vinte anos. Mas seria praticamente impossível e teria levantado uma enorme polêmica. Naquela época (recente), na França, era inconcebível ser ao mesmo tempo de esquerda e anticomunista, a intimidação ideológica era im placável." 32

Além da proteção que lhe conferia o caráter retrospectivo, até mesmo indolor, de sua própria análise, François Furet gozava da reputação de ter conseguido permanecer um "homem de esquerda", provavelmente aos olhos dos comunistas (grupo do qual ele fez parte na juventude) e certamente dos socialistas. Sabemos que um dos sintomas da deterioração do debate na França é quando a "posição" de quem fala (para usar essa horrível expressão) conta mais do que o que a pessoa diz.

François havia conseguido a façanha de continuar classificado como "de esquerda", dessa esquerda que ele criticava tanto quanto eu. Ou até mais, já que também a despira, magistralmente, de seu mito de fundação: a Revolução Francesa. Na mesma entrevista ao *l'Événement du jeudi*, pouco antes da eleição presidencial 31 N. 536 de 9 de fevereiro de 1995.

32 Tendo publicado, exatamente vinte anos antes, *La Tentation totalitaire*, posso confirmar a exatidão do diagnóstico de Furet. Em 1

1976, experimentei pessoalmente os inconvenientes citados por ele, que relatei detalhadamente, com material de prova, em 1977, em La Nouvel/e Censure [A Nova Censura]

(Laffont). Devo dizer que fiquei muito agradecido a François por ter-me reconfortado, durante todo o ano de 1976, com a intimidade de sua amizade, felicitando-me, entre gostosas risadas, por eu ter-me aliciado à categoria de cobaia de uma "experimentação sociocultural" única.

64

DA ILUSÃO À RESPONSABILIDADE

Em 1995, ele teve o cuidado de definir: "Votarei em Jospin sem problema." Com uma falta de lógica paradoxal da qual certamente estava consciente, logo acrescenta:

"Quando encontro os responsáveis pela esquerda, eles me fazem sofrer por causa de sua falta de inteligência histórica." Motivo irrecusável para votar neles, evidentemente!

Pouco mais de dois anos depois da publicação de *le Passé d'une illusion*, surge, em outubro de 1977, *le livre noir du communisme* 10 Livro Negro do Comunismo! . * um volume de oitocentas páginas sobre os crimes do comunismo, de todos os comunismos existentes ou que já existiram no planeta. compilados por uma equipe de historiadores sob a direção de Stéphane Courtois. 33 A obra alcançou um sucesso de público ainda maior que o livro de Furet; mas ao contrário deste, o livro Negro atraiu a fúria imediata e duradoura das elites da esquerda pensante e jornalística. Todos os artifícios, estratégias, trapaceiras e fraudes extraídos do velho arsenal stalinista foram empregados para desacreditar o livro sem discutí-lo e até mesmo antes de sua chegada às livrarias. Tal campanha difamatória foi conduzida pela esquerda não-comunista, com subterfúgios astuciosos, calúnias veementes e vulgaridade exuberante, ultrapassando até mesmo as manifestações dos próprios comunistas. Autoridades universitárias, dispondo de meios para prejudicar a carreira de alguns dos autores, nomeadamente Nicolas Werth e Jean

Louis Margolin, não hesitaram em exercer pressão sobre eles, levando-os a renegar o livro que haviam contribuído para escrever.

Por que tão diferentes reações diante desses dois livros? A matéria-prima de um e de outro era a mesma, embora abordada sob dois

ângulo dos distintos. Tanto é verdade, que François Furet deveria escrever o prefácio do livro Negro, no que foi impedido, inicialmente, por sua morte súbita. em julho de 1997. Por que uma das faces de um mesmo e único ba-lanço havia sido contemplada sem entusiasmo, porém com calma, enquanto a outra era descartada sem análise e sob reações furiosas? Uma explicação plausível me parece ser que o ser humano reconhece, às vezes, que sucumbiu às seduçõs de uma "ilusão" mas quase nunca admite ter sido cúmplice de um crime. Furett aborda o comunismo como um engano intelectual. Aliás, o subtítulo de *le Passé d'une illusion* é "Ensaio sobre o ideário comunista no século XX".

Courtois e sua equipe, por seu lado, fazem o relato macabro das cerca de 80 milhões

*

Stéphane Courtois e outros, *O Livro Negro do Comunismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora e Bertrand Brasil, 2000.

33 Robert Laffont.

65

A GRANDE PARADA

de mortes que, além das violentas devidas às guerras e outras catástrofes "normais"

por assim dizer, podem ser diretamente imputadas à própria lógica do sistema comunista. E, aliada uma razão, se podemos confessar ter cometido um erro, bem mais difícil é confessarmos haver cometido um crime, ou ter sido cúmplice, ou ter fechado os olhos quando não podíamos ter ignorado que um crime estava sendo cometido.

Com certeza, jamais tendo assumido o poder, os comunistas ocidentais não puderam rivalizar em maldade com seus modelos estrangeiros; tampouco eles são os autores dos crimes perpetrados na União Soviética, na China, em Cuba, no Vietnã, no Camboja, na Etiópia e em outros paraísos da face da Terra. Mas inúmeras evidências comprovam atualmente que, na maioria dos casos, eles tinham informação a respeito, ou poderiam ter se não cultivassem a cegueira voluntária. Não é fato que um dos mestres do pensamento do pós-guerra, Jean-Paul Sartre, incutira na esquerda intelectual sua

teoria da responsabilidade? Não foi ele quem lhes ensinou que, para ser responsável por um crime, não era preciso ser pessoalmente o autor desse crime?

Que bastava o ter deixado ocorrer, sem tentar impedi-lo ou sem denunciá-lo? E que se alguém decidia ignorar um crime, é porque essa pessoa havia escolhido deixar que ele fosse cometido? O engajamento, segundo Sartre, não é uma simples possibilidade: é um fato, um dado. Não é agradável ser confrontado com esse dado quando se foi militante, partidário, simpatizante ou simplesmente indulgente em relação aos crimes comunistas. Isso explica o ódio ressentido contra o livro Negro.

contrastando com as lânguidas e melancólicas confissões sussurradas após a publicação de *le Passé d'une illusion*.

Não pretendo abordar aqui toda a riqueza histórica e intelectual desse grande livro, ao qual prestei minhas homenagens quando de sua publicação. 34 Limitar-me-ei a recordar as duas principais explicações fornecidas por Furet sobre a "ilusão" passada e que são lembradas pelos leitores que se sentem afetados pela mencionada ilusão ou por sua herança atual. A primeira remete ao papel preponderante, organizador e classificador desempenhado pela "paixão revolucionária", desde 1789, primeiramente na França, e depois em outros países europeus - Itália, Alemanha, Espanha, Rússia, no primeiro momento - e finalmente em todo o mundo. A idéia de que não há possibilidade de melhoria de uma sociedade através de reformas graduais; a convicção de que, para progredir, é preciso destruir completamente todas as sociedades existentes e substituí-las por outras. reconstruídas a 34 Le Point, 14 de janeiro de 1995. Artigo retomado em minha coletânea *Fin du siècle et des ombres* [Fim do século de trevas], Fayard, 1999.

66

DA ILUSÃO À RESPONSABILIDADE

partir do zero; essas concepções redentoras da política permitiram entrever em que medida o orgulho de estar a serviço de um "amanhã radioso" estrangulou. ao mesmo tempo, o espírito crítico e o sentido da moral em milhares de pessoas. tanto os trapaceiros quanto os trapaceados. Estou inteiramente de acordo com essa análise, que eu mesmo desenvolvi em 1992, em meu livro *le Regain démocratique*. 35

A segunda explicação de Furet, sem dúvida sua idéia mais central e a mais pertinente para o século XX, que foi o comunismo realizado, consiste em mostrar como, a partir da década de 1930, o dever sagrado da luta antifascismo suscita uma santa-aliança de todas as forças de esquerda, aliança que beneficia os comunistas, por ter sido habilmente manipulada por eles. Furet disseca muito bem³⁶

a estratégia do Comintern que, a partir de 1934, "torna-se especialista em utilizar a acusação de fascismo contra todos os seus adversários. de direita ou de esquerda".

Até esse momento, os comunistas qualificavam de "fascistas" não apenas os adeptos de Mussolini ou de Hitler, mas os liberais e os socialistas dos países democráticos. A partir daí, eles passam a admitir que se pode ser um antifascista sincero sem ser comunista. desde que o indivíduo não seja tampouco anticomunista. Eles dão um ultimato à esquerda e a todos os democratas. nos seguintes termos: vocês não têm direito de criticar Hitler se não renunciam a criticar Stalin. ³⁷ De certa forma, os comunistas colocam algemas na esquerda e nos democratas, fazendo-os subscrever um princípio que resistiu até mesmo ao pacto entre Hitler e Stalin. em 1939: ser anticomunista é, necessariamente. ser fascista ou, pelo menos, reacionário. É nessa época que se cristaliza uma sentença duradoura. Vinte anos mais tarde, ela irá expressar-se. principalmente, pela famosa e deplorável acusação de Jean-Paul Sartre

- "todo anticomunista é um cachorro". Mesmo no ano 2000. apesar de ter o comunismo real caído na infâmia e no ridículo. aqueles que o combatiam quando ele era poderoso ainda eram considerados "reacionários". Cinquenta anos após o desaparecimento do nazismo e do fascismo. dez anos após o desaparecimento do comunismo. a lavagem cerebral implantada pelo Comintern³⁸ nos anos trinta ainda funciona!

³⁵ Ver Capítulo IV : " La notion de révolution, source du sophisme totalitaire" ; e o Capítulo VI 1 : "Révolutions contre la Révolution".

³⁶ Capítulo VIII : "La Culture antifasciste" .

³⁷ A respeito desse período, ver o livro esclarecedor de Christian Jelen, que cita Furet, Hitler ou Staline.

Flammarion 1988. tome-se claro da tenacidade da mentira ideológica que, em plena glasnost soviética, esse livro tenha sido

execrado, na França, no mais p u ro est i l o sta l iniano, pelos críticos de esquerda, mesmo os não-comunistas.

38 Em sua Histoire de l'Internationale communiste (Fayard 1 997), Pierre Broué explica que se deve usar a expressão "a Comintern", já que "l'Internationale", em francês, é uma palavra feminina. E que não se deve escrever Comintern com "K". Eu uso o "C" mas não aceito o feminino. O hábito de falar "o Comintern" já está tão enraizado, e há tanto tempo, que resolvi mantê-lo. Boris Souvarine já insistia para que se usasse o "C".

67

A GRANDE PARADA

Assim foi que, logo após a publicação de O livro Negro do Comunismo, vimos proliferar as acusações de fascismo contra os autores. A revista l'Histoire⁹ (que costumava ser mais ética) observa a estranha coincidência entre o lançamento do livro e a realização de uma reunião da Frente Nacional cujo tema era o processo contra o comunismo. A mesma correlação aparece, evidentemente, no l'Humanité.^{4º}

mas esse período tem a desculpa de só servir para isso. Eu diria mesmo que sempre foi um indicador muito útil para se distinguir o verdadeiro do falso, já que ninguém ignora que, a partir do momento em que ele publica algo, basta tomar o sentido contrário para obter-se a versão mais próxima possível da verdade. É

bem prático. Depois do l'Humanité vêm - ora veja! Témoignage chrétien⁴¹ e

le Monde.⁴² Nesse último, Patrick Jarreau lança a fatídica maldição: a "referência aos crimes contra a humanidade e aos processos de Nuremberg lembra os argumentos sustentados tantas vezes por Jean-Marie Le Pen, presidente da Frente Nacional". O aspecto intrigante no automatismo dessas eructações repetitivas é sua pobreza. Como é possível que em 24 anos a esquerda não tenha encontrado para fazer nada melhor do que acusar de fascistas todos os seres pensantes que ousam esfregar-lhe no nariz seu verdadeiro curriculum vitae. ou

mesmo estar em desacordo com suas opiniões. não apenas políticas. mas filosóficas, econômicas ou artísticas? Para o diretor do Monde, Jean-Marie Colombani, o livro Negro serve de "álibi para aqueles que desejam provar que se um crime compensa outro.

as últimas barreiras que nos protegem da legitimação da extrema direita caíam por terra. "Estranha concepção utilitária da pesquisa científica! Em que medida o trabalho dos historiadores acerca dos crimes dos colonizadores franceses teria por finalidade discutir os crimes dos colonizadores espanhóis ou ingleses? Para Madeleine Rebérioux,⁴³ presidente de honra da Liga dos Direitos do Homem, o objetivo de Stéphane Courtois é "de certa forma" (de que forma? sejamos precisos, por favor!) inocentar Papon, o prefeito pró-Vichy cujo julgamento estava ocorrendo nesse mesmo momento em Bordeaux. Não precisam nos desfiar um rosário dizendo que devemos distinguir entre comunismo e stalinismo, que seria a sua deformação

ção, já que os mais grosseiros golpes baixos stalinistas continuam em voga entre os membros da alta e baixa inteligência parisiense e seus sócios políticos. 44

39 Novembro 1997.

40 Em 7 de novembro de 1997.

41 Em 28 de novembro de 1997.

42 Em 9 de novembro de 1997.

43 Le Journal du dimanche, 2 de novembro de 1997, e L'Humanité, 7 de novembro de 1997.

44 Pode-se encontrar um notável e minucioso panorama desses golpes baixos em: Pierre Rigoulot e Ilios Yannakakis, Un pavé dans l'Histoire. Le débat français sur le "Livre Noir du Communisme", Robert Laffont, 1998.

68

DA ILUSÃO À RESPONSABILIDADE

O historiador Pierre Vidal-Naquet descobre, nos autores do satânico livro Negro, o desejo de "substituir os crimes do nazismo com os do comunismo e não apenas os do stalinismo, à guisa de contraste universal".⁴⁵ Será que posso recordar que, até hoje, na verdade, os

crimes do nazismo é que foram sistematicamente

"trabalhados" para ocultar, minimizar, ou mesmo justificar os do comunismo? Será que posso também me surpreender com a concepção segundo a qual a exibição da série de crimes comunsistas totalitários serviria para atenuar a gravidade da outra série? A descrição precisa dos crimes do comunismo não absolve os do nazismo nem o inverso ocorre. Será que podemos chamar de pesquisadores científicos esses sectários que sustentam uma tal argumentação, ou seja, que colocam o conhecimento da verdade em segundo lugar depois das consequências que esse conhecimento poderá ter para sua causa querida se ele for demasiadamente esclarecedor? No entanto, a socióloga Annette Wieviorka ostenta essa mesma bandeira, como que o estandarte de um "lyssenkismo" histórico-sociológico. Segundo ela, na verdade, o livro Negro tende a "substituir, na memória dos povos, a criminalidade nazista pela criminalidade comunista".⁴⁶ Que incrível farsa! Como é possível dizer que o estudo de um fenômeno histórico deveria "substituir na memória dos povos" o estudo de um outro fenômeno histórico?

Sorrimos com indiferença ao ver essas tiradas grotescas vindas de politiquinhos de baixo nível. Mas de pesquisadores científicos! A chave do enigma é que eles querem, isso sim, obter para eles próprios aquilo que acusam os outros de fazer, no sentido inverso: querem utilizar o nazismo para impedir que se exponha demasiadamente a verdadeira história do comunismo.

No dia 4 de dezembro de 1997, participei do programa de Jean-Marie Cavada,

"La Marche du siècle LA Marche do Século I". consagrado nesse dia ao livro Negro.

Voltarei a esse tema. mas gostaria apenas de lembrar o gesto tão significativo de Robert Hue, secretário nacional do Partido Comunista Francês. que, no final. exibiu de repente um exemplar do jornal Nationa/ Hebdo, de tendência "lepenista" e dirigiu-se a Stéphane Courtois, também presente, acusando-o (isso começa a virar um hábito!) de entrar no jogo da extrema direita, que "convoca um novo julgamento dos comunsistas e dos judeus". A tolerância com esse tipo de procedimento. o fato de ele não desonrar definitivamente aqueles que o utiliza, o fato de que o primeiro nome de um partido que tem representação no Parlamento e que participa do 45 Critique communiste, fevereiro de 1998.

A GRANDE PARADA

Governo possa empregá-los rotineiramente em um programa de televisão de um canal dito público, ao mesmo tempo fazendo-se passar por um comunistas "moderado", um cérebro marxista de um "novo tipo", prova que a esquerda francesa está longe de acertar seus ponteiros com a hora histórica contemporânea. Essa esquerda, é bem verdade, prefere fazer o julgamento da História, que teria se enganado ao banir o comunismo, a fazer o seu próprio julgamento, já que ela estava, e ainda está. no caminho certo segundo ela mesma avalia, orgulhosa. No colóquio dos intelectuais do Leste e do Ocidente, já mencionado anteriormente, pôde-se ouvir uma senhora que gritava: "Será que cometemos algum erro? De jeito nenhum! Foi a História que mudou de direção. "

Mas preciso com urgência apresentar um quadro claro da imprensa e dos intelectuais de esquerda, entre os quais, felizmente para a França, uma parcela importante. incluindo a que detém maior autoridade, soube mostrar-se à altura da questão colocada pelo livro Negro, ou, mais precisamente, da resposta dada por esse livro à questão da criminalidade comunista. Ao contrário de Pierre Bordieu, que se acomodou na inépcia que só encontramos na "esquerda da esquerda" (guardemos esse tesouro. "referencial" indispensável!) ao escrever no Le Monde⁴¹ que nossa sociedade "ultraliberal" (aplausos, por favor) estava sendo moldada "por uma 'fasciação' avassaladora ou declarada", outros salvaram a honra de sua família política! Jean Daniel e Jacques Julliard, no Le Nouvel Observateur. Jacques Amalric e Laurent Joffrin, no libération, são alguns daqueles que, juntamente com André Guckersman, cumpriram com firmeza o dever da honestidade intelectual e da moral. que exige, em primeiro lugar. com hecer as fatos e deles tirar ensinamentos, sem deturpações obsoletas. Esse dever foi expresso por Jean-François Bouthors nesse belo trecho de um artigo do La Croix:⁴⁸ "É preciso ler esse livro página por página e não se embarcar na polêmica que suscita sem antes respeitar as vítimas sobre as quais ele fala. Ler-se-á página por página, do começo ao fim. Cada página lida, pode-se dizer, é um passo. embora modesto, se comparado aos passos dos deportados. e sempre estaremos longe demais do fim para que possamos fazer uma idéia do drama, do sofrimento. . . Depois de ter lido tudo, a ísim poderemos falar a respeito, poderemos discutir. Assim teremos

cumprido nosso dever de louvar a memória e respeitar a honra das vítimas. Porque trata-se de vítimas, mais do que de ideologias, de intenções políticas."

47 Em 8 de abril de 1998.

48 Em 13 de novembro de 1997.

70

DA ILUSÃO À RESPONSABILIDADE

Assim, com frequência, observamos entre os intelectuais jornalistas que, nesse caso, souberam ter mais escrúpulos em relação à verdade histórica do que certos historiadores oficiais, comodamente instalados nas instituições universitárias de altos estudos e baixo nível de produção. Lá mencionei como dois escritores que contribuíram para o livro Negro, Nicolas Werth, autor do capítulo sobre a União Soviética, e Leon Louiss Margolin, autor do capítulo sobre a China, sofreram pressões da parte de seus superiores hierárquicos na universidade, que os submeteram praticamente a uma chantagem com relação ao futuro de suas carreiras, intimando-os a se retratarem o que fizera claramente no programa de Bernard Pivot

"Boui/Jon de culture l Caldo de cultura l". em 13 de novembro de 1997.

Esse abuso de poder ilustra bem os estragos do centralismo universitário francês e seus efeitos esterilizantes da vida intelectual na ciência. Nos países onde o ensino superior e a pesquisa estão disseminados entre dezenas de universidades independentes e livres de um poder central que as controle de uma só vez, um pesquisador pode perfeitamente posicionar-se na contramão da tendência ideológica dessa ou daquela universidade, sem que por isso se veja impedido de prosseguir com seu trabalho e ganhar sua vida. Se ele tiver méritos, uma universidade acolherá, sem levar em conta preconceitos que coloque em risco os resultados de suas pesquisas. Na França, a situação

que é completamente diferente. cada campo da pesquisa de alto nível obedecendo ao controle de um potente que ocupa uma alta posição política, senão absolutamente nas nomeações e dos créditos, e do qual são servos intelectuais e pessoas todos aqueles que desejam sobreviver. Devo acrescentar que, a obrigação de se "retratar", o superior de N

i co l a s Wert h reve l o u o baixo n ível d e s u a con s c i ê n c i a c i e n t í f i c a . Porq u e podemos nos retratar d e u m a o p i n i ã o , n u n c a d e u m fat o . Obrig ar à retrata ção u m h i storiador q u e d i z :

" N apoleão perd e u a bata l ha de Waterloo" é fruto da fa rsa tota l i tária e não d a controvérs i a h i stórica .

Ta i s mesq u i n h a rias não devem mascarar o cerne do problema. Se o livro Negro provocou a "enorme polêm ica" que François Fu ret se comprazia em haver evitado quando escreveu le Passé d'une illusion, é porque ele a rticu l a , s i m plesmente reagrupa ndo o con j u nto dos m a l feitos do com u n ismo e deixando fa l a r mais a lto a rea l idade. u m repertório m u ito mais esmagador para o com un ismo (e para todos a q u e l e s q u e o aclamara m o u aceitara m) do que o l i vro lançado a penas um ano antes.

71

A GRANDE PARADA

A "pa ixão revol ucionária" citada por Fu ret , como toda paixão, pode ser cega. É

uma fraqueza à qual . no caso do com u n ismo, devemos lamentar ter sucumbido: não é u m cri me. A solidariedade antifascista pode ter sido uma armad i l h a na qual caímos, mas foi u m a armad i l h a honrada. Os i ngênuos que se deixaram levar cometera m sem dúvida u m erro de j u lgamento, não u m pecado contra a mora l .

Não foi agradável ser chamado d e bobo por Fu ret , m a s pelo menos isso n ã o era o mesmo que ser chamado de cri m i noso.

Com o livro Negro, passa mos da repreensão paternal ao tribunal do j ú ri . Legiões de cri m i nosos com u n i stas desfi l a m , pel a pri m e i ra vez, em tra j e de ga l a , i nventariados e orga n izados em u m a síntese exa ustiva . É bem verdade que cada um dos dossiês reu n idos nessa obra vol u mosa contém informações que, ao menos em parte, já eram conhecidas há m u ito tempo. Entretanto, chegavam ao Ocidente em pequenos fragmentos sepa rados e referentes ora a u m país com u n ista , ora a outro, era relativamente fácil contestá-las, fi ngir não as ver, enterrá-las o mais rápido possível . A h i stória dessa autodes i n formação do Ocidente foi escrita em paralelo à própria h i stória do com u n i smo.⁴⁹ A novidade trazida pelo livro Negro, fonte de seu violento efeito de choque, é que ele apresenta o somatório. Além

disso, como fruto de um trabalho profissional de pesquisa e pesquisas, ele acrescenta novas informações às já registradas. Ele controla, verifica, corrobora e completa. Dele se extrai um a conclusão: o comunismo foi algo diferente e bem pior do que uma "ilusão" - foi um crime. Ter sido comunista significou ter sido coautor ou cúmplice de um crime colossal contra a humanidade.

Além disso, a "convivência", como dizia o pobre Cardeal Decourdray, adotada por várias alas da esquerda não-comunista em relação ao comunismo, poderia ser explicada, durante a década de 1930, pelos imperativos da luta antifascista. Mas (e esta é uma objeção que muitas vezes fiz a Furet, tanto em minha resenha sobre seu livro quanto em vários debates posteriores, em público ou reservados) essa justificativa deixa de ser pertinente após a guerra e, mais ainda, na década de 1970. Ora, foi exatamente nesse período, quando não havia mais qualquer perigo real de fascismo na Europa e, ao contrário, acabavam de desaparecer o franquismo e o salazarismo, que vimos os socialistas se voltarem novamente para Marx e se reaproximarem do PCF, da União Soviética, atirando no inferno da eterna reação os 49. Entre as obras mais recentes consagradas a esse suicídio político-intelectual, citarei Christian Jelen, *L'Aveuglement* [A Cegueira], Flammarion, 1984, e Pierre Rigoulot, *Les Paupières lourdes* [As Pálpebras Pesadas], Éditions Universitaires, 1991. Há muitas outras, em todas as línguas, publicadas desde há muito tempo.

72

DA ILUSÃO À RESPONSABILIDADE

poucos obstáculos que analisavam o comunismo sem complacência. Furet exagera um pouco quando sugere que os socialistas sempre respeitaram o comunismo, honrando o preceito: "Sem inimigos à esquerda!" Mesmo sem voltar ao congresso de Tours, na década de 1920, ao peregrinar "Fogo em Léon Blum! Fogo na socialdemocracia", do peregrino Aragon, devemos lembrar que a Segunda Internacional e, na França, a SFIO renovaram, na Resistência e após 1945, sua tradição antitotalitária. O socialista Jules Moch, ministro do Interior de 1947 a 1950, não parece ter-se deixado paralisar pelo medo de ser considerado anticomunista quando repri-miu sem hesitação as greves insurrecionais do inverno de 1947-48, nem quando expôs, sem meias palavras, na tribuna da Assembléia Nacional, os segredos do Banco Soviético na França e seu papel no financiamento do Partido Comunista Francês a partir de Moscou. Foi um presidente do Conselho Social

l ista , Pau l Ramadier, quem expulsou d o Governo, e m maio d e 1 947, o s m i n i stros com u n i stas.

E nessa época , o adágio favorito da SFIO era : "Os com u n i stas não estão à esquerda , estão no Leste." O tabu de que a década de 1 930 haviam proscrito à esquerda o anticom u n i smo e o anti-sovietismo havia sido, porta nto , pulverizado. Ele acabou de cai r aos pedaços por ocasião das revoltas populares de Berl i m Orienta l . em 1 95 3 , da Polônia e da H ungria em 1 956, revoltas reprim idas pelas forças soviéticas de ocupação com uma selvageria que todos conhecemos. Durante as décadas de 1 940 e 1 950, a relação entre as duas esquerdas se i nverteu. Em vez de curvar-se e continuar agüentando a chantagem com u n i sta - "se vocês são anticom u n i stas, então vocês são fascistas" -, os democratas de esquerda tornaram-se procuradores e foi sua vez de i nterpelar os com u n i stas, exige ndo-l hes que se explicassem acerca da conduta inqualificável da U n ião Soviética na Europa Centra l . O "relatório secreto" de N i k i t a Khrushchev em 1 956 acabou de desacreditar os com u n i stas como paladinos da l i berdade. E a construção do Muro de Berl i m , em 1 96 1 , apenas refor

çou esse descrédito.

Por isso é tão su rpreendente ver, d u rante a década de 1 960 e, mais ai nda, na de 1 970, reconstituir-se o tabu que proíbe o anticom un ismo à esquerda - e mesmo à d i reita ! Constata-se então. na França , a adoção do " Programa com u m " socialcom u n i sta, cujas origens não estão de modo algum l i m itadas às causas eleitorais l igadas às i m posições do voto maj oritário, mas trad uze m , s i m , uma retomada de profu ndas convicções marxistas-len i n i stas entre a nova geração socia l i sta. W i l l y Brandt, na Aleman h a , O l o f Pa l m e , na Suécia , Kalevi Sorsa , na Fi nlândia, também direcionara m a socialdemocracia no sentido pró-soviético. E, sob sua i n fl uência , a

A GRANDE PARADA

I nternacional Soci a l i sta , pela pri m e i ra vez em sua h i stória , pôs-se a fazer a corte a Mosco u . Entre os governantes socialdemocratas da E u ropa , somente Maria Soares , em Portuga l , e Fel i pe Gonzalez, na Espa n h a , resist i ra m a essa evol ução. Foi j u stamente n o período em que se tornou i mpossível ignorar não apenas o caráter i rremediavel mente despótico de todos os regi mes com u n i stas, mas também seu crôn ico fracasso econôm ico e cultura l , que os progressistas ocidentais se pusera m a copiar como n u nca a sua

doutrinista. Assim, em 1977, o Partido Socialista francês dá à luz uma Pequena Bibliografia Socialista, destinada à formação teórica de seus adeptos. Essa brochura é ornada por um prefácio de Lionel Jospin, secretário nacional e futuro primeiro secretário do PS, e aspirante ministro da Educação, candidato à Presidência da República e a Primeiro-Ministro. A lista de "clássicos do socialismo", cuja leitura é recomendada aos militantes, é formada quase exclusivamente de clássicos ... do comunismo. Com exceção de Jaures e Bium, cujas obras teria sido difícil para o PS francês censurar, a Bibliografia, seguindo uma autêntica lógica leninista, não menciona nenhum dos autores fundamentais da tradição do marxismo reformista - Karl Kautsky, Otto Bauer ou Edouard Bernstein. Seguindo a tendência do sectarismo bolchevique, esses inimigos de Lenin merecem o ostracismo. Além, evidentemente, de Marx e Engels, sobressaem, como não poderia deixar de ser, o próprio Lenin, seguido de Rosa Luxemburg, Antonio Gramsci, Mao Tsé-tung (cujos crimes já estavam, em 1977, amplamente documentados e cuja futuramente filosófica já havia sido completamente desmascarada por Simon Leys) e finalmente Fidel Castro, outro virtuoso dos pelotões de fuzilamento, que mesmo os soviéticos nunca ousaram elevar à categoria de pensador. Chegamos a lamentar que o PS não tenha também encorajado seus militantes a se impregnarem das obras desses titânicos intelectuais que foram Kim Il e Sung e Enver Hoxha.

Portanto, relacionar a existência dos anticomunistas à necessidade de contra-atacar o fascismo parece-me ser ressaltante daquilo que o próprio Furet, em sua obra *Penser la Révolution française ! Pensando a Revolução Francesa !*, recusava como sendo uma vazia "explicação pelas circunstâncias", no caso, imutáveis.

Preciso dizer que e todos os elementos que podem calar os detratores do livro Negro já estão disseminados no *le Passé d'une illusion*. Furet não teria aceito a tarefa de prefaciá-lo, trabalho empreendido por Stéphane Courtois e sua equipe, tarefa que sua morte prematura o impediu de realizar, se não estivesse convencido da veracidade dos resultados. Ocorre que, para o grande público, a imagem simplificada do ensaio de Furet repousa sobre as duas noções de "ilusão"

ivu lgação em massa termina reduzida a um pequeno n úmero de
teses. tanto mais reduzido quanto maior for sua audiência.

O m i stério das reações ao livro Negro reside no fato de que a ladai n
ha farisaica pró-com u n i sta e o ódio mortal contra o anticomunismo
sobrevivera m não apenas a q u a l q u e r a m eaça fascista mas a
todas as espera nças com u n i stas ! Fu ret assinala clara mente esse
pa radoxo no epílogo do Passé d'une illusion: "Às vésperas da implosão
do regime fu ndado por Len i n , o anticom u n ismo é , sem d úvida
alguma, mais ampla mente condenado no Ocidente do que nos vel hos
tem pos da vitória do a n t i fasci s m o . "

N e n h u ma d a s j ustificativas apresentadas desde 1 9 1 7 a favor do
com u n ismo rea l resist i u a sua apl icação; nen hum dos obj etivos
que ele se propunha atingi r foi atingido: nem a l i berdade, nem a
prosperidade. nem a igualdade, nem a paz. Fel izmente desaparece u ,
sob o peso de seus próprios defeitos. mais do que dos golpes de seus
adversários. E . no entanto, talvez nu nca tenha sido tão ferozmente
protegido, por tantos censores i nescrupulosos . como depois de seu
naufrágio.

Que abnegação é necessá ria pa ra malhar em favor de u m sistema
pol ítico e ideológico que não tem mais futu ro, nem mesmo presente ,
e cujo passado é tão grotesco. estéri l e sangu i nolento ! Levar tão
longe o sacrifício vai untá rio da própria i ntel i gência é u m a prova
d u ra pa ra a auto-estima, mas permanece um enigma : o do home m
. sem dúvida.

75

6

Pânico entre os revisionistas

Não são

Na Fr m

ançua itos

, há os

u mrevi

a sionis

lei (Lei tas nazist

Gayssot , as. Os

nome pró-com

do

u n i s

deputado tas são

com u n i uma

sta a le

u gião.

tor da

sua redacção e que, é compreensível . viu os crimes contra a h u manidade com u m olho só) q u e prevê sanções contra a s mentiras d o primeiro grupo. O s outros podem negar impu nemente a cri m i na lidade de sua facção ou cam po preferido. Não falo apenas da facção ou campo pol ítico, no si ngu lar, mas ta mbém dos ca mpos de concentração, no p l u r a l : o gulag soviético do passado e o /aogai" chi nês de hoje, em plena atividade, que têm como marca registrada m i l hares de execuções sumárias a cada ano. E esses são apenas os principais exemplos de u m tipo de estabelecimento i nerente a todo regime com u n i sta.

Entende-se assim que, habituados a essa desigualdade de trata mento, os revision i stas pró-co m u n i stas tenham ficado chocados quando da publicação do livro Negro, que estabelece de modo claro duas verdades: o comu nismo sempre foi e cont i n u a sendo i ntrinsecamente cri m i noso; e, nesse aspecto, ele em nada d i fere do nazismo.

U m a torrente de i m p recações derramou-se, porta nto , contra os autores blasfemos. O d i retor do Monde os acusou de "casuísmo", enquanto Lily Marcou não

*

N . do T.: gu/ag e /aogai" são denomi nações dos campos de concentração implantados pelos regimes c o m u n istas, respectivamente na ex- U n ião Soviética e na C h i n a .

A GRANDE PARADA

percebia esta r cometendo esse erro ao fal a r. sem m u ita i
magação. de "presente oferecido à Frente Nacional no momento do j
u lgamento de Papon". Al iás. essa é u m a das astúcias recorrentes da
esq uerda pró-tota l itári a : recu sar os fatos sob pretexto de que.
mesmo comprovados . o momento é i n adequado para falar sobre eles
e só beneficia o fasci smo. Logicamente. para o com u n i sta G i l les
Perra u l t . o l ivro era u m a " i m postu ra i ntellectual" e para o
trotskista Jean-J acques Marie. u m a fraude. Ficamos estu pefactos
com a pobreza dessas acusações. que se repetem .

i m utáve i s . desde as décadas de 1 920-50, contra Pa nan lstrati .
Boris Souva r i n e .

Victor Serge, André G i d e . Arth u r Koestler. David Rousset, Victor
Kravtchenko, Robert Conquest e outros. São as mesmas ofensas que
receberam a p u b l i cação de O

Arquipélago Culag - quase vinte anos após o relatório Kh rushchev! Se
alguém q u iser estudar u m s i stema mental que fu ncione
inteiramente d i ssociado dos fatos e q u e e l i m i n e i m ediatamente
toda e qualquer i n formação q u e contradiga sua visão do m u ndo,
deve estudar o s i stema dos i n i m igos da h i stória científica do com
u n i s m o . São laboratórios de teste i n s u peráve i s . Às vezes
ocorre q u e os com u n istas registrados ou seus jornalistas j u
ramentados mostram -se mais ágeis nas técn i cas de esqu iva do que
seus i nábeis a l i ados. Eventual mente. e l es admitem que "não se
trata de negar os crimes re latados no livro Negr d' , nas pa lavras de
Rég i n e Defo rges em sua crô n i ca no l'Humanité. 50 De que se t
rata então? De s u stenta r a tese de que esses crimes não representam
o com u n i s m o . Essa é a tática q u e a p l i ca rá . i m pertu rbáve l .
o secretá rio naci o n a l do PCF. Robert H u e .

d u rante todo o progra ma " La Marche d u S i ecle" , j á mencionado.
do q u a l participou em com pa n h i a de Stéphane Cou rto i s .
Andrei G ratchev. ant igo porta-voz de Go rbachev e a utor da obra
l'Histoire vraie de la fin de /URSS, 5 1 Jean Ferrat.

ca ntor vedete com u n ista . e Jacques Ross i . Esse ú ltimo. quase
nonagenário, antigo mem bro fra ncês da I nternacional com u n i sta .
havia sido preso em Moscou a ntes da guerra , sob a l egações
imaginárias. como ta ntos outros bons e fi éis servidores com u n ista s
. e enviado ao gulag, onde passara 19 i n strutivos anos. Ele acabara
de publ i ca r - por i sso fora co nvidado por Jean-Marie Cavada - o l

ivro Manuel du Gulag l Manual do G u l a g l . um "dicionário h i stórico".52 Nesse l ivro ele demonstra . graças a sua experiência como antigo cl iente desse tipo de vilegiat u ra .

que o gulag e ra m u ito m a i s do que u m ca m po de concentração repressivo e exterminador. "O gulag", diz e l e , "servia como u m laboratório pa ra o reg i m e 5 0 Em 1 8 d e novembro de 1 99 7 .

5 1 ♦ditions d u Rocher. Traduzido do russo p o r G a l i a Ackerman e Pierre Lorra i n , 1 992.

52 Le Cherche- M i d i editor, 1 99 7 .

78

▪

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

soviético, em s u a tentativa de criar uma sociedade ideal: posição de sentido e pensamento u n i fi cado. " (Os gri fos são meus .) Palavras d u ras para o s com u n i stas presentes a o programa. Por isso Robert H ue aplicou d u rante toda a transmissão seu plano de bata l h a , dividido em duas partes.

" Pri meira mente", d i sse ele, "reconhecemos a existência dos fatos abomi náveis relatados no Livro Negro. Em segundo l ugar, esse fatos abomi náveis não têm nada a ver com o comunismo. Eles são uma perversão do regime. Não decorrem dele, mas sim o trae m . "

É de se adm i ra r que esses socia l i stas "científicos" defendam com tanta i ngen u idade a existência de fenômenos h istóricos sem causa. e que, além d i sso, ten h a m o péssimo hábito de se repeti r com a regularidade de uma órbita astra l . A repressão em campos de concentração ou em cá rceres, os processos fraudu lentos, os expu rgos assassi nos, as ondas de fome provocadas acompanham todos os regimes com u n i stas, sem exceção, ao longo de sua trajetória . Seria fortu ita essa associação? Será que a verdadeira essência do comu n ismo reside no que jamais foi . ou n unca produzi u? Que sistema é esse, então, dizem ser o melhor e jamais foi concebido pelo homem , porém dotado dessa propriedade sobrenatural de n unca consegui r colocar em prática senão o contrário do que prega , al iás sua própria perversão?

No programa Bouillon de culture de 7 de novembro, os com u n i stas presentes já haviam sustentado que a h i stória do com u n i smo rea l

não tinha qualquer relação com o comunismo. Mas então por que insistem em negar os crimes desses regimes totalitários que, segundo vocês mesmos, não eram comunistas? Se continuam gostando deles . é porque, na verdade, eles eram pelo menos um pouco comunistas . . . Do contrário, teremos , de um lado, uma série de causas representantes da mais sublime perfeição e do outro, uma de efeitos dos mais execráveis da história da humanidade. Isso não é mais o materialismo histórico , é magia negra .

Apesar de seu absurdo raciocínio, os comunistas presentes ao Bouillon de culture atingiram seu objetivo, que era o de cortar a palavra de seus interlocutores historiadores , tantas vezes que os telespectadores praticamente não conseguiram entender qual era exatamente o conteúdo do Livro Negro. Missão cumprida . Como

"saideira", um dos comunistas conseguiu até mesmo achar um rótulo para Stéphane Courtois . . . de anti-semita !

No la Marche du siècle, Robert Hume nos empurra o mesmo refrão: o comunismo era uma linda cerejeira na qual . por um acaso incompressível . só brotavam cogumelos venenosos . Para ilustrar esse raciocínio poderosamente racional .

79

A GRANDE PARADA

Jean Ferrat veio com o sentimento mais melancólico . Falou com ternura sobre a generosidade, a fraternidade, a esperança etc. comunistas . Robert Hume estava lá para louvar, Jean Ferrat, para comover. O dueto estava bem afinado. O movimento final foi uma reedição da pantomima utilizada pelos bravos camaradas no Bouillon de culture. Foi o momento, já relatado, em que o secretário nacional tirou da manga e brandiu , diante das câmeras , um número do jornal "L'Épéniste"

National Hebdo, acusando-nos, a mim , a Stéphane Courtois e a Jacques Rossi , de entrar no jogo do fascismo. Nessa desprezível conspiração do nosso "bando dos três" , é importante desmascarar o caráter particularmente tortuoso da tramóia enganosa de Jacques Rossi . Pois não é que ele havia levado seu vício reacionário até o ponto de se fazer aprisionar, durante 19 anos, no guilhotinado, com a única finalidade de, no futuro , servir como propaganda anticomunista à futura Frente Nacional , que naquela época nem mesmo

existia? Afinal de contas, quem não é, de vez em quando, fascista, aos olhos dos comunistas? Será preciso lembrar que, quando souo o chamado para a união de forças que deu origem à Frente Popular, em 1936, os socialistas eram comumente chamados, pelo PCF e pela Internacional comunista, de "sociofascistas"?

...

Outra lição extraída da leitura do livro Negro foi ainda mais indigna para a esquerda: a classificação do comunismo e do nazismo na mesma categoria.

Como escreveu justamente Jacques Rossi em seu Manuel du Cu/ag: "É inútil tentar descobrir qual dos regimes totalitários de nosso século foi o mais bárbaro, porque ambos impuseram o pensamento unificado e deixaram uma montanha de cadáveres." Esse parentesco do comunismo com o nazismo é, para a esquerda, um tema recorrente mas periódico e sabiamente enterrado. Assim, Romain Rolland, partidário relutante do bolchevismo, escreve, em 1927: "Nunca mudei de idéia em relação ao bolchevismo. Portador de grandes idéias (o que antes, representante de uma grande causa, já que o pensamento nunca foi seu ponto forte), o bolchevismo arruinou causa e idéias devido a seu sectarismo estreito, sua intransigência inepita e seu culto à violência. Ele engendrou o fascismo, que é um bolchevismo ao contrário." 53 François Furet, que cita esse trecho em Le Passé d'une illusion, dá outros exemplos que mostram que, mesmo na época em que era dominante o tabu que se impunha da solidificação da direita fascista com os comunistas, certos 53 Romain Rolland, Voyage à Moscou, Albin Michel, 1992.

80

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

democratas tivera uma coragem de insistir em lembrar o parentesco entre os dois regimes totalitários. Em junho de 1935, quando Stalin acabara de enviar o comunista dissidente Victor Serge para a Sibéria, um grande professor antifascista italiano, Gaetano Salvemini, exilado por Mussolini, sobe à tribuna e, diante de um plenário que a se todo controlado pelo Comintern e seu enviado, Willy Mühlisenberg, ousa declarar: "Eu não

teri a o d i reito de protesta r contra a Gestapo e contra a OVRA * fascista se eu pudesse esquecer que existe uma polícia política soviética . Na Alemanha , há os campos de concentração, na Itália , as ilhas penais , e na Rússia soviética , existe a Sibéria .. É na Rússia que Victor Serge está preso. " O próprio Victor Serge, aliás, escreveria, em 1944: "O totalitarismo stalinista é o terrível sucessor do totalitarismo nazista . " E Léon Bium escreve , em janeiro de 1940, no le Populaire, veícu lo do Partido Socialista : "Tudo se passou como se Stalin já tivesse , há muito tempo, vista e sabida por Hitler, uma preferência marcada , uma tendência definida, pela aliança germano-soviética . Essa tendência, com plácida pelo ódio e pelo desprezo aos democratas ocidentais , já havia sido apontada inúmeras vezes por nossos camaradas mencheviks ou por comunistas desencantados como Boris Souvarine . " É interessante notar, como um detalhe , que o pestilento Souvarine volta a ser (provisoriamente) mencionável . Em 1935 , ele teve dificuldades para encontrar um editor que quisesse publicar seu livro Staline, monumento historiográfico sobre o bolchevismo , mas que após a guerra recaiu no inferno do anticomunismo visceral e ficou desaparecido até sua reedição em ... 1977. Sem dúvida o artigo escrito por Bium foi em parte ditado pelo terrível golpe sofrido pela esquerda , no verão anterior, com o pacto nazisoviético. Mas não apenas por isso. pois a aliança socialista antitotalitária remonta à própria inspiração do congresso de Tours , em 1920. Muitos outros documentos davam sustentação a esse conceito: o paralelo entre os dois regimes totalitários não surgiu com o livro Negro de 1997; ele foi estabelecido várias vezes, apesar do terror intelectual alreio nante, quando os dois regimes coexistiam .

Se ele foi objeto de uma censura cada vez mais restritiva daí para a frente , foi por duas razões . A primeira , foi que a União Soviética participou da guerra contra Hitler. A segunda , pelo caráter único e incomparável do Holocausto.

Ao primeiro argumento, pode-se replicar, e muitas vezes se opor, de fato, que Stalin só entrou na guerra ao lado dos aliados contra a sua vontade. Tudo o que

*

N . do T. : abreviatura de Opera di Vigilanza e Repressione dell 'Antifascismo, polícia política do regime fascista de Mussolini .

A GRANDE PARADA

ele queria era d igeri r em paz os presentes territori a i s que H itler l h e havia dado.

em 1 939, pa ra com pra r sua neutra l idade. Em j u n h o de 1 94 1 , foi a Alem a n h a que atacou a Rússia , e não o i n verso . É sabido que essa ofensiva su rpreeu os d i rigentes soviéticos . i nteiramente despreparados . leva ndo-os ao pâ n ico . Além d i sso. o a rgu m ento de que o com u n ismo seria democrático por ter contri b u ído pa ra a l uta antifascista é tão i naceitável quanto dizer-se que o nazismo foi democrático por ter pa rtici pado da l uta contra o sta l i n ismo. Não absolvemos os

"colaboracion i stas" fran ceses que l utara m ao lado dos nazi stas ou que os apoiaram do ponto de vista ideológico. sob pretexto de uma "cruzada antibolchevista " , m e s m o se co nsideramos, como eles, que o com u n ismo seja i naceitáve l . Mas.

retrospectiva mente , estaremos dando razão a eles, se chamarmos de democratas os com u n istas que com batera m o fascismo. Uma t i ra n i a pode combater outra ; Saddam H u sse i n declarou guerra ao a i atolá Khomei n i . mas nem por i sso q u a l q u e r um deles tornou-se um democrata . E os verdadei ros democratas . q u e se encontre m , p o r força d a s c i rcunstâncias . associados a u m regi me tota l itári o , não devem esqu ecer que as motivações de s e u a l i ado provi sório n a d a t ê m em com u m com a s suas. I n fe l izmente. esse é u m aspecto no q u a l as democracias ra ramente mostra ra m l u cidez.

O a rgu mento que destaca o caráter excepcional do exterm ín io dos j udeus da Europa , por outro lado, atrai a aprovação e se i m põe a todo observador de boa-fé.

Mas i sso não significa que o Holoca usto tenha sido o ú n i co cri me contra a h u man idade . ou o ú n ico genocídio cometido. Assi naland o a motivação ideológica dos crimes nazista s . o procurador-gera l da França em N u remberg , em 1 94 5 , François de Ment hon . d i sse: " N ã o esta mos d i a nte de u m cri me acidenta l . ocasiona l . mas s i m d i a nte de u m del ito si stemático , derivado d i reta e necessa riamente de uma doutri n a . " Essa defi n i ção do cri me contra a h u man idade. e n u n ciada a propósito dos del itos nazista s . ca i como uma l uva sobre os cometidos pelos com u n i stas.

Ainda m a i s claro . o Código Penal fra ncês de 1 992 corrobora plenamente esse enquad ramento quando ele i n sere no conceito de

cri me contra a h u m a n i d a d e "a deportação . a escravidão. a prática maciça e s i s t e m á t i c a de execuções sumárias.

os seqüestros seguidos de desaparecimento. a tortura . os atos desumanos e inspirados por motivos políticos. filosóficos . raciais ou religiosos . e perpetrados como parte da execução de um plano direcionado contra um grupo da população civil' .

Ora , o massacre e a deportação sistêmicos de grupos sociais ou étnicos. em virtude do que eram e não do que fizeram, permeiam toda a história do comunismo-82

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

mo. Como exemplo. em 27 de dezembro de 1929, Stalin anunciou "uma política de extermínio dos koulaks* como classe" . 54

Ainda de acordo com nosso Código Penal . é considerado contra a humanidade todo crime "cometido em nome de um Estado que pratica uma política de hegemonia ideológica" e "cometido como parte da execução de um plano definido que tende à destruição total ou parcial de um grupo nacional , étnico, racial ou religioso. ou de um grupo determinado a partir de qualquer outro critério arbitrário". Parece que estamos lendo um pequeno memento da história dos principais regimes comunistas. Será que é preciso lembrar novamente. depois do livro Negro? O método utilizado na URSS pela GPU . ancestral do KGB, era o das cotas: cada região deveria prender. deportar ou fuzilar uma certa percentagem de pessoas pertencentes a certas camadas sociais , ideológicas ou étnicas . O que importava não era o indivíduo e sua eventual culpa pessoal (culpa em relação a que. aliás?) . mas o grupo ao qual ele pertencia . Mesmo assim . de tempos em tempos , a comparação nazismo-comunismo é rechaçada . de modo que. quando um novo ator retoma. a esquerda se empenha nas mesmas sutilezas casativas para enterrá-la novamente.

Foi assim que. em novembro e dezembro de 1996, quando o canal France 3

levou ao ar uma série de três programas extensamente documentados sobre as relações e a colaboração entre Hitler e Stalin - Hitler-Staline, /aisons dangereuses 1 Hitler-Stalin . Ligações Perigosas ! - de Jean-François Delassus e Thibaud d'Oiron , mostrando particularmente que essa complacência política e essa administração recíproca eram bem anteriores ao pacto germano-soviético de 1939. fez-se sil

ênio sobre esses programas. Um ano depois, o silêncio foi rompido em razão do sucesso de O livro Negro do Comunismo, que uma parte da esquerda, no primeiro momento, tentara no entanto desacreditar. Alguns autores do livro chegaram ao ponto de se retratar e de dizer, na própria l'Humanité, o contrário do que haviam demonstrado em seu texto. Por sua vez, Madeleine Rebérioux, presidente de honra da Liga dos Direitos do Homem, em sua entrevista já mencionada ao *Le Journal du Dimanche*, declarou que não se pode comparar o comunismo com o nazismo, porque, embora o comunismo tenha massacrado centenas de milhões de seres humanos, ele não o fez em nome de um princípio de discriminação racial. o que, em certos casos, é mentira. Além disso, assassinar um grupo de pessoas, qualquer que seja ele, em função do que é e não em função da eventual culpabilidade individual

*

N. do t : kou/aks: denominação dos ricos proprietários de terras e fazendas na Rússia.

54 Citado por Annie Kriegel e Stéphane Courtois, *Eugen Fried, Seu I*, 1997, p. 87.

83

A GRANDE PARADA

deste ou daquele membro, é um crime totalitário cuja essência é a mesma no nazismo e no comunismo.

Quanto à Liga dos Direitos do Homem, durante o período do Grande Terror, quando dos primeiros julgamentos em Moscou, em 1936, ela formou uma comissão de inquérito a pedido de seu presidente, Victor Basch, da qual ele mesmo fazia parte, bem como um advogado da Liga, Me Raymond Rosenmark. • Este, após uma viagem a Moscou, concluiu a culpabilidade dos acusados. Para encobrir as fraudes dos julgamentos, ele se valeu de um sublime argumento de Émile Kahn, secretário-geral da Liga: "Se o Capitão Dreyfus tivesse confessado, não teria havido o caso Dreyfus." Invocar Dreyfus para justificar a condenação à morte de inocentes é um exagero em matéria de cinismo e de hipocrisia. Alguns ingênuos e seus representantes. A Liga rapidamente os reduziu ao silêncio. A publicação *les Cahiers de la ligue* censurou as cartas de protesto de certos membros e, particularmente, recusou um artigo de Magdeleine Paz criticando o Relatório Rosenmark. Após o segundo julgamento, em janeiro de 1

937, a Liga descarta uma proposição sol icitando sua i ntervenção j u nto à emba ixada da U RSS. Depois disso. a pretensa com i ssão de inquérito se decompõe no nada . de onde. a bem dizer. ela n unca havia saído. j á que nada mais fez do que servir de porta-voz ao Procurador Vych i nski . A recordação dessa cumpl icidade com os cri mes contra a h u m a n idade deveria ter i nspirado a M. Rébérioux um pouco mais de "arrependimento" pelas dívidas de seus antecessores e um pouco menos de arrogância pelas suas. Não se entende por que o revisionismo e a contestação de cri mes contra a h u m a n idade seriam delitos penai s quando se trata dos cri mes nazi stas mas não quando se trata dos crimes com u n i stas.

Ou melhor. entende-se perfeitamente. Esforcei-me para defi n i r essa questão e esboçar uma resposta em meu l ivro la Tentation totalitaire (1 976) . A chave dessas estúpidas querelas está em um fenômeno fac i l mente observado. Em toda sociedade, inclusive as democráticas. exi ste uma proporção i m porta nte de homens e m u l heres que detesta m a l i berdade - e conseqüentemente a verdade. O desejo de viver em um s i stema de t i ra n i a . seja para participar do exercício dessa t i ra n i a . o u .

a i nda mais estranho. pa ra submeter-se a ela. é uma ca usa que expl ica o advento e a d u ração de regimes tota l itários em alguns pa íses dos mais civi l izados . como a Alemanha. a Itália. a China ou a Rússia do começo do sécu lo XX. não sendo esta . de forma algu m a . o país de selvagens pi ntado pela propaganda com u n i sta.

*

N. do t: Me - abreviatura de Maître[Mestre], título em pregado em francês quando se menciona ou se aborda um profissional do d i reito (advogado, tabelião) ou u m emi nente escritor.

84

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

A gen i a l idade do com u n ismo consistiu em a utoriza r a destru ição da l i berdade em nome da l i berdade. Ela perm itiu portanto que os seus i n i migos a esmagassem ou j ustificassem aqueles que o fazia m , em nome de a rg u mentos progressistas.

Então, a partir do momento em que h istoriadores e filósofos pol íticos, l i mitando-se a registra r o comportamento dos d i rigentes e o total de víti mas, recusam esses argumentos e constataam a identidade ci rcu nstancia l , estrutura l e cri m i na l entre o nazismo e o com u n

ismo, o subterfúgio dos adversários progressistas da liberdade e da verdade cai por terra de uma vez.

Daí por que com batem tão veementemente essa aproximação, revivendo a nossa mente socialista, de uma deplorável pobreza intelectual.

Tais coisas, sem pre os mesmos, com o sistema e a natureza intrinsecamente criminoso do comunismo ou exigirão, aos gritos, a abertura de um "livro negro do capitalismo". Não se pode negar que os estados capitalistas tenham cometido crimes. Todos os cometeu. Mas a lei do fato de que as democracias capitalistas cometeram crimes que não têm o caráter maciço e repetitivo dos crimes nazistas e comunistas, e que são, em número, bem inferior, há uma outra diferença fundamental. Ela é qualitativa: as democracias capitalistas não precisam cometer crimes para se manter, enquanto que os sistemas totalitários, que a si mesmos e a si mesmos, não sobrevivem sem cometer crimes. A questão não é saber se o capitalismo, o cristianismo, o islamismo, as monarquias, as repúblicas cometeram crimes ou não. A resposta é sim. A questão é saber se esses crimes foram o pano de fundo permanente de sua atividade. A resposta é não. Ao contrário, a criminalidade está constantemente associada ao comunismo. Ela foi a condição intrínseca de sua existência e sobrevivência. Quanto à objeção de que a matança foi menor na Hungria ou na Tchecoslováquia do que na URSS

ou na China, trata-se de uma triste escapatória. Além das execuções sumárias, os julgamentos fraudulentos tão comuns à nossa Liga dos Direitos do Homem floresceram nesses países (e também em Cuba). Quenaverdade era o colônias e as periferias ocupadas pelo Exército vermelho, e onde uma cruenta repressão e a desencadeada a qualquer sinal de desordem. Segundo seus defensores, o comunismo não foi criminoso, e portanto não há originado crimes, e muito da parte e a todo o momento. É uma curiosa forma de aplicação do princípio de causa e efeito.

Outro esquema defensivo. quando se torna obrigatório admitir a existência dos crimes comunistas contra a humanidade, consiste em negar que o regime que

A GRANDE PARADA

os cometeu fosse verdadeiramente comunistas. O toque final, nesse aspecto, é de Jean Lacouture: em seu livro *Survive / e peup / e cambodgien* (IA sobrevivência do povo do Camboja! (1978)), após lamentar, o que merece crédito, ter elogiado anteriormente o Khmer Rouge, ele simplesmente nega que Pol Pot e seus cúmplices tenham sido guiados por uma ideologia comunista. Seguindo Lacouture, o regime de Pol Pot era um "fascismo tropical", um "social-nacionalismo de plantações de arroz". Portanto, quando um ideólogo marxista da mais pura tradição leninista se comporta, sem sombra de dúvida, como um carrasco nazista, a explicação é simples: é que justamente ele era um nazista e não um comunista.

Por isso, ainda hoje, é necessário lutar para privar os inimigos da liberdade de seus sórdidos subterfúgios. Primeiramente porque o comunismo, com seu amontoado de trapaças ideológicas, continua matando pessoas. No Tibete, por exemplo, contam-se pelo menos 1,2 milhões de tibetanos que perderam a vida por causa da ocupação chinesa em seu país, desde o momento da invasão. Além disso, o comunismo não só destruiu e subjuguou fisicamente o povo tibetano, mas também perpetrou sua aniquilação cultural. destruindo quase todos os mosteiros e bibliotecas e proibindo, até onde pôde, o uso e ensino da língua tibetana.

Hoje, o Tibete tem o mesmo milhões de colonos chineses levados para lá à força.

contra seis milhões de tibetanos. A segunda razão pela qual se deve continuar lutando sem descanço contra a ocupação da nat reza intrinsecamente totalitária e criminoso do comunismo é que, em bora ele tenha recuado consideravelmente desde a derrocada da União Soviética, continua sendo uma esperança para os inimigos da liberdade. sempre ávidos por instalar um regime de opressão em nome da defesa dos oprimidos. Dois professores. um de filosofia na Universidade de Paris VI, o outro de ciências políticas no Instituto de Estudos Políticos de Lyon, assim, no *le Monde* de 15 de outubro de 1997, um interminável artigo no qual se lê a seguinte: "Ao contrário do que François Furet parecia pensar, os antecedentes históricos da libertação social não trouxeram catástrofes totalitárias inelutáveis. Da luta dos oprimidos afloram imagens de uma emancipação que poderá tornar-se efetiva em novos contextos" (o grifo é meu). Declaração exemplar, pois contém ao mesmo tempo uma mentira e uma ameaça. A mentira escamoteia o fato de que o comunismo não tem nada a ver com "os antecedentes históricos da libertação social", da qual, na prática, ele foi o pior inimigo. A ameaça é a iniquidade

promessa de tentar fazer renascer a "emancipação" através do gu/ag, e m m isteriosos " n ovos contextos". Eles cont i n u a m : qualquer um
86

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

que identifique o fascismo com o socia l ismo é de d i reita , e qualquer u m que seja de d i reita é , no fu ndo, de extrema d i reita , e . portanto. u m fascista.

Nada m udou desde o tempo em que Bernard Chapu i s escrevia , em 1 975, no le Monde. "Alexander Sol jen itsyn lamenta que o Ocidente tenha sustentado a U RSS

contra a Alem a n h a nazista .. . Antes dele, ocidenta i s como Pierre Lava i haviam pensado da mesma forma e pessoas como Doriot e Déat aco l h i a m os nazistas como l i bertadores . " O autor de Arquipélago Gulag não foi mais bem tratado pela esq uerda espa n h o l a . Em 1 976, seis meses após a morte de Fra nco . q u a ndo as reformas democráticas do Rei J u a n Carlos j á estavam em andamento, e l e concedeu uma entrevista à televisão na q u a l decla rou que havia m a i s l i berdade na Espa n h a de 1 976 do que na U RSS e recebeu a seg u i nte resposta de um escritor pertencente à esquerda não-co m u n i sta, J uan Benet: "Creio firmemente que. enquanto existi rem pessoas como Alexa nder Sol jen itsyn , os campos de concentra

ção deveriam conti n ua r existindo. Ta lvez eles devam ser até mesmo mais vigiad o s , p a r a q u e i n d i v í d u o s c o m o A l e x a n d e r S o l j e n i t s y n n ã o p o s s a m escapar. " (Cuademos para el dialogo, 2 7 d e ma rço d e 1 976) . O senhor J u a n Benet nem por isso deixou de con t i n u a r sendo um i ntelect u a l "respeitado". Em s u m a , u m a certa parte da esq uerda , m a i s numerosa d o que possamos crer, t e m necessidade de pensar q u e todo aquele q u e não é soci a l i sta é nazi sta . Por i sso ela l uta tão furiosamente para i m pedi r a constatação do óbvio: a identidade concreta . em essência , entre os dois regi mes total itários. As controvérsias sobre a equivalência entre o nazismo e o com u n i smo conti n uam i n i ntel i gívei s e sem sol u ção, já que se perdem de vista suas respect ivas relações com o que os aproxima - seus comportamentos - e o que os separa - suas ideologias.

De fato, é i m portante disti ngu i r dois tipos de sistemas total itários. Há aqueles cuja ideologia é o que eu chamo de direta, que se pode ver claramente - Mussoli n i e H itler sempre d isseram que eram hostis à democracia, à l i berdade de expressão e de cultura . ao p l u r a l ismo

político e sindical . Hitler, além disso. sempre expôs.

mutuamente antes de tomar o poder. sua ideologia racista e, mais precisamente, antissemita. Portanto, partidários e adversários desse tipo de totalitarismo situam-se.

desde o começo , de um lado ou de outro da linha divisória traçada nitidamente.

Não houve "decepções" com o hitlerismo. já que Hitler cumpriu o que prometera .

Sua queda foi por causas externas. O comunismo é diferente desses totalitarismos diretos, pois emprega a dissimulação ideológica , que eu defini ria, para usar um pouco do jargão hegeliano, como veiculada pela utopia. Esse desvio pela utopia 87

A GRANDE PARADA

permite a uma ideologia e ao sistema de poder que dela decorre anunciar, constantemente , sucessos , enquanto executam exatamente o contrário do que prega seu programa . O comunismo promete a abundância e provoca a miséria , a liberdade mas impõe a servidão, a igualdade e leva à mais desigual das sociedades, com a nomenklatura. classe privilegiada a tal ponto como jamais se conheceu nem mesmo nas condições feudais . Ele promete o respeito à vida humana mas realiza execuções em massa , o acesso de todos à cultura . mas leva ao embrutecimento generalizado, promete o "novo homem" mas o fustiga . Mas durante um bom tempo muitos aceitaram essa contradição porque a utopia está sempre no futuro. A armadilha intelectual de uma ideologia totalitária veiculada pela utopia é , portanto. muito mais difícil de desarmar do que a da ideologia direita , porque no sistema de pensamento utópico os fatos reais nunca prova aos fiéis que a ideologia está errada. ♦ França já conhecera , ela inventara mesmo, essa configuração ideológica-política , em 1793 e 1794 , na época de Robespierre e da ditadura jacobina . Esse estratagema sutil . utópico-totalitário, foi desmascarado nas obras de escritores russos dissidentes com uma precisão cruel . já que esses eram os elementos que o próprio sistema tentava alienar para sempre. Tendo descido ao fundo do abismo dos campos de concentração, esses intelectuais "do Leste" aí se transformaram em mestres para nós, intelectuais do Ocidente. Mestres tantas vezes ignorados , deturpados, caluniados, porque eles, não tendo nunca vivido o comunismo real . agarrava m-se teimosamente à sua fachada utópica .

O nazi smo "abre o j ogo" desde o começo. O com u n i smo o esconde atrás da utopi a . Ele perm ite sat isfazer o apetite pela dom inação e pela servidão sob o disfarce da generosidade e do amor à l i berdade, a desigualdade sob o manto do igual itarismo, a mentira disfarçada em sinceridade. O tota l itarismo mais eficaz, portanto, o ú n i co apresentáve l . o mais duradouro . não foi aquele que fez o Mal em nome do Mal . mas o que fez o Mal em nome do Bem . E isso é também o que o torna menos descu lpáve l . pois sua duplicidade lhe perm itiu enganar m i l hões de pessoas de bem que acred itaram em suas promessas. Não podemos querer mal a essas pessoas. Por outro lado, não podemos perdoar àqueles que, sendo di rigentes pol íticos ou pensadores, conscientemente os enganara m , e continuam tentando enganar a i nda hoje. Eles sabiam o que estava m fazendo, e invoca r boas i ntenções.

como circu nstâ ncias atenuantes , não é nada mais do que continuar lançando mão do recu rso utópico. Ainda posso ouvir o grande maestro de origem romena , Sergiu Cel i bidache, que conhecera de bem perto o regime tota l itário, e ai nda o vej o cami-88

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

n h a n d o a passos l a rgos p e l a R u a S a i n t - J a c q u e s , e m Pa ri s , onde m o rava , esbravejando: " Intenções ! Intenções ! Idea i s ! Idea i s ! " N ão se pode j u lgar um sistema pol ítico pela perfídia daqueles que dele se aproveitaram nem pela credulidade daqueles que foram suas vítimas. Essa i n fi n ita capacidade de autoj ustificativa do total itarismo utópico , em oposição ao tota l i tarismo d i reto, expl ica por que a i nda hoje tantos dos seus seguidores consideram-se isentos da necessidade de sentir vergonha ou arrependi mento. Al i mentados por uma utopia que a seus olhos é i macu lada , eles se absolvem dos crimes dos quais fora m os cú mplices angelica i s , em n o m e d o s idea i s que n ão tiveram vergonha d e pisotear.

Por isso, à menor menção da rea l i dade histórica do com u n ismo, reduzindo a pó sua cobert u ra utópica , eles entram imediatamente em transe convu lsivos . Foi essa epi lepsia que tomou conta do Pri meiro- M i n i stro socia l ista francês, Lionel Josp i n , no outono de 1 997. quando u m deputado de oposição, na Assembléia Nacion a l . ousou perg u n ta r- l h e que co n c l u sões o Part i d o Soci a l i sta t i rava dos ensinamentos do Livro Negro, que acabava de ser lançado e sobre qual todo m undo fal ava . Fora de si e fora de propós ito, começou acusando a oposição l i bera l . . . de ter sido, no sécu lo anterior, escravocrata e anti-Dreyfus ! Relevemos a fa lta de atual idade, no m ínimo obscu ra , desse discurso. Mas seu autor

obviamente ignorava as relações ambíguas do Partido Socialista com o caso Dreyfus. Quanto à escravatura. Victor Schoelcher, que a aboliu definitivamente nas colônias francesas, em 1848, era um grande burguês liberal e não um socialista. A "pátria dos direitos do homem" foi, aliás, precedida nesse aspecto pela Inglaterra. Castelreagh, Primeiro

Ministro, deu início ao progresso proibindo o tráfico, no Congresso de Viena, em 1815. Em seguida, Londres emancipou os escravos de suas colônias em 1833, 15

anos antes da França. É educativo ver com que tranquilidade a esquerda consegue imaginar que todos os atos positivos que melhoraram o destino da humanidade não possam ter tido outra origem senão o Partido Socialista ou o Partido Comunista. O que o dirigente da esquerda "plural", mas não coerente, francesa não disse é que a escravidão foi restabelecida no século XX na União Soviética, na China comunista, em Cuba. na Coreia do Norte e no Vietnã. Jospin retraça. sobretudo.

uma história fantasiosa. de ponta a ponta, dos comunistas. os quais ele pinta como defensores incansáveis das liberdades, adversários sem meias palavras do nazismo e constantes aliados dos socialistas. Esse detalhe demonstra claramente quantas extravagâncias podem sair da boca de um homem inteligente e moderado quando ele é tomado pela paixão ideológica. Como se pode repetir tantas vezes o 89

A GRANDE PARADA

"dever de lembrar" e perder tão facilmente a sua própria memória?55 Como é possível que, depois de tudo o que vimos e aprendemos, um Primeiro-Ministro socialista pudesse se apoiar dessa maneira sobre a versão comunista da História, sobre a pilhéria que o PC e a Internacional haviam fabricado após a guerra? François Furet disse-o bem: "Os socialistas têm uma espécie de superego bolchevique e por isso receberam a notícia da queda do Muro de Berlim com ar de consternação.56

Mas será que esse furor e esse "superego bolchevique" provêm apenas do fato de a criminalidade comunista ter traído a utopia? Ou será que eles provêm da terrível suspeita de ter essa criminalidade raízes filosóficas mais profundas e mais ambíguas do que se crê ou

do que se admite? E mais próximas das raízes ideológicas do nazismo do que se tem ia .57

5 5 Ver no anexo a este capítulo m i n h a entrevista ao jornal Le Figaro i med iatamente a pós esse descontro·

le do Primeiro- M i nistro.

56 Entrevista ao program a L 'tvénement du jeudi, citada a nteriormente.

5 7 Com referência (entre outros temas) à h i stória comparada das relações entre soc i a l i stas e comunis·

tas franceses, maiores detal hes podem ser encontrados no estudo profu ndo e m uito esclarecedor de M ichel Winock, " La culture politique des socialistes" que faz parte da coleção Les Cultures politiques en France, editada sob a supervisão de Serge Berste i n , Seui l , 1 999.

90

Apêndice ao Capítulo 6

Entrevista ao Le Figaro em 1 4 de novembro de 1 997*

LE FIGARO - O que você achou da declaração de lionel/ Jospin?

Jean-François REVEL - Em primeiro lugar. eu gostaria de assinalar que a declara

ção do pri meiro- m i n i stro contém dois erros h i stóricos . Em seu aparte . Lionel Jospin se refere à Frente Popu lar. à Resistência e ao Cartel das esquerdas para dar a entender que o Partido Com u n i sta Francês sempre havia estado ao lado da esquerda francesa em todas as l utas. Ora . em 1 924, o PCF tomou posição contra o Cartel das esquerdas. que havia nessa época formado u m governo radical-social i sta . Portanto, é fa lsa a prem issa de que o PCF sempre esteve ao lado dos social istas. Fiquei realmente su rpreso ao constatar que o ex-pri meiro-secretá rio do PS ignora a tal ponto a h i stória da esquerda .

O primeiro- m i n i stro comete u m segundo erro quando declara : "No momento em que a Alemanha nazista era nossa adversá ria, a U n ião Soviética era nossa a l iada . " Todo m u ndo sabe que a U RSS não foi sempre nossa al iada. e que. no começo, ela era a l iada da Alemanha nazista . Sta l i n nu nca teria desencadeado host i l i dades contra a

Alemanha . A União Soviética só entrou na guerra porque Hitler a atacou . Novamente, acho curioso que um primeiro-

*

Entrevista gravada por Jean- René van der P laetse n .

91

A GRANDE PARADA

ministro socialista ouse escamotear o pacto germano-soviético. exatamente como o fizeram os comunistas em 1945. Isto indica. da parte de Lionel Jospin .

uma verdadeira maquiagem da história. O que me leva a pensar que a aceita

ção da verdade histórica pelo Partido Socialista no fundo é a mesma mais lenta do que a do Partido Comunista.

LE FIGARO - Nessa época de "arrepentimentos" deveríamos esperar que o primeiro-ministro se curvasse diante das vítimas do comunismo?

Jean-François REVEL - Estou estupefato por constatar que. falando-se sobre os malefícios causados em nome do comunismo. Lionel Jospin esteja encorajando o PCF a persistir em sua negação dos erros passados . Em vez de levar em conta que. por toda parte onde esteve no poder o comunismo engendrou fenômenos bárbaros e criminosos . o primeiro-ministro decidiu mascarar o caráter totalitário da ideologia comunista . Sob esse aspecto, nosso Partido Socialista situa-se muito atrás do Partido Comunista italiano. que soube. desde 1968 e dos acontecimentos de Praga , fazer sua autocrítica , reforçada a partir de 1989.

LE FIGARO- Você considera, assim como Lionel Jospin, que seja preciso estabelecer a distinção entre marxismo, Leninismo, stalinismo e comunismo?

Jean-François REVEL - Faz mais de vinte anos que a distinção entre leninismo e stalinismo foi rechaçada. Durante anos ouvimos pretensos historiadores afirmarem que o stalinismo era uma traição ao leninismo. Ora . hoje está provado que os princípios do terror e do totalitarismo foram enunciados . e postos em prática . pelo próprio Lenin . O livro l'A veuglement. de Christian Jelen . mostra que. desde 1918, o Partido Socialista Francês conhecia o

caráter totalitário da revolução bolchevique. Foi precisamente devido ao fato de que alguns socialistas da época reconheceram o caráter totalitário do leninismo que a SFIO se partiu em dois no Congresso de Tours, em 1920. Novamente, ao estabelecer uma distinção entre stalinismo e leninismo que não tem mais sentido, o primeiro-ministro prova não estar em dia com suas leituras.

92

PÂNICO ENTRE OS REVISIONISTAS

LE FIGARO- Lionel Jospin recusou-se a "colocar um sinal de igual entre o nazismo e o comunismo". Haveria então uma hierarquia entre os regimes totalitários?

Jean-François REVEL - Esperava-se que a esquerda francesa tivesse enfim compreendido que não existem "bons" e "maus" carrascos. Ser assassinado por Pol Pot é, por acaso, menos grave do que ser assassinado por Hitler? Não há como estabelecer uma distinção entre as vítimas dos regimes totalitários preto ou vermelho. O totalitarismo nazi nunca fez segredo de suas intenções: pretendia eliminar a democracia, reinar pela força e desenvolver todo um sistema de perseguição racial. Dizem que os comunistas tinham uma ideia. Estou inclinado a pensar que isso é ainda pior. Porque isso significa que milhões de pessoas foram enganadas deliberadamente. Porque assim acrescentamos aos crimes a mentira mais abjeta.

LE FIGARO - Segundo o primeiro-ministro, o Partido Comunista Francês "nunca interferiu nas liberdades" . . .

Jean-François REVEL - Porque nunca teve oportunidade. A característica marcante do Partido Comunista Francês é que ele foi, durante muito tempo, juntamente com o Partido Comunista Português, o mais stalinista de todos os PC ocidentais. O PC português acabou desaparecendo. Mas o PCF não, que continua a ter um papel político graças ao Partido Socialista. Por isso seria de esperar que Lionel Jospin exercesse pressão sobre os comunistas para que reconhecessem realmente seus erros. Atualmente, o problema da história recente do comunismo não é mais um problema político, mas moral. Foi por isso que a declaração de Lionel Jospin me decepcionou.

93

As origens intelectuais e morais do Socialismo

O pugi

com lato

u n i s reco

m o ? rr

" ente

deg

em

ener torno

ou em da que

briga stão

de ru "

a ,P ode-se

não

compar

apenas

a

na r o

Fra nazismo

nça mas ao

e m

m u itos outros países, part i c u larmente, é claro, na Al emanha e na Itá l i a , a p ó s a publ i cação, e m 1 997, de O livro Negro do Comunismo. A esquerda n ão-comun ista , quase sem pre mais empenhada na caça às bruxas do que os próprios cóm u n istas, lançou-se ao ataque contra o s profanadores. Queimou na mesma fogueira Stéphane Courto i s , c u l pada do sacri légio de fazer u m

para l e l o entre "os dois regimes tota l itários" , e Ala i n Besançon , q u e , em d i scurso proferido no Institut de France em 1 997, ousara descumpri r a proibição e colocar no mesmo n ível nazismo e com u n ismo. 58 M u itos fundamenta l i stas a i nda se a j oelham d ia nte do cadáver m u m i ficado.

Entretanto, d u ra nte toda essa querela, a defesa da esquerda foi m u ito pouco centrada na material idade dos cri mes do com u n i smo, desde então difícil mente negáveis. Ela i nvocava sobretudo a pu reza de motivos que havia determ inado a sua perpetração. A mesma velha h i stória ! Desde os primeiros instantes da revolu

ção bolchevique, t ivemos que engol i r ad nauseum essa insípida poção. É a des-58 Discurso publicado na revista Commentaire (Paris, i nverno 1 997 - 1 998) e na Commentary (Nova York, janeiro de 1 998). Ver ta mbém o ensaio de A l a i n Besançon, Le Malheur du siecle [A Infelicidade do Século], Fayard , 1 998, onde retoma e desenvolve sua tese.

A GRANDE PARADA

culpa de sempre : todos os atos abom i náveis do social ismo rea l são apresentados como desvios, traições. perversões do "verdadeiro" com u n ismo. que só ressu rge mais forta lecido da enxu rrada de ca l ú n ias com as quais é atacado.

Ora , essa h i pótese da salvação pelas i ntenções é solapada pelo estudo i m parcial e, sobretudo, abrangente da l i teratura social ista . É j u stamente nas origens mais genu ínas do pensamento soci a l i sta , em seus mais antigos pregadores, que encontramos a j ustificativa do genocídio, da purificação étnica , do Estado tota l itário, brandidos como armas legítimas. i ndi spensáveis ao sucesso da revolução e à preservação de seus resu l tados . Os verdadei ros pri ncípios do socialismo não foram violados por Sta l i n ou Mao quando praticaram seus atos de genocídio; esses princípios fora m , na verdade, aplicados por eles com escrúpulo exemplar e com perfeita fidel i dade aos preceitos e ao espírito da doutri n a .

É o que n o s mostra , c o m preci são, George Watson . 59 Na moderna hagiografi a , toda u m a parte essenci a l da teoria soci a l i sta foi deixada de l a d o . S e u s patronos fundadores, começando pelo próprio Marx, logo deixaram de ser estudados exaustivamente pelos próprios fiéis que tanto recorriam a eles. Suas obras, hoje em

dia, parecem gozar do raro privilégio de serem entendidas por todos, sem que ninguém as tenha lido por completo, nem mesmo seus adversários, cuja curiosidade sucumbiu ao medo de represálias. Na maior parte do tempo, a história é uma sucessão de rearranjos e triagens, o que implica censura. E a história das idéias não foge a essa regra.

O estudo sem cortes desses textos nos revela, por exemplo, diz Watson, que "o genocídio é uma teoria própria do socialismo". Engels, em 1849, exortava ao extermínio dos húngaros, sublevados contra a Áustria. Ele escreve para a revista dirigida por seu amigo Karl Marx, a *Neue Rheinische Zeitung*, um artigo retumbante cuja leitura será recomendada, em 1924, por Stalin, em seus *Fundamentos do Leninismo*. Nesse artigo, Engels sugere fazer desaparecer, além dos húngaros, os sérvios e outros povos eslavos, e em seguida, os bascos, os bretões e os escoceses. Em *Révolution et Contre-Révolution en Allemagne*, publicado em 1852 na mesma revista, o próprio Marx se pergunta como podemos nos livrar "desses povinhos moribundos, os boêmios, os nativos da Caríntia, os dálmatas etc.". Para Marx e Engels, a raça é muito importante. Esse último escreve, em 1894, a um de seus 59 George Watson, *La Littérature oubliée du socialisme*, Editora Nil, 1999. Traduzido do inglês por Hugues de Giorgis. Edição original: *The Lost Literature of Socialism*, The Lutterworth Press, Cambridge, 1998.

George Watson é professor no St. John's College, em Cambridge. Várias partes desse capítulo são extraídas do prefácio que escrevi para a tradução francesa da obra de Watson.

*

N. do. E.: Província da Áustria meridional (Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse).

96

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

correspondentes, W. Borgius: "Para nós, as condições econômicas determinam todos os fenômenos históricos, mas a raça é, e a mesma, um dado econômico..."

Engels apoiou-se nesse princípio, ainda na revista *Neue Rheinische Zeitung* (1851-1861).

de fevereiro de 1849) . para negar aos eslavos toda capacidade de alçar a civilização. "Fora os poloneses" , dizia ele, "os russos e talvez os eslavos da Turquia, nenhum a nação eslava tem futuro, porque faltam , a todos os demais eslavos , as bases históricas. geográficas. políticas e industriais necessárias à independência e à capacidade de existir. " É certo que Engels atribui uma parte da "inferioridade"

eslava aos dados históricos. Mas ele considera impossível a melhoria desses dados em virtude do fator racial . Imaginem que clamor de indignação provocaria .

hoje , um "pensador" que ousasse formular esse mesmo diagnóstico a respeito dos africanos ! Segundo os fundadores do socialismo. a superioridade racial dos brancos é uma verdade "científica". Em suas notas preparatórias para o Anti-Dühring. o evangelho do conceito marxista sobre a ciência, Engels escreve: "Se. por exemplo. em nossos países. os axiomas matemáticos são perfeitamente evidentes para uma criança de oito anos. sem necessidade de recorrer à experimentação. isso nada mais é do que a consequência da 'hereditariedade acumulada' . Seria. ao contrário. muito difícil ensiná-los a um boximane* ou a um negro aborígine da Austrália . "

Já no século XX. intelectuais socialistas, grandes admiradores da União Soviética . como H. G. Wells e Bernard Shaw. alegam o direito que teria o socialismo de liquidar física e maciçamente classes sociais que representassem um obstáculo à Revolução ou que a retardassem . Em 1933 , no jornal The listener. Bernard Shaw.

demonstrando dons de visionário. pressiona os químicos. para que ajudem a acelerar a depuração dos inimigos do socialismo. "descobrimos um gás humanitário que causa morte instantânea e indolor. em suma. um gás civilizado - mortal . evidentemente -. mas humano. destituído de crueldade". Devemos lembrar que. em seu julgamento em Jerusalém . em 1962 . o carrasco nazista Adolf Eichmann invocou em sua defesa o caráter "humanitário" do Zyklon B. que eliminou os judeus nas câmaras de gás do holocausto. O nazismo e o comunismo têm como elemento comum visar a uma metamorfose. a uma redenção "total " da sociedade. até mesmo da humanidade. Por isso eles se sentem no direito de destruir os grupos raciais ou sociais que fazem oposição. mesmo que involuntária e inconsciente - "objetiva" no jargão marxista - a esse sagrado empreendimento de salvação coletiva .

N . do T.: boxímane ou bosquímano - mem bro de u m a tribo nômade da África do S u l . Os ind ivíduos dessa tribo são pequenos e apresentam características antropológicas e culturais arcaicas.

97

A GRANDE PARADA

Se o nazismo e o com u n ismo cometera m genocídios comparáveis, tanto por sua extensão quanto por seus pretextos ideológicos , isso não foi devido a u m a forma q u a l q u e r de convergência anti nat u ra l ou a uma coi ncidência fortuita d e comportamentos aberrantes. Isso ocorreu, a o contrário, a partir d e pri ncípios idênticos. profu n damente ancorados em suas respectivas convicções e em seu modo de atuação. O soci a l i smo não é mais ou não é menos "de esquerda" do que o nazismo. Embora freqüentemente se ignore , a q uestão é que, como diz Rémy de Gourmont. "um erro que ca i no domínio públ ico. n u nca mais sai de lá. As opin iões são transm itidas hered itariamente; isso acaba formando a H i stória".

Se toda a t rad i ção soci a l i sta desde o sécu lo XIX precon izava m étodos que seri a m mais tarde e m p regados por H it l e r, a ss i m como Len i n , Sta l i n e Mao, a recíproca é verdade i ra : H i t l e r sem pre se con s i derou u m soci a l ista. Exp l i ca Otto Wagener q u e s u a s desavenças com os com u n i stas "são menos i deológicas do que táticas".60 O problema dos políticos de Weimar, declara então ao mesmo Wagener, "é que n u n ca l era m Marx". Ele prefere os com u n i stas aos enfadon hos reform i stas da soci a l democracia . E sabemos que os co m u n i stas lhe retri b u íra m p l e n a m ente a pefe r ê ncia vota ndo n e l e em 1 933 . Opõe-se aos bolchevistas , sobretudo pela q u estão raci a l . No q u e se enganou : a U n ião Soviét i ca sempre fo i a n t i - s e m i t a . Digamos q u e a "qu estão j u d a i ca" (a pesar do pan flete de Marx p u b l i cado com esse tít u l o contra os j udeu s) não era para os sovi éti cos tão a l ta m e n te prioritária q u a nto pa ra H i t l e r. Em tudo o mais, a "cruzada a n t i b o l chevi q u e " de H it l e r foi , a c i m a de t u d o , u m a fachada , q u e mascarava u m a con i vência com Sta l i n q u e , h o j e sabem os . era bem anterior ao pacto germano-sovi

ético de 1 939 .

Porq u e n ã o deve mos esquecer q u e , da m e s m a forma q u e o fascismo i ta l i a n o , o n a c i o n a l -soci a l i s m o a l e m ão se via e

se com si de rava , a exe m p l o do b o l chevi s m o , c o m o u m a revolução, e u m a revol ução contra a burguesia. " N a z i " é a abreviat u ra de Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Em s u a obra État Omnipotent,6 1 Ludwig von M i s e s , u m dos grandes econom i stas vienenses q u e e m igrou por ca u sa do nazismo, traça u m divertido para l e l o entre a s dez medidas de u rgência preco n i zadas por M a r x n o M a n i festo Com u n i sta (1 84 7) e o progra ma econômico de H i t l e r. "Oito dos dez pontos" , observa i roni-6 0 Otto Wagener, Hitler aus nachster nahe: Aufzeichnungen eines Vertrauten, 1 929- 1 939, Frankfurt, 1 978.

6 1 Em 1 944. E 1 947 no caso d a tradução francesa . Livro escrito nos Estados U n idos durante a guerra e cujo título original é The Omnipotent Government, The Ris e of the Total State and the Total War. Já mencionei essa observação de von M i s e s em meu l ivro La Connaissance inutile, 1 988, Grasset e Hachette: Pluriel.

98

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

ca mente von M i s e s, "fora m executados pelos nazi stas com um radical i s m o q u e t e r i a encantado M a r x . "

Tam bém Friedrich Hayek, em 1 944, em s u a obra Route de /a Servitude l O Cam i nho da Servidão j ,62 dedica u m capítulo às "Raízes socia l i stas do nazismo". E l e assinala q u e os nazistas " n ã o se opu nham aos elementos socia l i stas d o marxismo, mas a seus elementos l i bera i s , ao i n ternacionalismo e à democracia". Com uma correta intu ição, os nazistas haviam percebido que não há socia l ismo completo sem tota l itari smo pol ítico.

François Furet demonstrava sua surpresa . em carta remetida em 16 de agosto de 1 996 a u m historiador especialista em Alemanha, Louis Duppeux, "que", dizia ele,

"sua contribuição não seja mais d ifu ndida: a razão certamente está no fato de você abordar um tabu . " Que tabu? Podemos revelar pelo menos dois: o primeiro, a ousadia de afirmar. ou melhor, constatar, a natureza i ntrinsecamente criminosa do comunismo; o segundo, o fato de evidenciar as semelhanças entre com u n ismo e nazismo. Esse foi o supremo sacri légio cometido em 1 974 por Dupeux em sua tese sobre o Estado: le National-Bolchevisme allemand sous la République de Weimar,63 complementada em 1 998 por u m artigo do mesmo autor, cu jo título fala por si: "Lecture d u tota l itarisme russe via le

Os nacional-bolchevistas. cujo mais ilustre representante era Ernst Jünger, contribuíram para a limitação da ideologia de Hitler propriamente dita, apoiando-se. ao mesmo tempo, sobre o modelo leninista. "Qualquer observador terá que admitir que com Lenin (escreve um dos intelectuais dessa corrente, Friedrich Lenz) surgiu um chefe de Estado que, em bora sem dúvida alguma negando teoricamente a idéia de Estado, o implementa na prática com uma frieza e uma determinação insusitadas. Ele ligou o marxismo russo ao destino de seu Estado. " Outro "pensador" nacional-bolchevista, Ernst Niekisch. aprovava, como todos os seus amigos do mesmo grupo, a coletivização forçada da empresa pelos bolchevistas russos, pois ele havia compreendido que a coletivização era o meio mais rápido de construir "o Estado total", que esses filósofos alemães julgavam indispensável para reerguer seu país. Niekisch acrescenta: "O bolchevismo russo é, até o momento, a revolta mais radical contra as idéias de 1789. A Rússia não é individualista. Não é liberal.

Coloca a política acima da economia. Não é parlamentar, não é democrática e não é 'civilizadora'. O bolchevismo é a recusa do humanismo e dos valores 'civilizados'-62 Tradução francesa de G. Blumberg, PUF, coleção "Quadrige".

63 Paris, Honoré Champion Editora.

64 Revue d'Allemagne, julho-setembro 1998.

99

A GRANDE PARADA

res'. As formas externas dessa reviravolta. freqüentemente tingidas de ocidentalismo. não conseguem disfarçar seu cunho 'bárbaro e asiático'.

Assim como no comunismo. o "Estado total" apóia-se sobre a eliminação do capitalismo privado. No último XI do Programa Nacional -Socialista de 1920.

Hitler anuncia "a abolição das rendas obtidas sem trabalho e sem esforço". Parece que esta mos ouvindo Mitterrand criticar "aqueles que enriquecem enquanto dormem". Outro teórico dessa escola. fundindo o nacional-socialismo e o bolchevismo comunistas. Hans von Hentig, insistiu naquilo que acreditava opor. sem possibilidade de

conci l iação. os socia ldemocratas aos naciona l-soci a l i stas e aos com unistas. ao mesmo tempo: "O que a Alemanha precisa". d izia ele. "é u m a forma selvagem e bruta l de rea rma mento espiritual e materi a l . . . Não o soci a l ismo comercial de peq uenos burgueses. mas um soci a l i smo profundo. arrebatador. encouraçado. empregando uma energia feroz a serviço do país e do povo." O professor Pau l Eltzbacher. outra mente bri l hante dessa plêiade, defi ne: "O bolchevismo é o Estado forte . . . Ele entende claramente que o Estado é opressor. Ele está tota lmente l i bertado do respeito excessivo pela l i berdade i ndividual e da fraqueza sentimenta l de que sofre a socialdemocracia . "

Encerro a q u i a s citações. Elas mostram q u e a explicação d a adesão a o com u nismo pela necessidade de combater o nazismo foi apenas uma farsa . Não entenderemos nada da discussão sobre o parentesco entre nazismo e com u n ismo se perdermos de vista que se assemelham não apenas por suas consequências cri m i n a i s m a s p o r s u a s origens ideológicas. S ã o primos em segu ndo gra u . do ponto de vista i ntelectua l .

Po i s todos os regi mes tota l i tários têm em com u m o fato de serem i deocracias: ditad u ra s da ideolog i a . O com u n i s m o baseia-se n o m a rxi s m o- l e n i n i s m o e n o pensamento maoísta . O naciona l-soci a l i s m o baseia-se no critério de raça .

A disti nção q u e estabeleci anteriormente entre o totalitarismo direto. que a n u n c i a desde o com eço e à s c l a ras tudo o q u e pretende fazer. com o fo i o caso do nazi smo. e o tota l itari s m o veiculado pela utopia. q u e a n u ncia o contrário do que va i fazer. com o foi o com u n i s m o . torna-se então secu ndári a . j á q u e o res u l tado. para s u a s ví t i m a s . é o m e s m o n o s d o i s casos . O t raço fu ndamenta l . nos dois s i stem a s . é que seus d i rigentes . convencidos de serem os detentores da verdade absoluta e de com a n d a re m o cu rso da h i stóri a . em re lação a toda a h u m a n i dade . sentem-se n o d i reito de destru i r os d i ssidentes. rea i s ou potencia i s . as raças . classes. categorias profi s s i o n a i s ou cu l t u ra i s . q u e l hes pa recem 100

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

entrava r, ou poder um d i a entrar, a co nsecução de seus s u premos desíg n i os .

Por isso. tentar d i s t i ng u i r entre os dois regi mes tota l itários . atri bu i r- l hes d i ferentes méri tos e m função do afasta mento de

suas s u perestrutu ras ideológica s , e m vez de con stata r a i d e n t i dade de seus comportamentos rea i s é b e m estran h o , pri ncipa l mente vindo da pa rte dos "socia l i stas" , que deveriam ter lido Marx u m pouco m e l hor. N ã o se pode j u lgar, dizia e l e , u m a sociedade pela ideologia que lhe serve de p retexto, ass i m como não se j u lga uma pessoa pela opi n ião q u e e l a tem dela m e s m a .

Como b o m con hecedor, Adolf H itler foi u m d o s pri meiros a saber captar a s afi n idades entre o com u n ismo e o nacional-socia l i smo. Ele n ã o ignorava que u m a estratégia pol ítica é j u lgada p o r s e u s atos e métodos e n ã o pelos adornos d e oratória ou pelos "pompons" fi losóficos que a cerca m . Ele decla ra a Hermann Rausch n i ng , que o rel ata em Hitler m 'a dit 1 H itler me disse 1 : Não sou apenas o vencedor do marxismo (. . .) sou seu rea l izador.

Aprendi m u ito com o marxismo e não pretendo escondê-lo (. . .) . O que despertou i nteresse nos marxi stas e me forneceu ensinamentos foram seus métodos. Eu, s i mplesmente, levei a sério o que essas mentes de pequenos comerciantes e secretárias haviam visl u mbrado t i m idamente. Todo o nacional-social ismo lá está contido. Veja bem : os grêmios operários de gi nástica . as cé l u las empreendedoras. os desfi les monumenta i s , os fol h etos de propaganda red igidos em l i nguagem de fáci l com preensão pelas massas.

Esses novos métodos da luta pol ítica foram praticamente todos inventados pelos marxistas. Eu só precisei me apoderar deles e desenvolvê- los pa ra conseg u i r ass i m os instrumentos de que necessitava mos .. . "

A i deocracia ultrapassa em larga esca la a censura exercida pelas ditad u ras com uns. Essas exercem uma censura principal mente pol ítica ou sobre tudo aquilo que pode ter i mpacto pol ítico. Ocorre também nas democracias, como vi mos na França , d u ra nte a guerra da Argé l i a , na Quarta e na Q u i nta repúbl icas. Mas a ideocracia va i m u ito mais longe. Ela a l meja supri m i r, e precisa fazê-lo se q u i ser sobreviver, todo pensamento oposto ou estranho ao ofici a l , não apenas no campo pol ítico e na econom ia, mas em todos os domín ios: fi losofi a , artes , l iteratu ra e até mesmo na ciência . A fi losofia para os tota l itários. é bem claro, só poderia ser o marxismo- len i nismo, o pensamento maoísta ou a doutri na do Mein Kampf A arte 101

A GRANDE PARADA

nazista substitui a a rte "degenerada" e, paralelamente. o "rea l ismo

socialista" dos comunistas objetiva eliminar a arte "burguesa". O lance mais arriscado da ideocracia, e que demonstra claramente sua irracionalidade, é o controle da ciência. à qual ela recusa toda autonomia. Basta lembrar do caso Lyssenko na União Soviética. Esse charlatão. de 1935 a 1964. aniquilou a biologia em seu país, afastando toda a moderna ciência, de Mendel a Morgan. acusando-os de "desvio fascista da genética" ou ainda de "trotskista-boukharianista da genética". A biologia contemporânea. em sua opinião, cometia o pecado de contradizer o materialismo dialético.

de ser incompatível com a dialética da natureza segundo Engels, que. como já vimos, afirmava. em seu Anti-Dühring, mesmo vinte anos depois da publicação do livro A Origem das Espécies, de Darwin, sua crença na hereditariedade dos caracteres adquiridos. Sustentado. ou melhor. criado pelos dirigentes soviéticos. Lyssenko tornou-se presidente da Academia de Ciências da URSS. Expulsou os biólogos autênticos da instituição, quando não os mandava também deportar ou fuzilar.

Todos os livros escolares. todas as enciclopédias. todos os cursos universitários foram expurgados em benefício do "lyssenkismo". Isso teve consequências catastróficas para a agricultura soviética, que já ia mal após a coletivização socialista das terras. A burocracia do partido impediu a todos os Kolkhozes a agrobiologia

"lyssenkista". proibindo o uso de adubos. adotando o "trigo bífido" • do tempo dos ..

faraós. o que fez cair à metade o rendimento. Foram proibidas as hibridizações. já que. pontificava Lyssenko, era notório que uma espécie se transformava em outra espontaneamente. não sendo portanto necessário fazer cruzamentos. Suas loucuras jogaram a última pá de cal sobre uma produção já esterilizada pelo absurdo do socialismo agrário. Tornaram irreversíveis a fome e a incanicação. ou a "penúria controlada"(dizia Michel Heller). que acompanhou a União Soviética até o fim.

Entretanto, o mais importante a enfatizar a respeito do lyssenkismo é que a ideocracia se suicida se não subjugar toda atividade mental. inclusive a ciência. à política. Aragon. que não perdia uma oportunidade de se fazer desacreditar. dessa vez tomou partido a favor de Lyssenko, na les lettres françaises, e esbravejou:

"Recuso-me a politizar os cromossomos!" Pois era exatamente o que ele estava fazendo. A distinção vital. "ontológica". para os ideocratas

com u n i stas . mesmo no campo científico , era u m a distinção de classes: a fa mosa antítese entre a "ciência burguesa" e a "ciência proletá ria".

*

N. do T. : possível referência ao trigo cultivado pelas antigas civilizações mesopotâmicas, chamado de

"emmer" , cujo nome científico é *Triticum dicoccum*, e que apresentava baixa produtividade.

102

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

O critério extracientífico da verdade científica para os nazistas decorre do mesmo esquema mental , com a ú n i ca d i ferença de que, nesse caso, o critério é a raça e não a classe. Mas as duas orientações são i ntelectual mente idênticas, na medida em que elas nega m a especificidade do conhecimento como tal em benefício da supremacia da ideologia.

Em Hitler m 'a dit, l ivro lançado em 1 939,65 Herman n Rau sch n i ng relata, a esse respeito, as seg u i ntes considerações do chanceler alemão: Não existe Verdade, nem no ca mpo da moral nem no da ciência .

A idéia de u m a ciência desvi nculada de toda idéia preconcebida s ó poderia ter nascido na época do l i bera l ismo: ela é absurda.

A ciência é u m fenômeno soci a l . . .

A chamada "objetividade científica" é apenas u m argu mento i nventado pelos nossos queridos professores . . .

Devemos observar, mais u m a vez, a d i ferença , mais fenomenológica d o que ontológica , entre o totalitarismo utópico e o direto. Enquanto os com u n i stas, também querendo submeter o conhecimento ao poder, o fazem em nome de uma pretensa verdadei ra ciência cu ja chave só eles teriam , o ditador nacional-soci a l i sta decreta sem adornos supérfl uos que a Verdade não existe e que portanto cabe ao poder defi n i - l a , ou pelo menos, subj ugá-la. Ele prossegue: O que se chama de crise do Saber é simplesmente o fato de

que esses senhores começam a se dar conta de que sua "objetividade" e sua "independência" os levaram a um beco sem saída. A pergunta elementar que cabe antes de se empreender qualquer atividade científica ímima é: quem quer saber alguma coisa, quem quer se orientar no mundo que o cerca? A resposta é evidente: só pode existir ciência relacionada a um tipo humano determinado, a uma época determinada.

Existe claramente uma ciência nórdica e uma ciência nacional-socialista, e elas devem se opor à ciência judaico-liberal, que, aliás, não preenche mais suas funções e que está em vias de destruir-se.

65 Reedição Hachette - Pluriel, 1979.

103

A GRANDE PARADA

É preciso lembrar, de passagem, que essa explicação da pretensa "verdade"

científica, com base em suas origens sociais ou geográficas, e essa recusa em reconhecer a "objetividade", que lhe é própria, correspondem exatamente à tese de vários filósofos chamados "pós-modernos" do final do século XX. Bruno Latour, por exemplo, escreveu acerca de Einstein: "A teoria da relatividade é social de ponta a ponta." E ainda mais: a comprovação experimental das leis depende do sexo do experimentador, segundo Luce Irigaray em seu livro: *le sujet de la science est-il sexué?*

O Estado totalitário, que pretendia ser o único e exclusivo produtor cultural, tem, portanto, um inimigo pessoal que e seus porta-vozes não cessam de denunciar: o indivíduo. Em sua célebre conferência, *De la Liberté des Anciens comparée à celle des Modernes* A Liberdade dos Antigos comparada à dos Modernos!, Benjamin Constant acreditava poder saudar, em 1819, a entrada do animal político na era da independência privada e definir a cidadania moderna como sendo a garantia das liberdades individuais. Ora, no mesmo momento, a humanidade penetrava, bem ao contrário, em um ciclo de crescimento ininterrupto do Estado, inclusive nas democracias. Quanto aos regimes totalitários, cujos precursos intelectuais mais recentes estão esalonados ao longo de todo o século XIX, eles terão como sua primeira obsessão a completa destruição do indivíduo.

Desde 1840, Pierre-Joseph Proudhon, o líder do socialismo "libertário", proclama que "fomentar o individualismo é preparar a dissolução da comunidade".⁶⁶ Na obra *Ou 'est-ce que la propriété?'* 1840 que é a propriedade? ! Proudhon assinala a interdependência da propriedade privada, do liberalismo e do individualismo, corretamente. por sinal, porém propondo destruí-los todos juntos. Cu rioso libertário ..

Benito Mussolini, formado, como se sabe .. no socialismo, durante toda a primeira parte de sua vida política. e mesmo através da ala esquerda do Partido Socialista italiano. estabeleceu com lucidez a mesma conexão entre o liberalismo e o individualismo. Em *Le Fascisme*, de 1929. expressa-se sem rodeios sobre essa questão:

"O princípio, segundo o qual a sociedade só existe para o bem-estar e a liberdade dos indivíduos que a compõem, não parece estar de acordo com os planos da natureza. Se o século XIX foi o século do indivíduo (liberalismo significa individualismo). podemos concluir que o século atual é o século coletivo."

Ninguém ignora que Karl Marx, assim como seu discípulo Lenin, no século seguinte. preconizava a supressão do Estado como meio de emancipação do indivíduo.⁶⁶ Citado por Alain Laurent, *Histoire de l'individualisme*, PUF 1993. Ver também, do mesmo autor, *L'Individu et ses ennemis*, Hachette-Pluriel, 1987.

104

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

víduo. Ninguém ignora, tampouco, e esta nuance já nos é familiar, que a característica típica do totalitarismo utópico, diferentemente do totalitarismo direto, é realizar o contrário de seu programa, em nome do mesmo, e principia a mente de implantar a tirania em nome da liberdade. Se a sociedade liberal chegou a ser descrita como "o direito sem Estado" (Cohen-Tanugi, 1985), a sociedade socialista é o exemplo máximo do Estado sem direito. Marx é portanto coerente com ele próprio quando no artigo *La Question juive* IA Questão Judaica! em 1843, fulmina os direitos do homem: "Não é o homem dos pretensos direitos do homem vai além do interesse do homem egoísta, do homem como membro da sociedade burguesa, ou seja, um indivíduo isolado da comunidade, preocupado unicamente com seus interesses pessoais e obedecendo apenas à sua vontade particular."

Não nos surpreendemos ao encontrar a mesma coerência filosófica em Adolf Hitler, contra quem é chocante a ingratidão dos pensadores sociais atuais.

Hitler confessa a Otto Wagener, no livro de entrevistas já citado: "Agora que terminou a era do individualismo, nossa tarefa é encontrar o caminho que leva do individualismo ao socialismo sem revolução." Marx e Lenin, acrescenta o chanceler, enxergaram perfeitamente o objetivo, mas escolheram o caminho errado. Um eminente nacional-socialista, Ministro do Abastecimento e Intimado do Führer, Richard Walther Darré, estende esse raciocínio insistindo na ideia de que a "teoria política judaica" sempre foi "orientada para o interesse individual, enquanto que o socialismo de Adolf Hitler está a serviço do conjunto da sociedade". 67

Essa associação delirante entre judaísmo, individualismo e capitalismo é a motivação por trás das investidas anti-semitas de Karl Marx, em seu ensaio Sobre a questão judaica (1843). Ensaio muito pouco conhecido, mas que Hitler havia lido com atenção. Ele praticamente plagiou passagens de Marx nas quais este vomita contra os judeus investidas furibundas, tais como esta: "Qual é a origem profana do judaísmo? A necessidade prática, a cupidez (Eigennutz). Qual é o culto profano do judeu? O comércio. Quem é seu deus? O dinheiro." E Marx continua incitando a que se veja no comunismo "a organização da sociedade que faria desaparecer as condições para o comércio e tornaria o judeu inviável". No gênero "incitação ao homicídio" é difícil ser mais convincente.

Judeu ou não, o indivíduo, para qualquer regime totalitário, deve ser aniquilado.

O "novo homem" soviético deve ser idêntico a todos os outros homens soviéticos.

Ele é uma peça na grande engrenagem socialista. O "homem-peça" tão valorizado 67 Citado por George Watson, La Littérature oubliée du socialisme, 1999, Nil Editora. Edição inglesa, 1998.

105

A GRANDE PARADA

por Stalin merece um bribe, que o "paizinho dos pobres" não hesita em fazer:

"Bebo", exclama ele, "à saúde dessas pessoas simples, com uns,

modestas, a essas engrenagens que mantêm em funcionamento nossa grande máquina do Estado."68

A "coisificação" e a uniformização do indivíduo, sua redução ao papel de ferramenta nas mãos do Partido, significam para ele. ao mesmo tempo, liberdade - de pensamento e de moral. "Em nossa sociedade, é moral tudo aquilo que serve aos interesses do comunismo", anuncia Leonid Brejnev. Essa aniquilação do indivíduo é a própria aniquilação do ser humano, que nunca existiu de outra forma que não individualmente. Nova mente nesse ponto, a semelhança entre comunismo e nazismo sempre se compreendeu a todos os visitantes, pelo menos àqueles que não haviam sido decerebrados pela propaganda ou treinados pelo Partido para mentir profissionalmente. Em 1936, visitando a União Soviética, da qual ele havia sido um admirador à distância, André Gide voltou desapontado. Em um livro que caiu como uma pedra sobre a cabeça da esquerda francesa, e ele confessou sua desilusão: "Duvido que haja algum outro país atualmente, inclusive a Alemanha de Hitler. onde o espírito seja menos livre, mais subjugado, mais temeroso, aterrorizado

! que na URSS".69 Gide foi terrivelmente injusto com Hitler que, nesse momento, só estava no poder há pouco mais de três anos e ainda não tinha tido tempo de aplicar adequadamente seu modelo, ao contrário dos comunistas, que já haviam tido quase vinte anos para aplicar o seu e assim destruir o homem normal. metamorfoseado por eles no homo sovieticus.

Daí a concepção de Estado comunista de Lenin e de Hitler. Na obra *La Révolution prolétarienne et le renégat Kautzky*, Lenin escreveu: "O Estado está nas mãos da classe dominante, uma máquina destinada a esmagar a resistência de seus adversários de classe. Nesse aspecto, a ditadura do proletariado não se diferencia em nada, quanto aos fundamentos, da ditadura de qualquer outra classe." E, mais adiante no mesmo livro: "A ditadura é um poder que se apóia diretamente sobre a violência e não está submetida a qualquer lei. A ditadura revolucionária do proletariado é um poder conquistado e mantido pela violência, que o proletariado exerce sobre a burguesia, poder esse que não está atrelado a nenhuma lei." Se nos reportarmos ao segundo volume de *Mein Kampf*. veremos que, no capítulo consagrado ao Estado, Hitler se expressa a esse respeito em termos praticamente idênticos. A "ditadura do povo alemão" substitui a do proletariado. Mas se levarmos em 68 Citado em Michel Heiler, *La Machine et les rouages*, ou *la formation de l'homme soviétique*, Calmann-Lévi, 1985. Traduzido do russo por Anne Coldefy-Faucard.

AS ORIGENS INTELECTUAIS E MORAIS DO SOCIALISMO

consideração os vá rios discursos anticapita l i stas do Führer. os dois conceitos não estão m u ito afastados. Todo sistema pol ítico tota l i tário estabelece , i nvariavelmente, u m mecanismo repressivo visando à e l i m i nação não apenas da dissidência pol ítica , mas de toda d i ferença entre os comportamentos i ndividuais. A sociedade tota l iitária é sabidamente i rreconcil iável com a variedade.

A host i l idade contra o indivíduo, j ustificada por sua natural ligação ao l i beral ismo e ao capita l ismo, continuará manifesta ndo-se entre os social istas m u ito depois da queda do com u n ismo soviético e do "adoçamento" do com u n ismo chinês.

Como se sabe, aos ol hos estrábicos da esquerda , a queda do com u n ismo só faz confi rmar o desmoronamento do l i bera l ismo. Ass i m , para o marxista argentino Miguel Benasayag, a utor de u m ensaio de título eloqüente, le Mythe de /'individu 1 0 Mito do Ind ivíduo ! . esse m ito está associado a outro, o "m ito do capita l i smo".

Ta l vez i nspirado em u m contra-senso sobre a fi losofia de René G i rard . nosso autor articu la que "em uma sociedade sagrada" (a sociedade l i bera l ?) "o pri ncípio fu ndador não é expl icado. . . O capita l ismo não escapa a essa regra . E seu pri ncípio i ndivisível e fundador será constituído por esse personagem bastante paradoxa l que se chama o i n divíduo" . 7º

Esse fi l ósofo argentino é demasiadamente pessi m i sta : o ind ivíduo é perfeitamente divisível . A prova é que nazistas e com u n i stas cortaram dezenas de m i lhões de exemplares em uma i nfin idade de pedaços.

7 0 Tradução francesa , La Découverte, 1 998.

Arecusa

entre sis

nazitemátic

smo e a de

comuqualquer

nismo. paralelo.

apesar do até mesmo

parentesco de

entrqualquer

e as

com

duas estr pa raç

utur ão,

as de

governo e seus comportamentos repressivos . provém do fato de que a execução diária do nazismo serve de anteparo protetor contra um exame mais apurado do comunismo.

Relembrar. a cada dia, as atrocidades nazistas - prática tornada sagrada, desde então. sob a alcunha de "dever de memória" - mantém um ruído de fundo permanente que não deixa espaço para se dar atenção à memória das atrocidades comunistas.

Nas palavras de Alain Besançon. a "hipermnésia do nazismo" desvia a atenção da

"amnésia do comunismo". Por isso é fácil entender por que toda análise. todo trabalho de historiadores e memorialistas . que ponha em foco a semelhança essencial entre os dois regimes . provoca tempestades que precedem uma fúria vingativa . Pode-se objetar. com razão, que nunca é demais recordar os crimes nazistas. Mas a insistência nessa lembrança torna-se suspeita quando serve para adiar indefinidamente uma outra recordação: a dos crimes comunistas.

Que va lidade mora l , educativa e, por conseguinte, preventiva pode ter a indispensável condenação dos crimes nazistas se ela se transformar em anteparo destinado a dissimular outros crimes?

O sucesso desse disfarce pode ser comprovado pelo sentido dado à expressão

"dever de memória" que passou a designar, quase que exclusivamente, o dever de

A GRANDE PARADA

lembrar sem descanço os crimes nazistas, e somente esses. Acrescentam-se ocasionalmente à lista alguns outros delitos comparáveis, desde que não pertençam ao campo de atuação dos grandes templos do comunismo e não tenham origem na concepção socialista do mundo.

A censura latente, que torna rarefeita a menção dos crimes da esquerda, recebeu o endosso da direita. Tal endosso foi concedido com a presteza disciplinada com a qual, como é de praxe, a direita cumpre as exigências culturais de seus adversários. Assim, em 16 de julho de 1999, o Presidente da República francesa.

Jacques Chirac, dirigiu-se a Oradour-sur-Glane para inaugurar um "Centro Memorial"

na cidade onde, em 10 de junho de 1944, os oficiais da SS nazista massacraram 642

habitantes, entre os quais 246 mulheres e 207 crianças, queimados vivos dentro da igreja. Nobres e elevados propósitos do chefe de Estado. No discurso de inauguração, o presidente condena, além do holocausto (no sentido literal) de Oradour, todos os massacres e genocídios da História, começando, é lógico, pelo "Holocausto judeu". Em seguida, ele evoca também a noite de São Bartolomeu, "as pequenas cidades da região de Vendée sob o regime do Terror" (citação corajosa, considerando o tabu "jacobino" que durante muito tempo impediu a recordação desse genocídio tão memorável). Foram também citados Guernica, Sabra e Chatila (uma pedra no jardim de Israel). Os assassínios em massa das guerras intertribais de Ruanda em 1994, os milhares de assassinatos ocorridos na Bósnia e onde seus cidadãos se encontrassem, entre 1992 e 1995, em nome da "purificação racial"

e, finalmente, as mais recentes carnificinas em Kosovo. Em todos

esses atos de extermínio, como em Oradour, "os cambrascos não fizeram distinção entre homens, mulheres e crianças", enfatizou Jacques Chirac, com veemência e indignação.

Deve-se notar, ou melhor, ninguém notou, que nesse quadro de "todos" os crimes, de "todos" os tempos e de "todos" os lugares não figura nenhum massacre comunistas. Katyn nunca aconteceu. Tangidos pelo bordão de um chefe de Estado gaullista, Lenin, Stalin, Mao, Pol Pot, Mengistu, Kim Il Sung saíram discretamente do palco da memória dos genocídios e da história dos extermínios repressivos do século XX. Façamos tabula rasa do passado da esquerda! Mais do que isso: os despotismos comunistas, sempre ativos e criativos, ainda hoje, na arte de povoar os cemitérios progressistas e os campos de trabalhos forçados, passaram em branco. A China, onde a cada dia são praticadas impunemente, aos milhares, torturas as quais vale a pena lembrar, a lição da condenação a Pinochet, que não está mais no poder; o Vietnã, a Coreia do Norte, e, como não poderia deixar de ser, Fidel Castro, 110

A MEMÓRIA MUTILADA

com sua conhecida doçura angelical, tão grande que o transformou na Nossa Senhora de Lurdes de todos os peregrinos democráticos ou eclesiais.

A palavra "Memória", que significa "faculdade de lembrar-se", vem sendo empregada, há alguns anos, como sinônimo da palavra "lembrança". Quanto à expressão "lembrança de" alguma coisa. depois que ela passou a revesti-se do significado de "memória de", não se pode mais em pregá-la a não ser no sentido de "lembrança" - . . . perdão! - "memória" dos crimes nazistas e, particularmente, do Holocausto dos judeus. "Memória" e "crimes nazistas" são agora termos intercambiáveis. Daí resulta que o "dever de memória" ligado ao nazismo com exclusividade é, também, um dever de esquecimento de todo o resto.

No dia seguinte aos votos presidenciais em Oradour, o diário regional Ouest

France traz na primeira página: "Uma Memória contra a Barbárie". Será que isso quer dizer que uma só memória, só a de um indivíduo se recorda dessa barbárie?

Seria muito triste. É melhor traduzir: a lembrança sempre reavivada da selvageria nazista deve ensinar às novas gerações o dever

de e l i m inar toda e qualquer forma de barbárie no futuro. Em contrapartida, como os regimes comunistas n u nca praticaram nen h uma barbárie, o que é notório, eles não precisam do "dever de memória". Os que a i nda existem, torturam e perseguem , não são alvo de nen h u m "dever de vigi lância". Nossa rejeição ao nazismo é mais feroz à medida que ele se d istancia no passado. Assi m é que o Ministério dos Ex-Combatentes , cada vez menos útil à proporção que há cada vez menos ex-combatentes, pensa em transformar-se em u m "Ministério da Memória" e até mesmo em implementar u m "turismo da memória".⁷¹ É de se supor que esses agentes de viagens éticas não fornecerão passagens para os "desti nos de memória" da Lubianka soviética , do gu/agdesativado, ou dos laboratórios de traba l hos práticos a i nda em plena atividade nos laogai chi nes.

A constante e crescente vigilância em relação aos cri mes do Tercei ro Reich é u m fruto saudável d a consciência h i stórica . M a s o fato dessa vigilância ter-se tornado dez vezes maior depois que a q ueda do com u n ismo expôs a verdade sobre os seus cri mes, ou pelo menos tornou mais difíci l escondê-los, eis uma coincidência que nos faz duvidar, pelo menos quanto a u m de seus fatores, de nossas motivações antinazistas.

N o mesmo dia em que o presidente discursava em Oradour, nosso primei rom i n i stro , Lionel Josp i n , não querendo ficar pa ra trás na ética hemiplégica , praticava "turismo de memória", accompan hado de sua esposa , descendente de poloneses, 7 1

Le Monde, 18- 1 9 de julho d e 1 999.

1 1 1

A GRANDE PARADA

visitando Auschwitz. Quem não lhe ficaria agradecido? N u nca é dema is lembrar a

"si ngu laridade" do Holoca u sto, pa ra uti l izar a expressão de Ala i n Besa nçon . ⁷² Lamentamos, contudo. que nossos dois "tu ristas da memória" não ten ham aproveitado. já que estavam na Polônia, pa ra cumprir mais um "dever" e ir até Katyn. O dever de memória é u n iversa l . ou então ele não passa de pa rtidarismo farisaico. É u m insu lto à memória das vítimas d o nazismo servir-se delas para enterrar a lembra

ça das víti mas do com u n ismo.

Peço desculpas por resumi certos fatos, seguindo a tendência das novas gerações.

para as quais o acidente geográfico "Katyn" não diz nada - como já pude constatar várias vezes - pela simples razão de que seus professores, jornais e outras mídias tomaram todas as precauções necessárias justamente para evitar que esse nome lhes dissesse alguma coisa. Em setembro de 1939, a Polônia foi derrotada, depois de ser invadida simultaneamente pelos nazistas, a oeste, e pelos aliados destes, os comunistas, a leste. Como recompensa a seus amigos soviéticos pela preciosa ajuda, Hitler lhes outorgou então uma zona de ocupação de duzentos mil quilômetros quadrados (entre outros territórios). A partir da derrota da Polônia, os soviéticos massacraram nessa zona, sob ordens escritas de Stalin, milhares de oficiais poloneses prisioneiros de guerra: mais de quatro mil em Katyn (perto de Smolensk), local onde foi descoberto.

posteriormente, um dos mais famosos ossários, além de outros 21 mil em vários locais. Devem-se adicionar a essas vítimas cerca de 15 mil prisioneiros, soldados comuns, provavelmente mortos por afogamento no Mar Branco. Perpetrados em poucos dias segundo um plano preestabelecido, esses assassinatos em massa de poloneses vencidos, exterminados pelo simples fato de serem poloneses, constituem indiscutíveis crimes contra a humanidade, e não apenas crimes de guerra. Já que a guerra, para a Polônia, havia terminado.

Segundo a Convenção de Genebra, a execução de prisioneiros de um exército regular, que combateram uniformizados, constitui crime contra a humanidade, sobretudo depois que o conflito já terminou. A ordem de Moscou era para suprimir todas as elites polonesas: estudantes, juizes, proprietários de terras, funcionários públicos,

engenheiros, professores, advogados e, certamente, oficiais.

Quando esses ossários poloneses foram descobertos, o Kremlini impôs os crimes aos nazistas. A esquerda ocidental naturalmente se apressou em obedecer aos ditames do mestre. Não posso dizer que toda a esquerda não-comunista tenha sido servil. Mas parte de que tinha dúvidas permanece um pouco discreta. em um artigo de Le malheur du siècle /e nazisme, /e communisme et l'unicité de la Shoah. Fayard, 1998.

atitude que era mais de la mento perplexo do que de agressividade categórica .

D u rante 45 anos. afirmar em voz alta que era possível que os soviéticos fossem culpados - pela s i m ples razão de que os cri mes haviam sido cometidos na zona de ocupação soviética e não alemã - classificaria o autor da afi rmação imediatamente entre os obsessivos "viscerais" do anticom u n ismo "pri mário". Eis que em 1 990, graças a Gorbatchev e sua g/asnost, o Kre m l i n reconhece sem rodeios atenuantes , em u m com u nicado da agência Tass. que " Katyn foi u m grave cri me do período sta l i n i sta". Em 1 992, em consequência de um princípio de i nventário nos arquivos de Mosco u . divulga-se um relatório secreto datado de 1 959, de Chelep i n . então chefe da KGB. Ele dá conta de "2 1 .857 poloneses de el ite, fuzilados em 1 939 sob as ordens de Sta l i n".

Esta ndo a questão defi n ida pelas próprias confissões soviéticas. esperava-se que os revision istas ocidenta is de esquerda , que d u rante quatro décadas haviam chamado de fascistas. ou quase isso. os que defendiam a culpa soviética . se retratassem . Ledo enga n o ! Como ta mbém foi lamentável que, em 1 999, o pri mei rom i n i stro da Fra nça não t ivesse feito um pequeno gesto "tu rístico" na Polônia, para demonstra r que fi nal mente a esquerda deixara de ser u m muti lado da " memória", da mora l e da h i stória .

Essa persistente d i scri m i nação provém d a igual mente tenaz aberração segundo a qual o fascismo seria a antítese do com u n ismo. Conseqüentemente. as dezenas de m i l hões de vítimas do com u n ismo. embora fossem tantas. qual itativamente seriam menos "víti mas" do que as do fascismo. Temos vontade de i nterpelar os que nega m essas víti mas grita ndo-l hes: "O que l hes dá o d i reito de ca lar-se?" Não é o fascismo que é i n i m igo do com u n ismo. É a democraci a . A democracia é o seu adversário com u m . A verdadeira l i n ha divisória entre os regi mes do sécu lo XX

passa entre as democracias e os regimes tota l itários. i n dependentemente da diversidade de antago n i smos aparentes entre as pa raferná l ias ideológicas com que se enfeitam os exterm i nadores da l i berdade.

N u nca haverá uma "memória" j u sta - portanto n u nca haverá memória, pois ela vol u ntariamente muti lada é inexi stente - enquanto esquerda e d i reita j u ntas i nsist i rem em dar tratamento d i ferente aos cri m i nosos vencedores e aos cri mi nosos vencidos.

Certa m e n t e . u m a d a s c a u s a s d e s s e v é u q u e c o b r e o s c r i m e s c o m u n i s t a s é a c o v a r d i a . j á q u e é m a i s f á c i l a t a c a r o s t i r a n o s m o r t o s d o q u e o s d i t a d o r e s v i v o s .

1 13

A GRANDE PARADA

P a r a m e l h o r c o m p r e e n d e r o c o l o s s a l s e r v i l i s m o q u e s e m a n i f e s t o u e m r e l a ç ã o à U n i ã o S o v i é t i c a e n t r e s u a v i t ó r i a m i l i t a r e m 1 9 4 5 e s e u d e s a p a r e c i m e n t o e m 1 9 9 1 , b a s t a o b s e r v a r a d e f e r ê n c i a c o m q u e s ã o t r a t a d o s o s r e g i m e s c o m u n i s t a s q u e s u b s i s t e m , e m b o r a e n f r a q u e c i d o s . A t i t u d e o b r i g a t ó r i a n o O c i d e n t e e n t r e o s p a r t i d á r i o s o u s i m p a t i z a n t e s . e s s e s e r v i l i s m o s u r p r e e n d e p e l a a m p l i t u d e i n e s p e r a d a q u e a d q u i r e d a p a r t e d o s a d v e r s á r i o s d a i d e o l o g i a . E m é p o c a s p a s s a d a s . e s s a a t i t u d e p o d e r i a s e r j u s t i f i c a d a p e l a p r á t i c a d a r e a l p o l i t i k . M a s e l a s o b r e v i v e a o f i m d o c o m u n i s m o s o v i e t i c o e e u r o p e u , p o r q u e e l e s c o n t i n u a m s e m c o r a g e m d e d e s a g r a d a r à s u a p r ó p r i a e s q u e r d a , q u e a i n d a r e l u t a e m r e c o n h e c e r a d e r r o c a d a u n i v e r s a l e o s c r i m e s c o m p r o v a d o s d o s o c i a l i s m o r e a l . P o r u m l a d o , o T e r c e i r o R e i c h f o i a n i q u i l a d o p o l i t i c a m e n t e h á m a i s d e m e i o s é c u l o .

e n q u a n t o q u e o c o m u n i s m o a i n d a e x i s t e . e m b o r a s o b r e u m t e r r i t ó r i o m a i s r e s t r i t o ; p o r o u t r o l a d o . a i d e o l o g i a n a z i s t a j á n ã o m a i s r e p r e s e n t a . h á c i n q ü e n t a a n o s , u m a f o r ç a c u l t u r a l . e x c e t o p a r a a l g u n s m a r g i n a i s s e m p o d e r d e i n f l u ê n c i a . m a s c u j a i m p o r t â n c i a é c u i d a d o s a m e n t e a u m e n t a d a c o m o o b j e t i v o d e m a n t e r o m i t o d e u m " p e r i g o f a s c i s t a " e t e r n a m e n t e r e n o v a d o . A o c o n t r á r i o . a i d e o l o g i a m a r x i s t a - l e n i n i s t a , e m b o r a d e s a c r e d i t a d a p e l a r e a l i d a d e p r á t i c a . o u p e l o m e n o s a s s i m d e v e r i a s e r , c o n t i n u a i m p r e g n a d a e m n o s s o s e s q u e m a s i n t e r p r e t a t i v o s e c o m p o r t a m e n t o s c u l t u r a i s . O s p r o c e d i m e n t o s t í p i c o s d o s r e g i m e s d e S t a l i n e L e n i n c o n t i n u a m e m u s o . A c a l ú n i a , a m e n t i r a , a d e s i n f o r m a

ç ã o , a d e f o r m a ç ã o . o c a s u í s m o , a i n j ú r i a d i f a m a t ó r i a , o r ó t u l o f a s c i s t a . c o l a b o r a c i o n i s t a . o u m e s m o a n t i - s e m i t a , a p l i c a d o a t o d o s a q u e l e s q u e o s c o n t r a d i z e m . e n f i m , a a f r o n t a i m e r e c i d a e i n s i d i o s a . c o n t i n u a m s e n d o a c e i t a s e m n o s s o s m e i o s p o l í t i c o s e m e s m o a r t í s t i c o s o u l i t e r á r i o s . A a c u s a ç ã o m a i s t r i v i a l é t r a t a r d e n a z i s t a q u a l q u e r u m q u e d e s a p r o v e a s e i t a , i n d e p e n d e n t e m e n t e d a n a t u r e z a d o d e b a t e . m e s m o q u e n a d a t e n h a

a ver com a po l í t i c a . É revelador que a l e i f r a n c e s a , a qual. desde 1 990, p u n e a s i m p l e s contestação dos cri mes nazistas. a utorizando, porta n t o . através da o m i s s ã o a esse respeito. a contesta

ção dos cri mes com u n i s t a s . . . s e j a d e a u t o r i a d e u m c o m u n i s t a . E u q u e r o m e s m o q u e v e n h a m m e e x o r t a r a e x e c r a r , s e m p r e e c a d a v e z m a i s , o s a n t i g o s a d m i r a d o r e s d e H i m m l e r , d e s d e q u e e s s a h o m i l i a a m e a ç a d o r a n ã o m e s e j a a d m i n i s t r a d a p o r a n t i g o s a d m i r a d o r e s d e S e r i a .

Q u e a e s q u e r d a s e a b s t e n h a d e m e r o t u l a r d e " f a s c i s t a " p o r q u e e s t a b e l e c i e s s e p a r a l e l o e n t r e o g e n e r a l d a S S e o t c h e k i s t a . O p a r a l e l o n ã o é m e u : e l e é d e S t a l i n , q u e c h a m a v a S e r i a d e " n o s s o H i m m l e r " e f o i n e s s e s t e r m o s q u e o a p r e s e n t a

A MEMÓRIA MUTILADA

tou ao presidente norte-a mericano, Frankl i n Roosevelt, que ficou estupecato com tanto ci n i s m o . 73

...

O processo de sepu ltamento periódico das recordações sobre o comu n i s m o por parte de seus antigos cú mplices é acompanhado de uma complacência em relação aos regi mes comu n i s t a s remanescentes idêntica à que era dedicada , anteriormente, à U n i ã o S o v i e t i c a . Não apenas por pa r t e d a e s q u e r d a , o q u e n ã o s u r p r e e n d e .

mas também por pa r t e d a d i r e i t a . É uma velha tradição: afinal de contas, foi um pol í t i c o q u e h o j e s e r i a c l a s s i f i c a d o d e c e n t r i s t a , o r a d i c a l - s o c i a l i s t a Édouard Herriot , q u e t e n d o v i a j a d o o u t e n d o s i d o l e v a d o à U c r â n i a , n o c o m e ç o d a d é c a d a d e 1 930, declarou s ó t e r v i s t o n a q u e l e p a í s i n d i v í d u o s p r ó s p e r o s , f e l i z e s e b e m - a l i m e n t a d o s . D u r a n t e o s a n o s 1 933 e 1 934, q u a n d o e s s e p o m p o s o i m b e c i l t r a n s m i t i a s u a s b e a t a s i m p r e s s õ e s d e v i a g e m à i m p r e n s a f r a n c e s a . 1 5 m i l h õ e s d e c a m p o n e s e s u c r a n i a n o s . e x p u l s o s d e s u a s t e r r a s . f o r a m d e p o r t a d o s p a r a a S i b é r i a ; u m m i l h ã o d e l e s f o r a m e x e c u t a d o s s u m a r i a m e n t e ; s e i s m i l h õ e s m o r r e r a m e m c o n s e q ü ê n c i a d a f o m e p r o v o c a d a c o n s c i e n t e m e n t e . A p e s a r d e s s e s d e s a g r a d á v e i s a n t e c e d e n t e s . a m e s m a c e g u e i r a a f e t a , t r i n t a a n o s d e p o i s , o s e s p e c i a l i s t a s q u e v i a j a r a m à C h i n a , q u e n a d a p e r c e b e r a m d a s c a r n i f i c i n a s d a p s e u d o - r e v o l u ç ã o d i t a c u l t u r a l . N a v e r d a d e , e l a f o i u m a d e p u r a ç ã o s á d i c a e s a n g u i n o l e n t a d e s e n c a d e a d a p o r M a o . A G u a r d a V e r m e l h a l i n c h o u e a s s a s s i n o u m i l h õ e s d e c o m p a t r i o t a s . D e m ê n c i a b e s t i a l q u e o p r ó p r i o C h o u E n - L a i

definiu mais tarde como a maior catástrofe de toda a história da China.

Segundo Jean-Louis Margolin, seu mais recente historiador, o "Grande Salto para a Frente" (1959-1961) já havia sido "a maior epidemia de fome da história", 74

fome deliberadamente suscitada por Mao Tsé-tung, graças à combinação singular de idiotia econômica, incompetência agrônoma (ele havia transplantado para a China as teorias de Lyssenko!) e do desprezo pelo povo que caracteriza o comunismo. "Fome de fundo político", diz ainda Margolin. Ela fez aumentar a mortalidade de 15 por mil. Índice dos tempos normais, para 68 por mil. Em 1994, documentos chineses, de uso interno do partido, vazaram para o Ocidente, provando que o total de mortes devidas ao Grande Salto para a Frente e à Revolução Cultural deveria ser revisado e aumentado em várias dezenas de milhões. 75 No 73

O curioso episódio é contado pelo filho de Beria em suas lembranças sobre seu pai. Sergo Beria, Beria mon pere. Prefácio, tradução e notas de Françoise Thom, Plon/Critérion, 1999.

74

Le Livre Noir du Communisme, p. 530. Ver principalmente J. Becker, Hungry Ghosts, Londres, John Murray, 1996. Tradução francesa La Grande famine de Mao, Editora Dagorno.

75

"Revelations on Mao's famine: the great leap into death". International Herald Tribune, 18 de julho de 1994.

115

A GRANDE PARADA

momento em que os países ocidentais repetiam que "Mao talvez tivesse suprimido as liberdades. mas que pelo menos, graças a ele, os chineses tinham comida suficiente", as baixas por aumento da mortalidade devido à penúria, entre 1959 e 1961, estava muito próxima das milhões de vítimas! A partir de 1988, as autoridades chinesas admitiram vinte milhões. Ora, não apenas os visitantes e a imprensa ocidentais silenciaram, durante anos, a respeito desse assassinato coletivo, mas ainda em 1997 o trabalho histórico de Margolin suscitou indignação na

esquerda e u ropéia !

D u ra nte as duas ú ltimas décadas do sécu lo, estadistas e homens de negócios do Ocidente com pet i ra m entre si q u a nto aos favores prestados ao vis itarem os di rigentes com u n i stas chi neses ou vietnam itas. No entanto, a triste situação dos d i reitos. ou m e l hor, da a u sência de d i reitos do homem na China no fi nal de século XX está bem docu mentad a , ass i m como a firme resol ução do partido ú n ico de manter sua h egemon ia na esfera pol ítica , senão também na econômica . Dez anos depois de rat ificar um tratado i nternaciona l ba n i ndo a tort u ra . a C h i na cont i n u a a praticá-la e m todas as prisões. principa l m ente no Tibete. Em 1 998 e 1 999. as prisões de dissidentes e a repressão ideológica redobram de i nten sid a d e , tra i ndo as expectat ivas de certos observadores que havi a m previ sto q u e a relat iva l i be ra l ização econômica leva ria a u m a prog ressiva l i be ra l ização pol ítica e c u l t u ra l . E m dezembro de 1 998, novas regras (não se pode chamá-las de leis) viera m restri ngi r a i nda m a i s , se é que é possíve l . a l i berdade de expressão nos jorn a i s , livros , cinema , televisão e vi deocassetes , a u t i l ização da i nternet e de programas de i n formática . Toda i n fração dessa cen s u ra reforçada será con s i derada com o u m a "tentativa de s u bversão contra o Estado" e será pun ida com prisão perpét u a . 76 Já mencionei o sistema de concentração chi nês, os laogai, que compreende m i l ha res de ca mpos d i ssem i nados por todo o território . O n ú m ero exato pode ser encontrado no laogai Handbook, publ icado na Ca l i fórn ia e periodicamente atua l izado pela laogai Research Foundation.77 A pena de morte, aplicada su mariamente , mesmo em caso de pequenos del itos ou de insubord i n ação de pequena monta , res u lta em vá rios m i l h a res de execuções, a cada a n o , na China. A questão de saber se o com u n i smo é ou não i ntri nsecamente cri m i n oso, no caso chi nês assi m como no caso russo, só poderá suscitar u ma resposta negativa ou ambígua se houver uma obn u b i l ação ideológica sem qualquer relação 76 Comun icado da Agência Reuters, emitido de Peq u i m , em 23 de dezembro de 1 998. Ver também International Hera/d Tribune, 25 de dezembro de 1 998.

77

PO Box 36 1 37 5 , M i l pitas, CA 95036 EUA.

1 16

A MEMÓRIA MUTILADA

com os fatos. O m i stério não está na cri m i n a l idade com u n ista . mas no fato dela a i nda precisar ser d i scutida .

A d i reção do PC chi nês não tem a m ínima i ntenção de suaviza r a dom i n ação tota l itária sobre o país . Bem ao contrá rio. Em dezembro de 1 998, Jiang Zem i n .

d irigente máxi mo d o Partido e a o mesmo tempo d a Nação. excl u i u "pa ra sempre", disse ele enfática mente. a possi b i l i dade de uma democracia à moda ocidental e prometeu ma nter inalterada "pelos próxi mos cem anos a l i n ha fu ndamental do Partido Com u n i sta". Aí está u m "homem de convicções fi rmes" . qual idade que os pol íticos ocidenta is prezam aci ma de tudo. Vi nte anos antes. Den Xiaoping havia bradado: "Liberem o pensamento ! " Em 1 998, J iang ordena: "É preciso matar no nascedou ro as atividades subversivas e separatistas." Esse último adjetivo é u ma evidente a l u são ao Ti bete.

78

Sabemos que aos ol hos dos nossos democratas ocidentais. tanto de direita quanto de esquerda . as execuções sumárias. as prisões arbitrárias, os massacres. a tortura . os campos de concentração. as deportações em massa , as anexações e persegui

ções de povos i ndefesos. os j u lgamentos fraudados. todos representam atos h u man itários quando são os comunistas que os pratica m . Eles só viram cri mes quando são rea l izados por H itler ou Pinochet . o q ua l . a l i ás. se comparado à eficácia em esca la i n dustrial de Sta l i n ou de Mao, não passou de u m modesto artesanato. Nada disso é novidade. Mas nosso perdão benevolente concedido à China é uma i mprudência a i nda maior se considerarmos que essa potência conti n u a sendo uma ameaça estratégica . Seu arsenal atômico é constantemente reforçado. graças à espionagem e ao roubo. táticas que lhe perm itiram subtrair aos laboratórios n ucleares norte-a mericanos i n formações com as quais a China constru i u uma bomba atômica do tipo mais perfeito.⁷⁹ Além disso. a agressividade de Pequ i m em rela

ção a Ta iwan põ♦ em risco permanente a paz no Extremo Oriente.

As democracias ca pita l i stas "engolem todos esses sapos" sob pretextos econômicos. A C h i n a é, potencial mente. o pri m e i ro mercado do m u ndo. e n i nguém pode negl igenciar esse fato. dizem-nos. Ta l vez. Mas ela é um cl iente que compra nossos produtos sobretudo com o dinheiro que nós mesmos lhe emprestamos e q u e ela não nos devolve. ou pelo menos m u ito pouco. Era o mesmo

processo que ocorria com a antiga URSS e que acontece com a Rússia atual. As dívidas da China não são pagas (quatro bilhões de dólares em moratória em janeiro de 78

Transcrição na íntegra desse discurso pode ser encontrada no jornal Le Figaro e no International Herald Tribune, dos dias 19 e 20 de dezembro de 1998.

79

Revelação do Washington Post de 1º de janeiro de 1999.

117

A GRANDE PARADA

1999) ou são "reescalonadas". A vergonha pudica que significa que o pagamento foi mandado para as calendas gregas. Somente os Estados Unidos despejam todos os anos, sessenta bilhões de dólares de empréstimos de risco ou irre recuperáveis no regime chinês.

Além disso, o creduloso Ocidente se deixa cair na armadilha das estatísticas chinesas vergonhosamente fraudadas e que exageram a importância da decolagem da China e, portanto, sua capacidade de compra e consumo. O economista e especialista em demografia Jean-Claude Chesnais, Diretor de Pesquisas no Instituto Nacional de Estudos Demográficos, revelou as razões pelas quais as estatísticas chinesas que embelezam a situação do país são pouco confiáveis.⁸⁰ Ao contrário da Índia, a China não tem qualquer tradição estatística moderna. Seu Departamento Central de Estatística só foi criado em 1952 e fechado doze anos depois.

pela Revolução Cultural. As autoridades queriam evitar que fosse possível medir os desgastes econômicos e demográficos da chamada revolução, bem como os estragos do Grande Salto para a Frente que a precedera. Reaberto, em 1978, na época em que começou a transformação liberal. faltam especialistas competentes a esse organismo, que preenche os critérios exigidos internacionalmente. Suas publicações são muito pobres, sempre à mercê de abalos políticos e de incunáveis ditadas pela propaganda governamental. Assim, elas acumulam dados oriundos de avaliações incoerentes e contraditórias, tanto no que diz respeito à expectativa de vida, mortalidade e dados populacionais, quanto nos aspectos que tocam o desenvolvimento. Em boca o crescimento econômico da China a partir do começo da década de 1980 seja in

egáve l . sua i m portância é inflacionada pelas invenções estatísticas, cuja preocupação essencial é difu n d i r a idéia de que a C h i na teria alcançado u m n ível de vida por habita nte superior ao da f ndia. O i nverso é verdadeiro. I nfel izmente, a fa lta de visão ou a complacência pol ítica dos especia l i stas i n ternacionais os leva . m u itas vezes. a sancionar as mentiras ch i n esas e ass i m i nduzir ao erro os agentes econôm icos ocidenta i s . O Atlas d o Ba nco M u n d i a l de 1 998 atribui à China um índice de cresci mento da receita por habitante. entre 1 990

e 1 996, de 1 1 % ao ano. Ora . contrapõe Chesnai s , "essa ordem de grandeza não tem paralelo. Ela leva a pensar que se trate de uma esti mativa grossei ra e pouco provável . fornecida pelas autoridades chi nesas".

Não aprendemos nada . O coq uetel preparado pelas democracias. d u rante 75

anos. para o rega lo da U RSS, é agora servido à China: u m terço de indu lgência 80

" Les com ptes fantastiques de la C h i n e " , Annales des Mines, março de 1 999.

1 18

A MEMÓRIA MUTILADA

pelas violações dos d i reitos do homem , um terço de i ndolência diante das amea

ças estratégicas, u m terço de complacência econômica , i rrigando de créditos as terras estéreis do coletivismo. com uma prod iga l i dade que bei ra a id iotia.

A recusa da h i stória e a amputação da mernória i n spiram a mesma "surpresa" , a mesma cólera por parte d a esquerda , cada vez q u e e l a é contrariada por mais uma obra que estabelece a l i sta dos crimes do com u n ismo contra o i nd ivíduo e sua i n épica econômica. Essa ignorância vol u ntária e essa fuga , ante tudo o que a venha abalar, são agravadas, tanto à d i reita como à esquerda, por uma incapacidade de aproveitar as l i ções do passado para mel horar a pol ítica do presente. Como d izem Vlad i m i r Boukovsky e o dissidente chi nês Wei) i ngsheng,81 "a h i stória tem provas abu ndantes de que a estratégi a da détente estava errada . N o entanto, novamente, ass i m como há 25 anos, vêm nos assegurar, agora no caso da C h i n a ,

que o comércio com o Ocidente e aलगुनss sorrisos a mais serão suficientes para transformar uma sociedade totalitária em democracia".

Como os regimes comunistas sempre derivaram sua força da fraqueza que nós, democratas, exibimos, eles não hesitam em explorá-la. A China tem a pretensão de impor sua censura não apenas dentro de casa, o que é normal para uma ditadura, mas também no estrangeiro, censurando todas as produções e informações referentes à China, principalmente os filmes, e, sobretudo, aqueles que tratam da história recente do Tibete ou do budismo tibetano. A oligarquia chinesa freqüentemente consegue que seus caprichos sejam atendidos. Em 1996, Rupert Murdoch, o magnata internacional da imprensa e da mídia, obediente às ordens chinesas.

suprime do World Service da BBC a transmissão de Star TV na Ásia, que está sob seu controle. Por quê? Porque a BBC ousou transmitir três programas classificados como "antichineses" por Pequim. Leia-se: que diziam a verdade. Um tratava dos orfanatos-mortuários da China contemporânea; o segundo, das usinas onde a mão-de-obra é composta de prisioneiros-escravos; o terceiro abordava as memórias do antigo médico de Mao, Dr. Li Zhisui, aposentado e vivendo nos Estados Unidos.⁸²

No programa, o Dr. Li pintava Mao com as cores de um tirano impiedoso, paranóico e obcecado por sexo, cuja vida privada era dissoluta. Mostrava também que o

"Grande Ti-moneiro" era espantosa mente pobre de intelecto, como já se percebera há muito tempo a partir das simples leituras de suas obras.⁸³ Em 1998, Murdoch ⁸¹

"Les crimes impunis de la Chine", Libération, 24-25 de abril de 1999.

82

The Private Life of Chairman Mao, Random House, 1994.

⁸³ Ver o anexo I, no final do capítulo, que reproduz um artigo que consagrei a esse estranho engano, em 1968, na revista L'Express.

119

A GRANDE PARADA

levou aí ainda mais longe a subserviência si nófi la proibi ndo uma de suas editoras, a Harper-Col lins. de publ icar u m l ivro de Christopher Patten , o ex-governador britânico (ú ltimo) de Hong Kong, considerado por ele mu ito crítico em relação à C h i n a .

Gesto estúpido, além de covarde, poi s , evidentemente , o l ivro logo foi publicado por um outro editor e aproveitou toda a publ ici dade devida a essa escandalosa e abusiva quebra de contrato.⁸⁴ Patten demonstra , particularmente, que não há correlação racional entre o i ntercâmbio econômico com a China, que deveria ser rea l ista, e as reverências frenéticas do Ocidente. Na verdade, diz ele, é o m u ndo ocidental . não a C h i n a , que se encontra em posição de superioridade econômica. Mas as genti l ezas preva lecem em virtude da obsessão pelo "mercado" ch i nês, como se um mercado com tão pouca l i q uidez merecesse toda essa consideração. A cada ano desde o ato de repressão da Praça da Paz Celestial. em 1 989, uma tímida resol ução é apresentada à com i ssão ad hoc da O N U , por um ou outro pa ís democrático, sol icitando a condenação das práticas de violação dos direitos h u manos na China: de 1 989 a 1 999, ela é sistematicamente recusada .. .

* * *

Nas sociedades com u n i stas do primeiro escalão, ou sej a , aquelas que servi ram de protóti po pa ra as cópias menores ou de matriz para as fi l ia is-satél ites, observase sempre uma convergência de componentes cu j os resu l tados cu m u lativos tendem à a n i q u i lação do povo. O primeiro componente é representado pelos expu rgos periódicos . as execuções em massa, práticas que podemos chamar de destru i

ção d i reta . O segundo é u m a destru ição i n d i reta ou diferida , através das deporta

ções maciças, privações e maus-tratos conscientemente i nfl igidos , prisão em campos de reeducação ou de trabalhos forçados . todos métodos que acabam levando a u m a umento da morta l idade. O tercei ro componente é essa estranha hab i l i dade que têm todos os regi mes com u n i stas de se lançar com implacável determ i n ação em transformações econômicas, particu larmente agrícolas, de uma estupidez tão criativa que não pode ser um mero acaso. Ta is experiências fazem cai r de 80 a 50%

a produtividade das terras mais férteis . levando a surtos de fome que

custam a vida de milhões de seres humanos. O quarto componente é a fúria destruidora de toda expressão cultural e a prevenção de toda criação que se afastem dos dogmas marxistas-leninistas. No caso do Tibete, os chineses, em número de milhões e duzentos ou trezentos milhões, não se contentam em esmagar uma pequena população de seis milhões de indivíduos, ocupar o país, subjugar-lo e roubar-lhe seus 84

Christopher Patte n , China, Power and the Future of Asia, Times Books, 1998.

120

A MEMÓRIA MUTILADA

parcos recuados, basicamente florestais. Eles são doentiamente obcecados pela idéia fixa de destruir a civilização e a cultura. 85 Algumas sociedades comunistas se esmeram em manter as quatro especialidades totais. Outras brilham ora em uma, ora em outra. As melhores são exímias nas quatro modalidades de formas imutáveis e constante. Mas nenhuma delas jamais negligencia qualquer desses componentes por completo. Parece, portanto, que a união desses quatro ingredientes de base dá origem aos fundamentos constitutivos, estruturais e funcionais de todo comunismo. em toda parte e em todo contexto histórico.

Será que se pode chamar de "genocídio" o conjunto de consequências desse sistema? Considerando a amplitude quantitativa da destruição de vidas humanas.

a pergunta é muito capciosa. Ainda mais se levarmos em conta que, além da destruição física do homem, esses regimes levam também à sua aniquilação cultural. um complemento obrigatório de todo regime totalitário. Adotar ou não o termo "genocídio" depende, portanto, de uma decisão de natureza qualitativa, cuja conclusão é minuentemente conceituai não modifica em nada o destino das vítimas. Será que se decidirmos que não pereceram em virtude de um genocídio elas irão ressuscitar? Será que os ossários onde apodreceram os milhões vão se transformar, somente por isso, em berçários?

Alguns traços característicos do totalitarismo comunista estão presentes igualmente no totalitarismo nazista, como, por exemplo, os extermínios programados, mas não a falência econômica deliberada. Os nazistas condenaram à fome os povos conquistados.

con fiscando toda a produção dos países vencidos para a l i m e n t a r s e u exército. E l e s n u n c a submeteram sua própria popu lação à fome, n e m m a t a r a m s e u s próprios c a m p o n e s e s . n e m d e s t a r a m s u a própria agricu ltura . e m t e m p o s d e p a z , i m p o n d o - l h e d e c i s õ e s extravagantes . A p e n ú r i a , n a A l e m a n h a n a z i s t a . p r o v i n h a d a guerra , n ã o d a v o n t a d e d o s d i r i g e n t e s .

Entre 1 994 e 1 999, segu ndo u m relatório da Associação Budista Good Friends

[Bons Amigos 1 . três m i l h õ e s d e c o r e a n o s d o n o r t e t e r i a m desaparecido. vítimas de u m a e p i d e m i a d e f o m e q u e s ó p o d e s e r atribuída ao próprio com u n i s m o . e m b o r a o s d i r i g e n t e s a t e n h a m i m p u t a d o à s e n c h e n t e s o c o r r i d a s e m 1 994 . É u m s u b t e r f ú g i o t ã o v e l h o q u a n t o o p r ó p r i o c o m u n i s m o o d e a t r i b u i r s e u s p r ó p r i o s e f e i t o s desastrosos às i n t e m p é r i e s n a t u r a i s . M e n g i s t u f e z o m e s m o d u r a n t e dez anos na Etiópia.

A p e n ú r i a c o r e a n a n ã o i m p e d i u q u e P y o n g y a n g t i v e s s e o orçamento necessário 85

Essa idéia fixa produz estragos desde o i n í c i o d o p e r í o d o d e ocupação, em 1 950- 5 1 . Estragos que persistem, ou melhor, que atingem o auge, atual mente. Ver a reportagem de John Pomfret, "Tibetans Struggle for Identity", International Hera/d Tribune, 22 de j u l h o d e 1 999.

121

A GRANDE PARADA

para desenvolver u m a r s e n a l n u c l e a r d e g u e r r a , a l e g a n d o q u e s e tratava , n a r e a l i d a d e , d e u m a i n d ú s t r i a n u c l e a r p a r a a p a z , indispensável para a produção de energia. Segui ndo a costu m e i r a atitude democrática de resignação diante desse tipo de ameaça , os Estados U n i d o s , e m v e z d e e x p l o r a r a p o s i ç ã o d e f r a q u e z a . l o g o propuseram à Coréia do N o r t e f o r n e c e r - l h e s . a l é m d e a j u d a a l i m e n t a r . r e a t o r e s n u c l e a r e s c i v i s e p e t r ó l e o g r a t u í t o , e m t r o c a d o abandono dos planos para u m a i n d ú s t r i a n u c l e a r m i l i t a r . T a m b é m seg u i n d o o v e l h o c o s t u m e c o m u n i s t a , a C o r é i a d o N o r t e embolsou as doações - n a t u r a l m e n t e u t i l i z a d a s p a r a c o n f o r t o d o s d i r i g e n t e s e n ã o p a r a a t e n d e r à s n e c e s s i d a d e s d o p o v o - e t r a b a l h o u c o m m a i o r a f i n c o p a r a d e s e n v o l v e r s u a b o m b a a t ô m i c a , sigilosamente, em laboratórios subterrâneos.

Os coreanos recusara m t o d a s a s v i s i t a s d e i n s p e ç ã o a m e n o s q u e

recebessem pagamento por elas. Cada vez mais exaltados à medida que a população tornava-se mais fanática, os dirigentes chegaram mesmo a ameaçar os Estados Unidos com a destruição e de apagar a América do mapa "de uma vez por todas". 86 Nessa terra abençoada pelo comunismo dinástico, o "amado líder" Kim Jong Il, a exemplo de seu pai Kim Il Sung, segue fielmente a disciplina de Stalin e de Mao. O que mais entristece, porém, é que as democracias não reconhecem o passado quando ele se disfarça de presente.

Constata-se, então, que o benefício de não ser inventariado, concedido aos comunistas do passado e ao passado dos comunistas do presente, serve de suporte à indulgência que testemunhamos em relação aos seus correligionários que ainda estão no poder. Os dois disfarces se completam. Daí resultam as resistências a uma investigação mais detalhada da história e da atualidade. Se fosse imparcial.

considerando a atual preponderância da filosofia dos "direitos do homem", ela deveria conduzir-nos a harmonizar nossos critérios políticos com nossos princípios morais. Levar-nos-ia forçosamente à universalidade de condenação de crimes idênticos, o que queremos a todo custo evitar.

A cada publicação demonstrando que Lenin foi tão criminoso quanto Stalin, ou talvez até mais, a esquerda se mostra "estupefata", simplesmente porque ela esquecera. rapidamente, a publicação anterior.

Os mais consagrados filósofos ficaram estarelecidos com o lenine de Hélène Carrère d'Encausse em 1998.87 Então, o abalo sofrido pela publicação do livro 86

International Herald Tribune, 4 de janeiro de 1999. Ver também Life and Human Rights in North Korea, verão de 1999, n. 12. Essa publicação trimestral é escrita em japonês, coreano e inglês e financiada por contribuições voluntárias de cidadãos japoneses e coreanos.

87

Fayard.

122

A MEMÓRIA MUTILADA

Negro, no ano anterior, já teria sido esquecido nesses poucos meses? Também não parecia haver restado nem h u m vestígio do espanto ca usado em 1 982 pela tese de Dom i n i que Colas, *Le Léninisme*.sa Como também não lhes restava nem h u m estigma psíq u i co da violenta comoção cau sada , em 1 975, pela obra *La Terreur sous Lénine* 1 0 Terror na era Len i n ! de Jacques Baynac,⁸⁹ onde o n úmero de vítimas da benevolência len i n ista , entre 1 9 1 8 e 1 920, é ca lcu lado em torno de dois m i l hões e meio de mortos . Al iás, os i ntelectuais progressistas haviam recebido o choque origi nal no exato momento em que esses crimes eram cometidos, pois eles tinham pleno con heci mento deles, em 1 9 1 8 , em Pari s , por ocasião da reun ião da Liga dos Direitos do Homem , como demonstra Christian Jelen em sua obra *L'A veuglement* IA Cegue i ra l .JO Golpe do qual eles se recuperaram com a n i mada rapidez. Esses amigos da h u ma n idade e de Len i n foram sempre de su rpresa em surpresa , sem que jamais se esgotasse sua capacidade de ficar petrificados de espa nto diante de cada novo relato de acontecimentos , mais do que conhecidos. Para eles, qua ndo se trata do com u n i smo, a memória é seletiva . Rechaça r ass i m a h i stória com i ncansável tenacidade tem u m duplo propósito: negar ou atenuar as responsabi l i dades, pelo menos i ntelectuais, de seus partidários ou cú mplices de outrora ; fazer prevalecer a idéia de que o nazi smo é a ú n i ca forma i ntrinsecamente cri m i nosa de tota l itarismo. Há reciprocidade entre as duas faces da meda l h a . Ela pode ser l ida nos dois sentidos . Por isso vemos perpetuar-se ou ressurgirem , nos veícu los de mídia e nas i nstituições culturais do m u ndo democrático, as versões mentirosas da h i stóri a , forj adas pelo com u n ismo acerca dele mesmo, no tempo em que tinha a maior extensão de poder.

Ass i m , em 1 990, a U N ESCO organ izou uma celebração da "memória" de H o Chi Minh, por ocasião do centenário de nasci mento do ditador. Todos os eventos dessa comemoração reproduziam, sem qualquer exame, as mentiras da a ntiga propaganda com unista pró-Vietnã da década de 1 960 e o m ito de Ho Chi M i n h que havia sido fabricado , naquela época , através de golpes de diss i m u l ação e de i nvenções dos

"organ ismos". A sigla U N ESCO sign i fica " U n ião das Nações para a Educação, a Ciência e a Cultura". Se a U N ESCO estivesse rea l mente a serviço da ciência, ela teria convidado h i storiadores a utênticos que nada mais poderia m ter feito senão demolir a lenda forjada para

transfigurar Ho Chi Minh. Se ela estivesse a serviço da educação, não teria se prestado a colaborar com essa lavagem cerebral totalitária.

88

P U F.

89

Le Sagittaire.

90

Flammarion, 1984.

123

A GRANDE PARADA

Se estivesse a serviço da cultura, e não da censura, não teria isolado esse colóquio de forma a evitar que ele tivesse qualquer nota "visceral anticomunista". Não convencido por esse "memorial" à moda da UNESCO, Olivier Todd, um dos maiores conhecedores da Guerra do Vietnã, onde foi correspondente especial durante muitos anos e, por um breve período, prisioneiro do Vietcong, consagrou ao "mito Ho Chi Minh", antes desse evento, um estudo onde deplora "a extraordinária ingenuidade adúladora de inúmeros jornalistas e diplomatas, que comprova a manipulação

política existente no seio da UNESCO. Essa organização internacional, derivada da ONU, se apressa em celebrar Ho Chi Minh como um "grande estadista", um

"homem culto", um "ilustre libertador" de seu povo. A comunidade internacional é convidada a financiar a heroicização e a mitificação do "Tio" comunista. Justamente no ano que sucede a passagem do comunismo mundial para a lixeira da História.⁹¹

Essa piada da ONU fica ainda mais gostosa quando se pensa que o regime oriundo da filosofia de Ho Chi Minh, inicialmente no Vietnã do Norte e, depois da queda de Saigão, em 1975, em todo o país, teve tempo suficiente para mostrar seus traços fundamentais. E eles em nada se diferenciavam do stalinismo mais repressivo. Essa semelhança não havia passado despercebida nem mesmo a um admirador de Ho Chi Minh, o escritor e jornalista Jean

Lacouture. Entrevistado pela revista l'Histoire 92 ele ouve a seguinte pergunta: "Foi também por ignorância que o senhor se enganou em relação ao Vietnã do Norte?" E responde: "Não, a esse respeito eu estava bem-informado. O que falta em meus artigos daquela época é a menção clara do caráter Stalinista do regime." E não é possível que ele tivesse qualquer outro "caráter", já que seu fundador, que apareceu para o público em 1945

sob o nome de Ho Chi Minh, fosse, cerca de trinta anos, um agente internacional do Comintern, de nome Nguyễn Ai Quốc. Sua carreira secreta e sua verdadeira missão na Índochina tornaram-se mais conhecidas depois da abertura dos arquivos soviéticos.⁹³ Indiferente a esses documentos encontrados, que renovam nossos conhecimentos de história, a UNESCO, sempre a serviço da "ciência" do seu jeitinho muito original, parece também ignorar que desde 1975 o regime comunistavietnamita havia cumprido, ao pé da letra, todas as previsões feitas desde o começo por 91

Olivier Todd, "Le mythe Ho Chi Minh", em Ho Chi Minh, /l'homme et son héritage. [Ho Chi Minh, o homem e seu legado]. Obra coletiva. Duong Mor, La Voie Nouvelle, Paris, 1990. Citado também em Commentaire n. 50, verão de 1999.

92

Novembro de 1989. Citado por Olivier Todd, ibid.

93 Sophia Quinn-Judge, Ho Chi Minh: New Perspectives from the Comintern Files. Citado no Livre Noir du Communisme. p. 685.

124

A MEMÓRIA MUTILADA

Soljenitsyn, em um memorável programa de televisão - Apostrophes. Sua lucidez havia despertado o sarcasmo da esquerda. Será que a UNESCO tinha o direito, de acordo com as regras da moral, de celebrar uma missa em louvor cego a Ho Chi Minh em 1990, quando já se sabia de tudo? Em 15 anos, o regime inspirado em seus ensinamentos havia aprendido toda a cartilha dos experimentos do "ogro filantrópico", como dizia Octavio Paz: terror polícial, execuções sumárias, condicionamento ideológico, campos de concentração onde a mortalidade era mais ou menos elevada de acordo com a localização geográfica e o grau de severidade de "reeducação, torturas,

privações, fuga em massa , nesse caso por mar (como ocorreu entre a China e Hong Kong durante a Revolução Cultural) . suplício dos barqueiros, que morriam , em grande número , afogados ou assassinados por piratas. Um cálculo conservador estima em mais de um milhão de mortos as vítimas diretas ou indiretas do regime, a partir de abril de 1975.

Enquanto se realizava essa reconstituição do cenário cultural, os ministros e outros políticos ocidentais se acotovelavam em Hanoi , com os franceses na primeira fila , cheios de si , para levar o dinheiro do soldo dos contrabunistas capitalistas aos membros da nomenklatura local . os quais - como acontece em todos os regimes comunistas se compraziam sem pudor na mais abjeta corrupção. Nossos ministros levavam o cinema até o ponto de tratar de "reacionários" os franceses de origem vietnamita que ou savam se escandalizar com essa terrível subserviência a esse trono do despotismo asiático.

Pensamento unificado, comportamento unificado. Veja . Jacques Toubon , no exercício da função de Ministro da Cultura e da Comunicação de um governo de direita , condecorando a escritora Duong Thu Hyong declarou: Você conheceu desde sua primeira infância o invasor japonês e o colonialismo francês. Mas foi o imperialismo americano que a conduziu , aos 20

anos, a prestar seus serviços à luta pela independência e reunificação de seu país . Os grifos são meus . . É natural que nossos dois países, que atuam

.

juízes no cenário internacional . que são importantes membros da comunidade francófona - a liás, Hanoi se propôs sediar em 1997 uma reunião de cúpula entre chefes de Estado e de governo tendo em comum a língua francesa - desenvolvam uma relação privilegiada no campo da literatura . Tenho o prazer de lhe entregar a medalha de Cavaleiro das Artes e das Letras.

125

A GRANDE PARADA

Para os mais jovens , é preciso esclarecer: em bora Jacques Toubon tenha adotado. nesse discurso memorável sobre a evolução do Sudeste asiático desde 1945 , a subtilidade comunistas (as do tempo de Brejnev, não de Gorbatchev) . ele nunca pertenceu à Internacional . Agiu mais por conformismo do que por convic

ção. Porém , apesar de sua complacência nesse episódio. ele não foi poupado por Hanoi . que o vil ipendiou porque Duong Th u H uong, menos dóci l que as autoridades fra ncesas que a condecorava m . e apesar de ter sido membro do Partido Com u n i sta Vietna mita, ousara dizer. em seu d i scurso de agradecimento: " H o Chi Minh é o ídolo do povo vietna m ita. mas não é o meu ídol o." A ol igarq u i a do PCV

por pouco não acusa nosso M i n i stro da Cultura de cumplicidade com uma opera

ção de desesta b i l ização do Estado vietn a m i t a . J u sta retri b u i ção pel o b i l hão de a j uda francesa .

Se nada do que aprendemos sobre o com u n ismo em vinte anos alcançou as mentes da U N ESCO ou dos l íderes pol íticos ocidentais, como esperar que os j ornal i stas estivessem mais bem- i n formados ou fossem mais honestos? Seu papel de

"críticos", con forme concebido pela própria m ídia. consi ste gera l mente em reproduzir. sem mudar uma vírgula, as "críticas" consideradas anticonform istas na época de seus pa is .. ou quando eles tinham vi nte anos. É o que eles chamam de "captar o sentido da h i stória". Ass i m . no dia 1 2 de feverei ro de 1 99 5 , às 20h40m i n . a cadeia de televisão franco-a lemã Arte transm ite um docu mentário longa-metragem , com mais de uma hora de duração. intitu lado le Vietnam apres /'enfer l O Vietnã após o i n ferno ! . Tratava-se de u m fi lme de propaganda grossei ra . até mesmo inábi l . que poderia ter sido produzido pelos serviços de comunicação mais esclerosados dos bu rocratas de Hanoi. Pode-se criticar a pol ítica fra ncesa na I ndoch i na até os acordos de Genebra . em 1 954. Pode-se criticar a pol ítica dos Estados U n idos no Vietnã após a intervenção. decorrente da violação desses mesmos acordos pelo Vietnã do Norte. Não nos abstivemos, na época . tanto na França quanto nos Estados U nidos, de fazer qualquer crítica . Mas a questão que se coloca , em 1 995, ano do "docu mentário" da cadeia Arte. questão que se refere ao presente é: os regimes que se instalaram no Vietnã, no Camboja e no Laos após a derrota ocidenta l foram real mente regimes de l ibertação? Ou será que e l e s fora m . a o contrário. de servidão e , pri ncipa l mente no caso do Cambo j a , de genocídio? Será que é possível extra i r o sign ificado h i stórico e político do período 1 945-75 abstra i ndo-se os aconteci mentos resu ltantes, sobretudo o ba lanço do período 1 975-95? Resposta : s i m . a prova disso é o docu mentário da emi ssora Arte. Seu "ponto de vista h i stórico" equivale a

126

A MEMÓRIA MUTILADA

julgar o regime nazista abstraindo a Noite de Cristal. 'Oradou e Auschwitz. Que valor histórico e ético pode ter a constante evocação do genocídio nazista, a partir do momento em que serve para encobrir as vozes daqueles que evocam os genocídios comunistas? E a recíproca não é verdadeira: nenhum dos historiadores dos genocídios comunistas procurou ocultar os genocídios hitleristas, com exceção dos seus aliados como os Le Pen e os Fauresson, que não representam mitos e são condenados por quase todos. Voltamos assim, apesar de todas as evidências em sentido contrário, à reintrodução sub-reptícia do postulado: os crimes "de esquerda" não são crimes. Somente os crimes nazistas e os de Pinochet.

Foi essa a tese que a Justiça francesa subscreveu oficialmente no caso Boudarel. Georges Boudarel, militante comunista durante a guerra da Indochina, havia exercido, em um campo de concentração do Vietnã, de 1952 a 1954, as funções de "reeducador" de seus próprios compatriotas, prisioneiros franceses. 94 Quando os acordos de Genebra levaram à redução de pessoal nesse tipo de função, Boudarel ficou desempregado e voltou a ser professor, terminando por lecionar História na Universidade de Paris VI, onde alguns de seus colegas tiveram a coragem de dizer, à guisa de defesa, que ele era "mito bem-considerado como especialista... em assuntos do Vietnã". Um dia, durante uma conversa, Boudarel foi reconhecido por ex-prisioneiros sobreviventes do campo 113, onde ele havia exercido seu talento (70% de mortos). Esses ex-prisioneiros abriram um processo contra ele, no dia 3 de abril de 1991, acusando-o de crimes contra a humanidade.

A esquerda logo se mobilizou; artigos e petições surgiram de todos os lados a favor de Boudarel. A Justiça francesa - independente do poder do Estado mas não do poder ideológico - não ficou surda a essa campanha, ditada por tão elevado sentido dos direitos do homem. Em 12 de abril de 1993, a Corte de Cassação rejeitou a petição dos antigos prisioneiros do campo 113. Declarou que a promotoria havia cometido um erro qualificando os atos atribuídos a Georges Boudarel como crimes contra a humanidade (e portanto imprescritíveis e não alcançados pela lei de anistia de 1966). Segundo a Corte, "os crimes contra a humanidade são aqueles cometidos durante a Segunda Guerra Mundial pelos países do Eixo".

Ora, isso não apenas é uma falácia da história, mas um apelo ao assassinato. Se não são passíveis de punição os crimes

contra a humanidade cometidos

*

N . do T. : do alemão Kristallnacht, noite de 9 para 10 de novembro de 1938, quando os nazistas atacaram os judeus e suas lojas, por toda a Alemanha, deixando as ruas cobertas de cacos de vidro das vitrines destruídas.

94

Ver o relato de um deles, Claude Baylé, Prisonnier au camp 113, le camp de Boudarel, Perrien, 1991.

127

A GRANDE PARADA

após a Segunda Guerra Mundial e por outros governos criminosos a lém dos países do Eixo, por que devemos nos incomodar? Temos a impropriedade assegurada desde já por toda a eternidade para todos os demônios assassinos. Mas então por que estamos perseguindo Pinochet ou Milosevic?

A honra da esquerda foi salva por um Lionel Jospin já em mutação, que era ministro da Educação quando ocorreu essa incrível exibição de macacos a mestrados. Solicitado a defender o inofensivo torturador, para muitos o único verdadeiro mártir, ele responde u : "Creio que a escolha do anticolonialismo foi acertada. Mas cerrar fileiras ao lado daqueles que, afinal, são adversários do nosso país, independentemente de nossa opinião, no fundo, sobre a necessária evolução do império colonial, é uma decisão que eu prefero não julgar. Mas ninguém é obrigado a tomá-la, mesmo sendo anticolonialista." Veja a conclusão - e como ela foi isolada! -

do futuro primeiro-ministro, palavras que fizeram renascer em meu coração a esperança de ver um dia ressurgir na França uma esquerda à qual eu poderia voltar:

"Mas sobretudo", prossegue Jospin, "em minha opinião, nada justifica que um intelectual, um professor transforme-se em kapo em um campo de prisioneiros, em um campo de concentração no qual os cidadãos de seu próprio país morreram. Esse homem, a meu ver, não merece um comitê de apoio." O emprego da palavra kapo quebra, por si só, o tabu que habitualmente proíbe a comparação.

Será que os magistrados da Corte de Cassação haviam lido essa profissão de fé quando redigiram seus considerandos? Quanto à falsificação, ou, na melhor das hipóteses, à incompetência histórica e jurídica comprovada nesses considerandos.

sua amplitude pode ser medida simplesmente pela releitura do texto de abertura do tribunal de Nuremberg que define os "crimes contra a humanidade" como sendo "o assassinato, o extermínio, a redução ao regime de escravidão, a deportação e todo e qualquer ato desumano cometido contra qualquer população civil antes ou durante a guerra; ou ainda as perseguições políticas, raciais ou religiosas". Os crimes cometidos contra prisioneiros de guerra enquadram-se na mesma definição.

Comentando esse texto, Michel Morachini, que foi assistente de um membro francês do tribunal. Casamayor. em Nuremberg, acrescenta: "O Professor Donnedieu de Vabres, membro francês dessa jurisdição, sempre assinalava, em seus comentários, o caráter universal. independente das circunstâncias de tempo e lugar, da noção de crimes contra a humanidade. Todos aqueles que escreveram a respeito ou trabalharam com esse conceito, inclusive a Comissão de Direito Internacional da ONU, concordavam com ele e se inspiravam em suas concepções."95

128

A MEMÓRIA MUTILADA

Restringir, portanto, a definição às potências do Eixo e ao período da guerra é contrário a toda a evolução do Direito que teve lugar a partir de Nuremberg e que levou. recentemente. à instalação de um Tribunal Penal Internacional.⁹⁶ Além disso. essa postura é tão absurda quanto seria, no direito comum. restringir o crime de homicídio doloso aos atos cometidos somente. digamos. entre 12 de janeiro de 1930 e 31 de dezembro de 1935. desde que esses atos tenham ocorrido no departamento de número 1 a 30, excluindo-se os demais. • Tamanha estupidez. vinda de tão eminentes magistrados. só pode ser explicada pelo postulado imperativo.

subjacente, onipresente. que define que os crimes comunitários não devem nunca ser classificados na categoria dos crimes contra a humanidade, nem mesmo na categoria dos crimes que realmente aconteceram.

Pudemos verificar a força desse postulado quando do pedido de

extradição de Pi nochet por um j u iz espan hol . Alegando esse precedente. refugiados vietnamitas tivera m a idéia. no último tri mestre de 1 998. de registrar queixa contra u m certo n ú mero de d i rigentes pol íticos de Hanoi . Foi-l hes respondido que os casos apresentados não poderiam ser acatados devido ao prazo de prescrição de dez anos dos atos . mesmo que fossem assassinatos . tortu ra e seqüestro. dos quais os pais dos queixosos haviam sido vítimas. Ora . os mesmos atos i mputados a Pi nochet também ocorreram há mais de dez anos. Conclusão: os mesmos crimes contra a h uman i dade são i mprescritíveis quando devidos a u m ditador considerado "fascista" e tornam-se de repente altamente prescritíveis quando seus a utores são com u n i stas. A doutri na da "exceção com u n i sta" é bem clara . mas ela viola ao mesmo tempo as leis i nternacionais em vigor e o novo código penal francês.97

* * *

A atitude a mbiva lente dos d i rigentes e da m ídia democrática . em relação aos regi mes tota l itários. ati nge o cú m u l o do cinismo e do ridícu lo pol ítico quando se trata de Fidel Castro. Na verdade. praticamente nada se ignora . em nossas demo-95

Commentaire, n . 64, inverno de 1 993- 1 994. Agradeço a M . Moracch ini pelos preciosos conhecimen-

tos q u e ele, na q u a l idade de j u rista, gentil mente me transmitiu sobre essa questão.

96

Criada por um tratado firmado em Roma por 1 20 países, em 28 de j u l ho de 1 998. Os tribunais i nternacionais já estão em atividade para j u lgar acusados de cri mes contra a human idade na ex-

I ugoslávia e em Ruanda.

*

N . do T.: desde 1 790, a principal u n idade geopolítica da Fra nça é o "departamento " . O país está dividido em 1 00 departamentos, sendo 96 na Fra nça metropolitana e 4 a lém-mar (Guadalupe, Mar-

tinica, Guiana Francesa e I l h a de Reun ião).

97

Ver, no anexo 2 a esse capítulo, os artigos do código que dizem respeito aos crimes contra a humanidade. Eles consistem em um prolongamento direto da doutrina de Nuremberg - a verdadeira, não a que foi idealizada para suprir as necessidades de Boudarell, pelos magistrados franceses da Corte de Cassação.

1 29

A GRANDE PARADA

cracias, a respeito das violações dos direitos humanos praticadas pelo caudilho de Havana. A imprensa, mesmo de esquerda (com exceção dos jornais comunistas propriamente ditos e do periódico le Monde Diplomatique), não esconde mais o caráter fortemente repressivo de seu regime policial. No entanto, Castro é convidado, recebido e festejado por toda parte. Os primeiros-ministros, os bispos e até mesmo o Papa fazem fila para ter a honra de serem recebidos pelo barbudo sanguinário. O grotesco extermiador os tapeia com promessas vazias, pelas quais os idiotas de plantão mostram-se ávidos. Os infelizes se despedem dando entrevistas coletivas nas quais comemoram as boas resoluções do ditador. Mal eles entram no avião de volta para casa e sua lamentável credulidade é ridicularizada por uma nova investida da política cubana. Há muito tempo, a esquerda protege Castro sem nutrir qualquer ilusão a seu respeito. Um excelente artigo do próprio Monde tem esse título: "Cuba: la fin d'une illusion ! Cuba: o fim de uma ilusão".⁹⁸ É

claro que se pode argumentar que esperar 1999 para perder as ilusões em relação a Cuba não é exatamente um sinal de precocidade excepcional. Mas estamos tão pouco habituados a ver a lguém infringir o tabu que protege as ditaduras marxistas passadas ou presentes, que ficamos contentes de vê-lo assim vencido, de tempos em tempos. A repressão aumentada, aliás, nos informa o autor do artigo, Alain Abellard. Essa evolução, eu acrescentaria, vai na direção exatamente oposta à que nos anunciam os amigos de Cuba há quarenta anos. "Mesmo uma contestação moderada não é mais tolerada", defini Abellard. Uma nova regra pune com vinte anos de prisão "a colaboração direta ou através de terceiros com a mídia estrangeira".

É claro ! Alguns veículos se libertaram do dever de silêncio que proibia, no passado, qualquer menção às torturas e execuções constantes em Cuba. Em 8 de janeiro de 1999, a rede Arte exibiu um documentário sobre o julgamento forjado através do qual, em 1989, Castro condenou à morte quatro de seus generais sob pretexto

de tráfico de drogas - tráfico do qual o ditador era o próprio líder e principal beneficiário. Não é sem razão que a revista Forbes, na lista anual das maiores fortunas do mundo, avaliou a dele em aproximadamente dois bilhões de dólares.

Na verdade, os quatro generais foram sacrificados por terem ousado criticar o massacre da juventude cubana nas intervenções na Etiópia e em Angola, onde Cuba tomou parte com base em decisões soviéticas. O "stalínide" do Caribe organiza então em Havana um julgamento, cópia fiel das encenações sangüinolentas de 98

Em 2 de março de 1999.

99 Às 22h15min, é verdade, e com dez anos de atraso.

130

A MEMÓRIA MUTILADA

outroza, em Moscou, Budapeste e Praga, uma reconstituição tropical do l'Aveu l A Confissão]. Depois de prometer o perdão ao General Arnaldo Ochoa e a seus companheiros caso eles "confessassem", o que eles então fizeram confiantes, ele os mandou fuzilar. Com o bom aficionado, ele assiste à execução dos pseudo

"traidores" por intermédio de um vídeo.

Ao contrário dos fuzilamentos do passado, na URSS, na Tchecoslováquia, na Bulgária ou na Hungria, que valeram a seus instigadores aclamações da Liga dos Direitos do Homem e perspicazes palavras de aprovação de uma gama de escritores e intelectuais célebres no Ocidente, a reprise macabra organizada por Castro não teve o mesmo sucesso, nem mesmo a discreta conivência que ele esperava.

Até mesmo o mais esquelético dos semanários de televisão da França, Télrama, 100 publicou, como prévia à transmissão da rede Arte, uma longa entrevista com a filha do General Antonio de la Guardia, também fuzilado em 13 de julho de 1989, juntamente com Arnaldo Ochoa. Com base no caso Pinochet, que ocupava amplamente a imprensa no final de 1998, l'leona de la Guardia anunciou sua intenção de abrir um processo contra Castro pelo assassinato de seu pai e pela prisão arbitrária de seu irmão, condenado a vinte anos... por não ter denunciado o pai. A obrigação de denunciar membros da própria família é mais um traço comum entre o sistema nazista e os sistemas comunistas.

Ao invocar a perseguição contra Pinochet, a filha de um dos quatro oficiais assassinados mostra que ela ainda não compreendeu o funcionamento moral e mental da esquerda internacional - nem da direita que, geralmente petrificada de medo, limita-se a seguir os passos da esquerda. Castro não pode ser mais acusado que Boudarel e pelas mesmas razões. O peso impressionante da cortina de ferro jurídica que separa a criminalidade política de esquerda e de direita foi comprovado pelo acaso, ou melhor, pela coincidência acidental entre o mandado de prisão expedido contra Pinochet, quando ele estava internado em uma clínica, em Londres, e a Reunião Anual de Cúpula Ibero-americana, que se realizava, simultaneamente, na cidade do Porto. Fidel Castro desfilava sob os olhares afetuosos dos demais ministros e chefes de Estado hispânicos e lusitanos. Que tristeza ver um homem respeitável como o rei da Espanha, um campeão da democracia, saudar um dos piores inimigos da liberdade! Como é repugnante ver os abraços a ele dedicados, em outra ocasião, em Paris, pelo presidente da Assembléia Nacional Francesa. Quanto ao juiz espanhol que havia expedido o mandado contra Pinochet, nem lhe passou pela cabeça, como já se viu. Em 30 de dezembro de 1998.

131

A GRANDE PARADA

sabe, a idéia de fazer o mesmo em relação a Castro, aproveitando a presença do ditador cubano na Europa para acelerar a operação. Toda essa pudica reserva transformou imediatamente a ação contra Pinochet em uma impostura, evidenciando uma vez mais que a culpabilidade dos políticos não depende da extensão dos crimes contra a humanidade que eles tenham efetivamente cometido, mas sim das cores da ideologia política em nome da qual foram cometidos.

Ora, ao contrário do que apregoam os cartões-postais que os idiotas aceitam de bom grado, Cuba não abriga uma ditadura bem-comportada, adotada pelo clima tropical. mas uma réplica dos métodos stalinistas cuja severidade nunca foi relaxada. Desde 1959, 15 a 17 mil prisioneiros políticos foram fuzilados na ilha. Somente no verão de 1994, sete mil fugitivos cubanos morreram no mar, balaios que "votam com seus remos" e que são metralhados, em suas frágeis embarcações, por helicópteros enviados por Castro. A título de comparação, aliás macabra, avaliam-se em 3.197 as execuções feitas pela Dina (polícia política chilena) durante todo o período da ditadura Pinochet. Com certeza a quantidade não é um

critério moral. Um único assassinato é suficiente para caracterizar o crime contra a humanidade perpetrado por um regime ou um ditador. Mas o número maior ou menor de crimes permitidos ou o peso real do terror exercido por uma ditadura, e por isso deveria merecer mais atenção daqueles cuja profissão é informar. Lembra-se que Castro já mandou fuzilar 17 milhões de pessoas em um país de 10 milhões de habitantes, enquanto houve 3.197 vítimas da repressão de Pinochet (com muito menos fuzilados) em um país de 15 milhões de habitantes permitida com a rareza de terror à outra, sem justificá-las nem nas duas. Em Cuba, encontram-se todos os tipos de prisões, mais ou menos atrozes, onde a tortura é empregada rotineiramente como meio de manutenção da ordem. Lá encontra-se também todo o espectro de campos de concentração, de reeducação e de trabalhos forçados, cópias fiéis do modelo soviético da época "áurea". Encontram-se, também, semelhantes ao regime de Hitler, campos especiais reservados para homossexuais, outros para pessoas com AIDS, como queria Le Pen na França em 1987, para total ignição da esquerda. Não insistirei nessa lúgubre contabilidade, cujos detalhes encontram-se no livro Negro do Comunismo. 101 Em vez disso, insistirei sobre a originalidade das reações estranhas ao fenômeno cubano. A tática defensiva da esquerda, no caso dos outros comunistas, consistia em negar as evidências e ocultar os testemunhos. No caso de Cuba, com exceção de certas vozes marginais, a esquerda - 101 Parte V, capítulo consagrado à América Latina, escrito por Pascal Fontaine.

132

A MEMÓRIA MUTILADA

da já nem tenta esconder. Ela admite tudo. Menos afortunada ou menos ameaçadora que a China, Cuba não conseguiu escapar, em 1998, a uma condenação pela Comissão dos Direitos do Homem da ONU: 21 votos contra 20 e 12 abstenções.

Informação importante: a resolução fora apresentada pela Polónia e pela República Tcheca. Apesar disso, a esquerda francesa persiste na sua atitude protetora em relação ao stalinismo cubano. Ela se mantém atenta para garantir que Castro continue gozando de impunidade. Si tentado a dizer: antes, pelo menos, ela mentiava! Agora, reconhece que o regime castrista repousa inteiramente sobre violações extremas dos direitos humanos e, mesmo assim, não lhe nega o seu apoio.

É quase pior. Nem todos os membros da esquerda subscrevem as pa-

lavras da Sra .

Danielle Mitterrand: "Cuba representa a síntese d o q u e o social ismo pode real izar" , frase que constitui a mais arrasadora condenação do socialismo jamais proferida .

Mas todos - e também a d i reita - con fi rmam cada vez mais seu apego ao pri ncípio (já respeitado nos casos dos antigos l íderes do Khmer Vermelho e de Erich Honecker) : mesmo quando conhecemos os erros de u m carrasco tota l itário "de esquerda", ele deve ficar isento de punição e até mesmo de culpa por "dever de memória"

em relação aos carrascos tota l i tários "de d i reita".

* * *

A exceção cubana leva os am igos do cau d i l ho a reivi ndicar a acusação em vez de rechaçá-la. "Sabemos que Castro é um assassino, mas ele é um dos nossos .

Não se meta com meu a m igo." Essa confissão, entretanto, não se estende para o terreno no qual a esquerda - novamente seguida rel igiosamente pela d i reita -

recusa-se term i nantemente a constatar o desastre que é Cuba : a economia. Para os socia l i stas, na verdade, a m i séria não pode, não deve ter outra causa que não seja o capita lismo e o mercado. Ass i m , enchem os nossos ouvidos a respeito da pobreza no Ma rrocos, país onde com certeza ela existe, mas onde n u nca fa ltaram gêneros de pri m e i ra necessidade, enquanto a penúria crônica se d i fu nde, há três décadas, na Argé l i a , país potencial mente m u ito mais rico, e que o soci a l i smo conseg u i u tornar i mprodutivo. Para dissimular ou exorcizar o pesadelo perma nente das economias estatizadas, os socia l i stas sempre embelezara m sua descrição ou forj a ra m explicações fantasiosas.

N o aspecto embelezamento, devemos lembrar como eram enfeitadas as visões m ísticas da economia da Alemanha Oriental que percorria m as redações dos j ornaais a ntes da queda do M u ro. No le Monde de 1 8 e 1 9 de maio de 1 976, Manuel Lucbert publica em dois n ú meros u m artigo i ntitu lado: "A RDA, qui nta potência da 133

A GRANDE PARADA

Europa . " Nesse artigo, lemos que o país "representa a forma mais

completa de um socialismo certamente autoritário. mas o desenvolvimento onde a "luta pela vida do consumo" torna aceitável a "mão-de-ferro" política.

Todos aqueles que visitaram a RDA durante os últimos anos de sua existência aprenderam muito sobre o estado de descalabro do país: imóveis caindo aos pedaços. a ponto de ter isolamento de corda, na calçada. para impedir a passagem de pedestres. que poderiam receber um pedaço do prédio na cabeça; infraestrutura deplorável; indústria inadaptada, trabalhando com máquinas da década de 1920, e cuspidos pela poluição escura e pegajosa do alto de suas chaminés. Logo após a reunificação alemã, a esquerda atribuiu esse cataclismo social à... instalação da economia de mercado! Não devemos esquecer que, entre 1990 e 1998, foram transferidos para o Leste 1.370 bilhões de marcos. ou seja, a cada ano. um terço do orçamento anual da França! Acrescentem-se a essas verbas públicas os investimentos privados. Apesar de todo esse fluxo de capitais. o Leste da Alemanha. embora tendo progredido consideravelmente, ainda não havia alcançado. em 1999, o nível de vida da ex-Alemanha Ocidental. provando como é difícil curar os males do socialismo.

.

ção da economia de mercado! Não devemos esquecer que, entre 1990 e 1998, foram transferidos para o Leste 1.370 bilhões de marcos. ou seja, a cada ano. um terço do orçamento anual da França! Acrescentem-se a essas verbas públicas os investimentos privados. Apesar de todo esse fluxo de capitais. o Leste da Alemanha. embora tendo progredido consideravelmente, ainda não havia alcançado. em 1999, o nível de vida da ex-Alemanha Ocidental. provando como é difícil curar os males do socialismo.

Difícil também é citar os seus bajuladores. Michel ToURNIER. copiano da verdade em livro de Lotar de Maizière. último ministro da ex-RDA.

afirma placidamente que a Alemanha Oriental era uma "zona de prosperidade"

e que Konrad Adenauer. tendo "lançado a República Federal em um processo de americanização sem limites. ficará registrado como um dos chefes políticos mais nefastos deste século. 1902 Essa notória "prosperidade" incitara M. Lucbert.

em 1976, a concluir seu artigo do Monde, dizendo: "Frente a uma Alemanha Ocidental marcada pelo desemprego e pela violência, o modelo oposto do Leste reforçou sua credibilidade." Em 1976, o desemprego na RFA era inferior a 5%

da população ativa - quanto à violência. M. Lucbert certamente se refere à quadrilha de Baader. com sede na Facção do Exército Vermelho. tão estimada por Jean Genet. Jean-Paul Sartre e por toda a intelligentsia parisiense. Hoje sabemos.

pelos a r q u i vos da Sta s i , q u e essa orga n iza ção terrorista e ra u m a criação do serviço secreto da R DA e m u itas vezes recebia ordens d i retas d o próprio Erich Honecker.

No caso de Cuba . o embeleza mento não é aconsel háve l . Os i n ú meros tu ristas que visitam a i l h a são teste m u n has da pobreza reina nte. A encenação nesse caso 102 Le Figaro, 5-6 de novembro de 1 995.

1 34

A MEMÓRIA MUTILADA

consiste em atri b u i r a m i séria cubana a uma cau sa i magi nári a . Em gera l , nos demais países onde i m perou o socia l ismo rea l . essa causa costu mava ser de natureza meteorológica . Foi essa a razão apontada, na Coréia do Norte, para expl icar as dez mil crianças mortas de fome somente no ano de 1 997: Pyongyang invocou uma combi nação desconcertante de ch uvas torrenciais e secas. Em Cuba, o clima não serviria com o culpado. A chave do enigma é , portanto, relacionada à ação do homem . Mas cu idado: não se trata de uma ação social ista. N e n h u m fracasso soci a l ista é causado pelo socia l i s m o ! A origem está sempre em a lgo externo à economia estatizada. N a fa lta da meteorologi a , a esquerda encontrou u ma exp l i cação para o marasmo cubano. Esta se resume a u m a pa l avra , a palavra mágica : bloqueio. Mesmo em u m artigo bastante crítico sobre Cuba, escrito por François Maspero e publ icado no Le Monde (6 de j u l h o de 1 999) . " Le bel hier et les ombres d'aujourd' h u i 10 belo passado e as sombras do presente i " , lê-se no subtítulo: "Lá se vão 38 anos. François Maspero esperava encontrar em Cuba um novo modo de viver. O bloqueio cont i n u a , Castro também . " (O grifo é meu .) Não tenho i n tenção d e recontar aqui a h i stória d e Cuba e d e outros países com u ni stas. Ela é m u ito banal e bem conhecida . Apenas traço um quadro dos mecanismos psicológicos que conduzem tantos bons pensadores a absolver a fome, a tort u ra e o cri me, desde que sua ca usa sej a com u n i sta . O traba l h o de pesqu i sa m e obriga à triste e á rdua ta refa de voltar constantemente às mesmas verdades monótonas, e espero que o leitor me perdoe por toda essa repugnante banal idade repetitiva. Não fu i eu o autor dessas rea l idades , sou apenas o escriba .

A fraude que visa a descu lpar Castro consiste em lançar mão da confusão que existe entre as pa l avras "bloqueio" e "em bargo". Trata-

se de fazer crer que Cuba, que apresentava em 1959 o terceiro melhor nível de vida de toda a América Latina, logo depois do Uruguai e do Chile, com a maior taxa de alfabetização e de médicos por mil habitantes, foi a primeira não pelo socialismo, mas pelo "bloqueio" norte-americano.

Vejamos o que diz o dicionário Petit Larousse. "Bloqueio: cerco a uma cidade, um porto, um país inteiro para impedir sua comunicação com o exterior e seu abastecimento. Bloqueio econômico: conjunto das medidas tomadas contra um país para privá-lo de toda e qualquer relação comercial." (O grifo é meu.) É óbvio que Cuba nunca foi alvo de nenhum "bloqueio". O país sofre, na verdade, um embargo, que diz respeito apenas às suas relações comerciais com os Estados Unidos. Um embargo, segundo o dicionário Larousse, é a "suspensão das exporta-135

A GRANDE PARADA

ções de um ou vários produtos de um país a título de sanção ou como meio de pressão". Os Estados Unidos decidiram não vender nem comprar nada de Cuba.

Eles nunca cercaram a ilha para impedir-lhe de qualquer relação possível com o exterior. Um país é livre para escolher seus clientes e fornecedores, tanto quanto o é um indivíduo. Por que então esse contra-senso sobre um bloqueio que reaparece regularmente, mesmo nos veículos mais sérios?

Até 1991, Cuba foi facilmente sustentada pela União Soviética, que lhe comprava açúcar acima do preço de mercado e lhe vendia petróleo abaixo do preço internacional; mas não foi só isso; a ilha sempre teve liberdade para manter o comércio com a América Latina. O Canadá e a Europa, principalmente a Espanha.

Esses países fornecedores sempre manifestaram, em relação aos atrasos de pagamento, ou ao pagamento em si, ou à sua ausência, uma "compreensão" que beirava a ajuda econômica. Há numerosos investidores estrangeiros em Cuba. Ao inaugurar a XVI Feira Internacional em Havana, no ano de 1998, Fidel Castro mencionou orgulhoso a presença de mais de 1.400 empresas estrangeiras, e, no ano seguinte, do fracasso do "bloqueio norte-americano". Além disso, Cuba recebe do exterior uma ajuda própria mente dita - vários bilhões de dólares anuais - sob a forma de doações da ONU e de diversas organizações não governamentais, às quais se acrescenta o dinheiro (aproximadamente um bilhão de dólares por ano)

enviado pelos exilados a seus familiares que permaneciam na ilha, contribuiu dando assim para que o nível de vida não caísse ainda mais. O total desses aportes, considerando-se a população de pouco mais de dez milhões de habitantes, faz de Cuba um dos países mais ajudados do mundo. Se, apesar disso, a economia se arrasta há quarenta anos em um marasmo incurável, isso se deve à inviabilidade do sistema, e não a um "bloqueio" transformado em vilão quando nem sequer existe.

Mas podemos apostar, quando o naufrágio definitivo ocorrer, na era pós-Castro, quando Cuba for forçada, assim como outros países o foram, a voltar à economia de mercado. que a lentidão de sua cura e as enfermidades sociais persistentes serão atribuídas... aos excessos do liberalismo.

Quando visitei a Varsóvia, em 16 de julho de 1999, Lionel Jospin incitou os poloneses a "desconfiarem da ideologia". É claro que ele estava falando da "ideologia" liberal. Mais uma vez, o socialista mostra que não compreendeu que o liberalismo não é uma ideologia. Além de ser cômico ouvir um marxista ou exmarxista prevenir as antigas vítimas do comunismo contra ideologias, seus conse-103 Granma International de 8 de novembro de 1998.

136

A MEMÓRIA MUTILADA

Ilhos foram inoportunos na Polônia, pois sabem os observadores que, entre todos os países anteriormente pertencentes ao bloco soviético, a Polônia foi o que teve os melhores resultados com a economia de mercado, após seu retorno à liberdade.

Portanto, nesse contexto, o "pragmatismo" que Jospin aconselhava aos poloneses só poderia significar o retorno a "um maior nível de estatização". O pecado maior continua sendo o lucro. O jornalista da estação de rádio francesa, na qual eu ouvi essa informação, mostrava-se, aliás, francamente favorável ao nosso primeiro ministro. Ele estigmatizava o "utilitarismo" e o "materialismo" atuais dos poloneses. O que leva a crer que os potentados, que erradicaram a economia de mercado, nos bons e velhos tempos, os Gomułka ou os Gerek, eram modelos de despreendimento, místicos, irradiando a mais elevada espiritualidade.

„ocorre que a nova economia polonesa atravessou e continua a atravessando crises. Os socialistas certamente lançarão seus brados

denunciando nesse fenômeno o fracasso do liberalismo "selvagem" como fizeram na época da crise asiática, hoje superada. É verdade que a economia liberal nem sempre funciona bem.

Mas que modelo é preferível? Uma economia que nem sempre funciona bem, como a liberal, ou uma economia que nunca funciona, como a socialista?

A memória socialista não é amputada apenas no campo da criminalidade totalitária. Ela também o é no campo econômico. Assim, o movimento de extrema esquerda francês, autodenominado "Direitos na frente", enxerga, na liberdade de investimento e de circulação internacional dos capitais, processos inerentes à globalização,

um exemplo "da barbárie liberal e de uma civilização fundada sobre a tirania do mercado". 104 Deduz-se que, para o autor dessa frase, as economias coletivistas foram civilizações refinadas onde a substituição do livre mercado pela distribuição autoritária de recursos originou regimes políticos livres. Novamente, a América chega às raízes da provocação. Os inimigos da economia liberal esquecem-se de que seu modelo foi testado. Ele até continua em uso em alguns países fossilizados. Será que eles ignoram o resultado desse teste? É difícil acreditar. Será que eles sabem que a América, de muitos países subdesenvolvidos, embora nem todos oficialmente comunistas, deve-se ao fato de que seus dirigentes implantaram, em vez do capitalismo e do livre mercado, quase sempre o modelo estatizado e coletivista?

Quanto à "tirania" do mercado, ela é no máximo uma metáfora, ao passo que a tirania do totalitarismo, nas sociedades que suprimiram o livre mercado, é uma realidade. 104 Citado por Jean Guisnel, *Les Pires Amis du monde, /es relations franco,américaines à la fin du XX(t) siècle* [Os Piores Amigos do Mundo, as relações franco-americanas no final do século XX], Stock, 1999, p. 326.

137

A GRANDE PARADA

realidade bem concreta e frequentemente documentada. Ela vai além do simples despotismo político. Em mais um caso bizarro de omissão - mais um! - raramente se menciona que as sociedades comunistas são as únicas que, no período contemporâneo, restabeleceram a prática da escravidão contra seus próprios cidadãos, e muitas outras e ela

havia sido abolida ou havia desaparecido há muito tempo. Os nazistas restabeleceram a escravidão, durante a guerra, nos campos de trabalho forçados onde os escravos eram os expatriados das nações vencidas. Os comunistas fizeram melhor: em toda parte, reduziram à escravidão uma parte importante de sua própria população, isso em tempos de paz, e a serviço de uma economia "normal" se assim podemos chamá-la. Esse aspecto, quase sempre ignorado, tende a provar que a tão improdutiva economia socialista realteria sido ainda mais improdutiva sem o recurso da mão-de-obra servil. Yuri Orlov evidenciou muito bem o papel desse "socialismo escravocrata da época stalinista", quando os prisioneiros-escravos supriam cerca de um quarto da mão-de-obra industrial".¹⁰⁵ A necessidade de apelar para uma significativa proporção de mão-de-obra prisioneira e não remunerada, mesmo que fosse para sobreviver, é um traço comum a quase todas as economias comunistas, pelos menos as mais representativas. Jacques Rossi, do alto de sua experiência de 19 anos no paraíso soviético dos campos de concentra-

ção, corrobora essa tese mostrando-nos, ao vivo e em cores, como o gulag, mas também suas cópias, os laogai, os campos cubanos, vietnamitas ou norte-coreanos, longe de serem perversões da sociedade comunista são uma parte indispensável e mesmo característica dessa sociedade. "O gulag", ele escreve, "não era uma aberração ou um desvio, era a própria essência do sistema." ¹⁰⁶ "Sendo o marxismo uma utopia", acrescenta, "ele só pode ser realizado através da violência e do terror." ¹⁰⁷ Muitos autores já haviam previsto essas conseqüências da utopia antes que ela chegasse ao poder e confirmasse suas previsões. Podemos citar, entre outros, l'Histoire du communisme IA História do Comunismo J, de Alfred Sudre (Paris, 1949). Le Communisme jugé par l'Histoire do Comunismo julgado pela História! de Adolphe Franck (Paris, 1971), ou, ainda, Ou mène le socialisme? IAonde leva o socialismo?! de Eugene Richter, publicado na Alemanha em 1991 e cuja tradução para o francês, prefaciada por Paul Leroy-Beaulieu, surgiu em Paris em 1995. Yuri Orlov, Un socialisme non totalitaire est-il possible? [É possível um socialismo não totalitário?], 1975. Tradução francesa em Les Cahiers du Samizdat, Bruxelas, n. 37, julho-agosto de 1976.

Retomei esse texto em meu livro La Nouvelle Censure, a novo Ilí, Robert Laffont, 1977.

¹⁰⁶ Jacques Rossi, Manuel du gu/ag, Le Cherche-Midi, 1997.

¹⁰⁷ Entrevista ao International Herald Tribune, 30 de janeiro de 1

A MEMÓRIA MUTILADA

1 895. 1 08 Karl Jaspers, em seu ensaio sobre Max Weber, relata o seguinte diálogo entre Max Weber e Joseph Schumpeter:

Os dois se encontraram em um café de Viena, na presença de Ludo Moritz Hartmann e de Felix Somary. Schumpeter assinalou quanta satisfação lhe dava a revolução socialista da Rússia. A partir de agora, o socialismo não seria mais um programa no papel, ele teria que provar sua viabilidade.

Ao que Weber responde, muito nervoso, que o comunismo nesse estágio do desenvolvimento da Rússia constituía virtualmente um crime, que a posição dessa direção levaria a um estado de miséria humana sem paralelo e a uma terrível catástrofe.

"Será assim mesmo", respondeu Schumpeter. "uma perfeita experiência de laboratório." "Um laboratório onde milhares de cadáveres serão empilhados", respondeu Weber com fervor angustiado. "O mesmo se pode dizer de qualquer aula de anatomia", replicou Schumpeter.

Essa troca de idéias ocorreu logo no começo do regime bolchevista. Já que Max Weber morreu em 1920. Assim, vemos que um dos maiores sociólogos e um dos maiores economistas do século XX estava de acordo a respeito de não nutrirem qualquer ilusão sobre o comunismo e em expor sua tendência criminosa. Uma questão, no entanto, os distinguia: Schumpeter conservava ainda um a ilusão que Weber não tinha, a de que os fracassos e crimes do comunismo serviriam de lição para a humanidade. Exasperado, o pobre Weber não conseguiu se controlar. Jaspers continua: Todas as tentativas de fazê-los mudar de assunto fracassaram. Weber falava cada vez mais alto e mais agressivamente. Schumpeter permanecia em silêncio e cada vez mais sarcástico. Os outros participantes aguardavam, ouvindo curiosos, até que Weber se levantou bruscamente, gritando

"não quero ouvir mais nada", e deixou o local. seguido de Hartmann que lhe levava o chapéu. Schumpeter deixou-se ficar e disse sorrindo: "Como é que um homem pode falar assim tão alto dentro de um café?"¹⁹⁹

108 Essas três obras, há muito impossíveis de serem encontradas, mereceriam uma reedição. Meus agradecimentos a Jacob Sher por ter-me proporcionado o conhecimento dos livros de Frank e de Richter, assim como seus admiráveis estudos sobre esses autores, infelizmente inéditos.

139

A GRANDE PARADA

Como bom economista, Schumpeter achava que a falência do sistema levaria à sua rejeição. Como sociólogo, Weber sabia que nenhuma utopia jamais se sente rejeitada por sua própria falência. Se Max Weber fosse vivo, ele teria prazer em justificando seu pessimismo ao constatar o "retorno a Marx" que certos espíritos atilados anunciaram apenas oito anos depois da queda do Muro de Berlim. Assim foi que a capa da Télérama, de 15 de março de 1997, exibiu um grande retrato de Marx, com sua imensamente barba e o título em letras grandes: "Marx de volta?"

Essa "volta" é explicada pelos "estragos do capitalismo". Não nos surpreende esse diagnóstico vindo de um semanário cuja ideologia de esquerda nada tem de secreto ou discreto. Mas como reagir quando um político como Francesco Cossiga, antigo presidente do Conselho e antigo Presidente da República, membro eminente da tradicional democracia cristã italiana, elogia, em janeiro de 1999, o Manifesto Comunista de Karl Marx, em um debate com Sílvio Berlusconi na televisão (RAI 1, 18 de janeiro)?

É bem verdade que, tanto como chefe do governo quanto à frente da nação, Cossiga nos deixara na lembrança a impressão de que seu equilíbrio mental era em geral intermitente. Suas afirmativas inquietadoras se sucediam com frequência. Mesmo assim, ouvi um democrata-cristão, herdeiro da doutrina de Alcide de Gasperi, Robert Schuman e Konrad Adenauer proclamar, oito anos depois da derrocada da URSS, que no Manifesto Comunista de 1848 se encontram as verdadeiras soluções para o desemprego e outros males "causados pelo capitalismo", todos esses sinais de uma insensibilidade ao passado tão profunda, vindos de todas as tendências políticas, nos leva a perguntar se não deveríamos abolir definitivamente o ensino de História. Perguntamo-nos se ela não é definitivamente, com o mesmo Tolstói e Voltaire, a mais inútil de todas as ciências. Ao menos em relação à história do comunismo, essa inutilidade parece ser um fato consuetudário.

1 09 Karl Jaspers, Three Essays: Leonardo, Descartes, Max Weber, Harcourt, Brace and World, New York, 1964, p. 222. O autor remete a Felix Somary, Erinnerungen, p. 171-172. Tradução para o francês feita em Commentaire, n. 55, outono de 1991.

140

Anexo 1 ao capítulo 8

O escritorzinho vermelho110

Em 1930.

que

M

origina o Ts

nou. é-tung

atual escreveu

mente, o um pa

mais nf

ra leto

dical intuitu

culto lado

do li Con

vro tra o

que culto do

jamais livro.

tomou

conta de uma civilização desde o Alcorão.

Lido. comentado. exibido por milhões de chineses, utilizado como breviário incessantemente relido, o livro Vermelho foi. além disso, este ano, um best-seller na França. As razões políticas desse sucesso

são claras. Parece haver na França muitos leitores (e eleitores) que pensam que os Estados Unidos são os únicos beneficiados com a coexistência pacífica e que em todo lugar a transição ao socialismo não será possível sem revolução violenta.

No entanto, qual é o valor intelectual, qual é o conteúdo filosófico desse livro considerado "a versão chinesa" do marxismo-leninismo?

De fato, para saber se Mao tem uma filosofia original, aconselha-se a leitura do texto integral e não do Pequeno livro Vermelho. Esse último é um catecismo, fundamental como documento histórico, mas composto de citações vagamente agrupadas por assunto, porém fora de ordem cronológica e sem lógica. Ele não suscita a reflexão do leitor.

O teor é de um marxismo-leninismo extremamente resumido, pontilhado de conselhos moralistas ao estilo Proudhomme, do tipo "Progridi mos quando somos 110 Editoria l que escrevi para o L'Express em 28 de agosto de 1968.

A GRANDE PARADA

modestos", "O difícil é agir bem durante toda a vida", ou redundâncias: "Um exército sem cultura é um exército ignorante", "O exame unilateral é não saber olhar as questões sob todos os seus aspectos".

Quanto ao exame unilateral do texto completo, revela que Mao não é um teórico, ou pelo menos não é um inventor. Os raros trechos teóricos, "Sobre a prática", "Sobre a contradição", limitam-se a vulgarizar e simplificar o Materialismo e Empiriocriticismo de Lenin. Como todos os seus textos, são obras circunstanciadas, de combate, destinadas a vencer a luta pela pressão política precisa sobre essa ou aquela tendência concreta no seio do PC chinês ou fora dele. Na verdade, a ideologia leninista, adotada definitivamente, nunca foi repensada como ideologia por Mao. Quando ele parece estar fazendo ideologia, é, na verdade, pura retórica.

Apenas ocorre que, como todos os comunistas, ele reveste qualquer mínimo detalhe de fraseologia abstrata. Como fazer, em 1929, para que o Exército Vermelho, ocioso, não se desvirtuasse nas cidades, mas ficasse no campo, onde era mais útil? Mao escreve um aresolução: "Eliminando as concepções errôneas no Partido." Entre essas concepções errôneas se encontra, entre o "subjetivismo" e

"os resquícios de golpismo", o "individualismo", cujo principal componente é o "gosto pelos prazeres", que se manifesta essencialmente pelo fenômeno que "leva nossas tropas a se dirigir para as grandes cidades".

A própria teoria das Cem Flores, por mais . . . florida que seja em sua formulação, não é uma verdadeira teoria. Ela se destinava, em 1957, a acalmar aqueles que exigiam maior liberdade de discussão dentro do Partido e invocavam principalmente os acontecimentos na Hungria para condenar o autoritarismo. Mao aprova a repressão do levante de Buda-pestes. Faz concessões retóricas aos descontentes.

Mas, logo em seguida, os repreende, aplicando invariavelmente o mesmo raciocínio ortodoxo. No discurso onde ele fala das Cem Flores, intitulado "Da situação dos conflitos no seio do povo" (1957). como em textos anteriores - "Da ditadura democrática popular" (1949) ou "Contra o estilo estereotipado no Partido"

(1942) -, esse raciocínio, sempre o mesmo, é o seguinte: a discussão no seio do Partido é livre; mas, na prática, as objeções contra o Partido provêm de duas fontes: dos adversários da Revolução, que não devem ter o direito de se expressar, e dos partidários sinceros da Revolução, que nunca estão realmente em desacordo com o Partido. Portanto, os métodos autoritários são um "centralismo democrático"

absolutamente legítimo, e, para o povo, "a liberdade é correlata à disciplina".

142

A MEMÓRIA MUTILADA

Mesmo esquema em filosofia. "Pode-se criticar o marxismo? É claro, porque "o marxismo não teme a crítica", "se ele pudesse ser derrubado pela crítica, ele não serviria para nada". Portanto, discuti-lo será sempre em vão, já que ele é invulnerável. Por que então dar-se ao trabalho de discuti-lo?

Naturalmente, também, as Cem Flores podem desabrochar intelectualmente, mas como é fundamental não deixar que se misturem "ervas daninhas" às "flores perfumadas", Mao logo retorna a uma ditadura cultural semelhante à de Jdanov. A idéia do "exército cultural" de Mao é muito antiga. Mas também não é inovadora: a cultura é sempre

o refl exo da rea l i dade po l í t i ca e soci a l . U m a vez concl u í da a revo l u ção econô m i ca , a c u l t u ra deve a l i n h a r-se a e l a . Essa visão é tota l m ente idêntica à do l en i n i s m o m i l itante, sem q u a l q u e r va riação ou toq u e pessoa l .

Deixemos u m a coisa bem clara : não estou fazendo nen h u m j u lgamento po l í t i c o sobre a C h i n a , e talvez eu seja até mesmo "ch i nês", q u e m sabe? Mas o estudo dos textos me obriga a d izer que, do ponto de vista fi losófico, não existe nen h u m a

"versão chi nesa" d o marxismo, n ã o exi ste maoísmo. 1 1 1

1 1 1 O Pequeno Livro Vermelho. Citações do Presidente Mao Tsé-tung. Seu i l , 1 90 páginas. Textos Escolhidos em três volumes, de Mao Tsé-tu ng. Maspero, cada volume 1 90 páginas.

143

,

Anexo 2 ao capítulo 8

Disposições do novo Código Penal

Art. 2 1 1 - 1 : Con stitu i genocídio o fato d e , segundo u m plano predeterm i nado, visando à destru i ção total ou parcial de u m grupo de determ i nada nacionalidade, etni a , raça ou rel igião, ou de um grupo identificado a part i r de qualquer outra característica arbitrária, cometer ou mandar cometer, contra os membros desse grupo, u m dos segu i n tes atos:

- Atentado vol u ntário contra a vida.
- Atentado grave à i ntegridade física ou psíq u i ca .
- Submissão a condi ções d e vida ta i s q u e levem à destru ição tota l ou parcial do grupo.
- Medidas de redução da nata l i dade.
- Deportação de crianças.

O genocíd i o é pun ido com pena de prisão perpétua. As duas pri meiras a l íneas do artigo 1 3 2-23 referentes ao período de prescrição são aplicáveis ao cri me previsto no presente artigo.

Art. 2 1 2- 1 : A deportação, a redução à escravidão ou a prática

generalizada e sistemática de execuções sumárias, de seqüestro seguido de desaparecimento, de tortura ou atos desumanos, inspirados por motivos 145

A GRANDE PARADA

políticos, filosóficos, raciais ou religiosos e executados segundo um plano predeterminado contra um grupo da população civil serão punidos com pena de prisão perpétua. As duas primeiras alíneas do artigo 132-23 referentes ao período de prescrição são aplicáveis aos crimes previstos no presente artigo.

Art. 212-2: Quando cometidos em tempo de guerra, conforme um plano predeterminado contra aqueles que combatem o sistema ideológico em nome do qual são perpetrados os crimes contra a humanidade, os atos mencionados no artigo 212-1 serão punidos com pena de prisão perpétua.

Art. 212-3: A participação em um grupo ou associação formado ou estabelecido com o intuito de planejar, conforme caracterizado por uma ou mais provas materiais, um dos crimes definidos nos artigos 211-1, 212-1 e 212-2, será punida com pena de prisão perpétua. As duas primeiras alíneas do artigo 132-23 referentes ao período de prescri

ção são aplicáveis ao crime previsto no presente artigo.

O Art. 213-1 prevê outras penas como a suspensão dos direitos civis etc.

Art 213-2: Exploração do território francês de estrangeiros implicados.

Art 212-3: Os líderes morais podem ser declarados responsáveis penalmente por crimes contra a humanidade, nas condições previstas no artigo 121-2.

1) Penas mencionadas no artigo 131-139.

2) Confisco de bens.

Art. 213-4: O autor ou o cúmplice de um crime incluído na presente rubrica não pode ser exonerado de responsabilidade pelo fato de ter cometido um ato prescrito ou autorizado pelas disposições legais ou regulamentares, ou um ato determinado por autoridade legítima. Contudo, o tribunal levará em conta essas circunstâncias no

momento de fixar a pena e sua extensão.

Art. 2 1 3- 5 : As ações públ icas referentes aos cri mes previstos nessa rubrica , bem como as penas determ i nadas, são imprescritíveis.

146

9

A dáusula do "totalitarismo preferido"

Hoje, em

cesso. 200

Ape 0 ,

sa '

r podemos

do gr

co

ande nsid

númerer

o ar que

de l iv a

ros operação

que traça "gr

m ande

o

par

quadro ada"

do

teve

com u n i sta e da seriedade e repercussão dessas obras. uma parte i m portante da el ite u n iversitári a , jorn a l ística e pol ítica empen hou-se em contrad izer ou atenuar os estragos p rod uzidos pela verdade. Algu n s d i q u e s se rom pera m . a l i n ha fortificada" da ideologia nem sempre consegu i u se manter i ntacta , mas o essencia l . ou sej a , o pri ncípio da desigualdade de tratamento entre o tota l ita rismo dito de esquerda e o dito de d i reita perma nece u . A década 1 980- 1 990 foi marcada pelo recon hecido desmorona mento do com u n ismo e pela fa lência relativa e admitida do soci a l ismo democrático. A década 1 990-2000 foi ma rcada pelos esforços desenvolvidos . com gra nde sucesso, para obliterar os ensinamentos advindos dessas experiências h i stóricas . Os elogios não foram para "aqueles que ousaram dizer não" ao com u n i smo. quando ele rei nava soberano sobre ta ntos povos e embotava tantas mentes, mas para aqueles que, naquela época , se la nçara m . embriagados de adm i ração, sob sua bandeira .

*

N . do E . : Obra editada em 2000.

**

N. do T. : N o origi n a l , o autor util izou o termo limes do fra ncês a rcaico, usado para designar a l i n h a fortificada que demarcava fronte i ras entre a lgumas partes do I m pério Romano. Para exp l icar a palavra , ele acrescentou o segu i nte comentário: " Para uso das novas gerações, às quais o ministério proíbe o aprendizado das l ínguas antigas: ' Li mes (pronúncia /imesse) - Sob o I m pério Romano, l i n h a fortificada mais ou m e n o s contínua que marcava algumas fronteiras' (Larousse). "

A GRANDE PARADA

Ter segu ido o com u n i smo, ou mesmo servido a ele, no período de seus piores cri mes, não é mais um demérito pa ra n i nguém . Tê-lo combatido, ou simplesmente criticado, relega o indivíduo, ai nda hoje, ao plano dos cúmplices latentes ou patentes do fascismo, os nostá lgicos de Vichy, ou até entre os culpados retroativos pelo holoca usto. O fato de a lguém como Cioran ter-se desviado do cam i n ho, na j uventude, para seguir o fascismo, cobri u de i n fâmia toda a obra posterior desse grande escritor, mesmo que ela tenha sido i ntei ramente dedicada a abj u rar, de forma monumental e subl ime, esse

pecado i n ícia l . Ao contrário, o fato de Aragon, durante toda a sua vida , e mesmo na vel h ice, ter apoiado ativamente u m regime assassino que se tornava pior a cada dia, o fato de ele ter não apenas aprovado, repetidas vezes. esse regime, mas até mesmo recomendado os assassi natos costumeiros, essas atitudes em nada d i m i n u íra m sua glória póstuma. Podemos até dizer que sua ignomínia, a part i r do momento em que ela tenda para o lado certo, só aumenta sua glóri a , j á que o verdade i ro ri sco seria se alguém util izesse como pretexto sua carrei ra de inqu isidor sta l i n i sta pa ra manchar com notas mesq u i n has a homenagem i merecida que lhe é devida como escritor, homenagem , a l ías, a qual lhe é sempre prestada.

Em u m a resposta aos transes xa manísticos de 1 998 (centenário do nasci mento de Aragon) , David Bosc escreveu em Ombre portée ! Sombra pro j etada i : 1 1 2 "Agora sabemos que o cri me realça com sua púrpura o bri l ho incerto do talento." É melhor deixar claro : o cri me comu n i sta . Somente ele é dotado desse poder puri ficador.

Com essa pequena ressalva , também estou convencido, como Bosc. de que o va lor estético da obra pós-surreal i sta de Aragon (versos de realejo e romances "de estilo" , como existem móveis "de esti lo" no Faubourg Saint-Honoré, em Pari s) teria sido j u lgado, e m 1 998, com mais seren idade, se as mentes de seus adutores, sobretudo os de d i reita , não estivessem assombradas pelo temor de que ele não fosse colocado no mais a lto pedestal como escritor apenas por ter descido tão baixo como homem . Em suma, era preciso ofertar-lhe uma com pensação, reparar uma i n j u stíça !

Por outro lado, Mario Vargas Llosa goza de u m prestígio l iterário necessariamente i m p u ro, pois se afastou do marxismo. U m exemplo: em 1 99 5 , convidado a participar de u m programa de rádio, "Pentimento", apresentado por uma certa Paula Jacques, ele mantém com ela o segui nte diálogo, reproduzido palavra por palavra: 1 1 2 David Bosc, Ombre portée. Notes sur Louis Aragon et ceux qui /'ont éfu. [Sombra projetada. Comentários sobre Lou í s Aragon e aqueles que o elegeram]. Edições S u l l iver, 1 999.

148

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

Paula Jacques. Como pode um jovem cheio de idéias revol ucionárias, m u itos a nos mais tarde, apresentar-se como candidato à Presidência da Repúbl ica contra a esquerda, tornando-se, ou pelo menos posicionando-se sob o rótulo da d i reita?

Maria Vargas Llosa: A questão é que a esquerda, quando eu ingressuei na.

na diversidade, representava justamente a resistência contra a ditadura militar, ela era a generosidade, a preocupação com o destino dos pobres, era uma atitude moral contra a injustiça. Vinte anos depois, a esquerda peruana passou a representar o stalinismo, a solidariedade com os regimes que criaram terríveis formas de injustiça, o regime do gulag, os milhões de pessoas sacrificadas à brutalidade arbitrária. A esquerda europeia já era uma esquerda que tomava distância do socialismo autoritário, mas na América do Sul isso apenas começava, estava atrasado em relação à Europa, mas já havia uma profunda mudança que eu acompanhei pessoalmente.

Paula Jacques. Será que não é por que, com a idade, ficamos mais racionais, mais preocupados em conservar o que possuímos, no seu caso, por exemplo?

Maria Vargas Llosa: Não, a luta que empreendi no Peru foi uma luta arriscada. Em 1987, tínhamos o movimento Sendero luminoso que fez mais de trinta mil mortos somente no Peru! Em meu livro Peixe na Água, 1993 relato que durante a campanha eleitoral cerca de cinquenta colaboradores meus foram assassinados por terroristas. Portanto, a defesa da democracia, do liberalismo e das reformas democráticas não é uma simples questão de tornar-se mais racional; nada disso, na verdade, ela exigia muita coragem.

Cética, a interlocutora do escritor não se mostra muito sensível a esses argumentos. Segundo ela, o terrorismo e o stalinismo, por mais condenáveis que sejam, não deveriam ser suficientes para levar alguém a "trair" a esquerda. Se Vargas Llosa o fez, não pode ter sido apenas por honestidade intelectual. análise lógica ou rigor moral. Não seria por que ele, autor de sucesso em todo o mundo, havia ganhado muito dinheiro, virado burguês e desejoso de conservar suas vantagens de "homem abastado"? Em nome da moderação, deixemos a ela o benefício da dúvida. 114

1993 Livro de memórias de Vargas Llosa, editado no Brasil pela Companhia das Letras, 1994. Edição francesa Gallimard, 1995, sob o título Le Poisson dans l'Eau.

114 Agradeço a Xavier Zeegers por ter-me transmitido essa gravação.

A GRANDE PARADA

Ao contrário, nenhuma dúvida poderia mostrar, um mínimo sequer, a memória de um velho com panheiro da Internacional Comunista. O jornalista australiano Wilfred Burchett. Esse nome, como é de se esperar, provavelmente não diz nada a 99% dos leitores atuais. Burchett foi o jornalista que inventou a mentira da guerra bacteriológica norte-americana, durante a Guerra da Coreia. desinformação calculada e orquestrada pela imprensa comunista do mundo inteiro, com destaque para a francesa. Pierre Daix relata como essa mentira foi elaborada, em seu livro de memórias /'ai cru au matin. Eu acreditei na manhã. 1951 Na época, ele era redator-chefe do diário comunista Ce soir. uma espécie de Humanité vespertino, há muito desaparecido. "Eu publicava com grande destaque", escreve ele, "os telegramas de Burchett... Falsas notícias. incitação ao ódio, todo o arsenal da desonra para um jornalista a í estava representado." Em 1949, Burchett viveu na Bulgária, no ano em que Kostov foi enforcado, ou na Hungria, no ano em que Rajk foi executado.

Em seus artigos destinados à imprensa ocidental, ele justificava, como já se pode imaginar. a condenação à morte desses dois "traidores"; era pago para fazer isso.

Mais tarde, na década de 1960, passeia pelo mundo inteiro, ora com um passaporte cubano, ora com um passaporte vietnamita. Chega, já basta. Muitas outras evidências demonstram claramente que Wilfred Burchett foi. até a medula. aquilo que.

aliás, tinha o direito de ser. por escolha própria: um agente. Em meu livro la Tentation totalitaire, 1966 fiz uma rápida alusão a esse inenunciável caixão-rovia jante do stalinismo. E por isso fui repreendido pela imprensa de esquerda, principalmente do Monde Diplomatique. no qual Claude Bourdet me acusou de ter buscado inspiração nos atos difamatórios anti-Burchett "da extrema direita australiana".

Confesso minha completa ignorância, hoje e naquela época. acerca do que poderia ter sido o percurso da chamada extrema direita australiana. Mesmo que ela não seja uma invenção de Claude Bourdet, classificando de "extrema" direita a direita liberal. segundo os bons hábitos da esquerda sectária, eu não precisei dela para me indignar acerca de algo intrigante. Como pôde Burchett, um emi-

nente e notório colaborador dos serviços soviéticos . transformar-se. na década de 1 970, em colaborador regular, em matéria de política internacional . do semanário do partido socialista francês. l'Unité LA Unidade ! ? Incompetência ou conivência?

No entanto. durante a década de 1 970, esclareceu-se a proteção dispensada a esse burocrata medíocre , a esse laiaio totalmente insignificante, pelas próprias 1 1 5 Paris, Robert Laffont, 1 976, p. 289-290.

1 1 6 Robert Laffont, 1 976. Le Livre de Poche, 1977 e coleção "Bouquins", Robert Laffont, 1 986.

1 50

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

democracias que ele tencionava destruir. A sagrada unidade da esquerda implicava certos compromissos e o anticomunismo era totalmente proibido. Vinte anos mais tarde, ele o deixou de ser, mas apenas em teoria , não na prática . Em favor do comunismo, continuando a ser autorizada , e até mesmo recomendada , a mentalidade defensiva , que ainda consegue se impor. Assim , em 1 99 5 , a rede francesa de televisão a cabo Planete transmite um pretensioso documentário que consiste em uma apologia do obscuro (para os telespectadores) Burchett . Vejamos com que termos líricos o caderno de televisão do le Nouve/ Observateur(26 de agosto de 1 99 5) anuncia o programa . Começando pelo título: "Por ter dito a verdade, esse australiano foi banido." Como assim , banido? Não é o caso, já que Burchett não tinha mais nacionalidade australiana , tendo-se tornado ora cubano, ora búlgaro, ora nortevietnamita. Além disso, afirmar que Burchett "disse a verdade" é o mesmo que afirmar que a guerra bacteriológica norte-americana na Coreia ocorreu , que Rajk e Slansky eram realmente "traidores", como queria Stalin , e que, portanto, mereciam morrer. Nenhum partido comunitarista atualmente, nem mesmo na ex-União Soviética , nem em qualquer outro lugar, sustenta essas teses. É preciso assistir Planete e ler le Nouvel Observateur para ver Burchett ser parabenizado por tê-las sustentado. É natural que essa inflexível fidelidade a serviço da "verdade" tenha valido ao "honesto" Burchett . . . o prêmio do Stalin de 1 9 5 1 . O paizinho do povo sabia recompensar seus serviçais .

"Infelizmente", lê-se no corpo do artigo do Nouve/ Observateur. "a integridade, quase sempre, não compensa. Aí está o infortúnio de Wilfred Burchett, testemunha privilegiada de quarenta anos de história contemporânea . " Por que "privilegiado"?

Porque, " i nvariave l mente, Burchett se encontra nos locais de maior ebu l i ção. Entretanto, na época do enfrentamento entre capita l ismo e com u n ismo, i m perial ismo e naciona l i smo, nem sempre se pode dizer a verdade, e por isso ele foi ban ido de seu país . Esse fi l m e , real i zado a part i r de docu mentos i néditos, reconstitui a vida do grande j orna l i sta australiano. Verdadeiro docu mentário pol ítico, ele representa , a ntes de mais nada, a perfeita antítese do politicamente correto". 1 1 7

É compreensível que, em 1 97 5 , a propaganda soviética , auxi l iada por seus esbi rros ocidenta i s , tenha se empenhado em pi ntar Burchett como um j orna l i sta i n dependente e escrupu loso, apesar da i nsign i ficância desse triste figu rante. Porque, naquela época , a i nda havia uma di sputa pol ítica concreta . Havia dois lados 1 1 7 Artigo assinado por Catherine Marconnet. Uma completa biografia de Burchett pode ser encontrada em meu l ivro La Nouvelle Censure [A Nova Censura], Robert Laffont, 1977, p. 1 5 1 - 165.

1 5 1

A GRANDE PARADA

no m u ndo. E os am igos do lado soviético traba lhavam para fazer preva lecer o seu lado. Mas. em 1 99 5 , após o desapa recimento do lado soviético. o problema Burchett. se é que ele jamais exist i u , tornou-se u m problema puramente histórico.

Como se pode então, em u m programa de televisão e em u m semanário representativo do socialismo democrático, cu j o alto n ível i ntellectual é inegável . apresentar um falsificador profissional como "grande j orna l i sta" pela simples razão de que foi não apenas com u n i sta mas esteve a serviço dos "organ i smos" da I nternacional?

Quero crer que nenhuma escola de j orna l ismo apresentari a . como modelo para os estudantes. esse membro tão especia l da profissão. exceto aquela fundada por Gabriel Garcia Marquez, em Bogotá. Isso diz m uito sobre a reabi litação tri u n fa l dos regimes tota l i tá rios de origem marxista.

A tít u l o de experiênci a . poderíamos tenta r produzi r e difundir no rádi o u m progra ma expressando a d m i razão por u m j orna l i sta colaboraci o n i sta do tempo do nazi smo todo-poderoso . erguendo-o

sobre um pedestal como a verdadeira encarnação do ideal deontológico da profissão. Bem podemos imaginar o escândalo que seria desencadeado por essa repugnante iniciativa. Entretanto, honra a profissão aquele que se compraz em ver correr sangue pelas mãos de Stalin. Mao ou Castro.

O comunismo conserva sua superioridade moral. Os sintomas são às vezes anedóticos, quase pueris. Em janeiro de 1999, quando foi reeditado o primeiro volume de Hergé, esgotado há setenta anos, Tintim no país dos Soviéticos, vários artigos o descreveram como uma caricatura exagerada e excessiva. Ora, na verdade trata-se de uma pintura espantosamente precisa, em sua essência, e que denota, já naquela época, a "prodigiosa intuição" do jovem autor. Como assinala Emmanuel Le Roy Ladurie respondendo a uma série de perguntas no *Le Figaro*. 118 Mas o mesmo jornal *Le Figaro* não parece concordar com o historiador, já que considera que a visão de Hergé "certamente sofre, com a volta no tempo, de maniqueísmo". É isso mesmo: com a volta no tempo. O que significa que: o conhecimento adquirido desde 1929 e, mais particularmente, desde 1989 sobre o comunismo, como ele foi realmente, deve nos incitar a apreciá-lo de modo mais positivo do que nos seus primórdios, quando a ilusão podia ser desculpável. Já que a ignorância era cuidadosamente mantida.

Resumindo, se eu entendi bem, quanto mais informação estiver disponível sobre o comunismo, menos desfavorável deve ser a ótica sob a qual devemos vê-lo.

118 Em 6 de janeiro de 1999. Respondem também Alain Besançon, Pierre Daix, que vão na mesma direção, e Alain Krivine, secretário-geral da Liga Comunista Revolucionária (trotskista), que lamenta, do seu ponto de vista, que *L'Humanité* tenha sucumbido a "um mea culpa preocupante".

152

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

Em um comentário sobre a mesma reedição, a estação de rádio France-Info (10

de janeiro de 1999) nos assegura que Tintim no país dos Soviéticos era "uma caricatura ideológica que hoje tem cheiro de velharia" (o grifo é meu). Conclusão: a adulação do comunismo não é ideológica e sim o fato de ser refratário a ele. E

além disso os acontecimentos aos quais assistimos, desde o Grande Terror da década de 1930 até a invasão do Afeganistão, passando pelo complot dos camisas brancas e pelos atos de repressão de Budapeste ou de Praga, pelo Grande Salto para a Frente, pela Revolução Cultural e pelo Khmer Vermelho, tudo isso nos incentiva claramente a deixar de lado, em relação ao comunismo, uma severidade que a história, por si mesma, descarta.

Não foram poucos os críticos que insistiram que Hergé não era autoridade na matéria porque ele havia se "comportado mal" durante a ocupação. Mas então eu pergunto: a quem vai dizer que uma condenação ao nazismo exalta um "cheiro envelhecido" quando sai da boca de um ex-stalinista? Não, porque a questão básica não é a trajetória política do juiz. A questão é saber se o nazismo foi ou não foi monstruoso. O stalinista que o disser tem, nesse ponto, razão, por mais stalinista que seja. Então, por que a proibição no sentido inverso? Porque, como eu já disse, o comunismo conserva uma superioridade moral. Ou, mais precisamente, porque muitos se empenham, à custa de mentiras e dissimulações, em manter a farsa dessa superioridade.

Diante dessa história escrita às avessas, devemos perdoar os jornalistas por se deixarem escorregar ladeira abaixo. Porque a falta de informação da qual eles são vítimas muitas vezes tem origem em historiadores desonestos. Muitos deles persistem, com inútil vigilância, em sua defesa da fortaleza da mentira comunista.

O autor de um recente livro da coleção "Que sais-je?" 1 Que sei eu? I sobre le Goulag 1945-1953 encontra um meio de poupar Lenin, dizendo que Stalin lhe havia

"traído" o legado. Velho refrão mil vezes refutado, miragem fatalmente salvadora, que a pesquisa realizada nos últimos anos dissipou sem deixar vestígios. No entanto, para o nosso humorista, Stalin seria na realidade o herdeiro... do czarismo, e não do leninismo!

Já está bem demonstrado que os campos de concentração soviéticos datam do período do próprio Lenin, e que os prisioneiros políticos do czarismo, por mais repressivo que tenha sido o regime imperial, não chegaram a uma ínfima parcela 1945-1953 Jean-Jacques Marie, Le Goulag, PUF, 1999. Ver, acerca desse livro, a resenha de Pierre Rigoulot publicada no n. 12 (verão de 1999) dos Cahiers d'Histoire Sociale.

A GRANDE PARADA

do que viriam a ser as gigantescas massas dos campos de concentração comunistas. Tentando apresentar Stalin como único responsável pelo gulag, nosso autor derrama seu fel sobre Soljenitsyn, sobre Jacques Rossi (a quem devemos ler Manuel du Goulag, já citado) e sobre Nicolas Werth (autor da parte referente à URSS no livro Negro), negando o testemunho dos dois primeiros e contestando a capacidade de historiador do terceiro.

A venerável coleção "Que sais-je?" é um dos destaques da editora Presses Universitaires de France (PUF). Os textos curtos são, em princípio, atualizações cuidadosas, baseadas nos conhecimentos mais recentes disponíveis. Muitas vezes eles constituem a única fonte de informação de que dispõe, sobre uma infinidade de assuntos, um vasto público, principalmente entre os estudantes. Agora vejamos o que esse vasto público e esses estudantes vão ler sobre o gulag durante os próximos dez anos!

Vale perguntar se existe um piloto na cabine e de comando da PUF. Ou seja, um diretor de coleção competente e que observe as regras deontológicas de sua função.

ção. "Que sais-je?", afinal, não é uma coleção de panfletos, que poderia se definir por um colorido político. Ela se apresenta como uma série de sínteses imparciais, não deliriosas tendenciosas. Nesse caso, há portanto um abuso da confiança intelectual e uma prática comercial enganosa em relação à mercadoria.

Porém, o mais instrutivo, nessa amostra de revisionismo, é a data de sua publicação: 1999. Vinte e cinco anos antes, à esquerda havia lançado uma ofensiva maciça com todos os seus batalhões para desonrar Soljenitsyn, deturpando toda e qualquer frase sua para lhe atribuir simpatias viciosas pelo nazismo ou por Pinochet; o objetivo era sujar a imagem do autor para desacreditar o inventário fatal da sua obra O Arquipélago Gulag. Em 1975, a Associação França-URSS chegou a publicar, em seu jornal France-URSS Magazine, um "relatório" sobre os campos de concentração soviéticos que concluiu que, comparado ao conforto destes, o Club Méditerranée deveria ser relegado à classificação de colônia penal. 120 Alguns anos antes, o inglês W. H. Auden Burchett, sempre lutando com a mesma coragem contra o "politicamente correto", comprou os campos de

prisioneiros da Coreia do Norte (um de seus países prediletos e do qual ele nunca foi "banido") às "estações de férias da Suíça".
Variações segundo o gosto de cada época . . .

Essas calúnias e esses absurdos oscilam entre o cômico e o ignóbil. Embora não sejam desculpáveis, eram no entanto explicáveis, na França, pela necessidade abar-las. Reproduzo esse interessante documento em minha obra *La Nouvelle Censure* (1977), p. 215-219.

154

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

rante da união sagrada das esquerdas e pelo medo que tinham os socialistas de desagradar aos comunistas. Mesmo nos países onde os partidos comunistas eram inexistentes ou muito fracos - Grã-Bretanha, Escandinávia, Alemanha Ocidental.

Estados Unidos -, a esquerda democrática adotava, durante a guerra fria, uma atitude ambígua, que a levava a se abster de qualquer crítica mais acerba do sistema soviético. Essa submissão da inteligência e esse esmagamento da ética baseavam-se em um erro político, porém um erro relativo a dados existentes, mesmo que fossem analisados estupidamente. Atualmente, esses dados desapareceram. A defesa enérgica do comunismo não pode, portanto, derivar de algum projeto no campo da ação. Ela provém de uma necessidade psicológica de reabilitá-lo e, sobretudo, de impedir que seja comparado ao nazismo. Tracemos, então, mais uma vez, o paralelo: que editora ousaria publicar e que acolhida teria um opúsculo de aparência acadêmica que tecesse acerca dos campos de Hitler a fábula edificante que este nos apresenta sobre os comunistas? O revisionismo pró-comunista parece, portanto, ser de boa qualidade. O objetivo da operação "grande parada", esboçado desde 1991, foi alcançado substancialmente. Apesar do mergulho econômico flagrante, definitivo e conclusivo do comunismo e apesar da clara exposição, terminada a festa, de sua tendência intrinsecamente criminosas, esse objetivo consistia em reconstruir, pela palavra e pela intimidação, o duplo mito da superioridade prática do comunismo sobre o capitalismo liberal e de sua moralidade intacta, transcendente a todos os delitos claramente provados que ele tenha cometido.

A sensibilidade internacional foi aceitando, pouco a pouco, que se alargasse o abismo, dividindo nossos julgamentos naqueles que dizem respeito aos crimes de um regime despótico ditado de direita e

naqueles que concernem aos regimes de um regime despótico dito de esquerda. Por precaução, em prego nova mente a palavra

"dito". Porque distingi entre regimes totalitários "de direita" e "de esquerda" não faz qualquer sentido. A distinção entre direita e esquerda pressupõe a democracia, com pluralismo de partidos, legalmente constituídos, e de opiniões, livremente expressas. Tal distinção é inútil e inexistente no caso dos regimes totalitários, todos, por definição, baseados no princípio intangível do partido único e do pensamento único. Tão logo um regime de partido e pensamento únicos entreabre a porta ao pluralismo, como ocorreu com Gorbatchev, ele salta em cena. Castro e os chineses têm razão em desconfiar.

Para as sociedades aprisionadas nesse colete de ferro, a experiência é sempre a mesma. Direita e esquerda, nessas sociedades cativas, são apenas figuras de 155

A GRANDE PARADA

retórica. espectros fantasmagóricos de ideólogos. Um vazio cruel. E, surpreendentemente, esse vazio, através de manobras insistentes e hipócritas, acabou se impondo a ponto de alterar o julgamento histórico de nossas próprias democracias. O

duplo critério moral se transmudou em regra de boas maneiras, o que significa dizer que não há mais critério moral.

Assim, uma onda de indignação percorreu a Europa quando um procurador espanhol, em 6 de agosto de 1999, pediu a anulação, por "vício de forma", do mandado de prisão expedido no ano anterior contra Augusto Pinochet, detido em Londres e ameaçado de extradição para a Espanha. A imprensa da península, seja de direita seja de esquerda, se engajou contra o procurador, tratado, gratuitamente, de

"fascistóide" pelo diário de esquerda E/ País. Ora vejam só! Eu não havia pensado nisso. Que prazer ver em ação pessoas tão imaginativas e tão criativas na escolha de epítetos! Legítima indignação, que compartilho, e da qual compartilhariamos mais se não me viesse à mente a figura imponente de Mengistu Haile Mariam, o

"négu • vermelho", ditador comunistas da Etiópia de 1974 a 1991, e muitas vezes mais eficaz como carrasco do que Pinochet.

A Etiópia do partido único preencheu todos os critérios do comunismo clássico mais puro. Que os heróis póstumos já lamentados não saíam pela tangente, como de hábito. para chorar o lugar que não se tratava do "verdadeiro" comunismo. A "revolu-

ção" da Etiópia gerou na África uma cópia autenticada do protótipo leninista-stalinista da URSS, que, aliás, recebeu o selo da matriz, merecendo créditos e tropas de proteção, representadas pelas tropas cubanas. reforçadas por agentes da polícia política da Alemanha Oriental. a incomparável Stasi. A junta de governo da Etiópia, o Derg, logo se proclamou herdeira da "Grande Revolução de Outubro", e o comprovou mandando fuzilar, logo que subiu ao poder. todas as elites que não pertenciam aos seus quadros ou que não obedeciam às suas ordens, ainda que, como em todas as "revoluções", a total subserviência não fosse tampouco uma garantia de vida. Em seguida, veio a procissão de reformas já bem conhecidas: coletivização das terras - em um país onde 87% da população era camponeses -, nacionalização das indústrias. dos bancos e das companhias de seguro.

Como era previsto - ou previsível - e da mesma forma que na URSS, na China, em Cuba, na Coreia do Norte etc., seguiram-se os efeitos inevitáveis: queda da produção agrícola, fome, agravadas pelo deslocamento forçado da população, o utopismo clássico da casa. O fracasso precoce obriga a encontrar culpados, sabotadores,

*

N. do T. : négus ou negus - título dos antigos soberanos da Abissínia, hoje Etiópia e Eritreia.

156

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

traidores, já que não se poderia imaginar que o socialismo fosse mau e que seus dirigentes não fossem infalíveis. Como de hábito, o poder totalitário encontra os canalhas responsáveis pelo desastre entre os próprios famintos e não entre os que provocaram a fome, entre as vítimas e não entre os mandatários. É depressa a monotonia dessa cena universal sobre a qual os advogados do socialismo insistem em apresentar cada novo exemplo como uma "exceção" - e o mesmo fazem, ainda hoje, diversos historiadores! Dez milhões de assassinos políticos somente na capital, em 1978; massacre de judeus da Etiópia, os Falchas, em 1979. Mas não se trata de anti-sem

itismo, já que o Derg é de esquerda.

E as crianças ! Em 1977, o sueco Secretário-Geral do Save the Children Fund emite um relatório onde ele conta ter sido testemunha da exposição das pequenas vítimas torturadas nas calçadas de Addis-Abeba. "Mil crianças foram massacradas em Addis-Abeba e seus corpos, largados nas ruas, servem de presa para hienas errantes. Ao sair de Addis-Abeba, nos acostamentos da estrada, podem-se ver as pilhas de corpos das crianças assassinadas, quase todas entre 11 e 13 anos de idade." 121 Na leitura de um tal relatório, peço a Jean Daniël que não fique zangado comigo quando eu digo que ele não me convence quando escreve: "Um jovem que se inclina para o comunismo pelo menos está imbuído de um desejo de comunhão.

Um fascista é fascinado pela dominação. Isso faz toda a diferença." 122 Quem a ideia pode levar a sério este refrão: o assassinato em massa santificado pelas intenções?

Existe carrasco mais repugnante do que aquele que fingem matar suas vítimas por "comunismo" com elas? Se as atrocidades dos regimes comunistas passados e presentes não têm qualquer repercussão sobre a pureza ideal, por que então a esquerda, mesmo a não comunista, tem tanto empenho em negar, minimizar, desculpar, esquecer ou silenciar sobre essas atrocidades? Ela o faz porque sabe muito bem que a criminalidade onipresente do comunismo e sua capacidade de destruir a economia e a cultura colocam em xeque a própria essência do socialismo. Por que os socialistas ficariam tão enraivecidos a cada recordação dos fatos, se, supostamente, nada têm a ver com eles? E que não venham com esse outro refrão desgastado: o comunismo da Etiópia foi pelo menos um progresso em relação ao antigo regime imperial. Essa afirmativa é tão falsa nesse caso quanto no caso da Rússia ou de Cuba. A Etiópia dos neguses não era o paraíso. A falta de alimento era freqüente e a pobreza, terrível. Mas a fome não era provocada 121 Citado por Yves Santamaria no capítulo do Livre Noir consagrado aos comunismos africanos: Etiópia, Angola, Moçambique.

122 Le Nouvel Observateur, 5 de novembro de 1997.

157

A GRANDE PARADA

deliberadamente, a população não era intencionalmente deportada, o assassinato em massa não era sistematicamente programado. E com

mais essa surpresa, essa criação originada, essa mesura do comunismo da Etiópia: a matança de crianças.

Não: enquanto a esquerda não tiver feito uma boa lição em seu crânio cheio de tapetes intelectuais, enquanto ela insistir em tergiversar diante do abominável.

poderá até governar, tateando, aqui e ali; mas não poderá ter a pretensão de fornecer a chave para a compreensão de nosso tempo nem para o planejamento de um futuro plausível. "Assim como na ex-URSS", escreveu Yves Santamaria, "continuamos encontrando na Etiópia as valas comuns onde se amontoam numerosos desaparecidos, identificados pelos relatórios da Anistia Internacional. Assim como na China, as famílias foram convidadas a ressarcir o Estado pela execução das sentenças, seguindo o princípio paying for the bullet." Tradução: os pais deveriam

"reembolsar" ao Estado a bala que servira para executar seu filho. Ou o filho deveria pagar a bala que matou seu pai, ou a irmã, a bala que matou seu irmão.

Lembrete: o socialismo é a solidariedade. E tal cumplicidade com o genocídio voluntário premeditado não data da década de 1920, da geração que, admitamos, poderia ainda ter direitado "ilustre" seguindo Furet: essa cumplicidade é recente, ela floresceu nos dias atuais, sob os nossos olhos, em nossa imprensa. Os "desaparecidos" são o opróbrio de um regime quando esse regime é o dos ditadores argentinos da década de 1970. Mas quando se trata dos ditadores do comunismo, eles desaparecem também da memória.

Todos os horrores do comunismo da Etiópia foram rapidamente concebidos no exterior. Em 1986, André Glucksmann e Thierry Wolton consagraram ao tema um livro tragicamente demonstrativo, *Silence on tue*, 1983 que não abalou nem um pouco os admiradores do négu vermelho, saudado, em certa ocasião, como "grande estadista" por M'bow, Diretor Geral da UNESCO, organização sempre na vanguarda progressista. A indiferença aos crimes do comunismo da Etiópia confirma a regra da apatia moral que beneficiou todos os demais comunistas. Ela pode ser explicada pelo que Glucksmann e Wolton chamam, apropriadamente, de "imunidade revolucionária".

Essa imunidade, no caso de Mengistu, ao contrário do que ocorreu com Pinochet, nunca foi questionada, mesmo depois que o assassino abissínio em série foi forçado a se retirar do poder. Em 1991,

abandonado por seu protetor soviético, mori bundo, Mengistu fugiu indo parar no Zimbábue, onde o presidente "progressista" Robert Mugabe.

158

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

"(e portanto inamovível) Robert Mugabe, herói de tantos colóquios humanitários e anti-apartheid. Lhe concedeu asilo político imediato. Nunca ouvi dizer que houvesse qualquer movimento de opinião, no seio da esquerda internacional, para fazer Mengistu comparecer diante de algum tribunal penal internacional. Há oito anos, estou sempre procurando na minha caixa postal, mas associação alguma antígeno-cídio jamais me enviou qualquer petição nesse sentido para que eu a subscrevesse. Em 1994, a justiça da Etiópia iniciou esforços no sentido de fazer comparecer perante os tribunais alguns dos grandes benfeitores da pátria na era totalitária, de 1974 a 1991. Pedi então ao Zimbábue a extradição do mais importante deles. Mugabe, cada vez mais "progressista", recusou. No entanto, extraditar Mengistu para o seu próprio país exigiria menos "quebra-cabeças" jurídicos do que a extradição de um chileno de um país estrangeiro, a Grã-Bretanha, para outro país estrangeiro, a Espanha. Nenhuma onda de indignação sacudiu a Europa no sentido de forçar o comparecimento do Coronel Mengistu Haile Mariam perante a justiça

ça. Não seria escandaloso arrastar para um tribunal esse pacífico filantropo aposentado a quem, em 1988, a Federação Mundial dos Sindicatos de Linha Comunistas, entre os quais a CGT francesa, havia concedido uma medalha de ouro como recompensa por "sua contribuição para a luta pela paz e a segurança dos povos"?

Válá que a medalha tenha sido outorgada em 1988. Ela não vale mais do que aqueles que a outorgaram e do que aquele que a recebeu. Mas hoje? Agora que tanto sangue correu sob as pontes do socialismo, que valor, que apreço merece a moral dessa Santa Consciência universal tão escrupulosamente caolha? 124 Após ter cumprido nosso "dever de esquecimento" em relação aos "Khmers negros" da Etiópia, será que podemos, sem redundância, celebrar novamente a missa em homenagem aos Khmers vermelhos? Tudo já foi dito sobre os seus crimes, cuja aritmética gira em torno da ordem de grandeza dos períodos geológicos ou dos 124 Em 1984, ao participar de um debate em uma emissora de rádio, tive a ingenuidade de deixar transparecer minha tímida indignação com a notícia de que para celebrar o décimo aniversário da revolução, o Partido Comun

ista da Etiópia havia im portado, por grandes somas e somente para seu uso próprio, milhares de caixas de uísque, champanha, e patê de foie gras, enquanto o povo era dizimado por uma dessas epidemias de fome que só o comunismo sabe fabricar. Logo no dia seguinte fui repreendido pelo L'Humanité, que me chamou de reacionário desqualificado, em nome da mais elementar decência e em resposta à minha afronta. Esse episódio do banquete dos chefes cercados de multidões famintas e de cadáveres ainda quentes lembra uma passagem célebre da Fazenda Animal de George Orwell, a que faz lanos chefes comunistas que são "mais iguais que os outros", ou seja, que se locupletam enquanto o povo morre de fome. O que é notável a respeito do comunismo é que, independente da latitude onde se instale, ou da base cultural onde se implante, todo regime comunista segue, invariavelmente, mais cedo ou mais tarde, as mesmas etapas do mesmo cenário a partir da mesma matriz. É a única prova experimental do materialismo histórico que se pode observar, essa que, na falta de melhor aplicação, ele pratica sobre si mesmo.

159

A GRANDE PARADA

anos-luz. Mas será que tudo foi entendido? E será que tudo foi feito para punir os culpados? É justo dizer que não nos cansamos de admitir a inércia enérgica que toma conta da direita (exceto no caso do dossiê Pinochet) com unidade internacional, em seus inaudíveis pedidos de extradição dos chefes do Khmer Vermelho.

Temos os ouvidos bem atentos . mas até agora não ouvimos nada. É bem verdade que alguns dos nossos filósofos socialistas contestam a suposição de que Pol Pot e seus amigos tenham sido comunistas. atribuindo-lhes, de preferência, como já vimos, o rótulo de "nacional-socialismo de campos de arroz" (Jean Lacouture) .

Reconhecemos aqui a nossa velha conhecida: a farsa que consiste em descobrir que um regime comunista não era comunista a partir do momento em que seus crimes são revelados, e desde que, é lógico, ele não esteja mais no poder. Tudo bem . Admitamos que eles sejam nazistas. Então essa não é mais uma razão para exigir seu julgamento? Como? Vocês têm nas mãos uma raizidade, nazistas ainda vivos . e, apesar dessa "sorte grande", não se mexem? Isso prova que não estão convencidos de seus próprios argumentos e sabem perfeitamente, no seu íntimo .

que seus pretensos nazistas são autênticos comunistas.

Hoje se conta m em 1 . 700. 000 ou 1 .900.000 as vítimas do genocídio no Camboj a , a part i r de u m a popu l ação i n icial de 7 . 900.000, ou sej a , mais de 20% dos habitantes , segundo u m dos mais recentes especia l i stas nesse dossiê, Ben Kierna n . 1 25

No entanto. constata o autor. vinte a nos depois que os vietna m itas derruba ra m o Khmer Vermelho do poder, "o j ogo das potências preservou Pol Pot e seus a l iados de qualquer p u n i ção por seus cri mes". O " j ogo das potências" ao qual se refere Kiernan é o fato de que as democracias ocidentais tremem de medo há vi nte anos, só em pensa r na idéia de desagradar à China. Ora , a China sempre deu apoio a Pol Pot e seu grupo, mesmo depois que o Khmer Vermelho havia entrado na clandestinidade. Por isso Jean-Claude Pomonti escreveu no le Monde: '26 "Os cri mes do Khmer Vermelho estão longe de serem j u lgados . " Ele expl ica: " U m processo como esse . i n iciado por u m tribunal i nternacional . mesmo na ausência de Pol Pot, exporia não apenas seus colaboradores i m ed iatos a i nda vivos - Khieu Sampha n , Noun Chea , Ta Mok - mas também os países que apoiaram o Khmer Vermelho, principalmente na década de 1 980. Cada u m deles tentari a , na verdade, explorar as revela-1 2 5 B e n Kierna n , Race, Power a n d Genocide i n Cambodia under the Khmers Rouges, 1 9 75 - 1 9 79 [Raça, Poder e Genocíd i o no Cam boja sob o Khmer Vermelho, 1 97 5 - 1 979], U n ivers idade de Ya le, 1 996.

Tradução francesa de M a r i e - France de Pa loméra, Le Génocide au Cambodge, G a l l i ma rd , 1 998. N o p l a n o ideológico, Kiernan também procura exonerar o comunismo desse genocíd io.

1 26 Em 24 de junho de 1 99 7 .

160

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

ções ou acusações s u rgidas nas sessões do tribunal em seu próprio favor. Muitos governos da região provavel mente não querem que isso aconteça. " Entre esses governos, o de Hanoi , porque, ao contrário da lenda a l i mentada pela sol idariedade i nternacional pró-co m u n i sta, os governantes comandados por Hanoi que substituíram o Khmer Vermelho, em 1 979, em Phnom Penh , não estão totalmente a salvo de comparecere m , eventualmente, diante de uma corte i nternacional . 1 27 Em 1 998, quando dois antigos tenentes do sa udoso Pol Pot . Khieu Samphan e N uon Chea, reapareceram na capita l . o chefe do governo de Phnom Pen h , Pri m e i ro-M i n i stro H u n Sen , apressou-se a declara r que eles "deveriam ser recebidos com buq uês

de flores e não com a lgrimas". De seu lado, Khieu Samphan concede uma comovente entrevista coletiva , garantindo estar "triste em pensar no sofrimento que ele causou ao povo do Camboja"; mas exorta seus compatriotas (os que restam) "a esquecerem o passado e prepararem o futuro". 1 28 Seis meses mais tarde, uma revolta de Hun Sen : subitamente ele afirma nunca ter garantido a imunidade aos dois arrependidos e repreende a ONU por retardar o julgamento do Khmer Vermelho. 1 29

Calúnia evidente, já que, para que um julgamento seja retardado, é preciso que ele tenha sido decidido. Ora , quem poderia suspeitar que a ONU seria tão vil a ponto de tomar a iniciativa de acusar os autores de um genocídio de esquerda? A passividade da "comunidade internacional", ou melhor, sua boa conduta, seguiu com perfeição os passos sabiamente ponderados das Nações Unidas. Há vinte anos eu espero, em vão, ver surgir na imprensa a lista vingadora das assinaturas de nossos grandes pregadores em favor das petições , no sentido de um amplo e esclarecedor julgamento dos autores do genocídio do Camboja .

...

A diferença de tratamento entre os dois tipos de regime totalitário do século revela-se também em uma multidão de pequenos detalhes. Assim é que a opera

ção " mãos limpas" na Itália e o "basta ao dinheiro sujo dos partidos" na França conseguiram , como por milagre , contornar cuidadosamente os partidos comunistas, ou , ao menos, ocuparam-se deles com carinho e lentidão. Mas suas trapaças acabaram vindo a público , seja no caso das "cooperativas vermelhas" na Itália ou das "agências de estudo" fictícias, simples máqui nas de lavagem de dinheiro roubado, do PCF. Acrescentem-se as empresas de fachada, oficialmente especializadas-127 Ver, no anexo deste capítulo, a resenha que escrevi em 1988 sobre o livro de uma testemunha desse período.

1 28 International Herald Tribune, 29 e 30 de dezembro de 1998.

1 29 Le Monde, 29 de julho de 1999. Jean-Claude Pomonti , de Phnom Penh .

1 61

A GRANDE PARADA

das no comércio com a URSS, uma forma indireta de retribuição, por parte daquela, aos PCs do Ocidente. Sem falar nas somas enviadas diretamente por Moscou, de forma clandestina, até 1990, divisas não declaradas, ora em espécie, ora depositadas na Suíça (para o PCI) e que caracterizam, no mínimo, o crime de fraude fiscal. E talvez até o de suntuosidade venal a uma potência estrangeira. Cada vez que surgiam novos documentos confirmando a amplitude desse tráfico ilegal, documentos corroborados, após a queda da URSS, por indiscrições de personalidades soviéticas ou alemãs orientais, éramos surpreendidos pela sonolenta equanimidade dos veículos de imprensa e pela imobilidade conscienciosa da magistratura. Essas práticas de pillagem das empresas já haviam sido descritas e comprovadas desde a década de 1970. No entanto, foi somente em outubro de 1996 que um secretário nacional do PCF, no caso Robert Hue, foi investigado por "tráfico de influência passivo". Os autos desapareceram nas profundezas de um esquecimento benevolente até 18 de agosto de 1999, data na qual se espalhou a notícia de que a Procuradoria de Paris havia decidido requerer o comparecimento de Hue e do tesoureiro do PCF diante do tribunal correcional. Alar-me-falso. No mesmo dia, à tarde, saiu o desmentido da Procuradoria: "As requisições estão sendo redigidas. Desmentimos qualquer informação acerca dessas requisições. É muito cedo para a firmar o que vamos requerer. Essas requisições só serão examinadas na primeira semana de setembro." Finais mente elas o foram no final de outubro.

Às vezes, a desigualdade do tratamento dispensado aos herdeiros distantes ou próximos de um e de outro regime totalitário suscita comportamentos tão ridículos que beiram o grotesco. Em 1994, a coalizão Forza Italia, Liga do Norte e Aliança Nacional, venceu as eleições na Itália. Silvio Berlusconi tornou-se presidente do Conselho e convidou para o posto de Ministro da Agricultura um dos diretores da Aliança Nacional que, como se sabe, nasceu da reformulação do antigo MSI neofascista, mas se metamorfoseou livrando-se do passado e renegando o mussolinismo. Vários antigos fascistas membros do MSI bateram em retirada. Apesar dessa transformação democrática, vários diretores europeus reunidos em Bruxelas recusam-se a cumprimentar o novo Ministro da Agricultura da Itália. Ora, os atuais diretores da Aliança Nacional não têm nem a intenção nem os meios para restaurar a ditadura fascista. Ao contrário, romperam com a herança de Mussolini e provocaram a saída dos nostálgicos do fascismo histórico. Eles sempre se man-130 Ver sobretudo Jean Montaldo, Les Finances du PCF, Albin Michel, 1977.

1 3 1 L e Parisien-Aujourd'hui: " Robert H u e a meaçado de correciona
l " , 1 8 de agosto de 1 999. Esse a rtigo foi maliciosamente publicado
na página de "assuntos diversos" e não no caderno de política.

1 62

unistas. os pit bulls da ortodoxia fazem em pedaços o portador da má notícia. É impressionante ver acadêmicos, cujo trabalho é imparcial, em algumas vezes de alto nível, perderem suas habilidades quando a polêmica envolve suas paixões. Nós os vemos se entregarem a práticas aviltantes, indignas de suas qualificações: falsas citações, textos amputados ou conscientemente deturpados, inúmeras piores do que as lançadas pelos comunistas sobre Kravtchenko, o dissidente que cometeu o sacrilégio de escrever /'ai choisi la liberté! Escolha a liberdade! meio século atrás. Uma antologia 32 Vladimir Boukovsky, Jugement à Moscou, un dissident dans /es archives du Kremlin [Julgamento em Mos-

covo, um dissidente nos arquivos do Kremlin], traduzido do russo por Louis Martinez, Robert Laffont, 1995. Ver minha resenha sobre esse livro em Fin du siècle des ombres, Fayard, 1999, p. 535.

133 Em 18 de novembro de 1997.

163

A GRANDE PARADA

Uma dessas coisas da alta intelligentsia pode ser encontrada na obra l'Histoire interdite IA História Proibida! de Thierry Wolton, 1934 à qual eu remeto.

"Deus me livre de desprezar qualquer sinceridade. Mas o espírito mais aberto não saberia acolher tudo", escreveu Maurice Barres em *Amori et dolori sacrum*.

Essa frase, que em latim significa "consagrado ao amor e à dor", está inscrita na fachada de igreja de Santa Maria da Paixão, em Milão. Em analogia a essa inscrição

há uma outra frase em latim, bem mais atual. com certeza, inscrita em um monumento de Pisa: *Somno et quieti sacrum*: "consagrado ao sono e à quietude".

Essa última frase parece servir melhor como lema da maioria dos historiadores ditos "contemporâneos".

Nossa época "contemporânea" nos leva a entoar um cântico "memória! memória!" ó sésamo sem tesouro, gruta que só se abre para revelar bijuterias baratas, será que ainda existe um a recordação de valor

que possamos manter intacta , a salvo do abismo do esquecimento?

134 Jean-Claude Lattès , 1998.

164

Anexo ao capítulo 9

Camboja: a ocupação

Resenha sobre o Livro Mur de bambou, ou Le Cambodge apres Pol Pot [Muro de Bambu, ou o Camboja depois de Pol Pot] , de Esmeralda Luciulli , prefácio de François Ponchaud (Médecin sans frontières, Régine Deforges, 315 páginas). Le Point, 28 de novembro de 1988.

O club

O úne

icmais

o

n

que umeroso

tem o

do plane

mesmo nú

ta

mer é

o o dos

de

inimigos

associados - dos

q

genocí

uase sem dio

pre s passados.

os mesmos

é o clube dos amigos dos genocídios atuais. Quando o Vietnã pró-soviético invadiu o Camboja pró-China, em 1979, para expulsar os membros do Khmer Vermelho, a imprensa ocidental deixou de se preocupar com o destino dos infelizes cambojanos. O país estava agora ocupado, o que era lamentável; mas, pelo menos, pensava-se, o invasor havia posto um fim aos massacres do terrível período 1975-79.

Sem dúvida, o Vietnã e o governo de colaboracionistas khmer que serve a ele não mataram diretamente dois milhões de cambojanos, ou seja, um quarto da população, como havia feito Pai Pot. Porém seus métodos indiretos de extermínio e de servidão não são menos terríveis, até porque são menos visíveis e mais insidiosos. A censura soviético-vietnamita conseguiu esconder seu Camboja atrás de uma muralha de silêncio. Enquanto se multiplícam atualmente os filmes e livros sobre o grande genocídio dos anos 1975-79, continuam raros os testemunhos em primeira mão sobre o Camboja depois da ocupação vietnamita. 135

Entre os mais chocantes eu cito o recente *Les pierres crieront, ou une enfance cambodgienne* [As Pedras Chorarão ou uma Infância no Camboja], de Molyda Szymusiak, *La Découverte*, prefácio de Jean-Marie Domenach.

165

A GRANDE PARADA

Daí o interesse das revelações de Esmeralda Luciolli. Essa francesa de 34

anos, nascida nos Estados Unidos de pais italianos, foi um dos poucos médicos ocidentais admitidos no Camboja, como integrante de uma missão dos Médicos sem Fronteiras. Ela passou quinze meses no país, entre 1984 e 1986, observando a vida de perto: testemunhou o drama original. relato vivo, enriquecido de coisas vistas e vividas. Além da valentagem excepcional de ter vivido no país, a autora possui ainda um atributo que aumenta muito o

alcance de sua experiência: ela fala a língua khmer. No passado, ela se interessa por esse idioma, tendo-o aprendido na Escola de Línguas Orientais de Paris.

O novo regime se distingue tão pouco do anterior, pela ideologia, que a maioria dos quadros atuais do Partido são antigos membros do Khmer Vermelho. A estação de rádio oficial aliás nunca os critica, em geral, mas volta-se apenas contra Pol Pot. Como todo regime comunistas, os atuais detentores do poder querem construir um "novo homem" a golpes de "lições políticas", que ocupam uma parte tão grande do tempo de trabalho que são uma das causas da produção insuficiente. A repressão contra os recalcitrantes, os indiferentes, os suspeitos, provoca, a cada ano,

milhares de prisões, "desaparecimentos" (como na Argentina, mas bem menos comentados!). casos de tortura. A julga-se a li mental, o material de construção, os medicamentos fornecidos gratuitamente pelas organizações ou pelos governos ocidentais são desviados pela nomenklatura, indo primeiramente para seu próprio proveito e depois para a revenda, com lucro, no mercado negro, onde a população os compra a peso de ouro, e finalmente são exportados para o Vietnã ou para a URSS. A brilhante técnica do Ocidente, que consiste em "empanturrar os carrascos para a li mental as vítimas", segundo a expressão de William Shawcross, 136 funciona aqui a todo vapor.

Mas há coisas piores. Em 1984, foi tomada uma trágica decisão em Hanoi (e não em Phnom Penh, o que evidencia claramente o status clássico de satélite do governo khmer): construir, ao longo da fronteira, entre o Camboja e a Tailândia,

uma nova muralha da China, de oitocentos quilômetros. Essa obra é uma simples palçada, um frágil "muro de bambu" (origem do título do livro), que não tem qualquer valor estratégico. Destinou-se apenas a impedir que os cambojanos fujam para a Tailândia. Duas ou três vezes por ano, 100 a 120 mil homens, chamados

"voluntários", são obrigados a partir para a região a fim de realisar esses trabalhos forçados durante meses. Eles são dizimados primeiramente pelas minas, em setembro 136 Le Poids de /a pitié [O Peso da Compaixão] Balland, 1985.

A CLÁUSULA DO "TOTALITARISMO PREFERIDO"

guida pela malária e finalmente pela desnutrição. Porque o que não é o alimento enviados pelo Ocidente para as autoridades jamais chegam até esses infelizes prisioneiros, vítimas daquilo que, no país, é conhecido como "desmatamento". 137

Seria demonstrar um gosto perverso por futuras condições ficarmos nos perguntando sobre a reação das organizações humanitárias quando lhes chegam essas informa

ções sobre os horrores do Camboja. O capítulo, que Esmeralda Luciolli dedica à cumulatividade velada das agências das Nações Unidas, da própria Cruz Vermelha e de várias organizações não-governamentais, mereceria figurar em local de destaque nos anais da covardia humana. É preciso ler todos esses absurdos em detalhe para compreender o desespero do povo khmer quando ele constata que aqueles que supostamente vieram ajudá-los se aliam àqueles que querem exterminá-los. Depois disso tudo, continuemos a falar sobre direitos do homem! Realmente esse é um tema do qual nossos governantes devem se ocupar. Mas fazem mais do que isso: recomparam a inaugurar o regime de Hanoi com nosso dinheiro, a fim de salvá-lo de seu próprio fracasso, às nossas custas.

137 Encontra-se aqui um dos traços característicos dos regimes comunistas: o restabelecimento da prática da escravidão (Nota de 2000).

167

10

O Comunismo no século XX:

uma história sem significado?

Os crimes

rmada. com u

cada nistas

vez

rece

que bem

novos . por

fa

tanto.

tos vêm uma

engr i rrevogável

ossar seu absolviç

dossiê, ão,

não reconapenas

pelos partidos com u n i stas . ou o que ai nda resta deles. mas ta mbém . com generosidade. pela esquerda não com u n ista e mu itas vezes até mesmo pela direita. "Está errado colocar essa questão" (a da comparação entre com u n ismo e nazismo) . diz Pierre Mazeaud. u m gau l l ista . político talentoso. membro do Conselho Constitucion a l . O pretexto citado para estabelecer esse "erro" não m uda. é i n fel izmente o mesmo, tanto para Pierre Mazeaud quando pa ra Robert Hue: "O comu n ismo foi deturpado." Esse eminente constitucionalista poderia presta r u m serviço à ciência pol ítica se nos expl i casse que prodígio faz com que uma doutri na i ntrinsecamente boa tenha sempre . em todo l ugar, infalivel mente. encarnado sua própria detu rpa

ção. Essa lamentável descu lpa se transforma em acusação agressiva na boca dos socia l i stas. Comentando a publicação do livro Negro. no outono de 1 997, o Primeiro-Secretário do Partido Socialista . François Hol lande, se perg u nta sutilmente:

"Não estariam os autores preparando o cam i nho para futuras alianças com a extrema d i reita . procurando legitimá-las antecipadamente?" Esperava-se. e poder-seia compreender, que o primei ro-secretário di ssesse: esses horrores nada têm em comu m com a nossa concepção do social ismo. Mas não. O inevitável refrão surge novamente: é preciso continuar a combater o anticomun ismo e, portanto. a h istória

A GRANDE PARADA

exata do passado, pois o inventário dos crimes comunistas, apresentado em nome de uma pretensa pesquisa científica, encobre, na realidade, segundo Hollande, um projeto de servir à extrema direita, de reanimar o fascismo, ameaça mais forte do que nunca, evidentemente, e de revigorar, na França, a apologia dos crimes do regime de Vichy. Intellectualmente, é difícil descer mais baixo. E mais: oitenta anos de sofrimento humano e de pesquisas históricas não serviram para nada. O

comunismo é o progresso. Os historiadores que falam a verdade sobre ele são os inimigos do progresso. Será que Hollande se dá conta de que, ao acusá-los de falsificar a história a partir do momento em que ela é desconfortável para a legenda socialista, ele estaria se comportando como um herdeiro do modelo cultural soviético?

Quanto aos liberais e aos democratas, que se limitam a expressar seu desejo de que a verdade venha à tona, a esquerda e mesmo, vigiamente, enxerga neles um fascismo implícito que só falta se declarar. Exigir a aplicação das leis é uma atitude que atrai o mesmo tipo de suspeita. Durante o governo Juppé, em 1996, quando imigrantes em situação ilegal ocuparam a Igreja de São Bernardo, em Paris, para exigir que seus papéis fossem regularizados, a extrema esquerda, aliada ao Partido Verde e a uma boa parte dos vermelhos ou dos "humanitários", acusou o poder público de recorrer a métodos nazistas e de repetir a grande blitz do Vel d'Hiv' porque viaturas da polícia haviam retirado os clandestinos do local. Como os que escreveram ou disseram essa insinuação não são todos imbecis, só podemos imaginar que eles agiram de má-fé. Porque na verdade as vítimas da blitz na Segunda Guerra Mundial não foram expulsas da Alemanha para seu país de origem ou de residência (eles teriam preferido assim!). mas ocorreu justamente o contrário. Além disso, os que foram expulsos da Igreja de São Bernardo não foram deportados para campos de concentração ou para a morte. Finalmente, que eu saiba, no momento em que ocorreu o episódio de São Bernardo, a França não estava ocupada por um exército estrangeiro. Seu Presidente, seu Parlamento, seu Governo haviam sido eleitos por sufrágio universal. segundo a livre expressão da vontade dos cidadãos. As instruções dadas à polícia seguiam leis votadas segundo uma Constituição que havia sido referendada pelo povo. Por tudo isso, comparar as leis Pasqua-Debré sobre imigração com as "leis de Vichy", ou seja, igualar uma democracia a uma ditadura (além do mais sobre o domínio do inimigo). revela

N . do T. : Vel d'Hiv ou Vélodrome d'Hiver [Estádio de C i c l ismo de I nverno] em Paris. D u ra nte a ocupação da França pela Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, local para onde foram levados, em 1 6

e 1 7 de j u l h o de 1 942, m i l hares de judeus. Transportados para o estádio s e m saber a razão , de l á e l e s foram deportados para campos de concentração nazistas.

170

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

uma grave i ncapacidade para a análise pol ítica ou uma desonestidade perigosa da parte daqueles que se util izaram desse argu mento. Perigosa porque era ti ngida de revisionismo a ntidemocrático. I nsta lar-se em um pa ís estrangei ro , sobretudo u m país q u e provê seus residentes com u m a onerosa previdência social . pode ser uma decisão u n i latera l do em igrante, sem que as autoridades do país que o acolhe possam se m a n i festar? Os partidários dessa sol ução explosiva , a quem eu deixo a reflexão sobre as consequências que ela teria sobre a viabil idade da i ntegração, j á m u ito dan i ficada desde 1 980, s ó precisam tentar, se são democratas. fazer passar no Pa rlamento uma lei nesse sentido, desde que aceitem arcar com as consequências, caso ela seja aprovada . Mas não têm nen h u m d i reito de rotular de fasci smo, racismo e "vichyismo" a atitude dos cidadãos que temem as repercussões caóticas e nefastas de uma regula rização automática de todos os i m igrantes i l ega i s . ou sej a , de u ma supressão tota l de qualquer coritrole.

Além do mais, não podemos i nverter as responsabi l idades. Se u m i m i grante clandestino entrou na França de forma fraudu lenta e , em segu ida, trouxe , sempre de forma fraudu lenta , sua ou suas esposas , e se eles tiveram então fi l hos, nascidos na França , portanto com d i reito à nacional idade francesa . enquanto os pa i s não têm esse d i reito, quem é o responsável por esse imbroglio j urídico? Não é a Repúbl ica fra ncesa , mas s i m aqueles que bu rlaram suas leis. A necessidade de exa m i nar essa situação absurda com todo sentimento human itário possível pelos indivíduos não sign i fica que a França tenha que assum i r, para começar, a responsab i l idade. Nascer na Fra nça dá à pessoa o d i reito de ser cidadão francês. mas não natu ra l iza , retroativa mente, todos os seus ancestra i s . Além disso, como pode o Estado i m por o respeito às leis aos seus próprios cidadãos se ele a utoriza os i m i grantes a descu mprir-las? N u nca houve civi l

ização s e m movi mentos m igratórios.

Mas os movi mentos m igratórios anárq u i cos criam esse cl ima de guerra nas ruas e essas zonas sem lei que vão destru i ndo u m país.

A defesa i ncondicional dos i m igrantes i l lega is é u m dos i n ú m eros su bterfúgios que tendem a relegar o democrata com u m à categoria de vichyí sta , i mputando-lhe, por qualquer motivo , uma reedição do genocídio anti-semita, quando esse cidadão quer apenas a aplicação das leis votadas. É também uma forma de engavetar o exame do comu n i smo e, em gera l . do passado da esquerda , alegando que a prioridade é a u rgência da " l uta antifasci sta" .

Nessa perspectiva , a fronteira entre o s regi mes pol íticos é nítida: de um lado, a democracia l i bera l com o fascismo ou o nazismo; do outro, a esquerda, da qual o 1 7 1

A GRANDE PARADA

com u n ismo sempre faz parte. Suas rea lizações não fora m suficientes para exp u l sá-lo d a com u n idade democrática , aos ol hos da esquerda q u e . por outro lado, rel u tou e m aceitar no grupo a d i reita l i bera l . a todo momento s e m q u a l q u e r razão , tachada d e vichyismo. Já que o dossiê d o com u n ismo parece n ã o t e r comprovado, para a esquerda , sua i ncompati b i l idade com a democracia , é preciso então parar de recri m i nar seu passado (e seu presente: Castro e tutti quant1) , em nome do importante papel que lhe cabe nas futuras l utas. Podemos recon hecer aqui u m velho estratégia a : o marxismo s ó deve ser j u lgado e m função d e suas promessas, não da forma como as cumpre.

Pierre Vida l-Naquet registrou claramente esse lapso. em seu prefácio à tradução francesa . publicada em 1 990, do livro la So/ution fina/e dans /'histoire IA Solução Final na H i stória] . do historiador norteamericano (origi nário do Luxemburgo) Arno Mayer. O h i storiador fra ncês escreve nesse prefácio: "O 'j udeocídio' , como o denom i na Arno Mayer, atra i , por sua própria natu reza . os pervertidos. O fato foi negado enquanto ocorria , foi negado desde então, negado por i nteresse ou por ideologia.

Porém, enquanto era negado por uns. era santificado por outros, a ponto de tornar-se objeto de rituais. celebrações e de toda uma orquestração rel igiosa . "

S e o " j udeocídio" deve s e r ou n ã o "santificado" e "orquestrado", na m i n ha opinião é u m dever mora l e uma obrigação educativa pelo

menos lembrá-lo escrupulosa e constantemente. Por outro lado, a sua repugnância pensa que ele possa servir de escudo destinado a impedir a lembrança de outros genocídios.

Apontar, em todo relato dos crimes comunistas, uma tentativa insidiosa de justificar os crimes do nazismo. não é apenas, na imensa maioria dos casos, uma coisa tão óbvia quando óbvia, mas um insulto à memória das vítimas do Holocausto.

Elas merecem o mesmo destino póstumo do que serem arrematadas a serviço de um revisionismo mais difundido. que aquele que contesta o Holocausto. e tão

"interessante", "ideológico" e "pervertido" quanto aquele.

Com o objetivo de demonstrar que não existiram outros crimes contra a humanidade, no século XX, senão os do nazismo. a conduta dos franceses durante a Ocupação é pontuada com cores ainda mais negras do que a realidade.

Cada vez que um acontecimento, como o processo Papon, nos mergulha nas lembranças da Ocupação, ouvimos dizer que os franceses, graças a essa evocação, terão que olhar de frente "pela primeira vez" o período do regime de Vichy. Ajustar por esse slogan repetitivo. após a Libertação, nós teríamos mergulhado no mito euforizante de que todos os franceses haviam pertencido à Resistência. E nos 172

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

esquecemos de punir os colaboracionistas. Ora, se alguns miseráveis vichystas escaparam do castigo, a apuração dos fatos não deixou de ser um caso de grandes proporções em nível nacional. Entre 1944 e 1951, houve dezenas de milhares de julgamentos. cerca de setecenta condenações à morte. a maioria, é verdade, por contumácia. muitos dos acusados sendo fugitivos. Devemos ainda acrescentar as cerca de cinco mil execuções sumárias que ocorreram antes e durante a Libertação.

quase 14 mil condenações a trabalhos forçados, 25 mil à prisão ou à reclusão.

sem contar as 50 mil condenações à perda dos direitos de cidadania. que expulsaram muita gente da atividade profissional. Será que isso pode ser chamado de

"passar uma esponja"? Não. Portanto, o julgamento de Papon foi im-

portante porque levantou a questão de se saber até que ponto, sob um regime tirânico, a obedi-

ência às ordens constitui ou não uma desculpa para um funcionário público, ou mesmo para um militar. mas ele não foi importante por suas revelações. (Esses não meros foram registrados por dois dos mais confiáveis especialistas naquele período: Henri Amouroux e o historiador norte-americano Herbert Lottman .) É falsa a afirmação de que a maioria dos franceses foi favorável a Vichy.

Freqüentemente se diz que, sozinha, uma minoria conduziu ativamente a resistência, o que é verdade. Mas usar isso como pretexto para inferir que todos aqueles que não participaram da resistência ativa eram obrigatoriamente colaboracionistas ativos implica uma espantosa ignorância em relação à vida real . Desde 1941 .

milhões franceses, embora não participando da resistência ativa , eram hostis ao regime de Vichy e aos alemães. Não devemos tampouco esquecer que a popula-

ção francesa revelou-se, durante a Ocupação, uma das menos antissemitas da Europa , como revelaram , entre outros , Marek Hałter em seu filme Les Justes ! Os Justos ! e Emmanuel Todd em seu livro Le Destin des immigrés 10 Destinos dos Imigrantes ! . Considerando-se os 15 países , exceto a Alemanha ou a Áustria, sobre os quais existem dados precisos acerca dos genocídios, a França , juntamente com a Itália e a Bulgária , compõe o grupo de três países onde houve o menor número de vítimas em relação à população judaica total . Será que isso teria sido possível se os cidadãos, em conjunto, não tivessem ajudado, escondido, muitas vezes fornecido papéis falsos ou falsas certidões de batismo, aos judeus franceses ou residentes?

Outra calúnia destinada a sustentar o libelo acusatório: "você foram todos prônazistas; então deixem em paz o comunismo" foi a invenção de que os museus da França teriam deixado de divulgar a lista de obras de arte roubadas dos judeus.

durante a guerra , pelo invasor, e recuperadas na Alemanha após 1945 . Simples 173

A GRANDE PARADA

depositária dessas obras. a Direção dos Museus da França teria tentado apropriar-se delas calando-se a respeito dos fatos. Assim, nossa alta administração, nossos mais ilustres curadores teriam sido transformados, de certa forma. em herdeiros de Hitler. Quando se desce a um nível tão baixo de degradação, como a inda ter a audácia de mencionar outras injustiças ou pretensas injustiças? Em 1997, jornais de várias tendências políticas e a rede de televisão Arte desencadearam uma campanha, com base em um relatório mal-interpretado do Tribunal de Contas a respeito das seqüelas dessas extorsões ou vendas. Prefero dar a palavra a Philippe Meyer, que resumiu e rechaça com exatidão o contra-senso cometido, voluntariamente ou não, nesse caso : 138

Na verdade, foi uma investigação de rotina do Tribunal que reavivou a questão das duas mil (em 61 mil) obras de arte a inda não restituídas a seus proprietários não identificados. Ao final da investigação, o próprio Tribunal informou os seus da acusação de terem feito corpo mole na pesquisa desses proprietários (pesquisa que foi encomendada, em 1949, a um departamento do Ministério do Exterior) e reconheceu os recentes esforços dos curadores no sentido de dar a conhecer essas obras. A exposição parcial desses quadros e objetos de arte (e sua exaustiva divulgação na Internet) serviu para mostrar que quase todos eram de pequeno valor artístico. que muitos não haviam sido roubados. e sim com prados (por marchands que, obviamente. não tinham nenhum interesse em se gabar de suas relações com o invasor) e que muitos deles não provinham de coleções pertencentes a judeus espoliados: de 38 quadros expostos no Beaubourg, ' somente uma cá neste caso. Finais mente, ficou estabelecido que os museus nunca se apresentaram como proprietários daquilo que lhes foi simplesmente confiado à guarda, e cuja origem eles sempre tiveram o cuidado de assinalar.

Pois bem, mas a inda assim não seria conveniente provar que as democracias liberais, sob a máscara angelical. escondem em suas profundezas um demônio totalitário e um incurável anti-semitismo? O momento em que essa verdade vem à tona não seria um tanto inoportuno para abrir contra a esquerda, em geral. e o 138 Le Point, n. 1283.

N . do T.: nome de u m a rua de Paris, onde se encontra o Centro Cultura l Georges Pompidou, constru

ído na década de 1 970, com estrutura moderna e arrojada, onde se realizam inú meras exposições de arte e eventos culturais. O centro é comu mente chamado pelo nome da rua que o abriga.

174

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

com unismo. em particular. um processo obsoleto acerca de erros lamentáveis, sem dúvida, mas já ultrapassados? Diante do perigo, não seria melhor retomar a consciência dessa verdadeira máxima da saúde pública , de que somente a esquerda , a uxi l iada por u m comu n ismo renovado, permanece como bal uarte de uma autêntica democracia?

Enigma do nosso tempo: a esquerda pós-comunismo é mais zelosa em l i mpar o passado com u n ista do que o fora m os próprios d i rigentes soviéti cos. Fica bem claro, nas memórias de Sergo Seria , Seria mon pere. 1 39 que os d i rigentes, antes mesmo das revel ações do relatório Kh rushchev, tinham todos eles "a consciência de participar de um regime cri m i n oso e de estar cometendo i n fâm ias" (Fra nçoise Thom , prefácio) . Cada um guardava u m dossiê dos cri mes dos outros , para poder uti l izar em seu próprio benefício, caso viessem a ser acu sados - Lavrenti Seria sendo o pri me i ro da l ista , logicamente, j á que ele comandava o N KVD, mais tarde KG B, desde 1 938. Será que Fra nçoi s Hol lande va i acusá-lo de ter "tentado preparar fut u ras a l i a nças com a extrema d i reita"? Quanto a i sso ele pode ficar tra n q u i l o : essas a l i a nças foram precocemente estabelecidas. M u itos a n o s antes d o pacto H itler-Sta l i n , a U RSS j á havia começado a entregar à Gestapo o s com unistas alemães, agentes do Com i n tern , que se encontravam em seu território . Isso também é h i stória - não exatamente a censurada que F. H o l l a nde ameaça nos i mpor.

* * *

Tendo assi m desembaraçado o com u n ismo de seus cri mes, ou pelo menos, tendo-o vestido e ornamentado com uma camada superficial de i n ocência , podese então i n iciar a segu nda fase da operação "grande parada": a reabil itação democrática do comu n ismo, que passa por sua reabi litação econômica , conforme o exige qualquer a rgum entação marxista que se preze.

O com u n ismo conserva sua superioridade econômica porque combate o capit a l i s m o , o mercado, o neol i bera l ismo e s u a consequênci a : a global ização, ou sej a , a l ivre c i rc u l ação de mercadorias. capita i s , pessoa s , técn icas e idéias por todo o p l a n eta. A esq uerda certa mente desistiu de s u stenta r a tese de que as economias socia l i stas tivera m mais sucesso do que as ca pita l i stas, tese popu lar e m outros tempos e defendida , na década de 1 9 50, até mesmo por e m i n entes econom istas " b u rgueses" . A esquerda já não aborda esse tema. L i m i ta-se a constatar que a s coisas não vão bem no m u ndo atua l . H á pobreza , desigualdade, crises . desonestidade. pa íses que não progridem ou que até mesmo se afundam 1 39 O p . c i t .

1 75

A GRANDE PARADA

cada vez m a i s no s u bdesenvolvi mento. Ora , a quem atri b u i r esses fracassos? Só pode ser ao capita l ismo, j á que ele tomou conta de tudo, desde que o soci a l i smo rea l foi declarado a usente. Esse raciocín io j á nos é fa m i l iar: os com u n i stas prometera m uma sociedade perfeita . mas não a constru íra m ; decretam então que o capita l i smo é o mal absoluto porque ele também não perm i t i u q u e esse fa ntasma ideológico tomasse form a . Daí, concluem que os l i bera i s são, na real idade, os verdadei ros tota l itários . prontos a emprega r todos os meios bárba ros de um "sta l i n ismo de d i reita" (J ean-François Kah n) para i mpor seu pretenso "pensamento u n i fi cado", q u a n do e le nada tem de u n i fi cado, já que, ao contrário das sociedades com u n i stas, a s sociedades l i bera i s admitem a contradição e aca rreta m , por sua própria natureza , a m u ltipl icidade de opi n i ões. Entretanto, para a esquerda e para a extrema esquerda , u m regi me é total itário quando elas não são as ú n icas q u e podem se expressar.

Atri b u i r a pobreza apenas ao l i bera l ismo é u m conceito que se baseia, além disso, na h i pótese i ngênu a de que o m undo inteiro seria l i bera l . Logo, ela vem do l i bera l ismo. Ora , a maioria dos pa íses pobres fora m , e m u i tos deles conti n u a m sendo, economias controladas pelo poder dom i na nte. M u itos se arru inaram por terem copiado o modelo soviético: estatização, coletivismo rura l , indústrias deficitárias, corrupção na classe dom inante. j á que a concentração do poder econômico nas mãos do poder político perm ite o fu rto i nstitucional izado. As causas da m i séria freqüentemente são pol íticas. mais pa rticu larmente na África , onde, além do mais, as constantes guerras civis ou entre Estados. os genocídios i ntertriba i s ,

os massacres devidos ao fanatismo, tem inarado por tornar a união uma a juda internacional. mais volu mosa do que em qualquer outra parte do mundo, mas quase toda desviada pelos governantes. Embora seja fato que, a partir de 1990, grosso modo, o fracasso do protecionismo estatal e o advento da globalização levaram as economias, pouco a pouco, a se abrirem e a se privatizarem, essa recente e tímida evolu

ção para a economia de livre mercado não avançou muito e o liberalismo "totalitário" está longe de reinar soberano.

Não obstante, a denúncia do "liberalismo totalitário" estende-se muito além dos quadros da esquerda radical. porque na Europa, e sobretudo na França, a ilusão do controle estatal da economia está também impregnada na direita, apesar de muitas negativas, na social democracia. Já mencionei a profissão de fé antiliberal do gaullista Philippe Séguin, feita em Bruxelas, em janeiro de 1997.

No mesmo mês, o Conselho Geral da Internacional Socialista abriu fogo contra "o 176

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

fundamentalismo neoliberal que visa à hegemonia do mundo, como um totalitarismo moderno". 140 Uma mulher respeitável. como Genevieve Anthonioz-de Gaulle, que preside a associação Aide à toute détresse - Quart monde [Ajuda a todos os que sofrem - Quarto mundo]. declaro. por exemplo: 141 "A sociedade está ameaçada pelo totalitarismo do diabinho". "Outrora prisioneira de campos nazistas.

ela define: "Conheci dois totalitarismos em minha vida. Não pensem que o outro seria o comunismo. Não. É o diabinho, apresentado como equívoca lente do nazismo, e até pior. Porque, conclui G. Anthonioz-de Gaulle, "o totalitarismo do diabinho não é o menos perigoso". Ela vê prova disso no elevado número de exilados sociais, sem se perguntar, evidentemente, por que esse número se multiplicou.

na França, por três ou quatro em 1950, e foi por causa de um excesso de liberalismo ou senão teria sido justamente pelo contrário. A questão é sistematicamente evitada, porque o simples fato de colocá-la seria equívoca lente a fazer um elogio indireto ao demônio norte-americano.

A facção da esquerda que permaneceu fiel ao marxismo recebe, portanto, refor

ços de todos os lados. Ela não mais sustenta que o comunismo era bom por si só, como um conceito absoluto. nem que ele seja ainda um ideal a alcançar.

A qualidade do comunismo é, de certa forma, relativa à do execrável capitalismo, seu velho adversário contra o qual ele luta e lutará por toda a eternidade. Assim, ele conquistou a vantagem definitiva de não precisar mais existir para ser verdadeiro.

Daí saiu uma consequência, que é o outro lado da moeda dessa demonstração situada inteiramente no plano imaginário: o comunismo não está apenas correto no terreno econômico, mas representa, atualmente, a única força realmente democrática. Novamente, o comunismo é a democracia, não em si próprio, mas por contraste, por sua oposição ao caráter essencialmente antidemocrático do liberalismo, do capitalismo e do mercado. Em 30 de abril de 1996, o PCF e o Partido Verde publicaram uma declaração conjunta onde eles afirmaram "a necessidade de colocar à prova a lógica econômica e financeira em nome da qual as gerações presentes e futuras são impiedosamente sacrificadas.. Trata-se da sobrevivência

da humanidade" (nada mais, nada menos !) . Esse arroubo termina com um apelo em favor da "decolagem da democracia", 142 o que sugere que ela ainda não começou - 140 Le Monde, 25 de janeiro de 1997 .

141 Entrevista concedida à agência France-Presse, 13 de abril de 1997. Proposta retomada alguns dias mais tarde, na Assembléia Nacional, onde G. Anthoinet-de Gaulle falou na qualidade de membro do Conselho Econômico e Social.

142 Grifado por mim. Esse texto é citado por Stéphane Courtois, " PCF: l' impossible redressement "[PCF: a reconstrução impossível], Les Cahiers d'Histoire Soixante-ans, n. 8, primavera-verão de 1997.

177

A GRANDE PARADA

çou em lugar algum, ou então que está ameaçada de morte pelo liberalismo. Como disse um excelente historiador do comunismo,

Marc Lazar. "o comunismo supostamente deveria e não staurar um modelo superior de democracia , principalmente porque ela seria dissociada do mercado". 143 Tal "suposição" é professada não apenas na França pelo PCF, a extrema esquerda e os "verdes" (que se revelam assim como um movimento mais ideológico do que ecológico) . mas também pela Rifondazione Comunista na Itália (facção dos comunistas que não quis seguir o PDS 1 Partido Democrático da Esquerda , denominada virginal do PCI "demarxizado") . pelos comunistas da Alemanha Oriental e pela maioria dos partidos comunistas mortos ou moribundos (escandinavos, belga , portugueses etc.) na Europa . Todos apontam um dedo mais acusador do que nunca para a "ditadura do capitalismo" e para o "totalitarismo do mercado" .144

A maior parte desses partidos é minúscula e seu eleitorado não pára de encolher. Mas sua ideologia vai para bem longe da Europa . O discurso que impera e espalha terror nos campi universitários norte-americanos faz parecer tolerante, por comparação, o ameno secretário nacional do PCF, Robert Hue. É preciso conhecer a extrema esquerda - o que faremos em um próximo capítulo - para descobrir, na França , na pessoa de Pierre Bordieu e seus acólitos. os equivalentes franceses desse sectarismo exterminador. O exemplo dos campi, de alguns jornais ou canais de televisão norte-americanos , é interessante para nos lembrar que a mentalidade totalitária marxista pode se desenvolver e se abater pesadamente sobre a opinião pública. mesmo nos países onde o comunismo nunca conseguiu formar um partido significativo no plano eleitoral ou sindical . O comunismo pode ser um ator no plano ideológico mesmo onde ele jamais teve qualquer papel político.

Em face dos crimes comunistas, no entanto, a consciência norte-americana difere fundamentalmente da consciência europeia. Nos Estados Unidos, nunca se viu , em relação aos crimes de Stalin ou de Mao. a cumplicidade ativa e a maciça aprovação que lhes foi concedida na Europa . O erro norte-americano. onde ele existe atualmente, é portanto teórico e de certa maneira abstrato . exceto no caso de uma minoria , sobretudo intelectual . de "liberais" (no sentido norte-americano da palavra) . Enquanto que, do nosso lado do Atlântico. como diz ainda Marc Lazar na conclusão de seu artigo, podemos "nos perguntar se a opinião pública europeia é capaz de refletir sobre suas tragédias do passado". A tragédia nazista . sim ; mas.

143 " L' idéologie communiste n' est pas morte" [A ideologia comunista não está morta], na revista Esprit, março-abril de 1997 .

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

in fel izmente, apenas porque, em grande parte, ela desce uma cortina de gás lacrimogêneo que nos i m pede de ver a tragédia com u n i sta.

Com certeza os revi s i o n i stas da h i stória do com u n i smo, n o fu ndo, não ignoram as rea l idades q u e negam ou que apresentam como acidentes não representativos . Como escreveu Sartre , bom con hecedor do assunto, "há uma fé da má-fé".

Entre a ment i ra p u ra e si mples e a crença cega há uma bru ma de consciência h íbrida q u e tem u m pouco de cada , sem se l i m itar a uma o u outra . Quando os com u n i stas ou seus a m i gos afi rma m ignorar que os j u lga mentos de Praga era m u m a fa rsa , eles mente m . M a s , ao m e s m o tempo , recon hecem que os j u lgamentos eram u m a fa rsa . o q u e se recusaram a fazer por m u ito tempo. Da mesma form a , hoje adm item a existência do gu/ag, em bora ten ham tentado desacred itar Sol j e n i tsyn , em 1 97 3 , quando O Arquipélago foi publicado. N i nguém mais exa lta a saúde perfeita das pop u lações, alvo da a d m i ração de certos via j a ntes complacentes , q u a ndo eram vítimas do genocídio pela fome conscientemente provocad a , na Ucrâ n i a ou na C h i n a do G rande Salto para a Frente. Mas não se pode passa r de um certo l i m ite: o s i g n i ficado desses fatos não pode levar a uma condenação radical do com u n i smo em si mesmo, nem tampouco, e pri ncipa l mente, servir para promover a s u perioridade do ca pita l i smo democrático, nem como civi l i zação nem com o s i stema econômico . Quando o editor Jean-Claude Lattes a n u ncio u , em meados da década de 1 970, sua i ntenção de repub l i car Sans patrie ni frontieres ! Sem Pátria nem Frontei ras ! . de Jean Valt i n , autobiografia de u m com u n i sta alemão q u e perdeu todas a s i l u sões após ter vivido n a U RSS, o d i retor de um grande j ornal vespert i n o lhe disse: "Você vai servir à ca usa dos poderosos. "

Tudo menos o elogio da propriedade privada , que ra pidamente conduz da d i reita à extrema d i reita . No progra ma de televisão "A Marcha do Século", o secretário nacional do PCF, Robert H u e , depois de protesta r que o com u n i smo não tinha qualquer vínculo com as "monstruosidades", i n fel izmente bem rea i s , na rradas no livro Negro e no l i vro Le Manuel du Gulag (todos os seus antecessores haviam n egado a exi stência desses fatos) . t i ra do bolso su

bitamente e agita sob o nosso nariz - meu , de Stéphane Cou rtois e de Jacques Rossi - o j ornal da Frente Nacion a l . Ad m itamos, i n s i n u a v a e l e com esse gesto , q u e vocês estej a m d izendo a verdade. Nem por i sso deixam de esta r a serviço do fascismo. Já mencionei esse rasgo teatra l ; volto a citá-lo porque ele i l u s t r a b e m a confusão entre vago recon hecimento dos fatos e recusa em t i r a r deles as devidas concl usões , o que constitui má-fé. Todo anticom u n i s t a (e o mais neutro dos h i storiadores ca i rá nessa 179

A GRANDE PARADA

categoria pelo s i m ples fato de conta r o que ocorre u) está a serviço "objetivamente" da extrema d i reita , ou, o que va le m a i s a pen a , da d i reita .

No presente, o socialismo real continua reivindicando a não-representatividade de suas fal has. E seu ped ido é atendido tanto pela d i reita quanto pela esquerda .

Enquanto os ditadores classificados como fascistas (coronéi s gregos de 1 968 a 1 974, Augusto Pinochet, generais a rgenti nos do período anterior a 1 982 etc.) são tratados . o que é j u s t o. como réprobos . os assassinatos j udiciais em Havana. os cam pos de concentração vietna m i t a s ou chi nesas . a fome provocada na Coréia do Norte, para mencionar apenas alguns experi mentos recentes ou atuais, não tornam malvistos os d itadores que perpetr a m esses cri mes. Eles recebem vários convites e visitas de cortesia . A Cooperativa Autônoma dos Transportes de Paris chegou a outorgar a Castro presentes régios , pagos , sem o saber. pelos contrib u i ntes fra nceses. De fato, pudemos ler n o l'Humanité de 26 de dezembro de 1 99 5 a deliciosa nota :

U m l i n d o presente de Natal para Cuba. A m a n h ã , 2 5 ô n i b u s novos em fol ha parti rão do porto de Havre . a bordo de u m cargueiro , com dest i n o a Hava n a . Esse ato de solidariedade com o pa ís das Ant i l h a s . ví t i m a do bloqueio (sic) i m posto pelos Estados U n idos, só foi possível graças ao esforço con j u n t o da RATP' - que oferece os veícu los - e da associação C u b a Coopération , l iderada pri ncipa l m ente por Roger G revou l . pri m e i r o vice-presidente do Conselho Geral do Va i-de-Ma me. Os ô nibus i rão acompa n hados de suas peças de reposição e de u m con j u n t o básico de ferramentas q u e ga r a n t a sua m a n u t e n ç ã o . O governo cubano gara n t e o tra n s p o r t e do porto de Havre até Hava n a , e a associação Cuba Coopération se enca rrega das tarifas port u á rias.

A associação fra n cesa de estím u lo aos assass i n os de esqu erda não descui da , portanto, de s e u zelo. apesar dos devastadores progressos d o con h ecimento h i stórico . De passage m . devemos ass i n a l a r o engodo h a b i t u a l acerca do "bloq u e i o " . O ra , a m e l hor prova de q u e e l e não existe ... é q u e os ô nibus chega ra m .

I ncon scientemente. o j o r n a l l'Humanité forn ece , no mesmo a rtigo, a m e n t i ra e o desmentido.

*

N . do T.: Régie Autonome des Transports Parisiens [Cooperativa Autônoma dos Transportes de Paris, cf.

citado acima].

180

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

A indu lgência em rel ação aos com u n i stas em atividade estende-se até mesmo a u m tabu como o anti-semitismo. Em 1 998, Gennadi Zyuganov, chefe do Partido Com u n i sta Russo, à frente do maior grupo parlamentar da Duma, publ ica uma carta aberta onde ele acusa o sionismo de "conspiração para tomar o poder na Rússia" e o "capital sionista" de ter provocado a catástrofe econôm ica russa , agravada ao extremo desde a quebra das bolsas de 1 7 de agosto de 1 998. Zyuganov compara o sionismo ao nazismo: ambos, diz ele, buscam "dom inar o m u ndo". A ú n i ca diferen

ça é que H itler a n u nciava esse obj etivo abertamente, enqua nto que os sionistas agem "por baixo do pano". Essa carta reproduz, ao pé da letra , a mensagem contida no célebre docu mento fal samente anti-semita, o Protocolo dos Sábios de Sion, redigido por u m russo mais tarde identificado como l e n i n i sta . Logica mente, Zyuganov toca uma corda já gasta , herdada das eras de Sta l i n e de Bre j n ev: ele j ura atacar apenas o sionismo, não os j udeus, o que, por outro lado, seu camarada de partido e colega na Duma, Albert Makashov, não se acanha em fazer por ser um anti-sem ita que dispensa o uso do "tapa-sexo" anti-sion i sta. 145

Imagi nemos agora que Gianfranco Fin i , l íder da Aliança Nacional italiana, oriunda da "desfascistização" do ex-MS I , apresentasse propostas como essas. Os jornais de esquerda já vivem chamando a Aliança Nacional de "partido neofascista", mesmo ela tendo sido fundada como u m gesto de ruptura com os últi mos fiéis

remanescentes do cu lto a M u ssol i n i , sob os auspícios de u m neolibera l ismo de centrod i reita. Então i magi nem que tempestades de i ndignação, que avalanche de processos, mesmo, não teriam caído sobre a cabeça de Fi n i se ele apresentasse propostas semelha ntes !

Podemos então concl u i r que a esquerda aceita u m reconhecimento ao menos parcial da verdadei ra h i stória do com u n ismo, ao mesmo tempo, amputando-lhe o sign i ficado. Os fatos são encarados cada u m como u m caso isolado, não como partes de u m todo , cujo significado poderia então ser deduzido desde que se tivesse a visão globa l . Por isso a defesa do comu n ismo foge de qualquer genera l ização, de qualquer reintegração dos fracassos e dos crimes nas séries às quais eles pertencem e cuja lógica profu nda só poderia ser reconstituída por uma anál ise si nóptica . Isso explica o ódio manifesto contra o livro Negro que, através do efeito cu m u l ativo da montanha de informações que apresenta, impede a fragmentação 1 4 5 Ver o International Herald Tribune de 26 de dezembro de 1 998 e de 23 de setem bro de 1 999. O autor do Protocolo é u m certo Mathieu Golovi nski. Ver o artigo de Victor Loupan no Le Figaro Magazine de 7 de agosto de 1 999. Golovinski foi nomeado comissário do povo em 1 9 1 7 , por Lenin, que o conservou a seu lado até morrer.

181

A GRANDE PARADA

da h i stória do com u n ismo em fenômenos i solados j u stapostos u n s aos outros e sem qualquer víncu lo com sua fonte com u m .

As va riações na aco l h ida d a obra de Sol j en i tsyn pela esq uerda ocidenta l j á haviam i l l ustrado o funcionamento desse princípi o : aceitação d a s crít i ca s , s e elas s e referem a fatos " l a mentáveis" que podem s e r apresentados como "disfun

ções" do s i stem a ; recusa , se elas leva m à concl u i r que o próprio soci a l i s m o é i ntri nseca mente destruídor do homem . Em 1 96 2 , Pierre Daix, então redator-chefe do semanário l iterário do PCF, les lettres françaises. ded ica talento e energia no elogio da obra Une journée d'Ivan Denissovitch 1 U m dia na vida de Ivan Den isssovitch L ao mesmo tempo como docu mento h i stórico e como obra de arte. É

verdade q u e N i kita K hrushchev havia a u torizado sua publicação na U RSS, j á que o relato de Sol j e n i tsyn corroborava seu relatório "secreto" de 1 9 56, contra os cri mes de Sta l i n . Foi o próprio emba

ixador soviético em Paris quem . segu indo i n struçõs do mestre , pressionou o PCF para se empen har na p u b l i cação de Ivan Denissovitch o mais rápido possíve l . A esquerda não-comu n i sta se senti u então autorizada a ena ltecer o a tutor. O tom m udou quando, no governo Brejnev, a part i r d e I 964 . Sol j e n itsyn voltou a s e r objeto de ataques e cens u ras na U RSS, sem perder, na Fra n ça , o apoio de Pierre Daix. q u e por i sso mesmo perdeu gradativamente o apoio do PCF. que acabou abandon ando, após o fechamento do j ornal les lettres françaises. em 1 97 2 . Sol jenitsyn acabou se transformando em u m completo pest i lento, aos ol hos d a esquerda , após a publ icação d e O Arquipélago Gu/ag, em I 97 3 . N a verdade, os dissabores de Ivan Den issovitch pod iam ser classi ficados na categoria de "erros" do regime. O Arquipélago, no entanto. mostrava que o próprio reg i m e era o erro . Sol j e n i tsyn tornou-se então o i n i m i go.

Entre Ivan Denissovitch e O Arquipélago Gulag, o a u tor passa de um erro . que poderia ser q u a l i ficado como anoma l i a . a u m s i stema pol ítico no qual o u n iverso de campos de concentração s u rge como uma cond ição de sua existência . Essa é a concl usão gera l que a esquerda não podi a suportar e conti n ua rechaçando mesmo após a queda do com u n ismo.

Portanto, i n ícia l m ente , é preciso desmem brar as sínteses. U m a vez adotada essa precaução, os arrependi mentos , ou pelo menos as manifestações de pesar.

puderam tornar-se menos escassas do que no passado. O jornal le Monde constata : 146 "O Partido Com u n i sta Francês se assemelha às pu ritanas de Moliere , que adotam a virtude quando j á não podem mais pecar. Desde a chegada de Robert 1 46 Editorial de 2 1 de novembro de 1 998: " Les placards du PCF"[Os letreiros do PCF].

182

■

O COMUNISMO NO SÉCULO XX:. UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

Hue à d i reção do partido. já perdemos a conta dos atos de contrição , das manifestações públ icas de a rrependi mento. senão de remorsos. por todos aqueles que foram expulsos de maneira ignom i n iosa das fi leiras com u n i stas pela simples razão de que não obedecera m à ' l i n ha' determ i nada , segundo o modelo sta l i n i sta de tomada de

decisão im posto por Moscou na década de 1920."

O Partido ainda resiste, contudo, em reconhecer sua completa ausência de autonomia em relação a Moscou durante toda a sua história. Essa dependência absoluta, negada veementemente pelos comunistas e espontaneamente "relativizada" pela esquerda não-comunista, ou mesmo pela direita, foi definitivamente estabelecida graças à abertura dos arquivos soviéticos. 147 Seu conteúdo destrói o sistema de defesa do PCF que, conforme se pretende, não teria sido nem informado nem cúmplice das atrocidades de Lenin, Stalin e seus sucessores. Novamente, trata-se do esconde-esconde da meia-confissão: o PC reconhece, afinal, a existência dos crimes, mas não o apoio que teria dado aos criminosos ao colocar-se a serviço de sua propaganda mentirosa nos países ocidentais, enquanto nada ignorava da verdade.

O mesmo acontece no plano econômico, onde o reconhecimento do fracasso é consentido à boca pequena, mas permanece ambíguo e obscuro. Se houve fracasso, de qualquer forma ele não expressa de modo algum uma incapacidade intrínseca do comunismo em matéria de economia. "A catástrofe econômica", escreve Marc Lazar, "certos partidos - o espanhol, o grego ou o português - sugerem que ela tenha muito a ver com a assimilação dos valores do capitalismo por Gorbatchev e por vários outros responsáveis pelos países do Leste: ou seja, a queda dos regimes comunistas não foi tanto causada pelo fato de serem comunistas, mas ao fato de que renunciaram a essa condição para ouvir o canto de sereia do capitalismo, que passou a ser o responsável por sua queda." 148

Devíamos ter pensado nisto: a falência do comunismo comprova a do capitalismo. Os céticos que torceriam o nariz diante desse engenhoso argumento devem.

de qualquer modo, ser im pedidos de explorar os dissabores das economias coletivizadas com o objetivo maldoso de defender a superioridade, ou, no mínimo, a menor nocividade do liberalismo. Aliás, eles não têm a autoridade na matéria, pois 147 Ver, particularmente, Annie Kriegel e Stéphane Courtois, *Engen Fried, /e Grand secret du PCF* [Eugen Fried, o Grande Segredo do PCF], Seu il, 1997. Nascido na Eslováquia, e credenciado por Stalin, Fried foi o patrono oculto do PCF durante as décadas de 1930 e 1940. Philippe Robrieux já havia descrito esse personagem e seu papel na biografia de Maurice Thorez, em 1974. Os arquivos tornam o dossiê inatacável de uma vez por todas.

A GRANDE PARADA

a esquerda reivindicava para ela também o mérito de ter sido a primeira a criticar o comunismo. Seguindo o princípio de que não se pode criticá-la de forma válida se não "de dentro" (E por quê? O mesmo se aplica . por acaso. à direita . à máfia . à Gestapo? Estranho privilégio!) . ela fingia esquecer aqueles que a criticaram de fora e que se empenhou em desonrar, na época em que criticar não era um ato totalmente desprovido de riscos . Ela deveria lhes dar razão, retrospectivamente. e admitir seu erro . também retrospectivamente. Em vez disso. hoje em dia . ela prefere calá-los.

No entanto, eu me lembro que esses observadores externos eram às vezes solicitados. em segredo. a influenciar a opinião pública dando um "empurrãozinho"

nesta ou naquela corrente comunista . Nada ilustrava melhor os absurdos humanos do que o ar impenetrável e o tom compenetrado desses comunistas que haviam passado da fé revolucionária e do combate ao capitalismo para as insinuações veladas, condenando os sectários de seu próprio partido. Como Altusser. às vezes eles me pediam apoio sob a forma de uma discreta propaganda jornalística em favor de sua resistência heróica . acreditando que eu pudesse me apaixonar por essa luta fechada em si mesma e não mais destinada a salvar a humanidade da opressão burguesa graças ao comunismo, mas a salvar o comunismo. graças à humanidade da imprensa burguesa .

Independentemente dessas escaramuças internas. ridículas. que continuam a remodelar as divisões e os reagrupamentos, e independentemente do passado. que a esquerda admite não ter sido sempre digno da legenda . o comunismo deve se perpetuar, pois ele continua sendo uma plataforma de protesto contra as injustiças sociais. a invasão ultraliberal . antidemocrática . Com seus novos aliados de extrema esquerda - incluídos agora os trotskistas! -. ele se conserva como a locomotiva da

"resistência" ao liberalismo. As idéias anticapitalistas. já o constatamos. estendem-se por territórios muito mais vastos do que aqueles controlados pelos marxistas declarados e serão. portanto, acreditam eles. as idéias diretrizes do futuro.

Eles acreditam n isso. mas será que podem acreditar? Será que estão convencidos de sua crença? Eles estão vendo o m u ndo evol u i r na d i reção oposta à que preconiza m . A cada dia, constatam que sua insistência ideológica . mesmo l hes trazendo clientela e públ ico . não pode modificar o sentido gera l em que se tomam as decisões e para o qual se orientam as ações. Na prática, o m u ndo i nteiro exige l i berdade de empresa e de trocas, l i berdade de mercado. privatizações. As ú n icas fontes de resistência a essas tendências são os privi légios a l i mentados com d i -

1 84

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

nheiro públ ico, os "direitos adq u i ridos" que Mendes France dizia serem, na verdade, privi légios.

A própria Europa , controladora por tradição, acaba de redescobri r u m axioma , uma verdade para a qual os analistas que previram as conseqüências nefastas das nacional izações maciças tenta m , em vão, alertar, há meio sécu lo. Essa verdade é que serviço públ ico e gestão pública não são s i nônimos. A escolha não recai , pelo menos não em todos os casos , entre serviços públicos calcados no modelo admin istrativo e empresas privadas submetidas apenas às leis de mercado. Pode haver, e sempre houve, empresas privadas que têm obrigação de prestar u m a série de serviços públ icos , concí l iando eficiência econôm ica e m issões de i nteresse gera l .

Ora , apesar d e todas as crises nervosas anti l i berais, foi nesse sentido d a l i beral iza

ção que evo l u íram os serviços públicos na Europa , d u rante a última década do sécu lo, em vista das catástrofes do passado. Ao lado dos serviços públicos de gestão públ i ca , assisti mos novamente ao desenvolvi mento de uma pa rte dos serviços públicos que têm gestão privada , o u , se quisemos chamar assi m , à l i bera l iza

ção dos serviços públicos comerciais, no setor dos transportes, principa l mente aéreos, das teleco m u n i cações, correios, energia. Essa forte tendência prevalece também nos outros continentes. Diante desse fenômeno, a esquerda não pode fazer m uito mais do que l utar para retardar o processo. Os avanços do neobolchevismo, que marcha sobre as ru ínas do neoliberal ismo, só existem na i maginação da extrema esquerda . A economi a social ista , quer ela siga a primeira ou a tercei ra via, pode fazer e a i nda faz m uito mal. Ela conti n u a

e continuará cobrando um alto preço dos contribuintes. Mas ela continua a ser elími nada, implacavelmente, em toda parte, por suas próprias deficiências.

No entanto, é certo que a recusa das lições da história se acompanha de uma cegueira diante das realidades do presente. As mentes caminham mais lentamente do que os fatos. Um dos passes de mágica, empregados na arte de ludibriar a realidade, consiste, como já vimos várias vezes e veremos novamente, em atribuir ao liberalismo os estragos da economia estatizada. E esse recurso não é usado somente pela esquerda, pois ela conseguiu semear sua ideologia muito além de suas próprias fronteiras. Assim, o jornal Le Figaro dá o seguinte título a uma reportagem sobre a Mongólia: "O tiro pela culatra do liberalismo". Esse país, cuja economia é por si só bastante primitiva, baseada quase exclusivamente na pecuária, sofre, além de tudo, com 68 anos de comunismo soviético de efeito estereilizante, como sempre. O

149 Em 22 de julho de 1999.

185

A GRANDE PARADA

O jornalista constata que dez anos após o seu fim, a Mongólia vegeta na pobreza. Ele atribui totalmente essa triste situação à chegada do liberalismo. Ora, como é que dez anos de "democracia" e "liberalização", das mais teóricas, alçadas, poderiam ser capazes de implantar na Mongólia um modelo de capitalismo moderno? Como é possível que esse país, onde não se encontram nenhuma das condições culturais ou das estruturas econômicas necessárias ao desenvolvimento do capitalismo. de economia primitiva há milênios e onde o comunismo consumou a enfermidade.

poderia improvisar. em uma década, um complexo conjunto de métodos e de conhecimentos que o Ocidente levou sete séculos para construir. partindo de um nível prévio bem mais elevado?

Não é mais o sentido, é o contra-senso da história que parece se imponer por tantas mentes enloquecidas. como uma grade de interpretação e uma bóia salva-vidas intelectual.

Um frêmito de alegria percorreu as massas pensantes antiliberais durante a crise asiática de 1997, na qual acreditaram ver o primeiro espasmo da agonia do capitalismo e o prenúncio de seu fim próximo. que Marx e Engels haviam previsto, no Manifesto Comunista

de 1 848, que ocorreria em janeiro de 1 849 ou fevereiro no mais tardar. Que nada ! No verão de 1 999, esse maldito capitalismo já havia se levantado. uma vez mais. do leito de morte. E a recuperação chegava à Europa , que emergia de seu torpor econômico. apesar do Tratado de Maastricht e da moeda única . apesar da tendência viciosa que manifiestava . há alguns anos. certos partidos socialistas europeus pelo neoliberalismo !

Mesmo no campo ideológico. por mais distante que ele esteja dos fatos. a posição dos antiliberais é menos sólida do que faz parecer a publicidade. Extraíndo as lições de uma série de sondagens feitas na França durante a primeira metade do ano 1 999 pelo Centro de Estudos e de Conhecimentos sobre a Opinião Pública (CECOP) . seu diretor. Jérôme Jaffré , observa que a globalização, frequentemente condenada como o "grande Satã" nos debates ideológicos e na mídia. é na verdade considerada como uma coisa boa por 53% dos franceses, contra 35% que pensam o contrário. E mais. para a maioria e desespero de alguns. por 57% do eleitorado de esquerda e por 54% do eleitorado da direita moderada . 150 Quem conhece o caráter pesado e emperrado do estatismo de direita na França desde 1945 não se surpreende com esses resultados . Pior ainda: entre 1 995 e 1 998, a ideia de nacionalização

ção entre o eleitorado de esquerda baixou de 57% de opiniões favoráveis para 44%; 150 Le Monde, 15 · 16 de agosto de 1 999.

186

O COMUNISMO NO SÉCULO XX: UMA HISTÓRIA SEM SIGNIFICADO?

a ideia de privatização, embora ainda minoritária , subiu de 32% para 39% de aprovação, sempre falando da esquerda .

Se o Partido Comunista, acompanhado pela extrema esquerda , da qual ele se aproximou , e por todos os adversários do livre mercado, se coloca , como já vimos, no pedestal do futuro , muito poucos compartilham do seu otimismo acerca de si próprio. No l'État de /'opinion 1 997 1 Censo da Opinião Pública 1 997 1 . 151 síntese das pesquisas realizadas durante todo o ano 1 996, pode-se ler: Em todos os grupos estudados , a palavra "comunismo" é um termo que causa medo, porque é relacionado sistematicamente às experiências dos países ditos "socialistas": as pessoas falam então de massacres, perda de liberdade, tirania , miséria social . castas privilegiadas etc. Ou seja , opera-se uma total inversão de imagem .. . A ausência de esclarecimentos suficientes sobre a relação desse partido com o sta

l i n ismo contribu i , ass i m , para fazer do voto com u n i sta u m voto cu j o custo ideológico representa u m freio poderoso à mobilização eleitora l .

U m dos autores convidados a comentar esse con j u nto d e pesquisas, o futu ro Ministro da Educação Naciona l . Claude Al legre, chama atenção para uma divergência que compromete uma das razões das esperanças da esquerda revol ucionária : "O

marxismo evoca a lgo de positivo para 7% dos entrevistados e negativo para 76%; o comu n i smo é a lgo positivo para 20% e negativo para 66%." O marxismo ai nda se encontra mais desacreditado que o comunismo! Sendo assim , defender u m "retorno a Marx", tentar atribuir os cri mes e desastres comunistas a uma pretensa traição do marxismo autêntico são medidas que não convencem o j úri popular que, ao contrário dos i ntelectuais, infl ige a Marx uma pena ai nda mais severa que a Sta l i n . Mas esses números não desencorajam nossos revolucionários pós-comunistas. Como eles n unca extraíram suas convicções das lições da história, nem suas concl usões do estudo das sociedades, esses n ú meros só os tomam ai nda mais convencidos de que eles são os únicos capazes de restau rar, melhor dizendo, de instau rar a democracia e a j u stiça . 1 52

1 51 Ol ivier Duhamel, Jérôme Jaffré, Sofres, L 'État de l'Opinion, Seu i l , 1 997.

1 52 N o estudo já mencionado, "La culture politique des socialistes" [A cultura política dos socialistas] , o p .

cit. , M ichel Wi nock escreve u , em 1 999: "O caráter esq u izóide da cultura soc i a l i sta (Revolução/

repú blica; marxismo/reform ismo) era vivenciado com desconforto pelos m i l i tantes si nceros, princi-

pai mente porq u e as i n stâncias do PS (Partido Soc i a l i sta) não consegu i a m , como tencionara , no passado, na Alemanha, Edouard Bernste i n , colocar a teoria de acordo com a prática ... O congresso extraord i n á ri o do Grande Arco, e m dezembro de 1 991 constitu i u mais um passo e m d i reção ao revisionismo, mas como que em segredo, sem fazer ruído, quase envergonhado . "

O Comunismo,
estágio supremo da Democracia?

Já vimos
za das i a
n frag
tenç ilidade,
ões ou para
pelos não
a n dizer
tece
a
dent desonest
es da i l
idade,
usão.

da absolviç

Podemos

ão

nos

pela

res

nobr

ignar a ecrer

nessa descu lpa em relação aos pri m e i ros a nos do regime
bolchevista , qua ndo as i n formações sobre seu verdade i ro ca ráter

a i nda não haviam chegado a todos os adm i radores estra ngei ros da U RSS, embora esse período de i n ocência tenha sido m u ito curto, pelo menos para o proletariado, j á que os políticos profissionai s e os i ntelect u a i s com u n i stas já sabiam de tudo desde o começo. Logo depo i s , no entanto, a part i r da m etade da década de 1 920, grosso modo, não era mais possível h aver u m engano de boa-fé. mesmo pa ra o cidadão com u m . Os ocidentai s que pers i st i ra m n o com u n ismo ou q u e aderi ra m a e l e escol hera m . com pleno con hecimento de cau sa , a mentira em detri mento da verdade e a t i ra n i a contra a democracia.

Entreta nto, alguns i ntérpretes vão a l é m do a rg u m e nto da pu reza de i nten

ções e da i n verossím i l h i stória fa ntasi osa de u m com u n i s m o que, de Len i n a K i m Jong I I . teria i n i nterruptamente "tra ído" seus próprios idea i s democráticos.

Pa ra eles, q u e nem mesmo são ou fora m , pessoa l m ente, m i l itantes ou si mpat izante s . o com u n i s m o pertence à fa m íl i a das democracias, não apenas com o utop i a , o q u e não chega a ser u m p rob l e m a , mas também na rea l idade. A o me escrever acerca de m e u l ivro le Regain démocratique, em 1 99 2 , u m a m i go por

.

A GRANDE PARADA

quem ten h o m u ito apreço , h i storiador de grande re nome, m e apresentou a seg u i nte obj eção : Você sabe melhor d o que eu q u e o com u nismo. pelo menos em s u a forma antifascista . que l h e serviu de poderoso a l i mento e j usti ficativa , ao menos no Ocidente, é h i storicamente u m a versão da democraci a , sua forma radical . Isto é o que o d i ferencia do nazismo, mesmo que seus efeitos ten ham sido, na rea l idade, bem piores, i m pondo, retrospectiva mente, u m a aproximação entre a m bos. Se não fosse assi m , não poderíamos com preender porque tantas pessoas acred itaram nele. Creio ter sido o antifascismo a verdadeira chave do sucesso do com un i smo na Europa .

Ten h o várias contestações a essa obj eção. I n ícial mente, as d itad u ras também se diglad i a m , sem por isso deixa rem de ser ditaduras. Só porq u e Saddam H ussein declara guerra , em 1 980, à Repúbl ica i s l â m ica dos a i atolás, i sso não basta para fazer do I raque u m a

democracia, nem tampouco o L rã se t ran sforma em uma porq u e foi atacado pelo d i tador i raq u i a n o . Os sta l i n i stas a n t i fasci stas eram tão democratas qua nto os fasci stas a nti-sta l i n i stas. Em seg u i d a , é preciso lembra r q u e a frente u n ida da esquerda antifascista só foi formada verdade i ramente a part i r de 1 934, após a subida de Hitler ao poder. N essa época . a ment i ra a respeito da U RSS j á rei n a ra d u ra nte 1 6 anos e todas as tentativa s de tra n s m i t i r i n formações sobre a rea l idade do com u n ismo fora m neutral izadas através de proced i m entos q u e j á con h ecemos bem . Além d isso, o antifasci smo soviético foi . n o m ín i m o . a m b íguo e i n stáve l . Sta l i n , depo i s de a j udar H itler a gan h a r a s eleições de 1 933 , dando ordens ao P C alemão de esmagar prioritaria mente o s socialdemocratas - os verdadei ros "fasci stas" em sua opi nião -, cont i n uou , como sabemos h o j e , a ma nter com o Führer. às escondidas, laços de colaboração q u e cu l m i na ra m c o m a revel ação do pacto nazi -soviético de 1 939. 1 53 D a m e s m a forma, d u rante a guerra civi l da Espa n h a , o empen ho com u n i sta em l i q u idar. no lado republ icano, a ntes de mais nada os soci a l i stas e os anarq u i stas foi um dos i m portantes fatores determ i n a ntes da vitória de Fra nco. Estra n h a maneira d e com bater o fasci s m o . Pa ra term i na r, a U n ião Soviética foi arrastada pa ra a Segu nda 1 53 Mesmo a p ó s a guerra, Sta l i n contratou técn i cos nazistas especial izados e m câmaras de gás . Ver o artigo de Pierre de V i l lemarest: " Les spéc i a l i stes nazis du génocide ont aussi trava i l lé pour Sta l i ne"

[Espec i a l i stas nazistas em genocídio trabalhara m também para Sta l i n] , Le Quotidien de Paris, 13 de j u l h o de 1 993.

190

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

Guerra M u ndial contra sua vontade. Não foi ela que atacou o Tercei ro Reich. mas.

para sua enorme s u rpresa . o i nverso ocorre u . Não devemos confu n d i r os fatos h i stóricos. h o j e bem estabelecidos ou restabelecidos . com a cred u l idade da esquerda não-com u n i st a , que se deixou domesticar pelos PC , engo l i ndo o slogan i nt i m i dador segu ndo o q u a l toda crítica do com u n ismo revelaria u m a compl icidade com o fasci s m o . Além de tudo, o cu rto período de 1 934 a 1 939 , d u rante o qual Moscou decid i u -se pela pol ítica de uma frente u n ida contra o fascismo. não poderia serv i r de exp l i cação pa ra toda a

s ubserviência da esquerda - e m u itas vezes da d i reita ! Que perigo fasci sta exp l i ca ou descu l pa o culto a Mao nas décadas de 1 960 e 1 970, ou o escudo protetor de mentiras que cercava . nessa época , a rea l i dade dos pa íses com u n ista s . em bora ela fosse perfeitamente con hecida ou acess ível ao con hecimento. ou a i nda o favorecimento dos partidos com u n i stas ocidentais em assu ntos de pol íti ca i nterna?

* * *

É uma tradição da esquerda colocar na mesma categoria pol ítica o fascismo e o nazismo. A "frente antifascista" do pré-guerra incl u ía na noção de antifascismo a l uta contra H itler da mesma forma. ou até mais. do que a l uta contra M ussol i n i ou Franco. Assi m se criou o hábito de empregar a palavra "fascismo" como sinônimo de nazismo e para designar todos os regi mes tota l itários ou autoritários de d i reita. 154 Esse fi siologismo i m posto pela esquerda tinha a fu nção de a l i n har. de u m lado, a Alem a n h a , a Itá l i a e a Espanha de Franco. e do outro a U n ão Soviéti ca . e m compa n h i a d a s democracias e d isfarçada . e l a própria , d e democracia , através desse toqu e de mágica ideológica . É dessa época a formação do reflexo condicionado que i n ibia qualquer den ú ncia do totalitarismo comu n ista. Condená-lo ou simplesmente descrevê-lo sign i ficava . e a i nda significa . ver-se rotulado de "fascista", o que equ ivale a ser acusado de s i m patizante do nazi smo.

Fel izmente, a h i stóri a , a anál ise política e também o vocabulário em uso fizeram . desde então, algum progresso. Trabal hos recentes mostram um parentesco bem mais estreito entre o nazismo e o com u n ismo do que entre o nazismo e o fascismo h istórico - e não o metafórico -. ou sej a , o regime vigente na Itália de 1 92 2 a 1 94 5 . Embora o termo "tota l itário" tenha sido forjado no contexto ital iano, a ditadura de M ussol i n i , m u ito longe de ser uma democracia , é claro. não foi exa-1 54 Eu também me deixei levar por esse engano em meu artigo publicado em Commentaire (n. 9 1 , primavera de 1 998), i ntitu l ado " L'essentielle identité du fascisme rouge e du fascisme noir" [A essência da identidade do fascismo vermelho e do fascismo negro]. Nem o nazismo nem o comunismo são formas de fascismo no sentido exato defi nido pela h istória. Eles são muito mais avançados na prática do mal.

tamente um sistema totalitário. no sentido preciso em que o foram a URSS ou a China de Mao e seus diversos rebentos .

"O regime de Mussolini", escreveu Raymond Aron. "nunca foi totalitário: as suas diversidades. os intelectuais nunca foram enquadrados . apesar de terem sofrido restrições à sua liberdade de expressão. " 155 No domínio cultural , na verdade. o Estado totalitário nazi estava ou com uma situação não se limitou a exercer uma censura puramente política sobre as obras intelectuais. Ele procurou moldar, ditar a inspiração. o estilo e as idéias da literatura , das artes , da filosofia e até mesmo da ciência.

Vimos ocorrer esse processo na Alemanha , na Rússia. na China. Mas não no mesmo grau na Itália . Os escritores fascistas - Malaparte, Pirandello. Ungaretti -

produziram suas obras como queriam . sem ter que seguir as diretrizes de uma pretensa estética do Governo. O primeiro. aliás. fora comunista antes de converter-se ao fascismo e o terceiro tornou-se com uma situação após a queda de Mussolini . trajetória seguida por muitos outros intelectuais italianos após 1945 . O Duce bem que tentou incentivar um estilo arquitetônico chamado " Novecento" (por analogia ao Quattrocento, Cinquecento etc.) . Mas felizmente não lhe devemos senão alguns raros prédios pomposos e ele não conseguiu impedir que uma arquitetura moderna muito elegante se desenvolvesse livremente no país . Os pintores futuristas. fascistas ardorosos . também contínuamente a pintar conforme seu gosto estético . sem receber encomendas.

Mas o que diferencia. acima de tudo. o Estado fascista dos estados totalitários clássicos. é o fato de ele nunca ter praticado execuções em massa. Diferentemente do nazismo e do comunismo. não via o extermínio de seu próprio povo como uma necessidade inerente à sua natureza . O fascismo italiano cometeu crimes políticos dos quais foram vítimas alguns adversários do regime. Ele não " liquidou"

milhares de cidadãos inofensivos que não representavam qualquer perigo para o regime. Aprisionou os oponentes declarados ou confinou-os em ilhas ou montanhas longínquas. Mas nunca construiu um sistema de campos de concentração nem jogou em campos de trabalho forçados, ou seja , de escravidão. grandes massas de sua população. 156

N . do t : Expressões comumente utilizadas em referência, respectivamente, aos séculos XV e XVI no tocante à produção artística e literária na Itália .

156 No entanto, alguns comentaristas, com o espírito sem dúvida muito abalado pelo progresso das informações sobre o comunismo, compararam o Khmer Vermelho do Camboja ao fascismo italiano!

Ver a coluna independente de Alain Bium, diretor de pesquisas do INED, no Le Monde de 18 de novembro de 1997.

192

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

Assim como Raymond Aron , Pierre Milza 157 assinala que em 1929 um grupo de intelectuais antifascistas, liderados pelo glorioso dissidente Benedetto Croce, conseguiu publicar na imprensa uma resposta a um "Manifesto dos Intelectuais Fascistas". Eles mostravam sua indignação por esse "engajamento" de seus companheiros e os acusavam em termos que Julien Benda , autor da obra *La Trahison des clercs* (A Traição dos Clérigos ! não teria desaprovado. A publicação de um contramanifesto como esse teria sido, bem o sabemos, inconcebível e impossível na União Soviética e na Alemanha nazista . Da mesma forma, a censura fascista ao cinema nunca foi muito vigilante.

Essim como Renzo De Felice, 158 Milza observa que Mussolini . como discípulo de Georges Sorel . mais do que de Karl Marx, concebeu o fascismo como um movimento revolucionário, hostil ao capitalismo financeiro, ao parlamentarismo e ao socialismo reformista tanto quanto ao liberalismo. A criação de um órgão destinado a nacionalizar as empresas , o Instituto para a Reconstrução Industrial (IRI) , foi uma catástrofe econômica à qual nada ficaria a dever qualquer país socialista e cujo ônus ainda não foi totalmente apagado.

Na verdade, foi somente a partir de 1936 que o Estado fascista evoluiu para um totalitarismo radical . Mesmo assim , a política de discriminação anti-semita . adotada a partir de 1938, sem dúvida tem mais a ver com o desejo de agradar ao novo aliado. Hitler, do que com os preconceitos do próprio Mussolini . Anteriormente, o Duce havia mantido boas relações com seus compatriotas judeus e

havia até mesmo, exteriormente, sustentado o sionismo. Mas esse perverso endurecimento nunca chegou aos extremos totais e típicos alcançados, no mesmo período. em termos de crimes contra a humanidade, pelo hitlerismo e pelo stalinismo.

Sem ignorar, portanto, o viés totalitário do fascismo após 1936, De Feice continuou insistindo na impossibilidade de se incorporar o fascismo ao nazismo. mesmo nos últimos anos que precederam a guerra. Indro Montanelli formulou o mesmo diagnóstico em sua grande Storia d'Italia. 159 Ditadura, sim; totalitarismo no sentido literal, não. Várias instituições, as universidades. a Igreja, muitas empresas, sobretudo as artesanais e as comerciais, que formam na Itália uma rede particularmente rica e variada, os empreendimentos agrícolas. conservaram uma independência 157 Pierre Milza, Mussolini, Fayard, 1999.

158 Renzo De Feice, já falecido, é o autor de um Mussolini, em quatro volumes, e de diversas outras obras publicadas sucessivamente de 1965 a 1997, que contribuíram para renovar os conhecimentos históricos e a interpretação do fascismo.

159 Rizzoli Editora. Ver principalmente os volumes L'Italia in camicia nera, L'Avento del fascismo e Il fascismo si consolida (esse volume em colaboração com Mario Cervi).

193

A GRANDE PARADA

ciência relativa mas real. O esquema constitucional da monarquia parlamentar continuou de pé, em teoria, é verdade, mas pronto a ser reativado: foi o Rei Victor Emanuel quem comunicou a Mussolini, em 1943, seu afastamento e o depôs de seu cargo como chefe do governo. Quem poderia ter ocupado tal posição constitucional. que lhe e permitisse, em nome da lei, fazer o mesmo com Hitler, no momento em que se delineou a derrota militar da Alemanha?

Quanto às leis contra os judeus, datadas de 1938, vários historiadores italianos contestaram, recentemente, a posição de atribuí-las apenas a um oportunismo ligado à aliança com Hitler. Eles pesquisaram causas enraizadas no passado da Itália. Sem dúvida elas existem, mas Pierre Milza, estudando as fontes, pôde constatar que, se algumas poucas teorias anti-semitas foram esboçadas na Itália no final do século XIX ou no início do século XX, e elas foram inspiradas principalmente... na lit

ratura anti-semita fracassada, exuberante naquela época. Na prática, o povo italiano não é um dos menos antissemitas do mundo e a lei racialista de Mussolini não provocou nem humilhação nem ato de extermínio em massa. Apesar dessas leis, na realidade, a Itália foi o país da Europa que teve o menor percentual de judeus mortos. 16º Novamente, em matéria de homicídios, um abismo separa o fascismo de Mussolini da alta produtividade do nazismo e do comunismo. Esses dois últimos regimes pertencem à mesma galáxia criminal. O fascismo pertence a uma outra, que certamente não é a democrática, mas que também não é a totalitária. Se as verdadeiras linhas divisórias entre todos esses regimes ainda não foram restabelecidas, isto se deve ao fato de que, após 1945, houve um processo de desnazificação, mas não houve "descomunização" após 1989.

Em suma, no campo da ação que convenhamos, não é secundário em política.

o fascismo de Mussolini não praticou nem extermínios em massa, nem êxodo forçado de grupos humanos, nem seu confinamento em campos de concentração.

nem expurgos sanguíneos, que constituem traços comuns aos dois outros sistemas e permitiram definir que tanto quanto os outros são baseados no terror permanente. Apesar dos esforços de dissimulação e escamoteio empreendidos pelos contorcimentos das sutilezas pró-comunistas, a grande ameaça inedita que pesou sobre a humanidade no século XX veio do comunismo e do nazismo, sucessiva ou simultaneamente. Somente esses dois regimes, e por motivos idênticos.

160 Ver L. S. Dawidowicz, *The War against the Jews 1933- 1945* [A Guerra contra os Judeus 1933- 1945].

Harmondsworth, Penguin Books, 1987, p. 480. Citado por Emmanuel Todd, *Les Destinées des Immigrés* [O

Destino dos Imigrantes], 1994, Seuil, p. 273. Ver também Renzo De Feiice, *Storia degli ebrei italiani sotto il fascismo* [História dos Judeus Italianos sob o Fascismo], Einaudi, 1961, reeditado em 1972.

194

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

merecem ser classificados como "totalitários". O termo "fascismo" é

portanto i m próprio pa ra designar qualquer outra coisa que n ã o a ditud u ra d e M ussol i n i e suas répl icas, latino-americanas. por exemplo.

Em compensação , no cam po teórico, as analogias e os intercâ mbios entre os três regi m es são abundantes. Os três se d izem revol ucionários. os três são hostis ao espírito "burguês" e à democracia parlamentar. São a nticapita l i stas . Pouco antes de sua queda, e pressenti ndo-a como inevitáve l . Adol f H itler pôs-se a lamentar por não ter i m itado Sta l i n . nacional izando. como este. toda a econo m i a . Ao contrário do que dizia a velha e batida tese dos marxistas. que. como de costume no caso deles . n u nca foi confrontada aos fatos rea is. o "grande capita l " não fi nanciou a subida ao poder nem de M ussol i n i nem de H itler. 161 A " revol ução" nazi sta . por outro lado. ao mesmo tempo em que rompia com o pa rl amentarismo burguês.

voltava-se mais para o passado. prega ndo o retorno às bases da raça germ â n i ca p u ra , tal como exi stia antes da corru pção da raça "ariana" pela m i stura com as raças " i n feriores". Ao contrário. a formação intelectual de M u ssol i n i . assim como a dos bol chevi stas . deve m a i s à herança da Revo l u ção Fra ncesa e, part i c u l a rmente, o q u e m u i to s u rpreende. a G racchus Babeuf. A exemplo desse ú l t i m o e dos com u n i stas. o Duce crê na possi b i l idade de constru i r, através da educação, u m "novo homem". E os com u n i stas. assim como os fascista s . buscam ou parecem busca r o progresso.

Segundo eles, no séc u l o XIX o homem cometeu o erro de tentar a l cançar o progresso através da democracia. q u e só levou a ci sões e corrupção. Para escapar desses riscos. é preciso recorrer a um Estado que concentre o poder nas mãos de um só. "Quando o poder está nas mãos de um ú n ico homem . escreveu Luigi P i randel l o em Feu Mathias Pascal 10 fa lecido Mat h i a s Pasca l ! . esse homem sabe q u e está só e que precisa satisfazer a m u itos; poré m , qua ndo eles são m u i -

1 6 1 Ver principal mente: Renzo D e Fei i ce, Entrevista sul fascismo, a cura di Michael Ledeen, Laterza , p . 49.

A h i storiografia contemporânea séria demonstra o caráter su persticioso de certos mitos. Ver "Le Grand Capital et la montée de Hitler au pouvoir" [O Grande capital e a subida de Hitler ao poder], de H.

A. Tu rner J r. , e m David Schoenba u m , La Révolution Brune [A

Revolução Marron], tradução para o francês publicada por Robert Laffont. Tuerner escreveu, nomeadamente: "A grande maioria dos industriais alemães não havia nem desejado uma vitória nazista [nas eleições] nem contribuído materialmente para garanti-la." Ao contrário, "Hitler recebeu uma ajuda considerável das pequenas e médias empresas" (p. 352). Sabe-se hoje que o livro sensacionalista atribuído a Thyssen, J'ai payé Hitler [Eu financiei Hitler], é uma fraude, fabricada após a morte de Thyssen. Refugiado na França, o industrial foi entregue aos nazistas em 1940. Com relação ao fascismo, ver, entre outros, Piero Melograni, Gli Industriali e Mussolini (1972). Nessa obra a prendemos como a classe patronal italiana defendeu as comissões de operários eleitas contra as "corporações" fascistas que o governo tentava impor nas fábricas, e como a crescente intervenção do poder público na economia se materializou, sob o comando de Mussolini, na criação do Instituto para a Reconstrução Industrial (IRI).

195

A GRANDE PARADA

tos a governar, eles só buscam sua própria satisfação, levando-nos então à mais idiota e detestável forma de tirania: a tirania sob a máscara da liberdade." 162

Entretanto, o poder de um só não se justifica a não ser que ele tenha o apoio de todo o povo, segundo Mussolini, grande especialista em mobilização de massas.

De certa maneira, esta é a versão fascista da ditadura do proletariado. Os fascistas, além disso, estavam conscientes de certos pontos comuns entre eles e os bolchevistas. Giuseppe Ungaretti escreveu, em 16 de julho de 1919, em li Papo/o d'Italia. jornal dirigido por Mussolini depois de ter deixado a direção do L'Avanti:

"Na organização federativa dos soviets. muito próxima, em suma, de nosso federalismo, por sua concepção da autoridade e do Estado, há um programa que vale a pena seguir."

Em sua obra pró-fascista Histoire du Mouvement Fasciste 1 História do Movimento Fascista! . publicada em 1939, um eminente historiador, Gioacchino Volpe, explica a emergência do fascismo pela necessidade de resolver o problema da decadência e da fragmentação do Estado liberal, dividido e minado por interesses partitulares ligados às divisões entre os partidos políticos. O livro de Paolo

Simoncel l i . Cantimori, Gentile e la norma/e di Pisa, 163 mostra muito bem que um grupo de i ntelectuais, discípulos de G iova n n i Gentile, gravitava em torno desse que era o mais célebre fi lósofo fascista do pré-guerra , no berço da cultura ital iana que é a Escola Normal de Pisa . A maioria desses i ntelectuais, após a queda de Mussol i n i , passara do fascismo ao com u n i smo e de G iova n n i Gentile a Antonio G ramsci , sempre servindo aos seus ideais anti l i berais. Esse fato nos a j uda a compreender melhor o apelo lançado em 1 944, por Pai m i ro Togliatti, Secretário-Geral do PCI , aos jovens fascistas, incitandoos a i ngressar no Partido Com u n i sta , "a fi m de rea lizarem seus ideais". Deixo aos historiadores a tarefa de responder por que, na qual idade de regime pol ítico e sistema de poder, o fascismo ital iano não evol u i u para as ca rn ificinas maciças dos verdadeiros regi mes tota l itários, já que ele instaurou u ma ditadura que se tornou cada vez mais rígida ao longo dos anos. Mas no campo das idéias, há um n úcleo centra l .

comum a o fascismo, ao nazismo e ao comu n ismo: o ódio ao l iberal ismo.

* * *

Atrib u i r porta nto u ma essência democrática ao com u n ismo por causa do antifascismo é abusar dos fatos , tanto do ponto de vi sta cronológico quanto pol ítico.

Pois não é fato que o com u n ismo j á era total itário e exterm i nador antes do apare-1 62 Citado por M ichel Ostenc, Intel/ectue/s italiens et fascisme (1 9 1 5 - 1 929) [I ntelectua i s ita l ianos e o fascismo (1 9 1 5 - 1 929)), Payot, 1 983.

163 Franco Ange l i , 1 994.

196

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

cimento do fascismo e continuou sendo ass i m após o desaparecimento daquele?

Não é essa uma constante, ao longo do tempo e em vários países diferentes? E não seria essa constante do com u n ismo que os h i storiadores e cientistas políticos deveriam levar em consideração para defini-lo e q u a l i ficá-lo?

No entanto, o próprio François Furet oscila entre a fórmula que iguala o nazismo ao comunismo e aquela que aproxima o comunismo, apesar de tudo, da tradição democrática. Em sua obra *Le Passé d'une illusion* 10 *Passado de uma Ilusão !* . ele subscreve a tese subjacente à obra-prima de Vassili Grossman , *Vie et Destin ! Vida e Destino !* . 164 ou seja , a da "convivência secreta que liga o nazismo e o comunismo, até mesmo através da guerra". Sobre o questionável do caráter único do Holocausto, Furet , sempre comentando e aprovando Grossman , chega a escrever: "Se o massacre dos judeus tem particularidades , elas não subsumem os pontos em comum encontrados tanto na filosofia do poder quanto na negação da liberdade nos dois regimes." Mas em outros trechos, sobre os quais se surpreende Claude Lefort , em seu ensaio aguçado , *La Complication* 11 *A Complicação* 1 . 165 Furet acreditava poder traçar uma linha de parentesco entre o comunismo e a democracia. De forma clássica . ele argumenta que, segundo Marx e Lenin , a revolução "prepara o cumprimento de uma promessa democrática pela emancipação dos trabalhadores explorados" (grifado por mim) . É espantosa , em uma mente tão aguçada, essa recaída na confusão entre a promessa e as ações ! Como se toda a corrente do comunismo não girasse exatamente, em torno a utopia , ou seja , do legado direto de fazer passar por ação a intenção. E por falar em "emancipação dos trabalhadores explorados", falemos um pouco sobre essa conquista "democrática" do comunismo.

A arte de "pensar como socialista" consiste em perceber na realidade o contrário daquilo que demonstram os fatos mais concretos e evidentes . É assim que nos repetem sem cessar que o comunismo, apesar de todos os seus defeitos, pelo menos obteve ganhos nos direitos da classe operária . O que equivale a negar o fato que, como já disse e repito, é uma falsidade evidente. Assim , vejamos, primeiro: os principais direitos dos trabalhadores, direito de associação, de coalizão, de greve, de formação de sindicatos etc. foram introduzidos entre 1850 e 1914 , pelas próprias sociedades liberais ; segundo: esses mesmos direitos foram suprimidos nos próprios países socialistas. Não há nenhuma exceção. A greve foi proibida em todos eles. Quanto aos sindicatos. tornaram-se o sindicato único, instrumento não 164 Tradução para o francês de 1980, Lausanne, *L'Age d'Homme*.

165 Claude Lefort, *La Complication, retour sur /e communisme* [A Complicação, a volta ao comunismo], 1999, Fayard .

A GRANDE PARADA

dos trabalhadores e dos patrões para defender seus interesses mas do Estado, que o transformou em um monopólio destinado a arregimentar, fiscalizar e controlar a classe operária. As prisões e execuções de grevistas coincidem, assim como as execuções em massa e os campos de concentração, com os primórdios da Revolu-

ção Bolchevista. Quando houve a greve das fábricas de armas de Tula, em junho de 1920, os grevistas, entre os quais estava muitos operários, forçados a trabalhar até mesmo aos domingos, foram aprisionados em campos de concentração. Para serem liberados e readmitidos, os trabalhadores tinham de assinar a seguinte declaração: "Eu, abaixo assinado, não desprezível e criminoso, declaro meu arrependimento diante do Tribunal Revolucionário e do Exército Vermelho, confesso meus pecados e prometo trabalhar conscienciosamente." 166 Duvido que mesmo o mais infame dos patrões capitalistas tenha alguma vez manifestado tamanho desprezo pelo ser humano a ponto de obrigar operários grevistas a assinarem um texto desse nível. E se o fizesse, ele teria que enfrentar os rigores da lei - dessa lei

"burguesa" que, ela sim, tenta proteger a dignidade humana. Limitando-nos à estrita constatação dos fatos históricos, podemos definir o socialismo como o regime que destruiu todos os direitos dos trabalhadores.

Freqüentemente essa afirmativa é respondida com a objeção de que os partidos comunistas foram pelo menos, nos países capitalistas, as forças reivindicatórias que através da "luta" obrigaram os governos burgueses a estender os direitos dos trabalhadores. Também isso é mentira. Vamos deixar claro desde já: os direitos mais fundamentais, relativos ao sindicalismo e à greve, foram instituídos nas nações industrializadas antes da guerra de 1914 antes do nascimento dos partidos comunistas. Quanto à proteção social - saúde, família, aposentadoria, seguro desemprego, férias remuneradas etc. -, ela foi instituída mais ou menos na mesma época, seja entre as duas guerras, seja após 1945, nos países onde os partidos comunistas eram inexistentes ou insignificantes (Suécia, Grã-Bretanha, Países Baixos, Alemanha) e naqueles onde eles eram fortes (França ou Itália). Foi implementada tanto por governos conservadores quanto por governos socialdemocratas. Nos Estados Unidos, foi um democrata reformista, Franklin Roosevelt, quem criou

o sistema de aposentadorias e o Welfare, prodigiosamente ampliado, trinta anos depois, por Kennedy e Johnson. Na Grã-Bretanha, foi um liberal, Lorde Beveridge, quem elaborou, durante a Segunda Guerra Mundial, todo o futuro sistema britânico de pro-166 Citado por Nicolas Werth na obra O Livro Negro do Comunismo, primeira parte: "Um Estado contra seu povo", capítulo 4.

198

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

teção social. que os trabalhistas aceitaram a contragosto, temendo que ele entorpecesse o ardor revolucionário do proletariado. 167 Na França, a politização da central sindical CGT, transformada em mero apêndice do PCF em 1947, reduziu dramaticamente o índice de sindicalização dos assalariados e a eficácia do sindicalismo.

É claro que, conhecendo a inteligência e a competência científica de François Furet, eu não considero plausível a hipótese de que ele tenha se misturado ao bando de tolos e fantasmas, ou que ele tenha se rebaixado a pregar a equívoca lenda da intenção e da ação, essa brincadeira de "passa-anel" onde a teoria é passada no lugar da prática. Não obstante - por ter a herança do passado de suas próprias ilusões ou por estar sendo puxado pelas últimas e tênues amarras à esquerda - ele se agarra de modo intermitente a essa barca da Medusa: o comunismo democrático!

Quando alguém foi um dos doutores da "história quantitativa", como não atestar que os pensadores e mestres do comunismo realizaram exatamente aquilo que almejavam? Eles tinham poder absoluto e mesmo assim levaram o masoquismo a ponto de se autoinfligirem, durante um século, realizações contrárias àquilo que seus laicos acreditassem que fossem suas convicções? Por que mergulhar em tão cruel sofrimento?

A causa das variações paradoxais de Furet, acerca do domínio ao qual pertencia originalmente o comunismo - totalitarismo ou democracia -, deve-se, com certeza, em parte, à sua opção de tratar o comunismo essencialmente e apenas como uma "idéia" que foi. segundo ele, uma "ilusão". Mas será que podemos pensar no marxismo-leninismo, que moldou o destino e transformou inteiramente a vida real de milhões de seres humanos durante tanto tempo, como se fosse o cartesianismo, ou o utilitarismo, ou o existencialismo, em suma, uma teoria filosófica entre tantas outras, objeto de uma adesão puramente intelectual e individual. que não

faz mal a ninguém, resultando eventualmente em desilusão que só a falta de intelecto do discípulo decepcionado? Já mencionei o quanto esse conceito de ilusão me parece limitante, como se o comunisto não tivesse passado de uma crença abstrata.

como se pudéssemos examinar o hitlerismo apenas sob o ângulo do caráter científico verdadeiro ou falso da tese em favor da desigualdade das raças humanas, quando tanto uma quanto outra forma, antes de tudo, sistemas de poder, e de um poder sem precedentes na história e sem antecedentes ideológicos. Claude Lefort fez uma crítica ainda mais profunda que a minha até aqui (leia seu livro enquanto lê Desde 1911, já no governo de Churchill, Beveridge havia implantado as primeiras medidas no sentido do pagamento de um seguro-desemprego.

199

A GRANDE PARADA

escrevia o meu) acerca dessa limitação do fenômeno comunista na esfera das miragens enganosas.

Grandes intelectuais sustentaram a tese de que o comunismo estaria ligado, pelo menos na raiz, se não tanto pelos frutos, à corrente democrática, mesmo que seus resultados tenham sido tão maus ou piores que os do nazismo e, pelo menos do ponto de vista quantitativo, ainda mais destrutivos de vidas humanas. Isso explicaria, segundo Simon Leys, 168 por que "nossa memória histórica trata de modo diferente o comunismo e o nazismo". E Leys assinala essa "prova intrigante": "Os amigos de Commentaire, diz ele! que são também os meus amigos! naturalmente incluem alguns comunistas arrependidos - o que me alegra - mas duvido que eles jamais tenham incluído muitos ex-nazistas." Pierre Nora, por sua vez, durante o programa de televisão Caracteres, em uma noite de 1969 em que a discussão era com Francis Fukuyama, afirmou que o comunismo foi uma luta pela democracia, deixando o autor de la Fin de l'Histoire 10 Fim da História! em um estado de estupor desconcertado.

Não é possível atribuir nem a Leys nem a Nora a ingenuidade que consiste em cair na algibeira da confusão entre intenções e ações, e muito menos a desonestidade de tentar fazer com que outros caiam nessa cilada. Aparentemente, uma razão para essa controvérsia ou esse contra-senso sobre a inspiração fundamental do comunismo é que, nas sociedades liberais, os partidos comunistas

istas se situa m , por definição, na oposição de esquerda, apresentando programas considerados como o de aperfeiçoamento da democracia e ampliação da justiça social. A opção pelo comunismo nesse caso pode, portanto, obedecer a motivações respeitáveis no plano teórico. Mas ele se baseia no postulado de que para reforçar a democracia é preciso aniquilá-la radicalmente. Os adeptos do materialismo histórico, cuja cultura repousa paradoxalmente sobre uma supremacia indiferença à história, recusam-se a levar em consideração esse fato tão simples de que as únicas sociedades democráticas que jamais existiram são as sociedades capitalistas, ou pelo menos aquelas que comportam a propriedade privada, a liberdade de mercado e a cultura. Para eles, o argumento decisivo é a afirmação gratuita de que o comunismo, nas sociedades liberais, situa-se "à esquerda" pois deseja abolir o capitalismo e lutar, portanto, por mais democracia. Esse é mais um postulado desmentido pelos fatos, mas que permite dizer que a esquerda quer 168 Commentaire n. 81, primavera de 1998.

169 Em 14 de fevereiro de 1992.

200

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

mais democracia que os liberais. Mas como esse é o preconceito oficial, concordemos que ele fala a favor da sinceridade da opção democrática de muitos neófitos do comunismo de oposição.

Infelizmente, se não quisermos nos perder para sempre na confusão entre o que existe e o inexistente, tornando impossível o conhecimento histórico e reduzindo a um arremedo a própria profissão de historiador, somos obrigados a decidir a questão da vocação democrática ou antidemocrática do comunismo não em função do que diz o comunismo-oposição, mas em função do que faz o comunismo-governo.

Ora, mais uma vez, as evidências maciças e indiscutíveis mostram que todo partido comunista que chegou ao poder, onde quer que seja, começou por eliminar todas as liberdades. Não há exceção. Portanto, a dimensão pretensamente democrática do comunismo origina-se da história das sensibilibidades. em certos meios políticos dos países capitalistas, e não da história dos regimes comunistas reais.

Na verdade, a noção de "ilusão" de E. Furetière - ilusão de aperfeiçoar a democracia -

somente se aplica aos comunistas de oposição, os que atuavam sob a proteção do Estado de direito burguês. Ela não se coaduna com os comunistas governantes, que certamente não tinham nada de ilusório aos olhos dos povos que eles reduziram à escravidão.

Quer dizer então que devemos nos abster de duvidar da autenticidade da inspiração democrática dos comunistas de oposição? Isto seria factível se a avalanche de infiltrações, que se despejavam sobre eles desde o começo, não tornasse inverossímil a probabilidade de sua persistência no erro. É certo que devemos evitar colocar no mesmo cesto os trapaceiros e suas vítimas, os cúmplices conscientes dos crimes e a multidão de cegos voluntários. Estes não fizeram mais do que deixar que se manifestasse plenamente a capacidade ilimitada que tem todo ser humano de dissimular uma verdade incômoda. Os primeiros, ao contrário, eram os arquétipos conscientes de um sistema cuja natureza intrinsecamente tirânica e criminosos eles conheciam de bem perto. Maurice Thorez, e principalmente seu mentor nomeado pelo Comintern, Eugen Fried, habituados às idas e vindas entre Paris e Moscou durante a década de 1930, ou seja, no período da fome provocada e dos grandes expurgos, evidentemente nada ignorava do caráter antidemocrático radical, congênito e irremediável do regime ao qual eles prestavam obediência na URSS e que trabalhavam para instalar na França. Da mesma forma Togliatti, que na mesma época vivia na União Soviética, sob a alcunha de Ercoli (cujo falso testemunho no caso Boukharin, que havia sido seu amigo, contribuiu para empur-201

A GRANDE PARADA

rá-lo para a execução). tinha uma visão bem clara do regime que se esforçaria para instalar na Itália após a queda de Mussolini. Ele teria achado graça se alguém lhe tivesse elogiado a inspiração "democrática" dessa visão, cópia fiel, segundo seus próprios desígnios, do protótipo soviético.

Vejamos por um momento o sistema de raciocínio dos dirigentes da Internacional Comunista. Segundo eles, ou pelo menos segundo os argumentos que utilizavam no Ocidente, o totalitarismo soviético representava o estágio supremo da verdadeira democracia. Era o triunfo do proletariado encarnado por Stalin e o destino do processo histórico, conduzido pelos PCUS. Mas então, se os historiadores subscrevem dessa maneira os slogans dos líderes comunistas

stas , devem também subscrever os dos nazi stas e dos fascistas . Hitler e M u ssol i n i também se gabavam de perso n i ficar as aspirações da i m ensa maioria de seus respect ivos povos. Concentrando todo o poder em suas mãos, eles tinham a convicção de estar instaurando uma forma de democracia, bem superior à dos regimes parlamentares , m inados pela i n stabi l i dade das maiorias, pelas riva l i dades entre partidos, pelos acordos escusos e pelas a l i a nças efêmeras. Além disso, sua convicção era bem menos i n fundada que as pretensões dos bolchevistas, porque os fascistas e nazistas chegaram ao poder por meio do sufrágio u n iversa l . d i ferentemente dos comu n i stas soviéticos . Se escrever a h i stória é tomar ao pé da letra os d i scursos que fazem os déspotas para se j usti fica rem a seus próprios olhos e para impor seu abso l utismo às suas vítimas, então, sim, o com u n i smo foi u m a l uta pela democracia .

Mesmo a m u ltidão de m i l ita ntes . eleitores e s i m patiza ntes , a l heia a o s segredos do Comintern, não poderia permanecer pa ra sempre isolados de toda e qualquer i n formação. Com o passa r do tempo, eles não pod iam mais evita r a concep

ção de uma i m agem bem precisa da lógica tota l itária dos regi mes com u n i stas, até porque eles presenciava m a aplicação dessa lógica no funcionamento i n terno dos partidos ocidenta i s . Os a utênticos democratas compreenderam seu erro e se retirara m . Os que fica ra m - do mais rude proletário ao mais sofisticado i ntellectual

º fizeram exata mente porque, no fundo, seu ideal de sociedade não era a democracia , mas o Estado total itário. Afi nal . não era através desse regi me que o com u n i smo se manifestava e m todos os pa íses onde ele se i m p u n ha?

A longo prazo, era mesmo difíci l não perceber, até para os mais des i n formados.

A mesma matriz se transmite de Stalin a Mao, a Kim li Sung, a Ho Chi M i n h , a Pol Pot, a Ceausescu , a Castro e a Mengist u , acompanhada de a j uda material e m i l itar, para real izar o mesmo modelo de sociedade através dos mesmos meios: subj ugar, imbe-202

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

cil izar, reduzi r à fome. prender. exterminar. Como sustentar a idéia de que os l íderes comu nistas sempre q u i serem o contrário daq u i lo que os partidos comu n i stas no poder levaram a cabo, de forma idêntica. em toda parte. até o ú ltimo deta l he, com a mesma i m

placável determinação? Como imaginar que os partidários ocidentais do comunismo tenham ignorado durante quase um século o que o único verdadeiro comunismo era esse modelo? E como poderíamos evitar concluir que era exatamente esse o modelo que eles queriam implementar em seus países. fosse qual fosse seu discurso "democrático"? Se buscássemos uma representação ideal daquilo que Marx chamava de superestrutura ideológica, não poderíamos ter exemplo mais demonstrativo que a fábula da essência "democrática" do comunismo.

Podemos dizer que a intenção dos comunistas é ilustrar até o absurdo essa contradição entre sua teoria e sua prática. De fato, como observa Claude Lefort, a Constituição soviética de 1936, que concede, no papel, todo tipo de garantias democráticas ao povo soviético, coincide com o início dos grandes expurgos! Como essa constituição estava destinada a ser para sempre letra morta, pois caso ela fosse aplicada o regime seria conduzido à auto-destruição, só podemos considerá-la como uma brincadeira cruel e uma forma inérita de sadismo: o sadismo jurídico.

Ler para um prisioneiro durante uma sessão de tortura os artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem que proíbem a tortura revela uma excepcional genialidade totalitária. Porém, para uma testemunha, tomar essa leitura como prova de alijamento do torturador à democracia demonstra a ilimitada capacidade do espírito humano de gravitar à vontade dentro dos elásticos limites da confusão.

O próprio comportamento dos comunistas nas sociedades democráticas, embora contido pelas leis burguesas, não era menos totalitário. O "alijamento" imposto a Maurice Merleau-Ponty, na sala da Associação dos Mutualistas de Paris.

em 1955, tendo por "júri" um leque espetacular de filósofos do Partido, terminou, é claro, com um "veredicto" condenando seu livro *Les Aventures de la dialectique*! As Aventuras da Dialética I, onde ele critica o marxismo. O contexto capitalista impedia que eles fossem mais longe sem inconvenientes: por exemplo, não poderiam chegar à eliminação física do autor.

Charles Tillon também descreveu muito bem, em um livro clássico sobre sua própria condenação, esse mecanismo de "alijamentos de Moscou em Paris", denúncias vazias, em suma. Ainda na obra *La Complication* [A Complicação]. Claude Lefort lembra um episódio de violência totalmente "democrática". Foi

logo nos primeiros momentos da Quarta República . Durante uma reunião eleitoral 203

A GRANDE PARADA

da qual ele participava apoiando um candidato trotskista , um bando de capangas do PCF está lá nesta noite . Lefort relata a cena: Mal e u havia terminado meu rápido discurso. dia nte de um auditório lotado. pa ra nossa surpresa e satisfação, cadeiras começaram a voar sobre o palco e o tumulto se instalou. O incidente não era de todo imprevisto. Por outro lado. eu me vi envolvido em uma cena , que, mais tarde, depois de tudo acabado, me deixou perplexo. Vendo uma jovem ser maltratada por um grupo irado. corri para socorrê-la . Eles a agarravam . gritando-lhe na cara :

" Hitlerista - trotskista ! " Ela repetia até perder o fôlego: " Eu estava em Ravensbrück. " " Mentirosa . prostituta", eles continuavam a berrar. Quando consegui alcançá-la . ela sacudia nas mãos uma carta : "A prova . a prova ! "

gritava . " Minha carta de deportação." A carta lhe foi arrancada das mãos, rasgada e os pedaços atirados em seu rosto antes que eu pudesse arrastá-la para fora do grupo histórico. 17º

Em bora eu não seja historiador. creio que o fascismo e o nazismo desapareceram em 1946. Portanto, nessa noite. o alvo da violência física dos "tchekistas" do PC foram cidadãos pacíficos que. em uma democracia , limitavam-se a utilizar a liberdade de expressão que lhes garantia a Constituição para expor seu programa em uma campanha eleitoral . Se os métodos fascistas e nazistas ainda sobreviviam entre nós. nessa época . eles emanavam do PC e somente dele.

Concordo com Claude Lefort quando ele diz que não podemos "concluir, com o Furet. que as ilusões comunistas provêm de uma base de ideias democráticas. " 111

Essa interpretação repousa sobre o desconhecimento do fato de que em muitos seres humanos apresentam o que eu chamei . anteriormente . de desejo de totalitarismo ou tentação totalitária . O homem totalitário. o homem "novo" dos regimes comunistas. é moldado por uma organização que aniquila toda a autonomia da sociedade civil . organização na qual ele é apenas uma engrenagem , quase sempre contra sua própria vontade. às vezes voluntariamente. pelo menos no início

ício.

Essa organização totalitária se definiu através de critérios simples e concretos.

que Yuri Orlov descreveu com clareza : monopólio global da iniciativa econômica .

da política e da cultura pelo partido único que detém o poder. Esse monopólio é

*

N. do T.: Campo de concentração nazista para mulheres, cerca de oitenta quilômetros ao norte de Berlim.

170 Claude Lefort, op. cit. , p. 129

171 Idem, p. 136 .

204

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

acompanhado, naturalmente, pela criação de um aparato de repressão policial e ideológica total e pelo mito do Estado único.

Esses critérios estão presentes em todos os regimes comunistas . Eles se reproduzem com tal exatidão e assiduidade que não há por que temer em questionar se correspondem ou não aos desejos de seus criadores. A questão é supérflua, exceto se a ciência histórica consistir em ver o que não existe e não ver o que existe.

Convém acrescentar aos critérios de Orlov que a repressão comunista sempre atingiu não somente os adversários declarados do regime mas também milhões de seres humanos inofensivos que nem pensavam em atacá-lo ou mesmo criticá-lo.

São inúmeras as instruções, desde 1918, dos líderes da Tcheka e do próprio Lenin , ordenando que não se buscassem provas de "culpabilidade" deste ou daquele grupo étnico ou social mas que se procedesse a sua liquidação como grupo. Digamos que, para subsistir, o comunismo precise de uma certa quantidade de execuções.

periodicamente. O extermínio coletivo de inocentes, não pelo que eles fazem , mas pelo que são, constitui na com uma espécie de aversão física , semelhante à dos nazistas pelos judeus. "O ódio de classes",

escreve Maxi mo Gorki . "deve ser cultivado através de uma repulsa orgânica pelo i n i m i g o , como u m ser inferior, um degenerado do ponto de vista físico, mas também mora l . " (os grifos são meus) Somente o desejo de total itarismo explica por que a geração d e 1 968, à qual se atri b u i um idea l ismo l i bertá rio , mas que, na prática , ao longo dos dez anos s u bseqüentes , cultivou o ódio à democracia l i bera l e à i nd u l gência por regimes ou programas marxistas, se convence u , na Alema n h a , de que o modelo supremo era a RDA ! " Esses j ovens", escreveu Ernst Noite, "foram claramente guiados pela convicção de que a RDA, um Estado soci a l i sta , encarnava , apesar de algumas

'di storções' , as melhores potencial idades da Alema n h a , e que, em u m fut u ro distante, ela viria a ser a base pa ra a edificação de u m a Alemanha socia l i sta u n ida , no seio de u ma E u ropa social i sta . " 1 72

O h i storiador alemão observa que foi a part i r desse momento, na Alema nha, que as atenções se voltara m quase excl usivamente pa ra os cri mes nazi stas e que passou a ser proibido emprega r o termo total i tarismo para se referi r ao Leste Europeu . Lembro-me m u ito bem de um jantar em Berl i m Ocidental . no outono de 1 975, com Wi l ly Brandt e Marion , condessa Dönhoff, fundadora do Die Zeit, excelente semanário da esquerda i ntellectual favorável à extensão da détente com a U RSS. A condessa me perguntou se eu estava escrevendo algum l ivro e eu lhe respond i que 1 72 François Furet, Ernst N oite, Fascisme et Communisme, correspondance, Commentai re-Plon, 1 998.

205

A GRANDE PARADA

estava prestes a publ ica r u m , i ntitu lado la Tentation totalitaire. Ela teve u m sobressalto e me retorq u i u enfaticamente: "Como o senhor pode abordar u m conceito tão ultrapassado como o total itarismo?", enquanto Brandt, que após sua queda provocada pela espionagem da Alemanha Orienta l não tinha mais i l u sões a perder, sorria com u m a divertida seren idade.

Esse curioso cu l to à RDA. elaborado d u rante as décadas de 1 970 e 1 980, exp l i c a o contra-senso espa ntoso de certas manifestações que ocorreram na Alemanha Ocidenta l . q u ando da queda do M u ro em 1 989, protestando contra a "anexação i mperi a l i sta" da RDA sob o j ugo capita l i sta de RFA.

Também na França, a corrente de pensamento de 1968, que, em sua origem, apresentava traços antitotalitários, ou melhor dizendo, anti-PCF, logo se livrou deles e na verdade implemmentou, durante toda a década seguinte, uma virulenta restauração do sectarismo arqueomarxista. O culto degradante a Mao, a união das esquerdas, com um programa "comum" de inspição principalmente comunista, a militância pró-maoísta do ensino público, o suporte aos terroristas da gangue de Baader* e das Brigadas Vermelhas, também oriundas do movimento de 1968, as campanhas contra Soljenitsyn, para mencionar apenas alguns sintomas, assim alaram o retorno à tendência totalitária. Toda a esquerda com o seu medo que os comunistas soviéticos e franceses não eram suficientemente totalitários, eram "reacionários", se comparados com o comunismo chinês. Não havia nessa época nenhuma necessidade de se construir uma frente antifascista, já que os últimos regimes europeus de tendência fascista haviam dado lugar a democracias, como na Grécia, em Portugal e na Espanha. Portanto, não foi em reação a nenhuma ameaça, mas sim em apoio ao próprio ideal totalitário, que as democracias ocidentais viram instalarse, durante esse período, um irrespirável clima de intolerância.

Às vezes nos perguntamos se, no fundo, muitos intelectuais não teriam um gosto pela escravidão. Isso explicaria sua tendência e habilidade para reconstituir, no seio de civilizações livres, uma espécie de totalitarismo informal. Na ausência de qualquer regime político ditatorial externo, eles reproduzem em laboratório, in vitro. nas suas relações, os efeitos de uma ditadura fantasma, com a qual sonham, com suas condenações, exclusões, excomunhões, difamações, convergindo para o

*

N. do T.: Também chamado Baader-Meinhof ou Facção do Exército Vermelho: grupo radical de esquerda da Alemanha Ocidental, fundado em 1968 por Andreas Baader e Ulrike Meinhof, que cometeu vários atos terroristas durante a década de 1970. Após a queda do governo comunista da Alemanha Oriental, em 1989-90, descobriu-se a ligação entre o grupo e a polícia política comunista, a Stasi.

vel h o est i l o de j ul ga mento por bruxari a , ou sej a , por "fascismo", de todo i n divíduo que se recu se a adotar os mesmos objetos de veneração e de execração impostos por eles. Logicamente. em cada tentativa de abafar a l i berdade i ntelectual . a t i rania é recíproca . Cada u m - fazendo uma releitura de Hegel - torna-se sucessiva ou s i m u ltaneamente feitor e escravo. O mais s u rpreendente é que esses campos de reeducação i nvisívei s se tenham i ncrustado no próprio seio das sociedades l ivres, por obra dos i ntelectuais, e para seu próprio uso, enquanto os demais membros dessas mesmas sociedades, e m sua maioria, recusam-se a aceitar esse tipo de prisão.

Como nen h u m h istoriador, em minha opi n ião, conseguiu elucidar de forma convi ncente o m i stério do pró-com u n ismo paradoxal das décadas de 1 970 e 1 980, estamos mal equ i pados para compreender as razões da resistência ao recon hecimento do com unismo pelo que ele rea l mente foi . observada na década de 1 990.

Podemos considera r a h i pótese de que essa recusa em conhecer e reconhecer seja ditada , a ntes de mais nada , pelo medo de ter que se dobra r dia nte das provas substanciais de parentesco entre o com u n ismo e o nazismo. Não é agradável ter que confessar que sustentamos, durante quase u m sécu lo, u m tipo de regime pol ítico que era , no fundo, idêntico àquele que combatíamos como a suprema encarna

ção do m a l . A dor dessa confissão causa temor a toda a esquerda, m u ito além dos círculos dos partidos comu n i stas propriamente ditos. e também à direita , na m u ltidão de complacentes ou de tolos. O prefácio da edição francesa da obra do "gênio dos Cárpatos", o "comandante" Ceausescu , brutal t i rano como nen h u m outro, foi escrito por Alai n Poher, pol ítico democrata-cristão, de centro, moderado, presidente do Senado e duas vezes Presidente da Repúbl ica i nteri no. E várias un iversidades do m u ndo ocidenta l concederam o título de Doutor honoris causa à esposa do referido t i rano, Elena, que se fazia passar por cientista de alto n íve l . quando na verdade era notoriamente i letrada. Por que tamanha subserviência? É certo que nossos intelectuais progressistas recebiam uma série de benesses dos governos do Leste (viagens, colóq u ios. banquetes . temporadas de férias em balneários etc.) Mas esses

"benefícios" secu ndários à servidão ideológica não podem explicá-la integral mente.

A com u n idade pol ítico-i ntelectual tem reações de um esfolado vivo quando se esboça uma aproxi mação , mesmo que claramente

comprovada por fatos, entre nazismo e comunistismo. Tal suscetibilidade está sempre pronta a aflorar não apenas quando se evoca o parentesco cri-minal entre os dois regimes, mas também quando se menciona seu parentesco cultural. Durante o verão de 1999, o Museu de 207

A GRANDE PARADA

Weimar organizou duas exposições paralelas. uma composta dos quadros da cole

ção pessoal de Adolf Hitler. outra de uma seleção de obras representativas da "arte"

comunista da Alemanha Oriental. Ressaltava, de modo gritante, que o traço comum à nazista e à comunista é seu caráter pomposo dos mais vulgares e ridículos, como sabem os que têm familiaridade com o "realismo socialista". O socialistaismo é igualmente reacionário. assim como o nazismo. em arte e literatura, pois todo regime totalitário, para conservar o controle absoluto sobre a criação, só permite a expressão de uma arte oficial "bem comportada", tão insípida quanto empática.

A juxtaposição das duas séries de entulhos, evidenciando sua identidade essencial de motivação política-cultural na estepe ideológica e de estilo kitsch na sua feitura, desencadeou a indignação dos ex-comunistas. A exasperação foi ainda maior porque o curador do Museu de Weimar resolveu expor, ao lado dos quadros que exaltavam a felicidade permanente na qual o povo era sabidamente mergulhado pelo comunismo. fotografias feitas por ocidentais mostrando a vida da Alemanha Oriental tal como ela era, no tempo do comunismo: um cotidiano duro e lúgubre. Um antigo Ministro da Cultura de RDA. um certo Klaus Hopcke.

declarou sem rodeios: "Achism Press (o curador do museu) é um idiota incompetente." 173 Típico do pensamento socialista: os "idiotas" não são os autores e promotores do lixo. mas aqueles que o expõem. anos mais tarde! Como Press era originário da parte ocidental da Alemanha. ele foi ainda acusado de ecoar o desprezo

"colonialista" do Ocidente pelo Leste ex-comunista. Como sempre. nas discussões com a esquerda. não se trata de encarar os fatos pura e simplesmente, nem de saber, sim ou não, se nesse caso as obras apresentadas demonstravam uma identidade de intenção e de estilo

entre as produções culturais dos dois regimes totalitários. O escândalo, na visão dos marxistas, é que tenha sido organizada uma exposição que permitia constatar essa identidade. O problema não é que a convergência exista. É que alguém mostre que ela existe. O estilo kitsch totalitário é unívoco. É com tristeza que somos obrigados a recordar que, durante quarenta anos, estimulamos a fabricação de uma montanha de nulidades, sob o rótulo de arte.

Podemos constatar, a partir desse exemplo, entre outros, que os ex-comunistas, em vez de tentarem compreender a razão e o porquê de seus erros, só pensam em dissimulá-los e em proibir que se fale deles. E podemos avaliar até que ponto, mesmo nesse campo, e mesmo tardiamente, o espírito democrático, que implica a liberdade de julgamento ou ao menos de documentação, é estranho ao pós-comunismo.

173 International Herald Tribune, 19 de agosto de 1999.

208

O COMUNISMO, ESTÁGIO SUPREMO DA DEMOCRACIA?

Será que ele é estranho ao próprio Karl Marx? Alguns dos mais severos críticos do comunismo recusam-se a atribuir ao pensamento de Marx a realidade totalitária de todos os regimes comunistas que existiram ou que existem. Se Marx a desejou explicitamente ou não, se ele a previu ou não, o fato é que a morte da liberdade foi a consequência inevitável de seu sistema econômico onde quer que ele tenha sido aplicado. Se Marx não tinha consciência da lógica antidemocrática de seu programa, esse é um desliz que depõe contra um homem cuja filosofia tende, toda ela, a captar os elos históricos de interdependência entre as estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais. Além disso, a sensibilidade democrática de Karl Marx não parece ter sido particularmente desenvolvida, como com prova alguns textos já citados. Acrescento este, que evidencia como o método leninista de eliminação tem suas raízes em Marx: "O bem é o mal, em um certo sentido. É o que deve ser eliminado. É o que se opõe ao progresso das relações inter-humanas. O "mal" é o bem, pois ele produz o movimento que faz a história, dando continuidade à luta." 174 Esclarecendo, essa passagem significa que o respeito aos direitos do homem é um mal se ele detém a marcha da "revolução". A fim de perseguir a luta revolucionária, é permitido cometer o que se chama erroneamente de "mal", no vocabulário corrente. O mesmo argumento foi retomado e brilhantemente desenvolvido por Leon Trotski em seu livro *Leur mort*.

e la nôtre IA Mora l deles e a Nossa ! .

Esta é a própria essência do argumento que, através da i nversão da mora l .

servi u d e j ustificativa tanto para o Terror d e Robespierre quanto pa ra o s gra ndes expu rgos de Sta l i n . A verdade e a j u stiça podem e devem ser sacri ficadas às necessidades da l uta revol ucionári a , conforme a visão do próprio Marx. Em 1 864 , após a adoção, pela Associação Internacional dos Trabalhadores, da moção redigida por Marx , ele con fessa a Engels: "Tive de aceita r a i ncl usão no preâmbulo dos estatutos de duas frases fa lando de duty 1 deveres 1 e de right 1 d i reitos 1 . assim como de truth, mora/ity and justice ! verdade. mora l e j u stiça 1 . Eu as i n seri de tal forma que elas não produzam m u itos estragos . " 1 75

Já foi m u itas vezes constatado , inclusive por Souvarine, que Marx foi o pa i do conceito de d itad u ra do proletariado. As poucas l i n has onde ele aborda rapidamente esse tema , diz Souvari ne, não podem ser consideradas uma teoria elaborada ou uma recomendação exp l ícita . Mas é isso que se encontra claramente desen-1 74 Karl M a rx, Misere de la philosophie, Oeuvres Completes, Edição La Pléiade, tomo I , p. 89.

1 7 5 I d e m , tomo I, p. 1 62 3 . Esses dois trec hos estão assinalados em Ya nnakakis e Rigou lot, op. cit.

209

A GRANDE PARADA

volvido na segunda parte do Manifesto Com un ista , " Proletários e com unistas". Essa questão, é bem verdade, só tem interesse acadêm ico, já que a ditadura do proletariado n u nca foi aplicada. O que sempre preva leceu nos regimes com u n i stas foi a ditad u ra de u m a ol igarq u i a . O fato de essa ol iga rquia se a uto-proclamar como legiti mada "por todo o povo" foi apenas u m artifício comu m a todos os déspotas. A melhor defi n i ção para o com u n ismo, na prática , é , segu ndo a expressão usada por Nicolas Wert h , "um Estado contra seu povo".

210

1 2

Medo do Liberalismo

Na sexta fe
noturno i ra
um I li de
long outu
a
br
metr o de 1
agem 999,
pol a rede
icial
de
onde televisão
o herói é Arte
u m exib
detet i u
iv no
e
hor
par
ário
ticu lar

espanhol , chamado Pepe Carvalho, que vive em Ba rcelona . A h i
stória começa com um assassi nato na cidade e conti n ua em Pa ris ,
onde nosso detetive vai descobri r a origem de u m a série de cri mes l
i gados ao pri meiro. Sem entra r nos deta l hes i nsípidos de uma h i
stória monótona e i nsign ificante, tentarei res u m i r os pri ncipais
ensinamentos mencionando apenas que: P 1, o herói é u m antigo

esquerdista ou com u n i sta que cont i n uou sendo "de esquerda", fato que ele relembra durante todo o fol heti m ; 2ll, no fi n a l . revela-se que os culpados dos assassinatos pertencem a uma empresa que vende a rmas, clandesti namente, ao I raque. Esse tráfico desagrada m u ito ao nosso detetive esquerdista ou com u n i sta ; 3ll, a tal organização é neonazista e uma m u l her, comprovada como autora dos assassinatos, grita , antes de morrer a lvej ada por um ex-cú mpl ice, desmascarado pelo detetive: "Por que você fez isso, j u sto no momento em que estávamos vencendo nossa l uta em favor do l i bera l ismo m u ndial?" Em suma, u m magnífico exemplar de "real ismo social ista" !

Foi ass i m que uma rede de televisão que se diz "cu ltura l " impôs ao público, em horá rio nobre, u m fol heti m que, além de sua ind izível mediocridade, constitui um teste m u n h o de pura propaganda pol ítica , baseada, além de tudo, em dois erros factuais dos mais grosseiros. Vejamos: l li, no momento em que ocorreu a Guerra do

A GRANDE PARADA

Golfo de 1 990-9 1 e, nos anos segu i ntes , os esq uerdistas, j u ntamente com a extrema direita , deram apoio a Saddam H usse i n , em virtude de sua aversão aos Estados Unidos, preferindo o carrasco de Bagdá à democracia norte-americana e às Nações Un idas; 2l2, os verdadei ros nazistas eram anti l i berais, pelos menos tanto quanto os marxistas, como se veri fi ca à leitura mesmo superficial dos textos de Hitler. Mas, para os rotei ri stas dessa "chanchada", 1 76 o que i mportava era , antes de mais nada , enfiar, na cabeça dos telespectadores , a equação i magi nária entre neo l ibera l i smo e nazismo.

Divulgar esse tipo de propaganda em uma emi ssora de televisão fi nanciada com dinheiro públ ico fra nco-a leão, sob a roupagem de u m fol heti m que não tem nen h u m á l ibi estético a descu lpá-lo, diz mais sobre as obsessões da esquerda póscomu n ista , sobre seus proced imentos e sua propaga nda , desti nados a salvar seu passado, do que m u itas q uerelas ideológicas de alto n ível entre i ntelectuais ou controvérsias de i nterpretação entre h i storiadores.

Certas reações i rracional i s , coletivas e cotidianas são mais reveladoras da mental idade gera l do que os debates entre econom istas. Assi m , na manhã de 5 de outubro de 1 999, em uma col i são de dois trens, em Padd i ngto n , subúrbio de Londres, cerca de tri nta passagei ros morrem e vá rias centenas ficam feridos. Logo começam a s u rgir na França, em todos os noticiários, d u rante todo o d i a , os

mesmos comentários: desde a privatização da rede ferroviária britânica, os novos proprietários ou concessionários, movidos apenas pela busca do lucro, economizam nas medidas de segurança, principalmente nos investimentos em infra-estrutura e sinalização. Conclusão óbvia: as vítimas do acidente foram assassinadas pelo liberalismo.

Se isso é verdade, então as 122 pessoas mortas no acidente ferroviário de Harrow, em 1952, foram assassinadas pelo socialismo, já que a British Railways era, àquela época, nacionalizada. Na França, em plena estação de Lyon, em 27 de junho de 1988, um trem choca-se contra um com boio estacionado: 56 mortos e 32

feridos, vítimas evidentes, portanto, da nacionalização das estradas de ferro francesas em 1937 e, portanto, assassinados pela Frente Popular. Em 16 de junho de 1972, o teto do túnel de Vierzy, na região do Aisne, desaba sobre dois trens: 108

mortos. Parece que a manutenção da estrutura nesse caso também não foi das mais perfeitas, por mais estatizada que fosse a empresa responsável.

176 Extraído do romance policial de Manuel Vazquez Montalban que, ao que parece, é melhor do que sua degradação televisiva.

212

MEDO DO LIBERALISMO

Após algumas horas de investigação em Puddington, ficou provado que o maquinista de um dos trens havia desconsiderado dois sinais amarelos que recomendavam a redução da velocidade e ultrapassado um sinal vermelho onde ele deveria ter parado. Erro humano, ao que parece, e não ganância de lucros, era a causa do drama. Que nada! Logo replicaram os liberais, o problema é que o trem que causou o acidente não estava equipado com sistema de freio automático que se acionaria caso o condutor avançasse inadvertidamente um sinal vermelho. Sem dúvida, mas no acidente da estação de Lyon esse sistema, se existia, não parece ter sido de muita utilidade para minimizar o impacto do erro do maquinista francês.

Nem tampouco, em 2 de abril de 1990, na estação de Austerlitz, em Paris, quando um trem destruiu um muro de proteção, atravessou a plataforma e foi mergulhar na lanchonete. E matéria de infra-estrutura, o desgaste das passagens de nível francesas,

malasinalizadas e providas de canelas frágeis que só descem no último mês do segundo, provoca entre cinquenta e cem mortes a cada ano, os números estando mais próximos de oitenta, na verdade. A infalibilidade do "serviço público à francesa" não é exatamente de encher os olhos. Todos esses são fatos e comparações que, naturalmente, não ocorreram aos anti-liberais.

Some-se a essas poucas referências o fato de que as estradas de ferro britânicas sempre foram famosas na Europa por seu funcionamento medíocre, mesmo quando pertenciam ao Estado. E, afinal, sua privatização só terminou em 1997!

Como seria possível que o desgaste da infraestrutura e do material dos trens se produzissem de forma tão súbita e rápida em menos de dois anos? Na verdade, a British Railways entregou às empresas privadas uma rede de vias e composições profundamente degradadas, que colocavam os passageiros em risco há muitas décadas. A acusação do liberalismo como responsável por essa tragédia resulta mais de uma idéia fixa do que de um argumento racional.

Por favor, me entendam. Já disse várias vezes ao longo dessas páginas: não se pode considerar o liberalismo como o inverso do socialismo, isto é, como uma receita mirabolante que garantiria soluções perfeitas para tudo, embora por meios opostos àqueles dos socialistas. Na sociedade onde existe a empresa privada, os clientes podem realmente ser submetidos a risco pela busca do lucro. É papel do Estado impedir que isso aconteça, e essa vigilância faz parte de seu verdadeiro papel, no qual, aliás, ele costuma falhar. Mas a negligência, a imperícia, a incompetência e a corrupção são também causas de risco para os usuários dos transportes nacionalizados. É preciso levar a obsessão anti-liberal até os extremos da loucura.

A GRANDE PARADA

cegueira para fingir ou deixar subentender que só há acidentes nos transportes privados... Os trinta mortos na colisão entre dois trens da Companhia Nacional da Noruega, em 4 de janeiro de 2000, terão sido vítimas do liberalismo?

O mesmo ocorre com os automóveis. Os carros da Renault no período em que essa empresa tinha o Estado com o seu único acionista, não eram nem mais nem menos seguros do que os carros da Peugeot, da Citroën, da Fiat ou da Mercedes, fabricados por empresas privadas. Eram até menos seguros, às vezes, já que a Renault

l t "Dauph ine", por exem plo. logo se tornou célebre por sua faci l idade em capotar. Considerando que a Renault nacionalizada era uma em presa permanentemente deficitá ria . os ca rros saídos de suas fábricas. j á que não davam nen h u m l ucro, deveriam então. segundo a lógica antil ibera l . jamais sofrer qualquer acidente por fa l ha mecâ n ica ou aerodinâm ica.

Acabo de citar dois exemplos que i l u st ra m a o n i p resença de um pano de fu ndo quase i n con sciente de c u l t u ra a n t i l i bera l . que brota como u m sentimento espontâneo e m q u a l q u e r c i rc u n stância e que é a i nda mais su rpreendente por persistir a despeito de toda a experiência h i stórica do século XX e, até mesmo, da prática atual na quase tota l i dade dos países. A prática diverge da teoria e da sen s i b i l idade. O i nstinto, m a i s do que a i ntel igênci a , l eva em conta os e n s i n a mentos do passado. O a n t i l i bera l é u m m a g o que se proclama ca paz de a n d a r sobre as á g u a s mas que t e m o cuidado de garantir u m barco antes de se l ançar a o mar. C o m o exp l i ca r e s s e m i stério?

A primeira causa é esta i nércia do pensamento que eu chamei de "remanescência ideológica". 1 77 U m a ideologia pode sobreviver m u i to tempo às rea l i dades pol íticas e socia i s com as quais convive u . Na França . ao fi nal da década de 1 930, 1 50

anos após a Revolução, a i nda se encontrava u m a corrente monarq u i sta remanescente, com vários partidários da monarq u i a absoluta e de forma alguma constitucional. Mesmo sem tomar parte d i retamente na vida pol ítica no Parlamento ou no governo. essa corrente exercia uma notável i n fl u ência sobre a sociedade fra ncesa .

tanto através da i mprensa que l h e era favorável qua nto por meio de autores talentosos que propagavam suas idéias hostis à Repúbl ica . Apesar da falta de realismo de seu programa de restau ração monárquica , essa corrente de pensamento desempenhava um papel no debate público e na vida cultural que nada tinha de margi nal.

Mesmo após a cisão h istórica de 1 989, o social ismo a i nda perd u rará por m u i to tempo, embora o m u ndo evolua em di reção oposta . Em 1 960, após a publicação da 1 77 Ver La Connaissance inutile [O Conheci mento I n útil] (1 988) e Le Regain démocratique (1 992).

MEDO DO LIBERALISMO

obra *Fin de l'idéologie* 10 Fi m da Ideologia 1. 1 78 Dan iel Bel l foi tratado com escárnio.

Durante os vinte anos que se seguira m , não havia u m colóq u io onde algum participante não lhe pergu ntasse i ronicamente onde estava o seu fi m das ideologias se agora , entre 1 960 e 1 980, elas se desenvolviam como n u nca . Era verdade, mas com que fi nalidade? O culto a Mao e a Che Guevara na Europa e na América tinha origem em tendências fantasmagóricas. N unca foi tão falsa a célebre frase de Marx: "O homem só cria pa ra si os problemas que pode resolver." Se a h i stória do século XX i l u stra alguma verdade, é que o homem passa todo o tempo a criar para si problemas que não pode resolver, porque são fal sos problemas que. na essência , n ã o comportam qualquer solução, enquanto ao mesmo tempo n ã o resolve i n ú meros problemas reais c u j a sol ução está total mente ao seu alcance . Há duas maneiras pelas quais u m a ideologia pode term i nar: nos fatos e nas mentes. Ela pode m uito bem term i n a r nos fatos mas permanecer nas mentes. não ter mais qualquer efeito na ação - senão o efeito de frená-la - mas ocupar um enorme espaço nas palavras. Ela cumpre , então, a suprema m i ssão das ideologias: jamais con fessar o engano, pri ncipal mente se esse engano causou mortes.

Quando as ideologias rechaçadas e desonradas pelo próprio comportamento de seus adeptos contin u a m a emitir radiações, isto ocorre pri ncipalmente no j ogo de espel hos da "comun icação". Já citei vários exemplos da televisão, meio domi nante, em nossa época . da a rte de "comunicar", que i n cl u i enganar a opi nião públ ica .

É preciso tempo para que estas i m post u ras desapareça m . Elas d u ra rão enquanto tiverem l ugar de destaque em nossa vida i ntelectual e em nossa "co m u n i cação" os antigos ava l i stas do horror. S u a recusa da verdade é faci l m ente compreendida. Obedece a impu lso elementares de auto-proteção e de fuga diante do dever de ass u m i r o passado, o famoso "dever de memória", reservado por enquanto ao passado nazista. Daí vem a atitude defensiva de contra-ataca r o l i beral ismo, que também é u m a forma de distração destinada a eludir a verdade sobre o com unismo e. de modo mais amplo, sobre o socialismo. "Aqueles que querem fazer feliz a h u m a n i dade, jamais fazem a fel i cidade dos homens", diz Cla ude Imbert . "Aqueles que sonh a m com u m sistema ideal de igualdade começam como pedrei ros e term i n a m como nomenk/aturistas. " 1 79 Poder-se-ia acrescentar: eles retornam em u m a tercei ra carre i ra pro m issora como autores e apresentadores de programas sobre h i stória na

televisão.

1 78 Tradução para o francês a cargo de Presses U n i versitai res de France, 1 997.

1 79 Editorial apresentado em Europa 1 no dia 1 7 de setembro de 199 1 . Reproduzido em Commentaire, n. 56.

2 1 5

■

A GRANDE PARADA

Martelar imprecações a todo i n stante contra "os estragos do l i bera l ismo" é uma forma su b-reptícia de i n s i n uar: "Ve j a m , o com u n ismo não era tão ru i m . exceto por alguns 'desvios' contrá rios à sua própria natu reza . " Entreta nto. o anti l i bera l ismo tem outras fu nções além da j ustificativa de u m passado i n j ustificáve l . fu nções mais concretas : con j u rar dois temores presentes em cada um de nós. o medo da concorrência e o medo da responsabil idade. Esses sentimentos não são meras apreensões. São temores . por assim dizer. poderosos. Eles têm . de fato. u m lado positivo: a proteção contra os rivais. enriquecida pela contri buição da a j u da oficia l .

garanti ndo "direitos adq u i ridos" i ndependentes d e nossa rentabil idade. N ã o é pouca vantagem . bem ou mal obtida. pertencer a uma econom ia que se ocupa mais da redistribuição do que da produção e, na qua l . por cons equi nte. a pressão sobre o indivíduo e sua capacidade é reduzida . Daí vem a sen sação de conforto pela i rresponsabi l idade que acompanha o fato de pertencer a todo grande aparato estatal ou para-estata l .

...

Em 20 de abril de 1 890, Émile Zola recebia , em seu novo apartamento da Rue Bruxe//es, em Paris. u m j ornal i sta do New York Hera/d Tribune (hoje International Hera/d Tribune) e lhe apresentava as segui ntes proposições: "Estou trabal hando em u m romance. lí4rgent l 0 Dinheiro ! . que tratará de questões referentes ao capital . traba l h o etc .. nesse momento em fase de ebu l i ção entre as classes descontentes na E u ropa . M i n ha posição será de que a especu lação é uma coisa boa . sem a qual as grandes i n d ú strias do m u ndo seriam extintas. assim como a popu lação seria ext i nta se não houvesse a atração sexual . Atual mente. os ros nados e gru n h i

dos que e m a n a m d o s n úcleos soci a l i stas s ã o o pren úncio de uma erupção q u e modificará mais ou menos as condições socia is existentes. M a s será que podemos d izer que o m u ndo ficou melhor por obra da nossa grande Revol ução? Por acaso os homens são agora , por pouco que sej a , rea lmente mais iguais do que há cem anos? Será possível dar a u m homem a garantia de que sua m u l her jamais i rá enganá-lo? Será que podemos fazer com que todos os homens sejam igual mente fel izes ou igual mente sábios? Não! Então va mos parar de falar em igualdade !

Liberdade. s i m ; fratern idade, s i m ; mas igualdade. jamais ! " 1 8º

Homem de esquerda , e ele o comprovou pagando u m preço alto. ídolo venerado pelos socia l i stas franceses no sécu lo XX. Zola era . entreta nto . suficientemente i ntel igente para com preender que te ::la sociedade é desigu a l . Mas suas desigual-1 80 Citado pelo International Herald Tribune de 2 1 de abril de 1 990, na coluna " H á c e m a nos".

216

MEDO DO LIBERALISMO

dades podem originar-se de diferenças entre os indivíduos em termos de desempenho, ou de d isparidades entre as vantagens oferecidas pelo Estado, ou a i nda, simplesmente, da m u ra l h a que separa aqueles que recebem u m ou vá rios privilégios do Estado e aqueles que não recebem nen h u m . Emprego aqui a palavra privi légio no seu sentido l itera l : "Vantagem concedida a um ou a vários, e usufruída exc l u i ndo-se outros, contrariando o d i reito com u m " (Littré) . Faço essa ressalva porque na l i nguagem do dia-a-dia, pol iticamente correta , mas gramatical mente incorreta , a pa lavra "privi legiado" tornou-se si nônim o de "rico", sendo os pobres os

"desfavorecidos". Ora , um indivíduo pode ser rico sem n u nca ter obtido o menor privi légio ou ter apenas uma modesta renda, porém composta por vantagens exorbitantes em relação ao d i reito com u m . O nomenklaturista torna-se rico porque suas relações pol íticas lhe garantem a presidência de u m grande monopól io estatal . ou porque ele pode vegeta r dentro de um órgão adm i n i strativo, ou uma cooperativa , graças a um emprego fictício que não deixa de ser um privi légio. Bi l l Gates tornou-se o homem mais rico do m u ndo por seu espírito i nventivo , sem jamais ter gozado do menor privi légio, no sentido estrito e l itera l .

As desigualdades liberais das sociedades produtivas são agitadas por uma constante miséria e modificam-se a todo instante. Nas sociedades de redistribuição estatal, as desigualdades são, ao contrário, imutáveis e estruturais: qualquer que seja o esforço e o talento desenvolvidos por um profissional atuante no setor privado francês, ele jamais terá as vantagens "adquiridas" (vale dizer, ao mesmo tempo, outorgadas e intocáveis) de um representante da Companhia Francesa de Eletricidade. Nem as de um empregado da Sociedade Nacional das Estradas de Ferro Francesas, à qual foi concedido o título de "campeã mundial de horas, dias e quilômetros de paradas de trabalho". 181 (Tradução para o idioma socialista :

"serviço público à francesa. ") Nesse tipo de sociedade, bem representada pela França, é o Estado quem cria as concessões geradoras de desigualdades, come

çando pelas que são auto-outorgadas pelos parlamentares. Após apenas vinte anos de trabalho, eles recebem aposentadoria integral, da qual 70% são pagos pelos contribuintes e não pelo sacrossanto "fundo" socialista, que certamente não seria suficiente, e cuja menção, neste caso e no caso de qualquer funcionário público, constitui uma fraude tanto intelectual quanto material. A França tem nada menos que 532 regimes de aposentadoria especial, que são privilégios concedidos. Comovente reabilitação do Antigo Regime, nos atos, senão nas palavras! Tal é 181 Pierre.Jean Martinet na revista L'Histoire, edição especial sobre as greves de 1995-96.

217

•

A GRANDE PARADA

privilégios só acontecem no serviço público. Na França, a superprodução de frutas e legumes de má qualidade, de rabanetes que não ardem na boca, de alfaces que parecem mata-borrão, de tomates sem gosto e de pêssegos tão duros que poderiam eventualmente servir para jogar bocha, mas nunca como alimento, é simplesmente o resultado do acúmulo de subvenções nacionais e européias, que tornam essa produção vantajosa, e do fato de que os agricultores sabem, por experiência, que os atos de vandalismo, incêndios, bloqueios de rodovias e ferrovias, invasões de prédios públicos, serão recompensados, não com os rigores da lei, mas com presentes financeiros suplementares. O fato de várias categorias específicas de cidadãos serem dispensadas dessa maneira

de respeitar as leis e liberadas para violá-las imputando em ente é o que eu chamo. no sentido mais tecnicamente etimológico da palavra, privi lógicos. Desses privi lógicos, ao mesmo tempo pecun

ários e jurídicos. os agricultores gozam há muito tempo. Já em 1963, de Gaulle se decepçionava com a passividade, para não dizer a covardia, desses em inistros diante das violências dos camponeses. Ainda no contexto da superprodução na área da criação de gado bovino, o General se queixou a Alain Peyrefitte: "Os policiais parecem bezerros, os prefeitos parecem bezerros, os ministros parecem bezerros, o Estado é servido por bezerros." 182 Em 1999, o clima piorou ainda mais. O

lance genial dos agricultores, naquele ano, foi o de rotular como bode expiatório da superprodução, na verdade consequência do "modelo social agrícola europeu", os Estados Unidos. Eles atacaram alguns restaurantes da rede MacDonald's, numa prova de inteligência, já que esses restaurantes compram localmente quase todos os seus gêneros básicos e empregam milhares de franceses. Os agricultores destruíram esses restaurantes, sob aclamação da estupidez nacional. em nome da luta contra a "má alimentação" e pela defesa da "terra", logo eles que, há quarenta anos, nos fornecem frutas insípidas e frangos tão cheios de hormônios que cheiram a peixe! Sua real motivação era a recusa da concorrência. Por que os MacDonald's têm tantos clientes? Essa é uma pergunta que um francês nunca se faz. Será que os preços que eles cobram não têm alguma influência? Silêncio. Fielmente, como eles servem principalmente bifes de carne moída, batatas fritas e salada, não vejo como esse cardápio pode ser considerado tão distante da refeição habitual francesa e tão representativo do imperialismo norte-americano. Os agricultores franceses, aliás, todos os anos ateiam fogo a caminhões repletos de frutas e legumes provenientes não dos Estados Unidos mas da Espanha, país membro da União 182 Alain Peyrefitte, C'était de Gaulle [Esse era de Gaulle], tomo 11, Edição Fallois-Fayard, 1997.

218

MEDO DO LIBERALISMO

Europeia. A demagogia antiamericana serve, portanto, de máscara para uma reivindicação protecionista de consumo mais geral. Essa reivindicação baseia-se no combate à globalização. Ela visa a perpetuar um modelo de agricultura construído com o dinheiro do contribuinte, com a ajuda. cada vez maior, à exportação e garantias contra as importações. O governo francês segue fielmente

os passos dos agricultores e perpetu a esse absurdo econômico. Aproveitando o ódio pelos Estados Unidos, ele se dá o trabalho de invocar todos os pretextos possíveis para recusar os produtos importados, mesmo os europeus ou latino-americanos. como ficou demonstrado na reunião de cúpula do Rio de Janeiro. em junho de 1999. No terreno da vida intelectual. no outono de 1999, quase todos os prêmios Nobel científicos foram obtidos por norte-americanos ou (o que deveria nos preocupar ainda mais) por pesquisadores de origem europeia trabalhando nos Estados Unidos. E nós? A bem da verdade, o que tínhamos nós? O herói nacional do pensamento francês foi.

nessa mesma época, um certo José Bové, demolidor e restaurante MacDonald's e líder famador da globalização. 183

Na cultura francesa, o "modelo Bové" vem a ser, há vários anos, sob o rótulo de

"exceção cultural", o ideal, a ardente exigência do governo francês e de nossos artistas do cinema e da televisão. Embora a eliminação da concorrência seja, em economia pura, um erro de cálculo que só conduz à perda de qualidade e aumento dos preços, é fácil compreender que, à primeira vista e a curto prazo, ela pareça uma atitude lucrativa. Por outro lado, quando artistas e literatos reclamam a prote

ção do Estado contra obras produzidas no exterior, eles estão apenas confessando, vergonhosamente, sua própria falta de talento. "Poupe-nos da humilhação das comparações!" (A expressão é de Baudelaire.) Ordenam esses "criadores" a seus governantes. O inimigo, para eles assim como para os agricultores. é principalmente a América do Norte, em seguida a Organização Mundial do Comércio (OMC), logo o mundo inteiro. Seu maior desejo (em todos os sentidos da palavra) é que o público tenha o mínimo de preconceito possível sobre as obras de seus concorrentes. que ele seja privado da escolha entre as diversas produções intelectuais e que, além de tudo, o Estado subvencione os espetáculos desses "criadores", caso seus compatriotas insistam em rejeitá-los. Em outras palavras, o Estado deve 183 Os valorosos cavaleiros dessa cruzada esquecem, se é que eles jamais o souberam, que os Estados Unidos importam mais do que exportam (daí o déficit crônico de sua balança comercial) enquanto a União Europeia exporta mais do que importa. Ver os números em Les tchous, de 12 de outubro de 1999. Particularmente, a França é o primeiro exportador mundial de produtos agrícolas, logo à frente dos Estados Unidos. Portanto,

com bater a li berdade de comércio i nternacional é, no nosso caso, u m erro suicida.

2 1 9



A GRANDE PARADA

extorq u i r os não-espectadores para compensar a a usência de espectadores. e entregar aos autores o produto do roubo. Eis u m tipo de desigualdade que, como toda desigualdade estrutura l . vem disfarçada de resi stência à "ditadu ra do mercado" e à

"globalização u ltra l i beral". O mais bonito é que essa cruzada em favor da u n i formidade e do isolamento da cultura fra ncesa seja empreendida em nome do "reconhecimento da diversidade cultura l do m undo", segundo a proposta do M i n i stro do Exterior da França . 184 Será que devemos lamentar que nossos ancestrais europeus não tenham degolado o insuportável domínio da pintura ita l iana nos séculos XV e XVI ou o da avassaladora l i teratu ra fra ncesa do sécu lo XVI I I . sob o pretexto de preservar a "diversidade" cultura l da E u ropa . ou seja, o provi ncia l ismo?

Em uma sociedade onde as desigualdades não resu ltam da competição e do mercado. mas de decisões do Estado ou de agressões corporativistas endossadas pelo Estado. a grande arte econômica consiste em obter do poder públ ico que ele saqueie meu vizi n h o em meu próprio benefício, se possível sem que ele fique sabendo para quem vai o d i n h e i ro que l h e foi roubado. Por isso existem sociedades, entre as q u a i s a França é um exemplo i mporta nte . onde cerca de metade da pop u lação vive. n o todo ou em parte, do dinheiro públ ico, por vias d i retas ou através de i ntermed iários , enqua nto a outra metade sozinha paga os i m postos mais pesados. É claro que boa parte desses ganhos de origem estatal constituem a j u sta recompensa pelo traba lho, mas uma parte não menos i mportante rem u nera privilégios e fi nancia o clientelismo. Em suma. a classe pol ítica troca votos por dinheiro.

Dezenas de l ivros e m i l h a res de a rtigos abordara m o tema da p i l hagem do d i n h e i ro p ú b l i co na Fra nça . Mas o Estado recusa-se a tentar recuperá - l o . agravando ass i m progressiva mente seu déficit e . conseqüentemente . a u mentando a carga tributári a . Entre os beneficiários dessa d i lapidação, às vezes m u ito próxim a de u m desvio cri m i n oso. estão i n ú m eras associações que goza m das

vantagens de uma lei elástica que lhes permitisse tudo sem qualquer controle e cujo funcionamento foi bem dissecado por Pierre-Patrick Kaltenbach em seu clássico *Associations lucratives sans but lucratif*. "Quando você não tem mais fé para convencer nem coragem para comandar", diz ele na revista *Débat*, "só lhe resta corromper". E acrescenta: "Com o déficit e a dívida que permitiram financiar o status quo e os direitos adquiridos sociais, as sociedades ditadas sem fins lucrativos foram o principal expediente da nossa época." O

aumento do déficit, do endividamento e da carga tributária só podem ter a aprovação citada por Lesch, em 12 de outubro de 1999.

220

MEDO DO LIBERALISMO

vação daqueles cujos privilégios eles financiam, em um país onde o prato do imposto sobre a renda é tão pequeno que somente a metade das famílias, como eu já disse, pagam esse imposto, sendo que 20% delas pagam 80% do volume total. Pode-se replicar que esses são os mais ricos. Não: os verdadeiros ricos já transferiram suas fortunas, há muito tempo, para o exterior. Os que pagam o imposto direto hipoprogressivo são os trabalhadores que recebem salários mais altos, ou seja, a camada superior da classe média, e que, em geral, alcançaram essa posição por sua própria capacidade. Para eles, a sonegação fiscal é impossível e a expatriação cada vez mais tentadora. 185

Pode-se alegar também que o aumento contínuo dos encargos sociais, do déficit e do endividamento justifica-se através de uma política social de ajuda aos mais carentes, aos desempregados e aos "excluídos". Seria um bom argumento se, de um lado, a política econômica dos diversos governos franceses e vários outros governos europeus não tivesse feito de tudo, desde 1980, para aumentar o número de desempregados e de excluídos; e de outro lado, se as verbas geradas pelos recolhimentos compulsórios servissem, realmente, para socorrê-los com eficácia e honestidade. Acontece que não é o caso. Le Point, por exemplo, publicou um levantamento minucioso sob o título "Os aproveitadores do subúrbio". 186 Mostra que os bilhões distribuídos aos bairros de periferia e às "zonas francas" (as empresas que se instalaram nessas periferias caóticas recebem gordas subvenções) são, em grande parte, desviados por associações-fantasma, até mesmo mafiosas, por agências de urbanização cheias de

mesas e cadeiras ocupadas por ninguém, e que recebem honorários em troca de projetos que nunca sairão do papel. Novamente, é o Estado fazendo tudo menos seu trabalho que deveria ser o de controlar e sancionar, depois de ter arrecadado e distribuído. Mas, nesse caso, ele perderia sua clientela.

Uma verdadeira política social tem como foco diminuir o número de desempregados e não arrecadar e pillar cada vez mais para poder sustentar um número cada vez maior de desempregados. Acontece que um relatório do Conselho Econômico e Social 187 lembra que, de 22 milhões de trabalhadores efetivos ou potenciais em 1973, a população ativa elevou-se para 26 milhões em 1994, ou seja, um aumento de 4 milhões de trabalhadores em atividade ou disponíveis para o trabalho. Ora.

dos terços desses 4 milhões tornaram-se desempregados recebendo segundo-185 Sobre a pillagem danosa, ver também Louis Bériot, Abus de bien public [Abuso da Coisa Pública], Plon, 1998, e Le Débat n. 71.

186 Le Point, 4 de junho de 1999.

187 Michele de Mourgue, Projet d'avis du Conseil économique et social sur la conjoncture [Projeto de Parecer do Conselho Econômico e Social sobre a Conjuntura], 19 de junho de 1997.

221

A GRANDE PARADA

semprego ou beneficiários de empregos artificiais "mantidos" com dinheiro público. Portanto, o número de trabalhadores reais no mercado, aqueles que recebem um salário economicamente justificado, baixou em 900 milhões em 21 anos. Assim, o velho engodo do "Pacto europeu para o emprego" foi retomado, uma vez mais, na reunião de cúpula europeia de Colônia, em junho de 1999. Esse "pacto", no entanto, nada mais é do que uma sequência de lugares-comuns e, ao mesmo tempo, uma confissão de fracasso e de impotência. Porque se existe um pacto para o emprego é porque existe desemprego! Ora, os países "cor-de-rosa" consideram-se moralmente e socialmente superiores aos países liberais porque têm um pacto para o emprego.

É como se um inválido, com uma perna engessada, se considerasse superior, em termos esportivos, a um corredor que tem as duas pernas em bom estado porque ele, o inválido, pelo menos tem um projeto de

caminhar no futuro. Quando se tem , como a Europa em 1 999, u m índice médio de desemprego de 1 0% e dez m i l hões de traba l hadores na i n formalidade, é natura l que se prefira discursar sobre os planos para o futuro a contabil izar seus feitos atua is. E , para passar o tempo , sempre se pode debochar dos "biscates" (leia-se: empregos reais) norte-americanos. No fi nal de 1 999, embora o índice de desemprego na França tenha sido certamente reduzido, ele a i nda representava duas vezes e meia o índice norte-a mericano.

U m a visão adm i n i strativa do trabal h o traduz-se, na E u ropa , e principa l mente, na França , pelo hábito de contabi l izar o n ível de emprego em cada empresa considerada isoladamente, como se ela fosse u m departamento m i n isterial. e não no con j u nto do país. I s s o explica a reivi ndicação feita pelos com u n i stas e p e l a extrema esq uerda na m a n i festação de 1 6 de outubro de 1 999, em Paris, no sentido de serem proibidos os "planos de demissão vol u ntária" e a idéia socialista de condicionar a autorização para esses pla nos de redução do n ú mero de empregados à adoção pela empresa da semana de traba l h o de 3 5 horas.

É l i e H a lévy, em seu necrológio de Georges Sorel . publicado na Revista de Metafísica e Moral de outubro-dezembro de 1 92 2 , lembra que Charles Ma u rras (que o incoerente Sorel chegou a aprovar, em uma certa época) foi "o teórico da paz social sob a proteção do Estado". 1 88 A esquerda , nesse debate , comprova novamente sua defesa i nconsciente das teses de d i reita . Ela quer garantir um emprego permanente a todo traba l hador em toda empresa , condenando, assi m , toda a econom i a à i mobi l idade e a l i mentando u m elevado índice de desemprego globa l . Ela não quer enxergar que, no país vizi nho, tomado em conjunto, tem-se ao mesmo tempo 1 88 Commentaire (n. 58, verão de 1 992) reproduziu esse texto de Élie Halévy.

222

MEDO DO LIBERALISMO

flexibil idade e pleno emprego. Ela precon iza sem o saber a pol ítica protecio n i sta e protetora seguida por Franco até 1 959, ano em que a falência da economia espan hola o obrigou a recorrer ao Fu ndo Monetário I nternacional e aos economistas l i bera i s do Opus Dei. Na França , a i nda é u m sacrilégio d izer que a flexib i l idade faz crescer o índice de emprego na popu lação ativa considerada em con j u nto. Ao contrário, o antigo com u n i sta e recentemente presi dente do Consel h o , Massi mo D'Alema, consagrou todo u m discurso, em

setembro de 1999, ao "fim do fim do emprego vitalício" e aos benefícios da "flexibilidade" sem suscitar a ira dos italianos.

Na França, protecionismo comercial, proteção aos direitos especiais e direito de propriedade dos fundos públicos são práticas que caminham juntas. Por isso as greves do inverno de 1995-96, destinadas a preservar as vantagens dos estatutos particulares das funções públicas e dos serviços públicos, foram ovacionadas pela extrema esquerda e aprovadas por grandes camadas de assalariados do setor privado, embora excluídos dessas vantagens. A esquerda condena o ganho econômico quando ele é obtido no contexto de mercado e, portanto, constantemente exposto ao risco e à concorrência. Ela o admite, e até o admite, quando ele é estatutário, e não resulta nem do esforço, nem da criatividade nem da capacidade do beneficiado. Por isso ela fica tão apreensiva com a "globalização ultraliberal". Evidentemente a esquerda; eu deveria dizer a França em geral.

O debate de 23 de junho de 1999, na Assembleia Nacional, 189 a respeito da Organização Mundial de Comércio, como preâmbulo à Conferência de Seattle, marcada para novembro, mostrou que o antiliberalismo e o antiamericanismo dos deputados de direita durante essa discussão eram tão marcantes, senão mais, que os do ministério e dos deputados comunistas ou ecologistas!

Juntamente com o medo da concorrência, o medo da responsabilidade é outro motivo para se aferrarem à uma sociedade estatizada. Esses dois temores exerceram poderosa influência sobre os sentimentos daqueles que se recusam a reconhecer o fracasso das sociedades comunistas, nas quais tanto a concorrência quanto a responsabilidade desapareceram.

Todo coletivo é, por natureza, irresponsável e considerado como tal. mesmo nas sociedades só parcialmente coletivizadas. Seguindo a mentalidade estatizante, uma companhia nacional não precisa prestar contas sobre seus erros. Nem seus empregados. Em 1986, o governo francês esboçou um projeto de política salarial para os transportes públicos, parcialmente baseado em mérito. Era um governo de 1991 Primeira sessão. Resumo analítico, "Declaração do Governo sobre a Organização Mundial do Comércio".

sta . A i mediata revolta dos 2 1 m i l condutores da SNCF e dos 3 . 249 maquinistas da RATP (Transportes Pa risienses) ' determ inou sem demora uma heróica reti rada do governo, que se mostrou compreensivo já que ele também gozava do privi légio da i rresponsab i l i dade. É a grandiosa tradição francesa d o Estado "forte", pri ncipal mente na hora de correr, e "cu j a celeridade leva à celebridade" como dizia o Pa i U b u · · montado em seu cava lo pronto para disparar.

As vantagens conced idas através de opções (stock options) aos d i rigentes de empresas capita l i stas ou o montante dos bôn us que l hes são pagos quando deixam as empresas fazem cora r de indignação as massas e as el ites de esquerda. Por mais criticáveis que sejam essas somas, já que revelam um capita lismo nomenclaturista à francesa . elas nem chegam aos pés dos 1 50 bil hões que desapareceram nas profu ndezas do banco "nacional" Crédit lyonnais, perdidos pela combi nação de incompetência e desonestidade da el ite estatal . No setor privado, pelo menos os prêmios são regulamentados pelos acionistas, que n i nguém obriga a i nvest i r nessa ou naquela empresa . Quanto a o "ra lo" d a s perdas "nacionais", ele foi tapado pelos contri b u i ntes; o governo, principa l culpado pelas perdas, extorq u i u - l hes o montante necessá rio, praticamente sem que eles o percebessem .

Quando os fu ncionários do Ministério da Fazenda, alarmados pelos desmandos que sangravam o banco nacional izado Crédit lyonnais, enviaram ao m i nistro, então Pierre Bérégovoy, uma nota a esse respeito, ele respondeu com u m comentário seco, na marge m : laissez faire M. Haberer · (o então Presidente e Diretor Geral do ba nco saqueado pelos am igos do Presidente da República e do PS) . Nesse caso o Jaissez faire é uma excelente coisa para a esquerda . Quando Jaissez faire se aplica a u m empreendedor que cria e di rige uma empresa geradora de riqueza , a esquerda o considera como uma execrável exploração do proletariado.

O m a i s i n teressa nte é que q u a n do o Estado resolve corri g i r - l e i a -se: escamotea r - seus erros econôm icos, ele acaba por agravá-los. Ele pode ser comparado a u ma ambulância que, chamada pa ra atender u m acidente na estrada, passasse d i reto a toda velocidade, mata ndo os ú lti mos sobreviventes. Para masca rar, como se fosse poss ível . o rombo criado no lyonnais por sua estupidez e

*

N. do T.: SNCF e RATP são siglas que correspondem, respectiva mente, à Rede Ferroviária Nacional da Fra nça e à cooperativa q u e a d m i n istra os trens de Paris, i n c l u indo o metrô .

N . do T . : Pai U b u - person a gem principal da comédia bu rlesca Ubu Rei, de Alfred Jarry, escritor francês do século XIX, que sati rizava a burgues i a .

-

N . do T . : " Deixem Haberer c u i d a r disso " . O autor novamente faz u m jogo de palavras c o m a expressão

/aissez faire na frase segui nte (ver notas do Capítu lo 4).

224

•

MEDO 00 LIBERALISMO

canalh ice, o governo cri a . em 1 995, um com itê batizado de "Consórcio de Execu

ção", encarregado de "executar", o melhor possível , os créditos duvidosos do banco.

Proeza : o tal con sórcio a u mentou as perdas em pelo menos cem b i l hões ! 19º Foi a direita . agora no poder, e sempre se desdobrando para apagar os erros e as trapaças da esquerda , quem i nventou essa ridícu la "pompa das phynanças". O custo desse milagre estatal elevou-se a três m i l francos por cidadão, em média, tendo sido bem mais alto, na rea l idade, para a pequena parte dos cidadãos que, soz i n h a , paga a maior pa rte do i m posto sobre a renda. Mas ao menos eles tiveram a satisfação de d izer que, nesse caso. escaparam ao ri sco neolibera l .

E i sso n ã o foi tudo. Em 1 999, o lyonnais, agora privatizado, precisou gastar quatro m i l hões de dólares pa ra l ivrar-se da perseguição da j u stiça norte-a mericana. devido ao papel que o Banco havia desempenhado ao sustentar com nosso d i n h e i r o o escroque ita l iano Giancarlo Parretti quando ele comprou a Metro Goldwyn Mayer. apenas para levá-la, rapidamente, a uma falência fraudu lenta. O

lyonnais havia emprestado a Parretti dois bilhões de dólares,

totalmente perdidos para o banco e portanto para nós. Seus dirigentes alegaram ter sido vítimas de um

"abuso de confiança". "Quando estudamos em detalhe o dossiê de certas transa

ções", declarou a respeito o ministro adjunto da Justiça norte-americana encarregado do caso. essa explicação não se sustenta. "191 O Banco não foi vítima. e sim cúmplice. e sem dúvida por decisão política: não é sabido que Giancarlo Parretti tinha um escritório na Rua Solferino. em Paris. na sede do Partido Socialista Francês, junto ao qual ele representava o PS italiano?

Esse golpe de mestre não é uma exceção, e sim um exemplo do modo de agir estatal. Há várias décadas, cálculos conservadores e convergentes estimam em 400 bilhões de francos por ano (valores de 1999) o montante do dinheiro público dilapidado pelo Estado e pelas coletividades territoriais. Tão espetaculares quanto essas pilhagens. que são também roubos, parecem ser os esforços de nossos dirigentes para mantê-las nesse nível. Nem as radiografias impiedosas feitas pelo Tribunal de Contas do Estado e pelos Tribunais de Contas Regionais, nem os livros, artigos. nem meros especiais de jornais e revistas, estudos de economistas que devem ter chegado, há muito tempo, até a mesa de nossos presidentes, ministros ou representantes eleitos regionais, não os levou a esboçar um gesto sequer para diminuir um pouco o fluxo dessa hemorragia clientelista. que nada tem a ver com 190 Ver os detalhes no periódico mensal Capital, n. 94, julho de 1999.

191 International Herald Tribune, 14 de outubro de 1999.

225



A GRANDE PARADA

a verdadeira solidariedade ou com a "Europa social". O aumento escorchante da carga tributária, na França, não serve nem para criar empregos nem para aliviar os problemas daqueles que não o têm, não serve nem à causa da produtividade nem à da solidariedade. Ele serve, antes de tudo, para tapar os buracos cavados pelas pilhagens e pela incompetência de um governo que se recusa a efetuar reformas em sua gestão, assim como recusa as coletividades locais, também caracterizadas pelos gastos desenfreados e pelo desprezo aos

contribuições. A volta do crescimento ajudará a França a suportar suas doenças por alguns anos mais. Mas será que ela poderá curá-la? Se puder, não será graças ao Conselho Tributário, onde a ideologia substituiu a especialização, e onde os membros, que falamos mais como políticos do que como técnicos, parecem ter aprendido economia com Alano Krivine ou Arlette Laguiller. * O público poderia estar se perguntando se a propor

ção anormalmente elevada de "excluídos" na sociedade francesa não seria fruto dessa sangria debilitante, mais que do "horror ultraliberal". Mas a opinião pública, coitada, é muito ingênua e muito bem instruída para se fazer essa pergunta, pois, constantemente, lhe é incutida a idéia de que todo mal vem do liberalismo. Acho que a França é um caso ligeiramente teratológico. Por isso mesmo é um caso interessante e significativo. Para muitos de nós, o governo não é responsável pelas consequências de sua gestão. Só podem constituir falhas, roubos, infrações, injustiças ou tragédias os atos cometidos no setor privado.

O sonho de uma sociedade irresponsável, na qual o poder dos governantes e os ganhos dos governados não têm qualquer relação direta com a capacidade de uns e o desempenho dos outros, continua sendo uma tentação que persiste no coração de cada um de nós. Ela explica a nostalgia do comunismo ou a esperança de que surja um absurdo e impossível equivalente pós-comunista do comunismo. Daí vem esse paradoxo, observado em alguns "ex-países do Leste": às vezes, eles têm mais dificuldade de se livrarem mentalmente da lava pós-comunista do que tiveram para escapar fisicamente da prisão comunista.

Yuri Orlov¹⁹² apresentou a descrição mais concisa e, ao mesmo tempo, mais esclarecedora daquilo que poderíamos chamar, utilizando uma expressão da psicanálise, o ganho secundário do comunismo. No socialismo totalitário, "o cidadão", diz ele, "é liberado de grande parte da responsabilidade pelo resultado do seu NT. : Autores comunistas franceses. Arlette Laguiller foi candidata ao governo da França, em 1995, pela ala trotskista, tendo obtido 5,33 dos votos, nas eleições que Lionel Jospin saiu vitorioso.

192 Op. cit.

trabalho". Porém, "para que sua parte de irresponsabilidade no campo profissional lhe seja perdoada, a lealdade ideológica é mandatória". Aliás, já de saída, essa lealdade ideológica lhe dá direito a um emprego. Todo indivíduo que aceita se aniquilar perante o Partido ganha em troca um emprego garantido. É claro que o pagamento é muito medíocre (equivalente a dez dólares por mês, em média, no caso de Cuba, em 1999, por exemplo); e, por isso, em contrapartida, bem pouco trabalho lhe é exigido. O emprego quase sem trabalho e quase sem salário é vitalício. Foi daí que surgiu a brincadeira, muitas vezes ouvida pelos visitantes da URSS de outrora: "Eles fingem que nos pagam, nós fingimos trabalhar." Orlov, ele mesmo um pesquisador científico, cita casos em que colegas cientistas ficaram vários meses ausentes dos laboratórios ou forneceram resultados fraudulentos, sem que fossem objeto de qualquer sanção. Na verdade, as promoções resultam da fidelidade ideológica, mais do que da competência profissional. "A alocação de trabalhadores em postos que não correspondem às suas qualificações, mas que dão direito a uma remuneração superior, o exagero na descrição dos trabalhos executados para fins de cálculo dos prêmios" são gratificações comuns, mas concedidas apenas aos cidadãos leais. Tal subserviência política, sem restrições.

implica o sacrifício da liberdade e da dignidade daquele que se curva. Mas sua existência não é desprovida de conforto material. É fácil entender que uma população acostumada, há várias gerações, a essa mediocridade melosa e dócil, não possa suportar muito bem ser jogada, subitamente, nas águas turbulentas do regime da livre concorrência e da responsabilidade.

Quando ouvi certos ecos das sociedades anteriormente comunistas da Europa Central, percebemos que elas esperavam que a democratização e a liberdade

ção de seus países mantivessem o direito ao emprego e à ineficiência, garantindo-lhes, ao mesmo tempo, o nível de vida da Califórnia ou da Suíça. Não lhes passa pela cabeça que, a partir do momento em que existe a escolha entre um automóvel de má qualidade Trabant, fabricado na Alemanha Oriental, e um carro melhor fabricado no Ocidente, pelo mesmo preço, os clientes, começando pelos próprios alemães orientais, comprarão o segundo. Assim, muito em breve as fábricas da Trabant terão que fechar - o que de fato ocorreu.

O descontentamento dos alemães orientais e de Berlim traduziuse, em 1999.

pela subida eleitora l do partido ex-comun ista rebatizado Partido Socialista da Alemanha (SDP) . em detri mento do SPD de Gerhard Schröder. Ao contrário, na parte Ocidenta l . o SPD também recuou, mas em benefício da d i reita democrata cristã , a 227

A GRANDE PARADA

CDU . A hostilidade ao social ismo rosa pál ido de Schröder e verde-maçã dos ecologistas gerou , na parte Ocidenta l . u m apelo por mais l i bera l ismo, e na pa rte Oriental , uma aspiração por maior controle estata l .

N o entanto, nenhuma outra população saída d o regime com u n i sta recebeu , o u poderia son har e m receber, a a j uda que receberam o s habitantes d a ex-RDA. N o momento d a reu n i ficação, e m 1 990, a decisão (tomada por Helmut Koh l por razões pol íticas e psicológicas, contra a recomendação do Bundesbank) de adotar a taxa de câmbio de um marco orienta l contra um marco ocidenta l foi um presente magnífico. Imagi nemos que todos os fra nceses possam trocar suas economias em francos pela mesma quantia em dólares ou em francos suíços ! Em segu ida , de 1 989 a 1 999, a Alemanha Ocidenta l nvest i u na recuperação econômica da parte oriental o equ ivalente a cinco tri l hões de francos , ou seja, cerca de 765 b i l hões de euros. • Nada mal para uma população de 1 5 m i l hões de habitantes. No entanto, os assis conti n ua m a acusar seus benfeitores a lemães ocidentai s , os wessis, * * de mesq u i n haria ! I nvestimentos não i m pedem ressentimentos. Porque, para dar frutos , os i nvestimentos pressu põem a aceitação e a prática de u m regime de concorrência e de responsabil idade. Todo n ível de vida elevado tem esse preço .

...

Quando Lionel Jospi n , Pri meiro- M i n i stro da esquerda dita p l u ra l . pronu nciou sua frase de bom senso: "Não é com a lei ou com regras escritas que podemos regular a econom ia", d u rante u m pronunciamento na televisão, em 1 3 de setembro de 1 999. os com u n istas, os "verdes", boa parte dos socia l i stas e . é claro . a extrema esquerda, logo se i n s u rgiram contra essa verdade, que os escandal izará . Ela parecia sinal izar a confissão de uma transição ao l i bera l ismo. Nas semanas segu i ntes, o pri mei ro- m i n i stro dá marcha a ré e os soci a l i stas mais próximos a ele se esfor

çam para corrigir sua proposta imprudente, ou mesmo despu dorada , e

atenuar seus efeitos desastrosos. "Não, nós não somos liberais!"
brada o Ministro da Fazenda.

Dominique Strauss-Kahn, no Le Nouvel Observateur. 193 "Os soci-
alistas franceses querem ser modernos, mas não liberais", publica
Les Échos em um artigo que resume os diversos pronunciamentos dos
cruzados da economia burocratizada. 194

"O PS afirma que o governo não sofreu uma viragem liberal", anun-
ciava, alguns

*

N. do T.: Aproximadamente 1,8 trilhão de reais, em valores de
junho de 2002.

**

N. do t: Espécie de apelido dado às pessoas do lado oriental (öst em
alemão) e do lado ocidental (west em alemão).

193 Em 7 de outubro de 1999. Considerando a "evisceração"
tributária a que ele nos submeteu, essa afirmativa é questionável.

194 Em 6 de outubro de 1999.

228

MEDO DO LIBERALISMO

dias antes o mesmo jornal, afirmação que só reflete meia realidade.
195 Chovem discursos nesse tom na imprensa escrita e falada, como
se fosse preciso reconsagrar urgentemente uma igreja profanada.

A explicação mais freqüente para essa rejeição ao liberalismo na
França, inclusive pela própria direita, ou quase toda a direita,
alega o que seria, aparentemente, uma velha tradição estatizante
ancorada em nossa mentalidade desde os nossos ancestrais. Repete-
se que a França sempre foi um país de governo dominante, que é
essa sua vocação milenar, sua natureza íntima, sua identidade
cultural. Essa qualidade adistingue e a protege, felizmente, da
anarquia liberal e da barbárie

"anglo-saxônica". De Colbert a de Gaulle, de Robespierre a Mitterrand.
do jacobinismo ao bonapartismo, do pansismo ao socialismo,

tanto à direita quanto à esquerda, adoramos o Estado e clamamos por uma economia regulamentada .

Pena que essa versão da história seja uma fábula de criação recente. Forjada durante a segunda metade do século XX, ela serve para dar ares de nobreza retrospectiva ao apetite e à megalomania dos poderes públicos desde 1945 . A França de Colbert seria inimiga da economia de mercado? Ouçamos o que dizia o próprio Colbert: " Uma empresa sustentada pelo Estado, se não produz lucros em cinco anos deve ser abandonada. " Será que nosso Estado contemporâneo abandonou no tempo certo a SNCF, a Air France, o Crédit lyonnais e outros escoadouros da riqueza nacional ? Não. Então deixemos Colbert em paz.

Colbert não foi o único a ser traído pelos comentários tendenciosos . Por isso devemos receber com alguma obra em prol da universalidade intelectual e da justiça histórica o livro *Aux sources du modèle libéral ! français ! Origens do Modelo Liberal Francês !* . obra coletiva publicada sob a direção de Alain Madelin e que reúne contribuições de 31 autores, todos eminentes economistas, historiadores e filósofos . 196

Dessa coletânea rica e detalhada podemos extrair principalmente três lições.

A primeira é que os grandes precursores do liberalismo, no século XVI II , encontram-se na França ao mesmo tempo, ou até anteriormente ao seu surgimento na Escócia ou na América . Com certeza , a origem básica do liberalismo moderno continua sendo o Tratado sobre o Governo Civil de John Locke (1690) . Mas foi o pensamento econômico francês, a começar por Turgot , que influenciou o autor da obra *Riqueza das Nações* (1776) . o escocês Adam Smith , e não o inverso; esse 195 Em 21 de setembro de 1999.

196 Perri n , 1997 .

229

A GRANDE PARADA

mesmo pensamento influenciou Thomas Jefferson , não o inverso. Foram os fisiocratas , em um célebre artigo da Enciclopédia, que, pela primeira vez, defenderam a liberdade de comércio.

A segunda lição é que, contrariando os defensores da versão

"bolchevique" da Revolução Francesa, que consi ste em privi legia r 13 meses de ditadura j acobi n a em detri mento de dez a nos de m uanças, a h i stória n ã o maqu iada n o s ensina que a Revolução foi, em seus pri ncípios fi losóficos e em suas reformas l ega i s, fundamenta l mente l i bera l . Ela foi host i l à propriedade coletiva, i ntransigente com rela

ção aos d i reitos de propriedade i ndividuais. Ela constru i u u m arcabouço legislativo que varre u todos os entraves corporativi stas e regulatórios do Antigo Regime, estabelecendo sem equ ívocos e sem restrições a l iberdade de empresa, a l iberdade de trabalho, a l iberdade de circulação de mercadorias e a l iberdade bancária. O

período de governo centra l izador camponês - com seu controle de preços, confisco de col heitas, frouxidão monetária - foi apenas um pa rênese que term i nou e m pen ú ria e falência .

Fi nal mente, a tercei ra l ição original: como j á mencion e i, 197 foram os l i berais do sécu lo XIX os pri m e i ros a leva ntarem o que se chamava na época "questão socia l "

e a responderem a ela através da criação de diversas l e i s que originaram o moderno d i reito soci a l . Além di sso, os pa íses l i berais são os que têm o si ndica l ismo mais forte.

A esse respeito, podemos reler dois a rtigos de Armand Laferrere, publicados em Commentaire (primavera e verão de 1998, nll 81 e 82). i ntitu lados respectivamente " D i reito traba l h i sta, j ustiça classista" e "O argumento da j ustiça soci a l " .

Para Armand Laferrere, a opção francesa de "igualdade mais que l i berdade" é uma h i pocri s i a . Há menos l i berdade, mas não menos desigualdades na França que nos Estados U n idos ou na Grã-Bretanha. Nossas desigualdades são diferentes das deles. Elas resu ltam de vantagens distribuídas pelo governo central ou pelas adm i n istrações loca i s . Os franceses só condenam as desigualdades de renda e de patri mônio pessoal Eles admitem e até respeitam as desigualdades que resu ltam de privi l égios concedidos à classe pol ítico-adm i n i strativa-associ ativa-sindica l e por ela: a utomóveis e moradia, transportes, correio e telefone gratu itos, regi mes

*

N. do T.: Obra coletiva monu mental do sécu lo XVI I I, d i rigida por d 'Alembert e Diderot, e para a q u a l contribu íram i n ú meros filósofos, escritores e c ientistas fanceses, que passaram a s e r

chamados de

"enciclopédicas". A obra tinha por objetivo fazer um balanço do progresso humano e em todas as áreas do conhecimento, até aquela época.

197 Ver Capítulo 11.1.

230

MEDO DO LIBERALISMO

especialmente de aposentadoria, muitas vezes concedidos a funcionários realmente úteis. mas também a uma multidão de parasitas domesticados. que o poder público presenteia com seus favores. às custas dos contribuintes "privilegiados", ou seja, justamente aqueles que não gozam de nenhum privilégio e que ganham seu dinheiro por seu próprio esforço.

A resistência francesa ao liberalismo provém, de um lado. como bem analisou Tocqueville na obra *l'Ancien Régime et la Révolution*, do fato que os franceses colocam a igualdade acima da liberdade; por outro lado. deriva do fato, que ele não enxergou tão bem. de que eles aceitam as desigualdades quando elas são causadas pelo governo e não pela concorrência entre diferentes desempenhos. Isto pode ser comprovado, principalmente, talvez. no campo da cultura, onde nossos artistas e intelectuais lutam, incansavelmente, para obter financiamentos oficiais e para defender a "preferência nacional" tão estimada por Le Pen, escondendo-se, como o dizem os de esquerda, atrás do tapa-sexo da "exceção cultural".

Por exemplo, se um autor e um diretor de teatro montam uma peça com capital privado e ela é um sucesso de público. e se eles ganham, digamos, alguns milhões no período de um ano. eles correm um sério risco de serem desprezados por terem feito concessões à prática abjeta de comercializar o teatro. Por outro lado, se um autor dramático e um diretor, desta vez com uma subvenção oficial do mesmo valor.

montam uma peça de teatro tão boa ou tão má quanto a primeira, que será apresentada duas vezes para uma platéia convidada e depois sairá de cartaz, eles serão considerados como grandes homens que se sacrificam a uma concepção "exigente" (e com o!) de sua arte. Os primeiros deram vida a uma troupe, empregaram técnicos. decoradores. garçons. bilheteiros. contadores e recepcionistas. durante 12 meses, pagaram a aluguel e impostos. mas nada mais são do

que comerciantes.

Os outros esvaziaram o bolso dos contribuintes aproveitando para seu próprio lucro os favores de um ministério: esses são elogiados pela crítica e convidados para o garden party no Palácio do Eliseu. no 14 de julho.

O que os franceses detestam não são as desigualdades. e sim as desigualdades não concedidas pelo governo. A melhor prova disso foi a popularidade que ganhou as greves de serviços públicos do inverno 1995-96. A finalidade dessas greves era de impedir a revisão das vantagens exorbitantes em relação ao direito comum - privilégios no sentido estrito da palavra - de que gozam. na França. os assalariados do setor público em relação aos do setor privado. Ora, os grevistas foram aplaudidos até mesmo pelos funcionários do setor privado, vítimas e finanças-231

A GRANDE PARADA

dadores desse sistema desigual. e pelos sociólogos da extrema esquerda, teoricamente os paladinos da igualdade, na prática eles mesmos privilegiados, invulneráveis, subvencionados de forma vitalícia, em troca de muito pouco trabalho, pela sociedade que eles parecem querer destruir.

Esta crença profundamente arraigada na cultura francesa - as desigualdades criadas pelo poder e pelas instituições públicas são boas, aquelas resultantes das diferenças de eficiência entre os indivíduos são más - explica o permanente fracasso do liberalismo na França, mas contraria a doutrina dos clássicos do liberalismo francês. e não apenas dos "anglo-saxões".

No capítulo de sua obra Souvenirs et Recordações. onde ele relata os trabalhos da Comissão Constituinte, em 1848, Tocqueville observa que um conservador como Vivien é tão estatizante-centralizador quanto Marrast, que "pertencia à raça ordinária dos revolucionários franceses que sempre entendera a liberdade do povo como sinônimo de despotismo exercido em nome do povo". Tendo assinalado, então, que esta súbita concordância entre um homem de direita e um homem de extrema esquerda em relação à idolatria do Estado não o surpreendeu, Tocqueville acrescentou:

... Eu já havia notado, há muito tempo, que o único meio de levar um conservador e um radical a falarem a mesma língua era atacar, não na aplicação

ção. mas no princípio, o poder do governo central. Basta isso para

vê-los se atirarem um nos braços do outro. Portanto, quando pensamos que não existe nada entre nós que estejamos salvo das revoluções. eu digo que nos enganamos, pois existe a centralização. Na França, só há uma coisa que não se pode fazer: um governo livre, e só há uma instituição que não se pode destruir: a centralização. Como ela poderia morrer? Os inimigos dos governos a amam e os governos a prezam. Estes percebem, é verdade, de tempos em tempos, que ela os expõe a desastres repentinos e irremediáveis, mas isso não lhes causa nenhum desgosto. O prazer que ela lhes proporciona, de se meterem em tudo e de ter todos em suas mãos, os ajuda a suportar os riscos.

O que nos ensina Tocqueville nessas páginas continua válido atualmente. De fato, a maioria dos franceses ama o Estado mais que a liberdade. Tocqueville insiste muitas vezes nesse gosto francês pela centralização estatal e, em certos aspectos, concorda com aqueles que alegam suas origens remotas no passado.

232

MEDO DO LIBERALISMO

Mas também tem origem bem antiga o pensamento liberal francês, mesmo se nós o colocamos em prática muito menos do que os ingleses ou os norte-americanos.

Vale ressaltar que a economia regulamentada propriamente dita adquiriu seu atual papel preponderante na França, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial.

A esquerda unida dos socialistas aliados aos comunistas, desde sua subida ao poder em 1981, engordou ainda mais esse modelo, provocando, ao mesmo tempo, seu enfraquecimento. 198

Mas, como já cansamos de constatar, o socialismo nunca tem relação com seus próprios fracassos. As "políticas de emprego" que resultam em recordes de desemprego não perturbam nenhuma alma "voluntarista", nem quando o desemprego cai devido ao progresso da liberalização. Seguindo os jornais e autores de esquerda, o liberalismo é responsável pelos fracassos socialistas, as democracias são responsáveis pelo caos deixado pelo comunismo atrás de si mesmo, as Nações Unidas são responsáveis pelo racismo que leva as etnias africanas a se massacrarem e o Banco Mundial, com a ajuda do Fundo Monetário Internacional, é responsável pelo desvio da ajuda internacional pelos ditadores dos países pobres, assim como a

Organização Mundial do Comércio é responsável pela recusa dos países subdesenvolvidos, particularmente a China, em aceitarem as cláusulas trabalhistas que ela gostaria que eles adotassem.

* * *

As imprecações rotineiras contra o liberalismo são ainda mais surpreendentes se considerarmos que, depois da extinção do socialismo, todos os governos do mundo caminham a passos largos nessa direção. Os governos que exprimem as críticas mais acerbas ao liberalismo, fazem na prática o contrário daquilo que professam na teoria. Alguns o fazem de má vontade, como os governos franceses de esquerda - sempre condenados a arrastar os grilhões impostos por seus aliados comunistas e por outros grupelhos tão "plurais" quanto desprovidos - ou o fazem tardiamente, extraindo assim menos benefícios do que os governos que mais prontamente captaram e seguiram o sentido da evolução mundial. Mas nenhum deles pode opor uma resistência real e duradoura a essa evolução. As declarações de reconhecimento se dissem inam por todos os países. "No Brasil, o retorno ao passado é impossível", declara Gustavo Franco, ex-presidente do Banco Central 1984. A esse respeito, ver Jacques Lesourne, *Le Modèle français, grandeur et décadence* [O Modelo Francês, Grandeza e Decadência], Odile Jacob, 1998. Ver também Richard Kuisel, *Le Capitalisme de l'État en France, modernisation et dirigisme au XX^e siècle* [O Capitalismo Estatal na França, Modernização e Centralização no Século XX], Gallimard, 1984.

233

A GRANDE PARADA

daquele país, que foi um dos mais centralizadores e protecionistas. A política econômica liberal, explica Franco, permitiu que o Brasil alcançasse estabilidade, abertura econômica, privatizações proveitosas e o retorno do investimento estrangeiro. 1999 Pode-se descrever nos mesmos termos e pelas mesmas razões a estabilização

ção da Argentina durante os dez anos da presidência Menem, de 1989 a 1999. Ao final desse período, uma recessão surgiu, mas em nada comparável ao caos encontrado por Menem quando chegou ao poder. Seu sucessor, Fernando de la Rúa, eleito em outubro de 1999, pretende seguir os passos de ... Tony Blair. É interessante notar

que a m í d i a enfatizou , sobretudo, a relativa recessão que se i n stalou d u rante o ú l t i m o ano do governo Menem . Tradução: vej a m aonde nos leva o l i b e r a l i s m o ! Sign i fica esquecer, propositadamente, que a Argentina deve a Menem a estabi l izaçã o econômica e a conso l i dação democrática . Em 1 989, a i n flação era de 5 . 000% ao ano. Nas vitrines das lojas de Buenos Ai res eram afixados, de hora em hora , cartazes com a cotação do dólar e o novo preço das mercadorias. Em 1 999, a i n flação foi de 2%. Em dez anos, o produto interno bruto a u mentou 40%.

Enfi m , a Argent i n a , desonrada por m u i t o s anos de d i t a d u r a , voltou a ser um pa í s respeitado pela com u n i dade i n t e r n a c i o n a l . Com certeza persistem o desemprego e a pobreza , mas eles recuara m . * Quando se diz que Menem "sacrificou a d i m e n s ã o s o c i a l do peronismo", deve-se lembrar que J u a n Perón , durante os nove anos de sua d i t a d u r a (1 946- 1 9 5 5) . t r a n s f o r m o u o pa í s , que em 1 939 tinha a mesma renda per capita da Grã-Breta n h a , em um pa í s subdesenvolvido. Elogiar esse experimento que ati n g i u p r i n c i p a l m e n t e as classes pobres revela uma e s t r a n h a concep

ção do que seja u m a pol í t i c a s o c i a l .

U m dos pa í s e s africanos que, s e m t e r s i d o p r o p r i a m e n t e u m s a t é l i t e da U R S S , c o p i o u s e r v i l m e n t e as receitas econômicas soviéticas, a Argélia, também diz: "Adeus ao social i s m o ! "200 A l i b e r a l i z a ç ã o e c o n ô m i c a v e m s e a c e l e r a n d o n e s s e pa í s d e s d e 1 998 , e m o d i f i c a n d o os hábitos. "Em todos os meios", diz Jeune Afrique, "inclusive os mais modestos e, sobretudo, entre os mais j o v e n s , a a b e r t u r a p a r a o m u n d o e x t e r i o r é m a i s q u e u m d e s e j o : é u m a p a i x ã o " . D e s d e a d é c a d a d e 1 980, d o i s p a r t i d o s t r a b a l h i s t a s d o h e m i s f é r i o s u l , u m n a A u s t r á l i a e o u t r o n a N o v a Z e l â n d i a , j á h a v i a m c o n s t a t a d o a f a l t a n c i a d o O / d l a b o u r e i n v e n t a d o o " b i a i r i s m o " d e z a n o s 1 99 L e F i g a r o t c o n o m i e , 12 d e o u t u b r o d e 1 999.

*

N. do T. : A publ i cação do origi n a l de J. F. Revel foi no ano 2000, anterior, portanto, a todos os aconteci m e n t o s de que, hoje, temos conhecimento a respeito da Argenti n a . Alguns dos dados mencionados pelo autor, entretanto, conti n u a m v á l i d o s .

200 Esse é o títu l o de u m a r t i g o de P a u l · Marie de la Gorce no periódico Jeune Afrique, em 31 d e agosto de 1 999.

MEDO DO LIBERALISMO

antes de Tony Blair na Grã-Bretanha. O governo trabalhista de Robert Hawke, na Austrália, reduziu impostos, as diferenças salariais e desregulamentou a economia, paralelamente ao que faz o "conservador" Ronald Reagan nos Estados Unidos.

Esta é a condição necessária para uma real política de emprego e de ajuda aos mais pobres. sustenta o primeiro-ministro New Labour desde o início: "É preciso ser idiota ou estar cego pelos preconceitos", ele comenta, "para não entender que devemos ter um setor privado vigoroso e em expansão se quisermos nos dedicar de modo eficaz a melhorar o destino do maior número possível de pessoas." A liberalização da Nova Zelândia também foi conduzida por um trabalhista, David Lange, primeiro-ministro de 1984 a 1989. Ele privatizou a maioria das empresas estatais, inclusive as companhias aéreas, as minas, a exploração de petróleo, dos recursos florestais e da eletricidade. "Os socialdemocratas", chegou a dizer Lange,

"devem aceitar as desigualdades econômicas pois elas são o motor da economia em seu conjunto."22 Teria sido para punir tanta insolência que François Mitterrand ordenou a explosão do Rainbow Warrior. barco do Greenpeace, em 1985, no porto neozelandês de Auckland? Esse atentado perpetrado pelo Estado, que resultou em duas mortes, a de um fotógrafo português e a da honra da França, não conseguiu deter a ascensão econômica da Nova Zelândia, que brilhava no momento em que a França, com sua indomável energia "progressista" se afundava no desemprego, na exclusão, na recessão e no desmantelamento monetário.203

O erro da esquerda arcaica está em desconhecer que o liberalismo não obriga ao abandono dos programas sociais. Ele obriga, é verdade, a um melhor gerenciamento desses programas. Para os socialistas franceses, o critério de uma boa política social é o montante de despesas, não a intensificação com que as despesas são efetuadas. O resultado é secundário. Assim, existe, na França, mil e cem

"baixos" marginalizados, um recorde sem precedentes nos demais países da União Europeia. Mas nós nos consideramos mais "sociais" do que eles porque "desbloqueamos" grandes somas de dinheiro para as "periferias". Para que serve esse dinheiro? De que forma ele é utilizado? A quem ele serve? Existem roubos?

Desvios? Por que esse abismo entre a grandeza dos créditos e a pobreza dos melhoramentos? Fazer perguntas como essas seria o

mesmo que se inserir em 201 Citado por Seymour Maring Lipset, "The Death of the Third Way", The National Interest, verão de 1990.

202 Idem.

203 Em 26 de fevereiro de 1985, o dólar alcançou a taxa recorde de 10,61 francos. Em 1981, a taxa de câmbio era de 5,50 francos. Mas, naturalmente, se o franco caiu à metade, a culpa é... dos

americanos.

235

A GRANDE PARADA

uma "lógica liberal", em uma sórdida mentalidade do ganho. O principal é que os

"ricos" paguem, mesmo se os pobres não recebem nada.

A Holanda e a Suécia (que estava quase falida em 1994) conseguiram liberalizar suas economias de forma semelhante à Nova Zelândia, sem que por isso precisassem renunciar ao seu orçamento social, mas gerindo melhor esse orçamento.

E, sobretudo, liberalizando fortemente a produção. A Suécia se lançou no regime de livre concorrência e de livre empresa. Ela também privatizou as indústrias, as telecomunicações, a energia, os bancos e os transportes. Seu novo surto de crescimento deve-se a empresas que, na maioria, não existiam em 1990, principalmente criadas no campo da alta tecnologia. A Holanda reconquistou um estado de pleno emprego, a tal ponto que lhe falta mão-de-obra. que ela precisa importar da Grã

Bretanha, da Irlanda e da Polônia. Esses processos de retomada de crescimento não são apenas fruto das privatizações, eles provêm igualmente de uma redução no déficit público, de um controle mais atento e rígido dos gastos sociais, a fim de eliminar os falhos desempregados ou outros tipos de abuso e de declarar guerra à assistência social como meio de vida. 204

Fecham-se as cortinas, na Europa e em outras partes do mundo, não apenas sobre o socialismo clássico, mas, também, sobre a "terceira via", retomando o título do artigo de Seymour Martin Lipset.205 Al

ias, que cemitérios de terceira via foi o século XX - ou das chamadas "economias mistas". Os socialistas franceses que, em 1981, queriam uma "ruptura com o capitalismo" tornaram-se social-democratas. Os que eram social-democratas viraram liberais, mesmo que tenham sido rebatizados de "social-liberais". A vida continua. Os antigos comunistas italianos, com seu novo partido "democrático de esquerda" tornaram-se, durante a última década do século, mais liberais que a esquerda e que a direita francesas. O resultado foi que a "Europa cor-de-rosa", tão celebrada a partir do momento em que Prodi, Blair e Schröder subiram ao poder em seus respectivos países, logo revelou-se contraditória, incoerente e mítica. Juntamente com os processos de liberalização sueco, holandês e dinamarquês, as idéias de Blair e de Schröder mostraram que os socialistas talvez fossem maioria na Europa, mas estavam desunidos.

Sua discordância veio a público quando, em junho de 1999, Blair e Schröder divulgaram um Manifesto intitulado O caminho para os social-democratas europeus. Nesse documento, eles preconizavam a disciplina financeira, o controle dos gastos. Para uma revisão sobre esses dois países, ver o International Herald Tribune, dos dias 9 de outubro e 18 de outubro de 1999, respectivamente.

205 Op. cit.

236

MEDO DO LIBERALISMO

gastos públicos, a redução do excesso de carga tributária para as empresas e pessoas físicas, a flexibilidade das leis trabalhistas, a ruptura com o modelo assistencial e o retorno à sociedade do trabalho, a redução da burocracia pública, a redefinição do papel de um Estado realmente atuante. Em suma, Blair e Schröder recomendavam exatamente o oposto de tudo aquilo que fazia, naquele exato momento, o governo francês.

De modo compreensível, nosso governo recebeu esse Manifesto como uma crítica agressiva e rígida a ele. "Blair-Jospin, o duelo das esquerdas", foi a manchete do Le Nouvel Observateur.²⁰⁶ que publicou também as opiniões do Ministro de Assuntos Europeus, Pierre Moscovici, "alocado" de Lionel Jospin, em uma entrevista intitulada:

"Não a Tony Blair!" É bem verdade que o primeiro-ministro britânico nunca esteve nas boas graças da esquerda francesa, que sempre desprezou o que ela chama de

"esquerda americana" - à qual ela considera que pertencem, por exemplo, Maria Soares e Michel Rocard. Blair havia levado muito longe o espírito de dupla colaboração - com sua classe e com os Estados Unidos - a ponto de propor ao conjunto dos partidos socialistas europeus uma união com o Partido Democrata norte-americano para criar uma confederação mundial de centro-esquerda, que substituiria a Internacional Socialista. Em outras palavras, ele estava derrubando as velhas tradições sob o pretexto de modernizar a esquerda. Quando Tony Blair foi convidado a discursar na Assembleia Nacional Francesa, ouviam-se vários deputados socialistas exclamar

"lamentável!" em tom suficientemente alto para ser percebido até mesmo pelo público nas tribunas. Por acaso o "blairismo" é outra coisa senão um "thatcherismo humanizado"? perguntava, em um excelente artigo de Temps Modernes, Philippe Marliere, que nos conta, entre outras, a seguinte anedota edificante: Por ocasião da cúpula franco-britânica de novembro de 1997, em Londres, Tony Blair conversa com Jacques Chirac. O primeiro-ministro britânico aponta ao presidente franceses os méritos de uma economia "desregulamentada" e "flexível". Chirac ouve, perplexo, e à guisa de resposta, traça o quadro de uma economia na qual surge um Estado cada vez mais intervencionista. Diante da insistência de seu anfitrião, Jacques Chirac admite, em tom jocoso, que ele não esperava precisar defender um modelo social-democrata moderado perante um primeiro-ministro trabalhista. 207

206 Em 24 de junho de 1999.

207 Les Temps Modernes, outubro-novembro de 1998.

237

A GRANDE PARADA

O que seria da esquerda, na França, sem a direita?

Revoltados com o manifesto Blair-Schröder, os socialistas franceses sentiram-se portanto vingados e mais seguros quando, durante o verão e o outono de 1999, o chanceler alemão começou a escorregar ladeira abaixo. em uma sucessão de catástrofes eleitorais, nas quais o SPD perdeu até mesmo alguns de seus mais antigos redutos políticos. A imprensa francesa de esquerda e a mídia em geral viu nesses fatos a prova da rejeição pelo eleitorado alemão das concessões do "novo SPD" ao neoliberalismo. Negl

igenciara m . ass i m , esse peq ueno deta l h e de que, exceto pelo caso m u ito particu lar. j á analisado a nteriormente, da evolução do pa rtido ex-co m u n i sta n o lado orienta l . em todas as demais zonas eleitora i s . Sch röder havia sido derrotado não pela esquerda , ou seja, os segu idores do vel ho marxista Oskar Lafontai n e (m i n i stro da Fazenda demissionário em março de 1 999) ou ai nda pelos "verdes" (q ue perdera m a i nda mais que o SPD) mas sim pela d i reita. pelos l i bera i s da CDU , o partido democrata-cri stão. Os votos não expri m i a m . portanto, nen h u m desej o de retorno ao arq ueo-socialismo. Eles apenas tornavam a i nda mais evidentes as contradições da Europa cor-de-rosa , e particularmente da Fran

ça cor-de-rosa , levadas pela correnteza l i bera l mas tentando se agarra r, em meio à enxurrada, aos ga l hos quebrados das ideologias passadas.

A "vi ragem l i be ra l " havia ocorrido h á anos com os part i dos de esquerda do Sul da E u ropa , com exceção do Pasok grego, mais do q u e com os part i dos do Oeste ou do Leste . Desde o i n ício da tra n s i ção democrática espa n h o l a , o PSOE

de Fel i pe Gonzá l ez e l i m i n o u de seu progra ma de governo a s nacion a l i zações , a s s i m c o m o fizera m os soci a l i stas portugueses q u a ndo voltaram ao poder após os dez a n os l i bera i s de Cavaco S i l va , de 1 98 5 a 1 99 5 . Mas fo i n a I tá l i a que os teóricos d a E u ropa cor-de-rosa cometera m os m a i s d ivert i dos contra-sen sos .

Recordemos a s e l e i ções gera i s de 2 1 de abril de 1 996 . Ao contrário do q u e se d isse a respeito, e n faticam ente, na Fra n ça , elas não representara m u m retorno h i stórico , a pri m e i ra vitória da esquerda desde a guerra . Os mais votados fora m os elementos de centro-esq uerda , e seus governa ntes estão m a i s para o centro do que para a esquerda . Ora , a h i stória pol ít i ca i ta l i a n a está repl etada de governos de centro-esquerda , desde a década de 1 960, o u sej a , desde q u e o Part i d o Socia l i sta começou a fazer a l i anças c o m a Democracia Cri stã . Apen a s como um dos exemplos lembramos que, e m 1 96 5 , Pietro N en n i , l íder h i stórico do PSI , foi vice-presidente d o conselho n o gabinete Aldo Moro, l íder democrata-cri stão assassinado, em 1 9 78, pe l a s Brigadas Verm e l h a s . De 1 98 3 a 1 986, foi u m 238

MEDO DO LIBERALISMO

soci a l i sta . Betti n o Craxi , quem comandou o governo de maior d u

ração na história da Primeira República.

Será que se deve ver como reviravolta histórica a participação dos comunistas em um governo dirigido pelo centrista Romano Prodi? Não, pois eles não são mais comunistas. Em 1991, repetindo o que os franceses parecem não querer reconhecer, o Partido Comunista Italiano embarcou na economia de mercado, adotando o nome de Partido Democrático de Esquerda, PDS, que se tornou membro da Internacional... Socialista. Os ministros oriundos do PDS, tão logo ingressaram no governo Prodi, passaram para a centro-esquerda, já tendo se passado cinco anos desde que isso ocorre.

Por outro lado, e esse é um segundo erro que precisa ser corrigido, essa centroesquerda não conseguiu uma vitória esmagadora em 1996. Não houve um maremoto de esquerda. Bem ao contrário, a chamada coalizão "da Oliveira" obteve, em todo o país, menos votos que o total dos partidos de direita, mais precisamente 428.894 votos a menos. No entanto, se "a Oliveira" obteve legitimamente nas duas câmaras mais assentos do que seus adversários, foi porque três quartos dos parlamentares são eleitos pelo voto majoritário único em primeiro turno. Ora, a esquerda soube manter-se unida, apresentando um só candidato em cada circunscrição.

A direita, ao contrário, dividida, apresentou quase sempre vários candidatos rivais, um erro que as urnas não perdoam nesse tipo de escrutínio.

Finalmente, o programa de Romano Prodi não era diferente do programa de redução do déficit e de defesa da moeda que prevalece em toda a Europa desde o Tratado de Maastricht. Ele se baseou expressamente na política adotada pelo Chanceler Kohl na Alemanha, tendo como objetivo a entrada da lira no sistema monetário europeu e o atendimento aos critérios de Maastricht com vistas à moeda única. Prodi também implementou privatizações, começando pela das telecomunicações, executada imediatamente.

Os dois únicos partidos italianos que se opuseram a essa política liberal europeia foram, à direita, a Aliança Nacional (ex-fascista) e, à esquerda, a Refundação Comunista, minoria do PCI que recusara a social-democratização de 1991 continuando fiel ao marxismo.

No final de 1998, D'Alema sucedeu a Prodi no governo. O fato do presidente do PDS ter-se tornado presidente do Conselho motivou pulos de alegria nos arqueosocialistas europeus. Imaginem! um

com u n i sta à frente do governo ita l iano! Somos levados a crer que a cegueira quanto aos fatos h istóricos é uma consequência 239

A GRANDE PARADA

inel utável das convicções marxistas. Em seu prefácio de um l ivro de Dom i n ique Lecourt sobre Lyssenko,208 Lou is Althusser escreveu : "Marx dotou os partidos com un istas , pela pri m e i ra vez, de meios científicos pa ra compreenderem a H i stóri a . "

Pobre Lou i s ! Como eu lamento que você n ã o esteja mais aqui pa ra compart i l h a r boas risadas com i go, se eu lesse, em voz a l t a , para você essa frase que você certamente escreveu para agradar aos ai atolás que o cercava m .

Enxergar qualquer m ín i m o ponto com u m entre o PCI d e 1 948 e o PDS d e 1 998

não é exata mente fazer uso dos i ncomparáveis "meios científicos pa ra com preender a H i stória", legados à esquerda pelo marxi smo. O PDS entregou ao capita l privado, para citar apenas u m caso "emblemático", u m terço d o capital d a E N E L , equ iva lente à nossa EDF. • Além de adota r a economia de mercado, e de aceitar a OTAN (onde a Itá l i a foi o membro europeu mais "atuante" e mais empen hado durante a i ntervenção no Kosovo) . Massimo D'Alema apresentou propostas favoráveis à flexi b i l idade traba l h i sta que nem os l íderes da d i reita na Fra nça ousariam sustenta r. "A era do emprego vita l ício chegou ao fi m", repeti u D'Alema em um discurso na Exposição do Leva nte, em Bari ,209 retomando seu refrão. "Quanto mais flexibi l i dade, mais traba l h o", ele j á havia declarado na Bolsa de M i l ão. 2 1 0 Al iás, a experiência ita l iana mostrou que ele tinha razão. Se o desemprego médio na Itália é, basicamente, o mesmo da França , em torno de 1 1 % em 1 999, sua distribu ição geográfica é m u ito d i ferente. As províncias do Norte - Fri u l i , Vêneto, Lombard i a , Piemonte, E m i l ia-Romanha e, em m e n o r gra u , a Ú m bria e a Macerata - têm índices de desemprego "norte-americanos", entre 3% e 5% ou 6%. Não foi à toa que o mun icípio de Bolon h a , que parecia ser u m inexpugnável bastião com u n i sta desde a época da guerra , passou para a d i reita em 1 999. Afi nal de contas, se o l i bera l i smo estava dando certo, por que não eleger u m verdadei ro l i bera l em vez de u m com u n i sta arrependido? O q u e eleva o índice médio d e desemprego na Itá l i a é a situação nas províncias situadas ao s u l do Lácio. O que nos leva à velha "exceção"

do Mezzogiorno cuja "cultura" social e a mentalidade rei na nte têm mais influência no índice de emprego que os fatores econômicos.

Quando o governo socialista francês se arvora no direito de dar lições aos outros países da União Européia criticando-os por não adotarem seu mítico "pacto pelo emprego", ele beira o ridículo, pois a maioria desses países já conseguiu limitar -

208 Maspero, 1976.

*

N. do T. : EDF - sigla de Électricité de France, em presa responsável pela geração e distribuição de energia na França.

209 Corriere dei/a Sera, 12 de setembro de 1999.

210 Corriere dei/a Sera, 27 de janeiro de 1999.

240

MEDO DO LIBERALISMO

nar uma parte significativa de seu desemprego. No ranking dos Quinze, em matéria de índices de emprego, a França está entre os três últimos, junto com a Finlândia e a Espanha, apesar dos progressos alcançados em 1998 e 1999. Assim como o nosso, o desemprego espanhol também parece estar diminuindo, felizmente, mas o mínimo que se pode dizer é que, se continuarmos nos agarrando ao regime do Estado benfeitor social, nós nunca estaremos entre os primeiros a sair dessa situação.

Além disso, a redução do desemprego da qual se vangloria o governo de Lionel Jospin só pa rece existir em estatísticas muito questionáveis. le Point²¹¹ chega mesmo a empregar com severidade a expressão "números distorcidos" em um longo artigo, solidamente referenciado, de Marc Nexon. O jornalista conclui: Por trás dos belos números anunciados a cada mês pelo governo esconde-se uma acomodação que cheira a mentira. A única categoria considerada é aquela em que a redução foi significativa. Mas há outras onde ocorreu exatamente o contrário. Os nomes que desaparecem sem mais nem menos, os desempregados há longo tempo, em fim de benefício, e os milhares de novos empregos criados são outros dados que embelezam os números que têm pouca relação com uma realidade nada agradável.

Mesmo s e m essas "acomodações" , o desempenho oficial n ã o chega a cau sar adm i ração, j á que o índice médio de desemprego dos pa íses do G-7 no fi nal de 1 999 é de 6 , 2% enquanto o da Fra nça é de 1 0, 8%, quase o dobro da média de países com econom i a comparável . Não é de surpreender que a "receita francesa" quase não tenha seguidores.

A adesão da esquerda i tal iana ao l i bera l ismo, ou, mais precisamente. sua nova percepção do l i bera l ismo, não como o contrário, mas sim como condição para uma pol ítica de esquerda , contrasta com as divagações obsoletas da esquerda francesa , que estão várias etapas atrasadas em relação à evol ução do resto da Europa .

Da mesma forma, a crítica ao com u n ismo é mais radica l entre os ex-com u n i stas ita l ianos que entre os soci a l i stas "pl u rais" franceses .

Como prova , citare i u m dos mais recentes exemplos dessa defasagem : o a rt i go de Walter Veltron i , secretá rio do PDS, p u b l i cado p o r la Stampa, em 1 6 de outubro de 1 999 .

2 1 1 N. 1 .4 1 8 , de 1 9 de novembro de 1 999. Ver também "Le chômage en France: le trucage des chiffres"

[O Desemprego na França: a maquiagem dos nú meros], em Sociéte Civile, publ icação do I FRAP (sigla do I nstituto Fra ncês de Pesq uisa sobre a Ad m i n i stração Públ ica), novembro de 1 999.

241

A GRANDE PARADA

Nesse a rtigo, Veltro n i recorda. primeira mente que. no docu mento que ele preparou para o próximo congresso de seu partido, ele defi ne o sécu l o XX "como o sécu lo do sangue. no qual os homens foram capazes de i maginar e concretizar o genocídio dos j udeus . o século de Auschwitz. das víti mas da perseguição nazista , e também o século da tragédia do com u n ismo, de lan Palach , 2 1 2 do gulag, dos horrores do sta l i n ismo". Àqueles que haviam condenado o PDS pela t i m i dez de sua autocrítica . Veltroni respondeu: "Colocamos o sta l inismo no mesmo patamar que o nazismo, o gulag no mesmo n ível de Auschwitz, defi n i mos o com u n ismo como tragédia do sécu lo. Que mais podemos dizer de mais óbvio e mais claro ?" A semelhança entre os dois grandes regi mes tota l itários, a i nda u m sacri légio na França , mesmo à d i reita , é oficial izada na Itá l i a sob a pena de u

um grande líder do PDS. que com t i n u a : " J u stiça e l i berdade são dois valores i nseparáveis ... Com u n ismo e l i berdade revelaram-se incompatíveis, essa foi a grande tragédia européia da era pós-Auschwitz . " Àqueles que retrucam exigindo que o PDS "quebre todos os laços com a pol ítica passada do PCI " , o secretário responde: " Fizemos melhor do que isso. Dissolvemos o PCI . E o fizemos há dez anos." O presidente do PDS em pessoa . Massimo D'Alema. j á havia declarado, em feverei ro de 1 998, no congresso do partido. ao pronunciar o discu rso de encerramento: "O com u n ismo se transformou em uma força de opressão, um tota l itarismo culpado de cri mes gigantescos."

Essa honestidade contrasta com a insistência astuciosa de u m Robert H u e , que declara recusar-se a ren u nciar pelo pa rtido à denominação "comunista". I nterpelado devido a u m possível fi nanciamento fraudu lento do PCF, ele denuncia um "complô pol ítico": " N esse país existe uma i ntensa l uta de classes, declara o visionário.

Esta mos em u m a situação onde há u m PC e forças liberais que exercem forte pressão."2 1 3 Entre os dois secretá rios naciona is, o ita l iano e o francês , a defasagem é de um sécu lo, no m ín i mo.

Não há dúvida de que o a rtigo de Veltroni não agradou a todos. Suscitou brados de alegria e voci ferações polêmicas. Mas estas foram de n ível completamente diferente dos contra-ataques fra nceses. A edição italiana do livro Negro j á havi a , dois anos antes, provocado u m i ntenso debate, no qual . ao lado d a s trapaças grosseiras e dos l ugares-comuns de sempre. prevaleceu um sentimento de responsabil idade h istórica que ra ramente se vê na Fra nça . Sandro Viola escreve u , por exemplo, no j ornal la Repubblica, periód ico de centro-esquerda comparável ao Monde-.

2 1 2 Estudante tcheco que se i molou quei mando-se vivo na praça Wenceslas em protesto contra a repressão da Primavera de Praga pelo Exército Vermelho em 1 968.

2 1 3 P rogra ma levado ao a r pela R M C - Le Figaro, em 24 de outubro de 1 999.

242

MEDO DO LIBERALISMO

"Que esse l ivro s i rva para não esquecermos que, em nossa j

uventude, flertamos com um ideal e não em fome, admitiramos homens repugnantes e vimos o rosto para não ver que esse ideal estava produzindo inúmeros crimes."214

O que Walter Veltroni teve a lealdade de admitir, além de tudo, em seu artigo já famoso em la Stampa, é que, ao longo de todo o século, existiu um anticomunismo democrático. Ele refutou, portanto, a mentira ultrapassada que os comunistas franceses e seus amigos tentam reavivar. Ou seja, que todo antigo comunista é necessariamente de extrema direita, melhor dizendo, fascista, e portanto um "cão", como dizia Jean-Paul Sartre.

O fato dessa tomada de posição ter sido expressa pelos dois principais responsáveis por um partido que é ao mesmo tempo herdeiro e demolidor do PCI contribui para demonstrar que a "Europa cor-de-rosa" está longe de ser homogênea.

De resto, ela está cada vez menos cor-de-rosa, já que ela se volta para a economia de mercado através da liberalização inerente à lógica da União Europeia e através da globalização, da qual essa mesma União Europeia precisa fazer parte se quiser ser capaz de tornar-se a contrapartida do poderio econômico norte-americano como ela sempre foi. O socialismo se perpetua entre nós sob a forma de medidas chamadas "volutaristas", que geralmente têm efeito contrário ao resultado desejado, ou sob a forma de subvenções clientelistas disfarçadas sob o rótulo de políticas de solidariedade. No futuro, ambas serão, cada vez menos, compatíveis com a economia de mercado. Na reunião de líderes da esquerda democrática europeia, à qual compareceram também os presidentes dos Estados Unidos e do Brasil, para debater, em Florença, no dia 21 de novembro de 1999, o "progressismo no século XXI", Lionel Jospin estabeleceu uma distinção entre "economia de mercado" e

"sociedade de mercado", dizendo aceitar a primeira e recusar a segunda. Aceitar a economia de mercado já é um sinal de repúdio ao socialismo, palavra que não quer dizer nada se não conservar seu significado original de supressão da propriedade privada dos meios de produção e de troca. Recusar a "sociedade de mercado"

não leva a grande coisa, pois tal realidade nunca existiu nem pode existir. Em toda sociedade, desde a origem dos tempos, existem atividades, valores, instituições que, por sua natureza, escapam às regras de mercado. O importante é deixar que o mercado regule aquilo que lhe pertence, mas nem tudo lhe pertence. O socialismo pretende submeter ao Estado aquilo que é inerente ao mercado e regu-

lamentar 2 1 4 Pode-se encontrar um balanço detalhado desse debate no artigo de Philippe Baillet, "A recepção italiana a O Livro Negro do Comunismo", Les Cahiers d'Histoire Soeiá/e, n. 12, verão de 1 999, Albin Michel.

243

A GRANDE PARADA

aqueilo que diz respeito à liberdade individual. O liberalismo não pretende de forma alguma submeter ao mercado o que não pertence ao mercado. Pretender prolongar a vida frágil do socialismo com a ajuda de um Estado "regulador" do mercado não passa de um consolo verbal. Por que o Estado francês não "regulou"

o Crédit lyonnais ou a Elf-Aquitaine quando ele era o proprietário dessas empresas, em vez de deixá-las apodrecer por conta de maus resultados e corrupção, para em seguida assaltar o bolso dos contribuintes, que foram obrigados a pagar a conta? Por que ele não "regulou", para começar, ele próprio, o Estado, e as administrações regionais, a Cooperativa Nacional dos Estudantes da França, o Fundo de Pensão dos Funcionários Públicos. enfim, os grandes parasitas nacionais, como o Comité de Empreendimento da EDF ou nossas dez mil sociedades subvencionadas. "Instituições sem finalidade"? 2 1 5 Quanto ao "socialismo de mercado", trata-se de uma contradição da terminologia e um mau trocadilho. A fórmula nos lembra a definição de sua política econômica, dada em 1 970 pelo General Velasco Alvarado, ditador socialista do Peru: "O governo revolucionário das Forças Armadas não é nem capitalista nem comunista. mas exatamente o contrário."

2 1 5 Pierre P. Kaltenbach, Associations /instituições sem fins lucrativos, Denoel, 1 995.

244

1 3

Extrema esquerda e antiamericanismo

V

"

ândalos fazem Genebra estremecer" , é a manchete do jornal suíço Info-Dimanche de 17 de maio de 1998. Efetivamente, cinco mil manifestantes haviam invadido a cidade, no sábado dia 16, para protestar, não contra a presença de Fidel Castro , já que os assassinos comunsistas são geralmente bem-vindos nas democracias, mas contra a globalização, a liberalização das trocas e a reunião da OMC (Organização Mundial do Comércio) , em Genebra , prevista para a semana seguinte. Vitruvianas quebradas, veículos incendiados , lojas saqueadas: neste mês, maio de 1998, a ideologia de extrema esquerda traduz-se em ataque ao capitalismo, justamente em uma de suas fortalezas, por assim dizer.

No México, desde 1994, o exército chamado "zapatista" (do nome de Emiliano Zapata , herói camponês da Revolução Mexicana de 1911) parece estar ressuscitando, ao sul, na região de Chiapas, os métodos mais primitivos de revolta das massas rurais. Que contraste com o restante do país, que se moderniza , liberaliza-se e até se democratiza como nunca antes ! Em outubro de 1997, a esquerda em todo o mundo, pelo menos no meio universitário, celebrou com fervor o trigésimo aniversário da morte de Ernesto Che Guevara , símbolo infeliz do malogro político das estratégias de guerrilha. Mas não é verdade que para a extrema esquerda o malogro é um modelo?

Na Alemanha , durante seu Congresso, em março de 1998, os "verdes" reivindicam a supressão de toda a indústria de energia nuclear, a dissolução da OTAN e o

A GRANDE PARADA

aumento do preço da gasolina de 1,70 DM para 5 DM . Percebendo que esta última exigência é um meio infalível de afugentar eleitores, eles desistem dela, três meses depois. Na Itália , a sorte do Governo Prodi esteve, desde a sua instalação, suspensa - assim que a sua nova e heterogênea maioria foi eleita em 1996 - do pequeno grupo de 34 deputados da Rifondazione Comunista. marxistas-leninistas arcaicos que se haviam recusado, após o desmoronamento da União Soviética , a seguir a maioria do Partido Comunista Italiano em seu processo de modernização, que o levou a transformar-se em Partido Democrático de Esquerda (PDS). Esse pequeno grupo de "refundadores" criou entraves. durante meses, à ampliação da OTAN em favor da entrada da Polónia , da Hungria e da República Tcheca . como pleiteava o Presidente do Conselho, Prodi . um

legítimo europeu . A recusa de u ma parte dos deputados "refu ndadores" em votar o orçamento do Estado term inou leva ndo à queda do governo Prod i . no outono de 1 998.

Na França, a chamada "esquerda vermel ha" ou "esquerda da esquerda" constitui u m caso pa radoxa l de el itismo que poderia ser class i ficado como popu l i smo.

Na verdade, os pri ncipais inspiradores dessa corrente pertencem à el ite i ntelectual e. inclusive, à a lta nobreza acadêmica u n i versitária : Colégio de França , Escola de Estudos Su periores em Ciências Sociais, Centro Nacional de Pesqu i sa Científica .

Privi legiados , invul neráveis, recebem . da própria sociedade que eles desejam destru i r, s u bvenções vita l ícias, em troca de m u ito pouco trabalho. Mas, em vez de permanecerem no anoni mato, seus l ivros alcançam grande sucesso de públ ico.

Sur la télévision 1 Sobre a Televisão] e Contre-Feux lAcei ros] de Pierre Bou rdieu . o mestre-escol a , ou os Nouveaux Chiens de Carde ! Os Novos Cães de Guarda i de Serge H a l i m i (em referência a Chiens de garde, panfleto contra os fi lósofos "burgueses" publicado por Pau l N izan em 1 93 2) . permanecera m durante meses na l i sta dos mais vendidos. Foram publicados por sua própria editora , liber-Raisons d'Agir.

Esses autores i n fl uenciam a opi não públ ica de outras maneiras além dos l ivros: seu apoio às greves do i nverno (1 995-96) . às reiv i ndicações dos i m igrantes clandestinos. os "sem-documentos", aos desempregados em final de benefício, antes e depois do Natal de 1 997, emprestaram a essas manifestações u m caráter doutrinário e uma repercussão na m ídia que foi embaraçosa pa ra os governos de d i reita e de esquerda, até mesmo e pri ncipa l mente para o governo soci a l i sta de Lionel Jospin. O semanário l'Événement du jeudi (2 5 de j u nho de 1 998) . em uma pesq u i -

2 1 6 N ã o confu n d i r esse grupo c o m o s refu ndadores ou "reconstrutores" franceses, q u e a l mej a m , a o contrário, u m comunismo modernizado e mais democrático.

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

sa sobre a " rede Bou rdieu", concede a este o tít u l o de "mais i n fl uente i ntelectual francês".

O pensamento de extrema esquerda traduz-se, portanto, em conseqüências políticas, a ponto de revigorar o sangue eleitoral dos trotskistas e dos esquerdistas, que voltam a ficar agressivos, infiltrando-se nos sindicatos e ameaçando o Partido Comunista, que começa a se esvaziar pela esquerda. Após as eleições regionais da primavera de 1998, foi muito comentado o resultado da extrema direita, que na realidade havia apenas estagnado em torno dos 15% que havia alcançado há dez anos. Foi menos enfatizada a novidade de uma sensível arrancada da extrema esquerda, que triplicou suas cadeiras em relação às eleições regionais anteriores, de 1993, enquanto o Partido Comunista parecia irremediavelmente congelado, com menos de 10% dos votos válidos. Será que ele vai cair ainda mais? Seu secretário nacional, Robert Hue, desorientado, resolve cobrir o lance. Ele concorre com a extrema esquerda, proclamando em altos brados, com um vocabulário de outras eras, que "os patrões têm de pagar mais impostos", declarando-se extasiado, retrospectivamente, com o marxismo, "um sopro de ar fresco", como ele declara ao periódico libération (15 de maio de 1998). Para ver no marxismo, em 1998, um sopro de ar fresco, é preciso realmente estar com calor.

Pode-se argumentar que, afinal, em 1998, 12 ou 13 governos da União Europeia e muitos de outros continentes têm orientação de esquerda e que, portanto, a extrema esquerda está caminhando "no sentido da história". Esta seria uma visão superficial. Já vimos que a maioria das esquerdas que estão no poder pouco têm a ver com o que se entende a por esquerda há duas ou três décadas.

Portugal e Holanda são governados por socialistas, mas o fosso que os separa dos socialistas franceses - que também estão evoluindo para o "pragmatismo" -

é mais profundo do que as nuances que os distinguem do governo espanhol de José Maria Aznar, classificado como de direita. Não voltarei a comentar os governos italiano e britânico, que não se ligam mais à esquerda senão por um fio bem tênue e mais pelo discurso. A derrocada do soviétismo, a acentuação liberal de vários antigos partidos social-democratas, como o SPD de Gerhard Schröder na Alemanha, com o Partido Socialista Sueco ou o Partido Peronista de um velho regime centralizador com o da Argentina, ou ainda o Partido Revolucionário Institucional do México, a conversão da China a um capitalismo cada vez menos controlado, tudo isso mostra que os rótulos e o vocabulário políticos do século XX

se desma ntelara m . O Part i do d ito "revol ucionário" dom i n i cano também é , na 247

A GRANDE PARADA

rea l i dade, u m pacífico partido socia l democrata tão cuidadosamente reform i sta quanto os seus congêneres europeus ou sul-americanos. Na pol ítica , ass i m como em outras s i t uações na vida, não basta ler o r ót u l o para saber que gosto tem o conteúdo de u m prod uto. A verdadei ra fratura encontra-se entre a esquerda l i bera l i zada e a extrema esq uerda rad i ca l izada.

A extrema esquerda torna-se mais visível precisamente devido ao seu isolamento. Ela deixou de ser uma corrente mesclada à esquerda que ocupa o poder, já que esta professa idéias reform i stas que pertenciam à direita de há vi nte anos. A extrema esquerda se beneficia da i l usão de ótica que amplia o tamanho das i lhotas, na maré baixa , quando o mar recua. Com certeza ela conseguiu i u reu n i r os nostálgicos de u m pensamento arcaico, aqueles que perderam toda a esperança de i nfl uenciar, de dentro , as práticas dos partidos da ex-esquerda clássica . O simplismo de suas idéias é a inda mais surpreendente por emanar de i ntelectuais que d ispõem de todos os meios de i n formação acerca da h i stória e das sociedades do sécu lo XX: é preciso fazer com que os ricos paguem tudo, ou seja, impedi-los de ganhar din heiro; os j orna l i stas são, sem exceção, lacaios do capital e do poder pol ítico; a derrocada do com u n ismo i nternacional não prova que era um mau sistema.

A extrema esquerda permanece, na real i dade, restrita ao m undo i ntelectua l . Na França , a vibração das eleições regionais de 1 998 foi seguida de u m enfraquecimento nas eleições européias de 1 999. Eleições essas que indicaram também uma queda adicional do Partido Com u n ista , que chegou aba ixo do resu ltado j á m u ito depri mente (8 ,6%) que havia obtido nas eleições presidenciais de 1 99 5 . Assi m , apesar d e ter conservado u m inegável talento para orga n izar manifestações, sobretudo de apoio aos combates de retaguarda corporativistas, a extrema esquerda, incl u indo os comu n istas, deixou de ser u m movi mento popular. 2 1 7 Sem força eleitoral , seu poder de fogo ou o que resta dele provém, quase exclusivamente, de uma fortaleza protegida no seio da classe i ntelectual e dos j orna is que a defendem .

Portanto, u m a vez mais nesse fi nal de sécu lo XX, depois de tanto i n stigarem a human idade a se desviar do cam i nho, u m n ú mero sign ificativo de i ntelectuais falhara m , pela ú l t i m a vez, no cumpri

mento de sua missão. Em vez de ajudar o público a entender o que está acontecendo, eles se agarram a seus preconceitos calamitosos sob pretexto de estarem ajudando aos mais fracos. Ora, na verdade, eles contribuem para mutilá-los oferecendo-lhes os piores conselhos. *pri nci-2 1 7* O sucesso do movimento ecologista (9,8%) liderado por *Cohn-Bendit*, partidário da União Européia e por isso às vezes acusado de liberalismo, não pode ser classificado como de extrema esquerda.

Alguns, como Emmanuel Todd, chegam a classificar *Cohn-Bendit* totalmente à direita.

248

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

paixão de recusar. em bloco. o mundo moderno. Um dos livros de Pierre Bourdieu, *Contre-Feux*, tem como subtítulo: "Proposta para apoiar a resistência (sic) contra a invasão (sic) neoliberal." O escritor mexicano Carlos Fuentes lança sobre Chiapas incitando os infelizes camponeses a empreender ações violentas que não têm saída e, sobretudo, criando disso uma glória pessoal de intelectual

"revolucionário". O arcabúso não faria pior. Frequentemente se observa que uma ideologia torna-se mais virulenta quando está prestes a desaparecer. A extrema esquerda não é exceção. Sua crescente marginalização nas urnas. em contraste com o sucesso comercial de certos livros de seus pensadores. mostra que a sua audiência não são as "massas" e sim as elites, no sentido amplo do termo: as camadas culturais que. de alto a baixo na escala de intelectualidade. conduzem ou acompanham com fervor os debates ideológicos. Obviamente, os autores e as organizações da extrema esquerda oferecem a uma imponente parcela dessas camadas culturais, senão à maioria, aquilo que elas querem ouvir.

E que mensagem é esta? Mesmo lendo com atenção os textos que a veiculam.

não conseguimos encontrar aí uma renovação da reflexão. Só encontramos a mais antiquada lógica marxista, em versão ainda mais indigente que a do passado. Em poucas palavras: é preciso destruir o capitalismo; a imprensa e a mídia em geral estão vendidas ao "pensamento unificado" neoliberal; uma conspiração.

herança do antigo "complô anticomunista", amordaça a extrema esquerda ou a faz cair na armadilha de pretensos debates que só servem para tirar-lhe o direito à palavra constantemente.

Esse era um dos refrões de Georges Marchais. que passava dezenas de horas na televisão, a cada ano. apenas queixa-se de nunca ser convidado para ir à televisão. Mas ele estava lá. Pierre Bordieu faz melhor ainda: recusa os convites sob alegação de que ninguém o convida! Ou, mais precisamente, porque. segundo ele, ninguém o deixaria expressar-se. Entenda-se: porque haveria o risco de alguém lhe fazer algumas objeções. como em qualquer debate. Comparado a essa falta de receptividade proposital de Bordieu. o diálogo-monólogo do saudoso Georges Marchais, com quem eu tive muitas vezes o prazer de dividir o palco, pode ser visto.

retrospectivamente, como um exemplo de tolerância, fineza e espírito aberto.

Falando em experiência. Daniel Schneiderman, em seu ensaio intitulado *Du journalisme après Bourdieu* 1 O Jornalismo após Bourdieu 1.2 18 dissecou muito bem o funcionamento dessa idéia fixa que cria, ela mesma, as provas daquilo que denuncia-2 18 Fayard, 1999.

249

A GRANDE PARADA

eia, voltando a decretar: recuso as discussões porque aqueles que as propõem só querem discordar de mim. em vez de se limitarem a me ouvir. Isso prova que eles me censuram.

Esse recuso à sei! fulfilling prophecy, • a liás, é uma das estratégias favoritas da extrema esquerda. Quando o capitalismo não produz estragos suficientes. eles tentam aperfeiçoar a demonstração de sua iniquidade. agindo em seu lugar. Foi o que ocorreu no campo da educação. tendo consequências bem mais trágicas do que aquelas que nos privam da alegria de ouvir Bourdieu na televisão com mais frequência.

Os ideólogos da extrema esquerda já haviam constatado, desde o começo da década de 1970, que a teoria de Bourdieu sobre a escola, exposta em seu livro *La Reproduction* 1A Reprodução! . era falsa. que a escola do tipo Jules Ferry • sempre havia sido e continuava sendo u

m meio de ascensão social para as crianças de origem modesta . Assim , eles fizeram com que ela acabasse. Para isso, bastava reorganizar o ensino público de tal maneira que essas crianças, ou melhor, que todas as crianças ficassem impossibilitadas de alcançar bons resultados no estudo, por mais que se esforçassem. A melhor forma de chegar a esse resultado era destruir o ensino. Assim , há trinta anos os militantes defensores do pensamento de Bourdieu, através de suas funções no Ministério da Educação, apoderaram-se de todas as alavancas de comando do pedagogismo- que é uma ideologia e não deve ser confundido com a pedagogia, que é uma arte - e conseguiram seu intento: tornaram a escola conforme à teoria de Bourdieu. A aplicação dos métodos inspirados em Bourdieu comprovou as teses deste. Tornou realidade os males até então imaginários denunciados por Bourdieu . De fato, como agora não se ensina mais nada na escola, ela não pode mais servir como meio de "ascensão social". Ela fabrica o "fracasso escolar" às toneladas, gerando analfabetos não-empregáveis e desempregados. Para culminar, os ideólogos da corrente "bourdiviana" dão-se ao luxo de apontar, nesses resultados desastrosos , os efeitos maléficos do neoliberalismo, quando eles resultam de seu próprio "pedagogismo" totalitário.

É impressionante ver o quanto o domínio e o conceituai de Bourdieu se justapõem aos intelectuais comunistas da década de 1970. Em 1980, quatro intelectuais comunistas publicaram , através das Edições Sociais (editora do PCF) , um texto

*

N. do 1: Expressão em inglês que significa, ao pé da letra, uma "profecia que se autocumpre" , ou seja, algo que é previsto e ao mesmo tempo transformado em realidade, diretamente ou indiretamente, pela própria pessoa que fez a previsão.

...

N. do 1: Eminent político francês do século XIX, conhecido por suas idéias no campo educacional. Foi pioneiro em estabelecer, através de uma lei de 1882, o ensino gratuito, obrigatório e leigo, ou seja , desvinculado do clero, que até então dominava essa atividade na França.

250

■

sobre a cultura . 2 1 9 Depois de se vangloriarem de que "a ação cultura l das prefeituras comu n i stas contribu i u significativamente para aumentar a necessidade de cult u ra" . os autores acusam o governo de ter "feito da cultura uma mercadoria". Que origi nal ! Parece que estamos ouvindo u m m i n i stro socialista de 1 999 repreendendo a OMC. O que tende a comprovar que o com u n ismo retardatário de 1 980 influencia m u ito mais o social ismo francês do fi nal do sécu lo que o l i bera l i smo. "A atuação do governo nesse setor visa a 'dissocia l izar' ao máxi m o a vida cultura l , encora ja ndo o olhar para dentro de si e o i ndividualismo." N ovamente, encontramos a fobia anti-individual ista de todos os regi m es total itários. de todos os reacionários. para quem a a utonom ia i ndividual deve ser erradicada . em benefício de u m enga j a m ento coletivo. O que é preciso fazer para degolar "a contra-ofensiva ideológica empreendida na Fra nça pelas forças do grande capital"? É preciso e l i m i nar

"as mercadorias fabricadas pela i ndústria da cultura : rádios, aparel hos de som .

televisores . gravadores . câmeras de vídeo. máq u i nas fotográficas, videocassetes .

discos , l ivros de bolso etc". Em suma, para salvar a cultura . precisamos supri m i r a m úsica. o cinema. a fotografia , a l iteratu ra . a i n formação. o teatro televisionado, os programas sobre arte. É espantosa a semelhança entre essas excomunhões reacionárias e as imprecações de Bou rdieu e seus discípulo s. vi nte anos depois. contra a televisão, as editoras. o j ornal ismo. a cultura . Elas têm tanta visão quanto a fi losofia de um secretário de cél u l a do partido em 1 950.

De onde vem a idéia de que a televisão o u . mais genericamente. os meios de com u n i cação audiovisual são assassinos da cultura? E mesmo da l i berdade: Régis Debray, por exemplo, estabeleceu. em sua obra le Pouvoir Intel/ectue/ en France [O Poder I ntellectual na França [(1 979) , u m paralelo entre a repressão policial na Europa Oriental e o "gigantesco arsenal si mbólico dos países capita l i stas", ou seja , o batal hão o n i presente das antenas de televisão. Dois poderes tota l itários paralelos: no Leste. I u ri Andropov e seus manicôm ios especiais; no Ocidente. Bernard Pivot e seus "Apostrophes". •

Em 1 996, em u m ensaio del iciosamente i rônico. les Be/les Ames de la culture

[As Belas Al mas da Cultura [(Seu i l) . Pierre Boncenne exa m i n a e ava l i a o l i belo 2 1 9 Jea n - P a u l Joua ry, Guy Pélachaud , Arnaud S p i re, Barnard Vasseur, Giscard et /es idéés, essai sur la guerre idéo/ogique [Giscard e as idéias, ensaio sobre a guerra ideológica].

*

N. do T. : Bernard P ivot a presentou , dura nte 2 5 anos (de 1975 a 2000), u m programa cultura l sobre literatura na TV francesa. I n icial mente denomi nado "Apostrophes"[Apóstrofes] e mais tarde "Bouillon de Culture"[Caldo de Cu ltura], o programa promovia i nteressantes debates sobre temas variados entre escritores d e renome, cita ndo l ivros que tratassem do assu nto. O programa tinha elevados níveis de audiência e contri b u i u de forma significativa para esti mular o hábito da leitura na França.

251

A GRANDE PARADA

acusatório. O a utor, u m colaborador de Bernard Pivot, i n icial mente no progra ma

"Apostrophes" e depois em "Bou i l lon de culture", foi também redator chefe da revista lire e d i retor-fu ndador da revista Écrivain, o que pa rece indicar que o mesmo indivíduo pode servir à causa da literatura ao mesmo tempo na "te l i n ha" e no pape l .

Acontece que u m a tal co-habitação i n fri nge as leis da charia* "revolucionária", a j u lgar pelo que dizem as "belas a l mas" c u j os temores pudicos o culpado nos descreve com m uito h u mor.

O problema é que, m u itas vezes, os a rgumentos dessas belas a lmas repousam sobre uma flagrante ignorâ ncia dos fatos. Por exemplo. Pierre Bou rdieu declara :

"Nunca o moral ismo e o conform ismo s e i mpuseram com tamanha violência e constância através da televisão. sendo si ntomático que os prêmios l iterários sejam concedidos. cada vez mais, a jorna l i stas, confirma ndo-se assim seu papel de mestres do pensamento do pobre." O que é sintomático é ver um professor do Colégio de França . d i retor de pesqu i sas na Escola de Estudos Superiores de Ciências Sociais.

cometer u m erro tão grossei ro que u m redator-chefe não toleraria

em um estagiário inexperiente. Se é dessa maneira que os sociólogos veri ficam suas fontes . a sociologia não merece nem uma hora de leitura . Se gastasse cinco minutos consultando a lista dos laureados desde 1970 (com exceção do prêmio Interallié . instituído oficialmente para ser concedido de preferência a um jornalista) . Bourdieu teria percebido que sua tese não se sustenta . como Boncenne tem o prazer de demonstrar em apenas dez linhas. Além disso. desde o início do século XIX. existe o fenômeno de escritores que escrevem para jornais. de Chateaubriand a Zola. de Maupassant à Montherland. chegando até Nourissier ou Rinaldi . Buzzati e Vargas Llosa .

Pierre Bourdieu não é um sociólogo científico. mas um ideólogo fanático. Suas deduções são baseadas em "fatos" que freqüentemente decorrem de uma cascata de erros elementares que poderia evitar com um modesto trabalho de pesquisa da informação. Ele ou . mais precisa mente. as "evidências" que ele "diz" e cujo ponto forte não parece ser nem o esforço nem o escrúpulo na coleta dos fatos . Mais uma vez, só podemos lamentar tal desperdício do dinheiro público usado para financiar as "pesquisas" de pretensos "pesquisadores" pouco preocupados em verificar até mesmo uma informação básica no Petit Larousse ou no OUM

É nosso direito esperar um pouco mais de sutileza na reabilitação do marxismo e nas acusações contra o capitalismo. Principalmente porque. em setenta anos de existência. o comunismo revelou-se como o mais poderoso agente destruidor. en-

*

N. do T.: Lei canônica islâmica.

252

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

tre outras coisas, da cultura . Ao contrário, durante o mesmo período, as culturas

"capitalistas" da Europa e das duas Américas não pa recem ter sido totalmente estéreis. A proeza de Bourdieu e de seus discípulos consiste em reafirmar de modo abstrato um princípio a priori. Eles

agem como se a história jamais tivesse existido. Essa eliminação radical do passado lhes poupa o esforço de se lançarem nas elaboradas argumentações dos defensores mais tímidos do comunismo, que levam em conta as realidades, embora invocando circunstâncias atenuantes.

Em nome de sua "ciência" sobre-humana, Bourdieu e seus seguidores afastam com desprezo os conhecimentos humanos. Eles utilizam afirmações, nunca argumentos. Na revista *Esprit*, Olivier Mongin e Joel Roman, respectivamente diretor e redator-chefe da revista, que não podem ser classificados como sendo de direita, acusam Bourdieu de "prática deliberada da mentira e da falsificação" que "destrói as regras mais elementares da deontologia intelectual (...)" além de curiosos exageros que revelam muito mais uma mentalidade policial do que escrúpulos de sociólogo.

Bourdieu, acrescentam, "encarna o tipo mais obsoleto de engajamento"; ele invoca "o puro argumento da autoridade", ele parte do seguinte postulado: "Eu sou a ciência, porque eu assim o digo, porque sou professor do Colégio de França, onde reina o espírito científico." Esse raciocínio, do qual o pretensão intelectual extrai a prova da veracidade daquilo que diz, pelo simples fato de ser ele a dizê-lo, encontra-se, naturalmente potencializado, nos discípulos de Bourdieu. Por exemplo, Serge Halimi escreve para o *Monde Diplomatique*. Em seu libelo *Les Nouveaux Chiens de garde*, decreta que *Le Passé d'une illusion de François Furet* é "história de má qualidade".

Que prova ele oferece para sustentar essa condenação? Ela se baseia por completo no fato de que o livro de Furet foi "definitivamente refutado", segundo ele, por um artigo do *Monde Diplomatique*,²²¹ "publicação que tem, inclusive, entre seus colaboradores, Halimi", assinala Daniel Schneiderman. Esta coincidência torna ridículo o discurso agressivo de Halimi contra os "editorialistas de mercado". Não que seja proibido a um autor citar em seu livro um artigo publicado em um jornal para o qual ele escreve. Mas se ele o fizer, deverá ser no intuito de retomar os argumentos e não para eximir-se de ter que apresentá-los ou de ter que mostrar provas para suas afirmações.

Se Furet foi "definitivamente refutado" pelo *Monde Diplomatique*, que ninguém é obrigado a conhecer de cor, gostaríamos de saber em que se baseou essa rejeição definitiva. Mais catastrófico do que um "editorialista de mercado", se é que existe tal ²²⁰ Julho de 1998.

A GRANDE PARADA

coisa, é um editorialista que escreve o que lhe é imposto - e portanto submetido a uma ditadura . E uma ditadura parece ser o único sistema político no qual uma escola intelectual como a de Bourdieu poderia respirar livremente, pois seria o único a lhe conceder o que ele deseja com todas as forças de seu "pensamento único": o monopólio da palavra . a redução dos seus adversários ao silêncio. Quando um grupelho de intelectuais serve de exemplo. sua intolerância acaba por impregnar o que poderíamos chamar de baixo clero da intelectualidade. Em 1997, uma arquivista do Liceu Edmond-Rostand. em Saint-Ouen-l'Aumône, apoiada por um "grupo de professores", o que é alarmante, promove um expurgo na biblioteca do liceu. Retira as obras de autores que ela considera "de extrema direita", fascistas, inclusive as obras de dois eminentes escritores e historiadores, Marc Fumaroli e Jean Tulard . Pior: o tribunal de Pontoise rejeitou o pleito dos autores censurados. que haviam entrado com uma queixa de danos morais. O tribunal alegou "que não se pode considerar que a Sra .

Cha'lkhaoui tenha cometido um erro ao estabelecer uma lista de títulos que ela julgava perigosos" . Em que medida *Rhétorique et dramaturgie cornéliennes* 1 Retórica e dramaturgia de Cornélio J de Fumaro li , ou o Napoléon de Tulard são perigosos. sob que ponto de vista e para quem? Que legitimidade, que mandato e que competência qualificam a Sra . Cha'ikhaoui para pronunciar-se a respeito do "perigo" de uma obra intelectual e para censurá-la? Voltamos ao tempo da Inquisição? Trata-se de um ato injustificável e desonroso. Será que, ao absolvê-la, os juízes se deram conta do tipo de sociedade para a qual eles estão abrindo caminho? Mas a justiça não ousaria desautorizar um "grupo de professores", portanto uma censura de esquerda , mesmo que ela fosse contrária a todas as leis da República . Por outro lado, quando o prefeito de Orange, membro do Partido da Frente Nacional decidiu , em 1995, restabelecer o

"equilíbrio ideológico" na biblioteca municipal . que possuía , segundo ele. um excesso de livros de esquerda , quase toda a imprensa comparou esse ato de sectarismo aos autos-de-fé de livros da era Hitler. Mas quando o auto-de-fé vem da esquerda. ele recebe

as bênçãos do Ministério da Educação e do Poder Judiciário, mesmo quando está calcado em uma falta de cultura crassa e em uma flagrante ignorância em rela

ção aos autores censurados.

Vivemos em um país onde um funcionário qualquer pode expurgar uma biblioteca . bastando para tanto imputar aos expurgados, contra todas as evidências.

simpatias fascistas ou racistas - e por que não? - a responsabilidade pelo holocausto Ver a respeito meu artigo " L'index au XX^e. siècle" em minha coletânea Fin du siècle/et des ombres, Fayard, 1999, p. 585.

254

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

causto. Nossas elites reprovam a censura e a calúnia quando elas provêm da Frente Nacional . raramente quando elas emanam de outra origem ideológica . O

ideólogo, por sua vez, só percebe o totalitarismo em seus adversários, nunca nele próprio, já que ele é o dono da Verdade absoluta e tem o monopólio do Bem .

Intelectuais políciais escos e caluniosos proliferaram nos últimos anos. à esquerda, mais ainda do que à direita . Ora , quando elas atingem o estágio do sectarismo persecutório, a direita e a esquerda deixam de ser diferentes para fundirem-se no seio de uma mesma realidade , o totalitarismo intelectual . Os princípios que cada uma defende já não têm qualquer interesse. Eles se apagam diante da identidade de comportamento, que as torna indistinguíveis.

Já defini a extrema esquerda como um "populismo elitista". Em um artigo escrito para o Monde, Claude Lanzmann e Robert Redeker²²³ contestam que a noção de populismo seja adequada à nova extrema esquerda . Eles dizem : Nada nos permite supor que Bourdieu seja populista . Ele produz. sob uma aparência científica , as vulgaridades que constituem a essência das conversas da pequena burguesia estatal . Vulgaridades sobre o ensino , o jornalismo , a televisão, a economia e , agora , sobre as relações

entre homens e m u l heres. Bou rdieu fabrica o "prêt-à-penser" * dessa pequena burgues i a . É e l a (e não a plebe - senão poderia mos rea l m ente chamá-lo popu l i sta) q u e lê os l ivros da coleção Liber. É ela que pensa q u e todos a enga n a m , menos Bourdieu.

Concordo com essa descrição e acrescento que a lguém pode ser popu l i sta pelos proced i mentos em pregados e e l i t i sta pelo públ ico ao q u a l se d i rige. O

popu l i smo con s i ste nas idéias sumárias, nas a fi rmativas gratu itas , nos fatos detu rpados ou grossei ra mente ca ricatu rados . na condenação de todos os que contrad izem essas idéias, na arte de a l i mentar seus seg u idores com o del írio segundo o q u a l o popu l i sta é ví t i m a de u m a conspiração dos "se n hores do m u n do", os j udeus . no caso de H i tler, ou o s capita l i stas, no caso dos marxistas. ou o s j orna l i stas , ou a televisão, ou o s agentes da "globa l ização", segundo o caso, a 2 2 3 Em 18 de setembro de 1 998. R. Redecker faz parte da equipe de redação de Temps Modernes, onde, como se sa be, Claude Lanzma n n é d i retor.

*

N . do T.: O autor faz uma analogia com "prêt-à- porter", que significa vestuário i nformal , fabricado em série, para uso d i á rio, e m oposição à alta costura . O a utor uti l iza " prêt-à-penser" para expressar uma filosofia superficial , "barata", pouco elaborada.

255

A GRANDE PARADA

época . o credo. 224 O pop u l i sta n u nca tem i n terl ocutores . E l e só tem pa rtidários fanáticos ou i n i m igos conspiradores. Estes só merecem ser insu ltados. desconsiderados . cens u rados . caricatu rados , se não puderem . i n fel izmente. ser " l i q u idados": esta seria uma forma de encerrar a discussão que traria alguns inconvenientes j ud iciários em uma democracia. Se existem "novos cães de guarda" são precisamente aqueles que cuidam da segurança pessoa l da extrema esq uerda em gera l e de Bou rdieu em pa rticu lar. Eles implementa ram u m dispos itivo de uma eficácia feroz para desacred itar e sepultar. por exemplo, o livro de Jea n n i n e Verdes-Leroux.

le Savant et la politique, essai sur le terrorisme sociologique de Pierre Bourdieu 1 O

Sábio e a Pol ítica , ensa i o sobre o terrori smo sociológico de Pierre

Bastou um punhado de injúrias para torcer o pescoço dessa obra . A operação fracassada contra o livro Negro, uma obra muito volúmosa que conseguiu perfurar a parede da desinformação, conseguiu ter sucesso contra o livro sobre Bourdieu .

tema cuja "magreza" requer, sem dúvida, muito menos esforço. Outro livro inoportuno, embora em campo completamente diferente, também foi embalsamado clandestinamente: o de Bertrand de la Grange e Maïté Rico: Sous-commandant Marcos, la géniale imposture ! Sub-comandante Marcos, o genial impostor! . É proibido desmistificar Chiapas ! 226 Em suma, há muitas formas de pensar, de falar e de agir que são populares, mesmo quando o público que sucumbe ao seu vácuo obsessivo e repetitivo não é a "plebe". Em 1940, depois de ler um discurso de Hitler, Jean Guéhenno observou : "O pensamento é confuso mas brutal . incrivelmente adaptado ao público . Poderia bem ser um discurso de Thaelmann ou de Thorez. Toda idéia clara se perde nessa "salada" de palavras. O comunismo e o nacional-socialismo aí se encontram associados pelo que têm de mais baixo."227

224 "Questions aux vrais maîtres du monde" é o título de um discurso pronunciado por Pierre Bourdieu em 11 de outubro de 1999, em Paris, perante o Conselho Internacional para a Televisão e o Rádio.

225 Gasset, 1998.

226 Plon/Ifrane, 1998. Os autores sendo, respectivamente, um jornalista do Monde e um do E/ País, não podem ser suspeitos de simpatias "fascistas" . Mas eles tinham um grande problema: conheciam verdadeira mente o México e haviam observado por muito tempo a realidade do Chiapas, tempo suficiente para não se deixarem iludir, como os vários intelectuais e senhoras beneficentes que dedicaram ao assunto alguns instantes . . . ou o tempo suficiente para desenvolver uma engenhosa teoria . Ver a análise desse livro feita por Mario Vargas Llosa , " L'autre visage de l' utopie "[A Outra Face da Utopia], Le Point, n. 1344, 20 de junho de 1998. Artigo originalmente publicado no jornal E/ País.

227 Jean Guéhenno, Journal des années noires (1940-1944)[Diário dos Anos Negros (1940-1944)] , Gallimard,

1947. Ernst Thaelmann foi o candidato comunista na s

eleições presidenciais da Alemanha em 1932. Ele ficou em terceiro lugar, atrás de Hindenburg (eleito) e Hitler. No T. M. : Maurice Thorez, militante comunistas ativo desde os 19 anos, foi Secretário-Geral do Partido Comunista Francês de 1930 até sua morte em 1964. Viveu exilado na União Soviética no final da Segunda Guerra Mundial.

De volta à França, ocupou cargos de destaque na Quarta República, durante o governo de Gaulle. Era de tendência fortemente stalinista, tendo mantido sua admiração por Stalin mesmo após as denúncias contra ele pelo próprio Khrushchev, em 1956.

256

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

Esse nivelamento por baixo não requer, para sua prática, as mutilações de Nuremberg ou da Praça Vermelha. Ele pode fazer maravilhas em círculos restritos.

desde que exerça o efeito catalisador da massa, tão bem descrito por Gustave Le Bon, efeito que pode se exercer sobre uma elite e sem que a audiência subjugada esteja fisicamente presente e reunida em um mesmo local. Entretanto, acho que Lanzmann e Redeker não são muito generosos quando limitam as elites de extrema esquerda à "pequena burguesia estatal". Elas vão além disso. O texto citado acima, "Questions aux maîtres du monde" de Pierre Bordieu foi publicado simultaneamente pelos jornais le Monde, l'Humanité libération - apenas.

Não devemos esquecer que esse populismo, que se resume à afirmação incessantemente reiterada daquilo que sua "elite" desesperada deseja ouvir, tende para o mesmo fim eterno e primordial: restabelecer a crença segundo a qual o marxismo continua sendo justo e o comunismo não foi mau, ou pelo menos foi menos mau do que o capitalismo. Isso explica o empenho do jornal le Monde diplomatique em garantir a divulgação em francês da obra do marxista inglês Eric Hobsbawm, l'Âge des extrêmes (1914-1941) I A Era dos Extremos (1914-1941).

impávido revisionista como nenhum outro, que chega ao ponto de recusar-se a admitir, ainda hoje, que foram os soviéticos os autores do massacre de Katyn, em borá o próprio Mikhail Gorbachev o tenha reconhecido em 1990, e diversos documentos oriundos dos arquivos de Moscou o tenham confirmado desde então.

Como várias editoras francesas recusaram a proposta de publicar em francês a m íxórdia de Hobsbawm . elas logo foram acusadas de estar atendendo a uma pa lavra de ordem dos capital i stas. Ora . se as ed itoras francesas que recusaram H obsbawm por fidel i dade a uma lógica de honestidade i ntelectual e de seriedade profissional estivessem , ao contrário. interessadas apenas no l u cro. elas teriam prontamente aceitado publ ica r o l ivro. Pois esse manual de mágica da mais pura propaganda ideológica só poderia trazer lucro. o que de fato ocorre u . 229 Mais uma vez. ficou provado que existe na França u m público bem grande e determ i nado que.

sempre que possível . quer se consolar pela queda do com u n ismo. que deseja ouvi r repeti r. diariamente, que o social ismo rea l não fracassou e que o capita l ismo é o ú nico demôn io a ser exorcizado. Esse é o obj etivo da cruzada desti nada a expulsar dos lugares santos o neolibera l i smo. Esse é u m filão editoria l e j ornal ístico extre-228 Ver o resu mo do "caso Hobsbawm" no Le Monde de 28 d e outubro de 1 999.

229 L'Âge des extrêmes foi p u b l i cado pela Editora Complexe, no final de outu bro de 1 999. Em 12 de novembro ele já estava na l i sta dos mais vendidos do jornal Le Point.

257

A GRANDE PARADA

mamente rentáve l . como se pode constatar com regu laridade desde o desaparecimento da U n ão Soviética.

...

Uma visão da h i stória ass i m tão pobre de conheci mento e tão l i m itada por u m estreito del írio d e perseguição n ã o conseg u i ria exercer qualquer i n fl u ência sem o vazio e a esclerose q u e a feta m , por outro lado, o pensa mento pol ítico. Refi ro-me ao pensa mento pol ítico dos pol íticos e dos comentaristas especial izados que a eles se dedicam por profissão. Mesmo quando estes são m uito pouco complacentes em suas perguntas aos pol íticos e em suas críticas a eles, a i nda assim essas questões e essas críticas g i ram em torno da mesma problemática , das mesmas idéias preconcebidas . e percebemos que nenhuma nova leitura veio pert u rbar sua i m utável rot i n a . N o entanto, a reflexão sobre a h i stóri a , a econom i a , a pol ítica , a s sociedades . foi enriquecida nesse último quarto de sécu l o , em vários pa íses, por uma notável produção de autores originais e

de obras profundas, entre as quais algumas têm, além disso, um sedutor mérito literário. Porém essas obras, que contribuem para transformar ou ampliar o conhecimento e a interpretação das sociedades, não produzem efeito algum sobre os políticos ou sobre os profissionais da comunicação política. Será que eles as lêem. ou, pelo menos, um resumo delas? Se o fazem, então se apressam em esquecer o que leram, a julgar pela enfadonha repetição de duas ou três máximas que lhes servem de teoria e que sempre se referem a situações pontuais e cálcu los de curto prazo. Quando digo duas ou três estou sendo generoso. Desde o fim do Império Soviético, somente uma subsiste: a do antiamericanismo. Tomemos como exemplo a França, país ao qual me refiro com frequência por ser o paradigma do experimento de resistência aos ensinamentos da catástrofe comunista. Se retirarmos o antiamericanismo, tanto à direita quanto à esquerda, não sobrar nada do pensamento político francês. Está bem. não sejamos mesquinhos. sobram talvez 3% ou 4%. nos meios que ocupam a liderança do efêmero.

A globalização, por exemplo, raramente é analisada como tal. assim como as funções da Organização Mundial do Comércio. Ambas causam medo. Por quê?

Porque torna ram-se sinônimos da superpotência norte-americana. 230 Se alguém replica que a globalização dos intercâmbios não é benéfica apenas aos Estados Unidos. unilateralmente. já que esse país compra mais do que vende no exterior e, por isso, sua balança comercial é cronicamente deficitária; se alguém argumenta 230 Ver a pesquisa publicada em Les Echos de 2 de novembro de 1999.

258

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

que a OMC não é essencialmente nefasta aos europeus ou aos asiáticos. do contrário, tantos países que ainda não fazem parte dela (a China, por exemplo, cujo ingresso foi finalmente decidido em novembro de 1999) não fariam de tudo para serem admitidos, esse alguém estaria falando para surdos. Porque essa pessoa estará falando em termos racionais para uma audiência que se situa no campo das idéias fixas obsessivas. De nada adiantará mostrar-lhes os elementos reais de reflexão, isso só servirá para que a pessoa seja rotulada como lacaios dos norteamericanos. No entanto, a OMC decidiu favoravelmente à União Europeia em mais da metade dos conflitos com os Estados Unidos. e já os condenou várias vezes por subsídios disfarçados. Longe de ser a feitura livre do laissez-passer. a

foi criada precisamente para garantir a concorrência leal nas trocas mundiais.

O ódio aos Estados Unidos é alimentado por duas fontes distintas. Em muitas vezes convergentes: os Estados Unidos são a única superpotência, desde o fim da guerra fria; os Estados Unidos são o principal campo de atuação e centro de expansão do demônio liberal. Os dois motivos de execração se conjugam, pois é precisamente devido ao seu caráter de "superpotência" que os Estados Unidos da América espalham a peste liberal sobre todo o planeta. Daí resultou o cataclismo vituperado sob o nome de globalização.

Se essa acusação for tomada ao pé da letra, devemos concluir que o remédio para os males denunciados seria a instauração ou a restauração, em cada país, da economia estatizada, e um total fechamento às trocas internacionais, inclusive e sobretudo, na área cultural. Chegamos assim a uma versão pós-marxista da autarquia econômica e cultural desejada por Adolf Hitler.

Em termos de política internacional, desde o final da Guerra Fria, os Estados Unidos são mais detestados e criticados, mesmo por seus próprios aliados, do que eles o foram durante aquele período pelos partidários confesos ou enrustidos do comunismo. A ponto de despertarem uma onda de reprovação das mais agressivas mesmo quando tomam iniciativas de interesse dos seus aliados, assim como deles próprios, e que somente eles podem tomar. Durante o inverno de 1997-98, quando Bill Clinton anunciou uma eventual intervenção militar no Iraque, para forçar Saddam Hussein a respeitar seus compromissos de 1991, suscitaram diversas reações de hostilidade contra os Estados Unidos. Somente o governo britânico assumiu a posição favorável a eles.

No entanto, o problema era claro. Há vários anos, Saddam recusava-se a destruir seu arsenal de armas de destruição maciça, impedindo os inspetores das 259

A GRANDE PARADA

Nações Unidas de controlá-los, violando assim uma das principais condições aceitas por ele próprio no acordo de paz que se seguiu à sua derrota em 1991. Considerando tudo de que esse personagem é capaz, não se podia negar a ameaça para a segurança internacional

representada pelo acúmulos de armas químicas e biológicas em suas mãos. Entretanto, o principal escândalo que uma boa parte da opinião internacional denunciava era o embargo imposto ao Iraque. Como se o verdadeiro culpado das privações sofridas pelo povo iraquiano não fosse o próprio Saddam, que arruinou o seu país lançando-se em uma guerra contra o Iraque em 1980, depois contra o Kuwait em 1990 e, finalmente, criando entraves à execução das resoluções da ONU sobre o seu armamento.

Por ódio aos Estados Unidos, esse ditador sanguinário recebia o apoio dos críticos do embargo, apoio esse que vinha tanto da extrema direita quando da extrema esquerda (Frente Nacional e Partido Comunista na França) ou dos socialistas de esquerda (o semanário *The New Statesman*, na Grã-Bretanha ou Jean-Pierre Chevenement, então Ministro do Interior na França) e da Rússia, bem como de uma parte da União Européia. Tratava-se portanto de um denominador comum antiamericano e não de uma escolha ideológica ou estratégica coerente.

Muitos países, inclusive a França, não negavam a ameaça representada pelos armamentos iraquianos. mas declaravam preferir uma "solução diplomática" à intervenção militar. Ora, exatamente a solução diplomática era rejeitada há sete anos por Saddam, que muitas vezes havia expulsado os representantes da ONU!

Quanto à Rússia, ela alegava que o uso da força contra Saddam colocaria em risco seus próprios "interesses vitais". Não se sabe de que forma isso ocorreria. A verdade é que a Rússia não perde nenhuma oportunidade de manifestar seu rancor por não ser mais a segunda superpotência mundial. como ela era, ou acreditava ser, no tempo da União Soviética. Mas a União Soviética morreu por seus próprios vícios e a Rússia continua a sofrer as consequências.

No passado, houve impérios e potências de escala internacional. antes dos Estados Unidos desse final de século XX. Mas nunca houve nenhum que atingisse tal preponderância sobre todo o planeta. É o que assinala Zbigniew Brzezinski, o antigo Assessor de Segurança do Presidente Jimmy Carter, em seu livro *Le Grand Échiquier* O Grande Tabuleiro de Xadrez. 231 Para merecer o título de superpotência-

*

N. do T.: Desde a publicação original deste livro, na França, e m

2000, houve várias mudanças nas relações entre Estados Unidos e Rússia, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos. É importante situar as afirmativas do autor no contexto da política externa e interna russas do ano 2000.

231 Tradução para o francês, Bayard Editora, 1997.

260

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

mundial. um país deve ocupar o primeiro lugar em quatro esferas: econômica, tecnológica, militar e cultural. Os Estados Unidos da América são atualmente o único país - e o primeiro na história - a preencher essas quatro condições simultaneamente. Do ponto de vista econômico, após a morte do comunismo, e sobretudo depois da crise asiática e das dificuldades da Alemanha, eles se destacam por apresentarem crescimento, pleno emprego, equilíbrio orçamentário (pela primeira vez depois de trinta anos) e a ausência de inflação. Em tecnologia, principalmente a partir do espetacular desenvolvimento que os Estados Unidos imprimiram aos instrumentos de comunicação de ponta, eles detêm praticamente o monopólio do setor. Do ponto de vista militar, o país é a única potência capaz de intervir a qualquer momento em qualquer parte do mundo.

Quanto à superioridade cultural, ela é mais discutível e variável segundo a área analisada. É esmagadora, sem dúvida, na ciência e na tecnologia, bem como na área do ensino universitário. Em outros aspectos, a avaliação depende de sabermos se a "cultura" é considerada no sentido restrito ou no sentido mais amplo. No primeiro, isto é, no sentido das grandes manifestações criativas, no campo da literatura, da pintura, da música e da arquitetura, a civilização norte-americana é certamente brilhante, mas não é a única, e nem sempre é a melhor. Nesse nível de grande prestígio não se pode comparar sua produção com o que ocorreu na Grécia antiga, em Roma, na China e na Itália do Renascimento. Poder-se-ia mesmo dizer que a cultura artística e literária norte-americanas tendem a se regionalizar. Na medida em que, devido à dominação do inglês, cada vez menos norte-americanos, mesmo os mais cultos, são capazes de entender qualquer língua estrangeira. Quando os acadêmicos ou os críticos norte-americanos se abrem para uma escola de pensamento estrangeira, em geral o fazem seguindo alguma tendência da moda, e não devido a um impulso original.

Por outro lado, Brzeziński tem razão quando se trata de cultura no sentido mais amplo, de cultura de massa. A imprensa e a mídia norte-americana em geral atingem o mundo todo. O estilo de vida norte-americano - roupas, música popular, a limentação, diversões - seduzem a juventude em toda parte. Mas isso é resultado de um esforço consciente do país nesse sentido. Dezenas, centenas de vezes ouvi, no estrangeiro, as queixas de estudantes, de intelectuais amadores ou de leitores a respeito dos livros, revistas e jornais franceses que haviam encomendado e nunca haviam recebido! Quando somos incapazes, fica muito fácil jogar a culpa no imperialismo cultural dos outros. O cinema e os seriados da televisão norte-americana-261

A GRANDE PARADA

americana atraem milhões de espectadores em todos os continentes. O inglês se impõe, de facto, como o idioma dominante na internet e há muito tempo é a principal língua utilizada nas comunicações científicas em nível internacional. Boa parte das elites políticas, tecnológicas e científicas das mais diversas nações são formadas nas universidades norte-americanas.

Mais decisiva ainda, queiram ou não os socialistas do passado e do presente, foi a vitória global do modelo liberal. Após o desmoronamento do comunismo. Da mesma forma, a democracia federalista norte-americana tende a ser imitada em outras partes do mundo, a começar pela União Europeia. Ela serve como princípio organizador para vários sistemas de alianças, como por exemplo a OTAN e a ONU.

Não é o caso de negarmos os defeitos do sistema norte-americano, suas hipocrisias e seus desvios. Mas a questão é que nem a Ásia, nem a África, nem a América Latina podem dar muitas lições de democracia. Quanto à Europa, foi ela que inventou as grandes ideologias criminosas do século. Foi exatamente por isso que os Estados Unidos tiveram que intervir em nosso continente por duas vezes, em duas guerras mundiais. Foram precisamente as falhas europeias que levaram os Estados Unidos à sua atual condição de superpotência.

Pois a dominação norte-americana nasceu, e sem dúvida, de seus próprios méritos, mas também das faltas cometidas por outros países, particularmente pela Europa. Recentemente a França repreendeu os Estados Unidos por tentarem usurpar sua autoridade sobre a África. Ora, a França tem uma terrível parcela de responsabilidade na

origem do genocídio de Ruanda, em 1994, e na decomposição do Zaire que se seguiu. Portanto, ela perdeu sua credibilidade sozinho, e foi esse descrédito que cavou o fosso preenchido, na sequência, pela crescente presença norte-americana. A própria União Européia caminha muito lentamente no sentido da criação de um centro unificado de decisões diplomáticas e militares. É um coro onde cada elemento se considera um solista. Sem união, como ela pode contrabalançar a eficácia da política externa norte-americana, se para esboçar qualquer ação mínima ela precisa obter a unanimidade prévia de seus 15 países membros?

O que acontecerá quando estes forem vinte e ainda mais díspares do que são hoje os membros da União?

O caráter de superpotência dos Estados Unidos resulta, de um lado, da vontade e da criatividade dos norte-americanos. De outro, ele é devido à sucessiva s sucessivas cometidas pelo resto do mundo: o fracasso do comunismo, o suicídio da África debilitada pelas guerras, ditaduras e corrupção, as divisões na

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

Europa, o retardamento na implantação das democracias na América Latina e sobretudo na Ásia.

Na época da intervenção da OTAN no Kosovo. o ódio antiamericano aumentou ainda mais. Na Guerra do Golfo. poder-se-ia alegar que. por trás de uma aparente cruzada pela paz escondia-se a defesa dos interesses no petróleo. Esse argumento negligenciava o fato de que os europeus são muito mais dependentes que os Estados Unidos do petróleo do Oriente Médio. Mas no Kosovo, mesmo que se admitisse a existência das piores intenções. não é possível entender que tipo de egoísmo norte-americano poderia ditar essa intervenção em uma região sem grandes recursos ou capacidade importadora e na qual a instabilidade política, o caos étnico, os crimes contra a população ameaçavam gravemente o equilíbrio da Europa, mas não o dos Estados Unidos.

Durante o processo de mobilização da OTAN. na verdade foram os norte-americanos que se sentiram arrastados a essa expedição pelos europeus, particularmente pela França. após o fracasso da conferência de Rambouillet. Sendo o principal protagonista dessa con

ferência, a realizada em fevereiro de 1999, Paris havia envidado todos os esforços e comprometido todo o seu prestígio no sentido de convencer a Sérvia a aceitar certas concessões a respeito do Kosovo. Se a recusa dos sérvios não tivesse recebido nenhum tipo de sanção, seria a Europa, e sobretudo a França, que teria dado uma demonstração de lamentável impotência, que aliás era real. A participação norte-americana na operação militar da OTAN teve por função agir ao mesmo tempo como paliativo e como dissuasão para essa impotência. Dos novecentos aviões utilizados, seiscentos eram norte-americanos, como a quase totalidade dos satélites de observação.²³² Isso porque o orçamento dos Estados Unidos em equipamentos e pesquisas militares é duas vezes maior que o dos 15

países da União Européia; e, em termos de defesa espacial, ele é dez vezes maior. Se a vontade de agir no Kosovo foi européia, os meios, em sua maior parte, foram, e só poderiam ser, norte-americanos. Além disso, a barbárie que precisava ser erradicada era resultado de uma fatura inegavelmente européia marcada por vários séculos de absurdos que culminaram no fato de tolerar a permanência em Belgrado, após a queda de Tito, de um ditador comunista reconvertido em nacionalista integral.

Mas como era preciso, como sempre, imputar aos norte-americanos os erros europeus. essa constelação de antecedentes históricos quase milenares e de fatores con-

²³² Pierre Beylau: "Défense: l'impuissance européenne" [Defesa: a impotência européia], Le Point, 14 de maio de 1999.

263

A GRANDE PARADA

temporâneos visíveis e notórios foi recoberta pelo véu da ignorância voluntária por várias camadas de intelectuais e políticos da Europa. O conhecimento foi substituído por uma construção imaginária segundo a qual os extermínios étnicos no Kosovo eram uma invenção norte-americana destinada a servir de pretexto para que os Estados Unidos, através da intervenção, pudessem dominar a OTAN e subjugar definitivamente a União Européia. Pascal Bruckner montou um edificante inventário de todas essas asneiras.

233

Para os gregos e para os russos, por exemplo, os Estados Unidos apoiava nos últimos anos do Kosovo no intuito de destruir a religião cristã ortodoxa. Para os que eram favoráveis aos árabes, o

problema era o contrário, pois eles queriam transmitir a ilusão de serem amigos dos muçulmanos para melhor enganá-los. Em suma, estava formada a obsessão do complô. Não podemos entender a batalha dos intelectuais franceses, após a publicação de um artigo de Régis Debray²³⁴

negando ou minimizando as perseguições racistas de Milošević. nem podemos entender o próprio artigo, se insistirmos em acreditar que Régis Debray queria simplesmente defender os sérvios de acusações que ele considerava infundadas.

Qual seria a chave dessa negação das atrocidades sérvias? Ao afirmar que o comportamento dos sérvios no Kosovo não justificava os ataques aéreos, Debray quer nos conduzir à idéia de que a única razão para essa guerra é a ambição dos Estados Unidos de estabelecer seus "superpoderes" e sua dominação na Europa.

Essa foi uma idéia fixa abundantemente expressa durante todo o tempo das opera-

ções, da extrema direita à extrema esquerda, passando pelos comunistas e por inúmeros outros grupos.

A convergência entre a extrema direita e a extrema esquerda nesse caso beira a identidade de pontos de vista. Jean Marie Le Pen é indistintamente amigo de Régis Debray e de alguns outros quando escreve no jornal da Frente Nacional, o National Hebdo.²³⁵ "O espetáculo da Europa (e da França) esmagada sob a sola do sapato de Clinton nessa guerra de covardes e de bárbaros moralizantes é repugnante, ignóbil.

insuportável. Eu fui a favor dos croatas, contra Milošević. Hoje sou pela Sérvia nacionalista, contra a ditadura imposta pelos americanos. "

Para Didier Motchane, do Movimento dos Cidadãos (esquerda socialista), o objetivo secreto dos norte-americanos era de atizar a hostilidade entre a Rússia e a América.²³⁶ Pascal Bruckner, "Pourquoi cette rage antiaméricaine ?" [Por que esse ódio antiamericano ?] "Ponto de Vista" publicado no jornal Le Monde de 7 de abril de 1999. E "L'Amérique diabolisée" [A América satanizada], entrevista publicada em Politique Internationale, n. 84, verão de 1999.

²³⁴ Le Monde, 1 • de abril de 1999.

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

e a União Europeia. Para Bruno Mégret, da extrema direita (Movimento Nacional), era criar um precedente que seria usado pelos norte-africanos, em breve majoritários no Sul da França, para exigir um plebiscito sobre a independência da região da Provença, ou mesmo sua anexação à Argélia. Para Jean-François Kahn, diretor do semanário de esquerda Marianne, o mesmo cálculo perverso tendia a incitar ao mesmo movimento os albaneses, caso eles comessem a querer voltar a ser albaneses. Em caso de recusa do governo francês, Tio Sam iria julgá-los no direito de bombardear Paris, do mesmo modo como bombardeara Belgrado em 1999. Jean-Baudrillard, por sua vez, expõe ao jornal Libération²³⁶

sua versão dos acontecimentos: a verdadeira intenção dos Estados Unidos é de ajudar Milosevic a se livrar dos kosovares! Vá alguém entender... Seguindo Baudrillard, foram também os Estados Unidos que provocaram a crise financeira do Japão e de outros países asiáticos em 1997. Nenhum desses países teve qualquer responsabilidade no surgimento de seus problemas de insolvência. Assim como os europeus não tiveram qualquer responsabilidade na gênese do inextricável labirinto de ressentimentos balcânicos. A consciência moral desses filósofos não se deixa perturbar pela hipótese de que a União Europeia teria sido coberta de vergonha se deixasse continuar a ocorrer, dentro de sua própria casa, a carnificina do Kosovo. É verdade que, segundo eles, o projeto global de Washington é de "bloquear o caminho à democracia mundial que vem emergindo lentamente."²³⁷ Então a limpeza étnica praticada no Kosovo era "uma democracia emergindo lentamente?" Com esse salvo-conduto em mãos, ninguém precisa mais se dar o trabalho de estudar as relações internacionais nem mesmo de se informar. Como assim, alaijudiciosamente Jean-Louis Margoilin,²³⁸ "a leitura do mundo agora é simples: Washington é sempre o culpado, obrigatoriamente culpado; e seus adversários são sempre as vítimas, obrigatoriamente vítimas". Eu acrescentaria: seus aliados também! Sempre culpado, essa é a palavra. Se os norte-americanos relutam em se engajar em uma operação humanitária, eles são estigmatizados por sua falta de presteza em socorrer os famintos e perseguidos. Se eles se engajam

, são acusados de conspirar contra o restante do planeta .

Esses sim plismo na análise, que já nem merece mais esse nome, só faz aumentar a fraqueza das potências médias e pequenas em relação à superpotência norte-americana . Esses países acrescentam à sua inferioridade econômica e estratégica-236 Em 29 de abril de 1999.

237 Denis Ducloux, Le Monde , 22 de abril de 1999.

238 Le Monde, 29 de maio de 1999.

265

A GRANDE PARADA

com uma indignação de idéias na explicação da realidade. Pode-se compensar a desigualdade material com a sutileza intelectual , o julgamento exato, a avaliação imparcial . São estas condições indispensáveis para melhorar a atuação e contrabalançar, tanto quanto possível , a diferença de meios concretos , explorando da melhor forma possível os recursos do contexto. Mas só se consegue aumentar essa diferença quando se forja uma explicação cuja pobreza traduz ao mesmo tempo um delírio compensatório e uma fuga da realidade, a ambos fontes de indignação para a ação. Mergulhando cada vez mais fundo em seus desvarios, que foram a causa indireta da emergência da superpotência norte-americana, os europeus continuam a mantê-la e contríbuiam para reforçá-la. Além disso, se as explicações baseadas tão somente no antiamericanismo são corretas, se os Estados Unidos são os únicos responsáveis , ao mesmo tempo, pela crise financeira asiática , os massacres no Kosovo e a queda nas vendas da couve-flor na França, então o resto do mundo é inteiramente povoado por carneiros apáticos . Com parceiros tão lamentáveis que nunca são nem os autores nem os responsáveis por seus próprios atos , não é de surpreender que os Estados Unidos sejam "superpotentes".

Somos nós, europeus, que nos entregamos a essa imagem projetada dos Estados Unidos como causa de nossos próprios erros . O " unilateralismo" norte-americano denunciado pelo Ministro do Exterior do governo Jospin , Hubert Védrine, nada mais é do que o inverso de nossa indecisão ou de nossas decisões errôneas. Para a França , é uma atitude ridícula pretender fazer frente a esse " unilateralismo" batendo o pé para impedir a venda de nossas bananas antilhanas acima do preço de mercado ou para proteger Saddam Hussein de modo ultrajante. Também a forma obsequiosa como a França recebeu o presidente chinês em outubro de 1999 teria sido parte,

segundo se disse, de um "grande plano" para promover o gigante chinês a fim de contrabalançar o gigante norte-americano. Assim, em agosto de 1999, a França chegou a denunciar como "fator de desestabilização da China" o projeto norte-americano de instalar plataformas anti-mísseis nos Estados Unidos e em alguns países do Extremo Oriente. Podemos reconhecer nessa afirmativa um velho fio condutor da propaganda pró-soviética do passado, segundo a qual a defesa ocidental era a única ameaça à paz, já que ela dissimilava angústia no Kremlin.

No entanto, está confirmado, segundo os especialistas, que a China vem aumentando consideravelmente, há vários anos, seu arsenal nuclear. Se a França pretende, por exemplo, deixar que Pequim conquiste Taiwan pela força, que ela o diga claramente. Além disso, a "fórmula chinesa" de Páris está baseada em uma ilusão



EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

econômica. Pois a China continua a crescer e ainda continua sendo um anão econômico, mesmo que seja um gigante demográfico. Seu PIB representa apenas 3,5% do PIB

mundial: sua renda per capita a coloca em torno da octogésima posição no ranking mundial; seu mercado absorve apenas 1,8% das exportações norte-americanas e 1,1% da França ou da Alemanha.²³⁹ Quanto aos contratos miseráveis dos quais a Paris se orgulha, em cada viagem oficial Pequim salda suas obriga-

ções com empréstimos bonificados e sempre "reescalonados" que nós lhes concedemos. O sonho da "carta chinesa na manga" que a França poderia usar para fazer frente à superpotência norte-americana, não passa, há muito tempo, de infanti lidade diplomática.

A grande questão que se apresenta a nós, europeus, nesse começo do século XXI, é a de saber se poderemos recuperar a autonomia política que perdemos em 1914

de agosto de 1914, primeiro dia da Primeira Guerra Mundial.

Até essa data, a Europa tivera, com certeza, uma história agitada, a que é mesmo bárbara e sangüinolenta. Mas ela resolvia suas crises sozinho e reencontrava periodicamente um equilíbrio mais ou

menos d u ráve l , por meio de n egociações estritamente i nternas, entre potências puramente européias. Foi o caso, já na era modern a , do Congresso de Viena de 1 8 1 5 . Depois, d u rante a segunda metade do sécu lo XIX, foi também o caso d u rante e após os confl itos que acompanharam a u n i ficação da Itá l i a e da Alemanha.

Ao contrário, em 1 9 1 9, pela pri meira vez desde a q ueda do Império Romano, as negociações pan-européias, desti nadas a reorgan izar total mente as estrutu ras pol íticas do Vel ho Conti nente, tiveram como maestro e força inspiradora o presidente de uma potência não européia: Woodrow Wilson. Isto se deveu, sem dúvida , ao fato de que os vencedores só alcançaram a vitória graças aos Estados U n idos, que, com sua i ntervenção, haviam i nvertido o curso da h i stória da Europa e por isso impuseram suas sol uções no momento da paz. Além de tudo isso, o Tratado de Versal hes foi um fracasso. Ele não reconstrui u um novo equ i l íbrio. Na verdade, a Primeira e a Segunda guerras m u ndiais foram uma ú n ica e longa guerra , dividida em duas partes, separadas por u m armistício tenso e precário. Foi uma guerra civi l i mensa e suicida, que duas vezes degenerou em guerra m u ndial . A incapacidade dos europeus para a resol ução de seus próprios problemas de relações diplomáticas entre

239 Ver o artigo de Geral d Segai do I nstituto de Estudos Estratégicos de Londres, na revista Foreign Affairs de setembro-outu bro de 1 999. As estatísticas econômicas fornecidas pelos c h i neses não são de forma alguma confiáve i s . Ver Jean-Claude Chesna is sobre as estatísticas fa lsificadas da China na revista Les Anna/es des Mines, de março de 1 999.

267

A GRANDE PARADA

os vários pa íses ficou patente. E mais: enquanto no período entre 1 8 1 5 e 1 9 1 4 a Europa havia progredido lenta mas continuamente para uma região cada vez mais democrática , o período entre as duas guerras caracterizou-se por u m enorme retrocesso da l i berdade e pelo surgimento dos grandes e pequenos regimes total itários

- inovação européia do sécu l o - em Moscou, Roma, Berl i m , Madrid, Vichy. Se escapou por pouco da a utodestru ição, a civi l ização européia nem por isso se mostrou apta a governar-se. d u rante todo o sécu lo, ao menos como grupo continenta l .

N ova mente sa lva p e l a ação m i l itar d o s Estados U n idos, ela também teve sua reconstrução eco n ô m i ca l evada a efeito por

aquele pa ís . a part i r de 1 94 5 . A necessidade de defender o q u e havia restado da E uropa l ivre , agora contra o i m peri a l i smo soviético, após a derrota do nazismo, con feri u também aos Estados U n idos o papel de a rq u i teto e agente fi nanciador da Orga n i zação do Tratado do At lântico Norte, papel que os pa íses da E uropa Ocidental estava m m u ito e n fraquecidos para poderem ass u m i r. Desde a derrocada soviética , a E uropa de h o j e encontra-se. p e l a pri m e i ra vez n o s ú ltimos o itenta a n o s . con frontada c o m sua própria a uton o m i a e plenamente respon sável por seu dest i n o . i ndependente de sua vontade. O tempo da proteção norte-americana. acompanhada de antia merica nismo. era m u ito confortáve l , tanto do ponto de vista pol ítico quanto psicológico . Mas acabo u .

Agora que a Europa está fi nal mente sozinha diante dela mesma, e l a s e revel a i ncapaz de agi r. Ela se habituara , no último m e i o sécu lo, a med i r s u a i ndependência por sua capacidade de resistir, seja à hegemonia norte-americana. seja ao imperial ismo soviético . se necessá rio apoia ndo-se no segundo contra a pri m e i ra .

Era uma i ndependência de pa ís subdesenvolvido. Hoje a comédia term i no u . A Europa é pura e s i mplesmente i ndependente, e responsável por ela mesma , inteiramente. Mas lhe fa lta treinamento para essa l i berdade reencontrada.

Essa incapacidade ou dificu ldade que têm os europeus pa ra compreender e gerenciar. no devido tempo, as rev i ravoltas decisivas de sua própria h i stória pode ser observada ao longo de todo o sécu lo XX. Nós a vi mos bri lhar com todo seu inepto esplendor quando os países da Europa Oriental apresentara m em caráter urgente a q uestão da reu n i ficação das duas Alemanhas. Os di rigentes da E uropa Ocidental (com exceção de Helmut Koh l) não apenas fora m surpreendidos por algo que não haviam percebido, como nada perceberam do que j á havia acontecido.

Por isso não su rpreende que. em 9 de novembro de 1 999, quando da ceri mônia de comemoração do décimo an iversá rio da q ueda do M u ro. no Bundestag, em 268

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

Berl i m , os ú n icos heróis do dia ten ham sido Helmut Koh l . Mikha i l Gorbachev e George Bush . N e n h u m outro estadista ou governante, passado ou presente, dos países da U n ião Européia fora convidado. A U n ião Européia oficial mente ausente da comemoração da volta à democracia de seu próprio conti nente ! E com razão. A

participação dos dois dirigentes desses países no processo de reunificação havia sido muito restrita, quando não francamente negativa. Essa hostilidade foi particularmente ruidosa da parte de Margaret Thatcher e François Mitterrand. Tomou a forma de passividade indiferente no caso de Giulio Andreotti, então Presidente do Conselho italiano. Assim, mais uma vez, as principais potências européias não captavam o alcance nem controlavam o desenvolvimento de um evento fundador de sua própria história. Querer manter um enclave com um instável alemão dentro da Europa descomunizada era testemunho de uma cegueira que beirava a demência.

Os dois condutores da reunificação foram, inicialmente, é claro, o presidente soviético e o chanceler da Alemanha Ocidental. Mas eles precisavam de uma garantia internacional e de apoio externo, para o caso de uma parte dos líderes soviéticos, principalmente os generais, decidirem fazer oposição a Gorbatchev e intervir militarmente para prolongar por meio da força a existência da RDA. Foram os Estados Unidos que lhes trouxeram essa garantia internacional e esse apoio externo. O presidente norte-americano George Bush, através de seus assessores nequívocos, deu a entender aos beligerantes de Moscou que uma reprise da operação

"Primaavera de Praga" na RDA encontraria, dessa vez, uma reação norte-americana à altura. Não tendo compreendido nem a importância nem o significado dos acontecimentos que envolveram a Europa central do comunismo, e não tendo desempenhado qualquer papel positivo nesse processo, os europeus ocidentais não têm direito de reclamar da "superpotência" norte-americana, que provém do fato de que os Estados Unidos tiveram que preencher o vácuo político e intelectual da Europa em circunstâncias nas quais, entretanto, eram os próprios interesses vitais do continente que estavam em jogo, mais uma vez.

Pertencer à Europa, ser aliado da França, da Grã-Bretanha, da Itália, de nada adiantou para Helmut Kohl em 1989 e em 1990, na condução da operação mais arriscada e mais carregada de consequências de toda a história recente de seu país. Ao contrário, ser aliado dos Estados Unidos foi o que lhe permitiu conduzir a reunificação em clima de paz, finalizando a descomunização da Europa central.

Além do mais, George Bush soube se abster de qualquer atitude destrutiva que pudesse irritar a oposição soviética à política de Gorbatchev. O presidente 269

norte-americano recusou , pa rticularmente. o con selho de seus assessores, que o encoraj avam a estar em Berl i m no dia segui nte à q ueda do M u ro . Ele teve a decência de respeitar o momento de emoção puramente alemão que marcou o reencontro das duas populações . Ele não participou do espetácu lo, mas esteve na l uta. A E u ropa esteve ausente. Foi por isso que nem Jacques C h i rac, nem Tony Bla i r, nem Massimo D'Alema assistira m à comemoração de 9 de novembro de 1 999 no Bundestag, na Berl i m reu n i ficada .

O antia mericanismo onírico tem duas origens disti ntas, que se j u ntam através de seus resultados. A primeira é o nacionalismo ferido das antigas grandes potências européias. A segu nda é a hostilidade à sociedade l i beral por parte dos antigos partidários do com u n ismo, inclusive aqueles que. embora não aprova ndo os regimes tota l itários sa ngui nários, soviéticos, chi neses ou outros, haviam apostado que o comu n ismo poderia um dia se democratizar e se h u ma n izar.

O nacionalismo ferido não vem do fi nal da G uerra Fria . Ele surg i u no dia segui nte à Segu nda Guerra M u n d ia l . Seu mais bri l hante e categórico porta-voz foi o Genera l de G a u l l e . "A E u ropa Ocidenta l tornou-se. sem perceber, u m protetorado norte-americano", confidenciou , em 1 963 , a Alai n Peyrefitte. 240 Para o pri m e i ro presidente da Qui nta Repúb l i ca francesa , existe uma equ ivalência entre a relação de Wash i ngton com a E u ropa Ocidenta l e a de Moscou com a Europa Centra l e do Leste. "As decisões são tomadas cada vez mais nos Estados U n idos (. . .) . É como no m u ndo com u n i sta . onde os pa íses satélites estão habituados com as decisões sendo tomadas em Moscou . " I n fel izmente, os europeus ocidenta i s , com exceção da França , "correm para Was h i n gton a receber ordens". "Os alemães se fazem de men inos de recado dos a mericano♦ ... Al iás, já durante a guerra , "Ch u rch i l l adulava cinicamente Roosevelt". "Os americanos não estavam mais preocupados em l i bertar a França do que os russos em l i bertar a Polô n i a . "

D e Gau l l e apresentaria publ icamente essa tese na entrevista coletiva do dia 1 6

de maio de 1 967: depois de 1 94 5 , os Estados Unidos trataram a França exatamente como a U RSS tratou a Polônia ou a H u ngri a . Nada o demoveria dessa idéia. Em 1 964 , o Presidente Johnson envia aos Departamentos de Estado e da Defesa u m memorando dizendo q u e não aprovará nenhum plano d e defesa que não tenha sido

previamente discutido com a França . De Gaulle declara então a Peyrefitte: "Johnson está dando li nha pa ra nos fisga r. " Se não tivesse decidido consu ltar a França , 240 Ala i n Peyrefitte, C 'était de Gaulle, obra c itada , tomo l i , d a qual fora m extraídas também a s citações segu intes.

270

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

Johnson estaria certamente comprovando sua atitude "hegemônica". Quando, ao contrário, ele proclama a l iberdade de escolha da França e a vontade norte-americana de não adotar nen h u m plano sem a concordância de Pari s , então, é porque ele está "dando l i n ha". Está em ação o dispos itivo mental que j á conhecemos: os Estados U nidos estão sempre errados.

Para o naciona l i st a , porta nto , o pensamento evol u i no labi rinto passional do org u l h o ferido. Mesmo no cam po da ciência e da tecnologia , o atraso de seu próprio país não é devido, segu ndo e l e , a fa l h a s no processo ou fa lta de aptidão

- por rigidez governamenta l , por exem plo - pa ra enxergar o fu t u ro e tomar a d i reção certa . Se outro pa ís aga rra pri mei ro as oport u n i dades de progred i r, só pode ser por m a l evolência e apetite de do m i nação. A i ntel i gência não conta, nem tampouco o s i stema econôm ico . Em 1 997, Jacques Toubon , então M i n i stro da J u st i ça da Fra n ça , decla ra ao semanário norte-americano US News and World Report que "o uso predom i nante da l íngua i nglês na i nternet é u m a nova forma de col o n i a l ismo". Parece claro então que a cegu e i ra tecnológica da Fra n ça , que ficou a ferrada ao seu M i n i tel * nacion a l . não teve nenhum pa pel nessa tri ste situação. Em 1 997, t ín h amos dez vezes menos co mputadores l i gados à i nternet que os Estados U n idos , duas vezes menos que a Alemanha e estáva mos atrás até mesmo do México e da Polôn ia ! Mas o erro é sempre do outro , que cometeu a a frente de ver tudo com m a i s cla reza e cu j a flexi b i l idade l i bera l perm i ti u a l i vre i n iciativa dos i nventores do setor privado. Na França , a burocratização da pesqu i sa confi nada a o s l i m ites d o C N RS , * * a d i stri b u i ção de verbas públ icas a pesq u i sadores i m p rodut ivos , porém a m i gos d o poder, t u d o i s s o n ã o seria u m entrave?

Em um texto de 1 999, i nt i t u l ado Pela isenção cultural, Jean C l uzet . presidente do Comitê Fra ncês do Audiovi s ua l , pers i ste na atitude protecio n i sta e temerosa.

Ele escreve : " Frente à ru i dosa i nvasão das novas tecnologias da com u n i cação, a serviço da cultura domi nante a merica n a , a sobera n i a cultura l francesa está fortemente a m eçada . " R u i dosa i nvasão? Por q u ê? Será que e l a cai u do céu ? Qual seria o remédio? Estudar as ca usas dessa i n vasão? Claro que não ! Em vez disso é preciso i m p lantar q u otas , s u bvenci onar nossos fi l mes e seriados de televisão, re ivind icar a fra ncofo n i a u n iversa l . enqua nto deixamos a l íngua fra ncesa degradar-se nas escolas e nas rádios.

*

N . do T.: M i nitel - marca e nome pelo qual ficaram conhecidos os terminais de dados fabricados pela estatal France Télécom e d i stribuídos aos bancos e outras i nstituições na França.

**

N . do T. : Sigla do Centro Nacional de Pesquisa Científica, em francês, Centre Nacional de la Recherche Scientifique.

271

A GRANDE PARADA

Toda i nterpretação del i ra nte através da qual o "eu" ferido atribui seus próprios fracassos aos outros é i ntri nsecamente contraditória e não foge à regra. É certo que os fra nceses odeiam os Estados U n idos. mas se alguém protesta contra os american ismos i n úteis que invadem a m ídia de massa . o crítico logo é chamado de velho canastrão. pu rista mesqui nho e i ntelectual pedante. ridiculamente preso ao passado. Consegui mos a façanha de prega r o i m peria l i smo fra ncofônico e. ao mesmo tempo. rea l iza r o "haraq u i ri " da nossa l íngua. Queremos i m por ao m u ndo uma l íngua que nós mesmos falamos de modo cada vez pior e que desprezamos. portanto, de l i beradamente.

A contradição i m pera com o mesmo vigor no seio do antia mericanismo da esquerda . Mas este é mais ideológico do que nacionalista. Nos casos agudos . ele pode ser os dois ao mesmo tempo. Quando Noel Mamere. deputado do Partido Verde. e Ol ivier Wari n . j orna l i sta do ca nal de televisão Arte, intitulam seu l ivro com u m Non, merci, Onde Sam.²⁴ l o significado é um só. à l uz da h i stória e não da i l usão: esses dois autores teriam preferido a Europa sob regime hitlerista ou sta l i n i sta a vê-la i n fl uenciada pelos Estados U n idos. Entretanto, os Estados U n idos são execrados à esquerda sobretudo porque eles são o referencial do l i bera l ismo.

Porque quando olhamos um pouco abaixo da superfície, vemos que para os socialistas o liberalismo continua sendo o fascismo. A extrema esquerda faz essa assimilação abertamente. Não precisamos provocar muito um interlocutor da esquerda "moderada" para que ele também o faça. Traíndo assim a verdade natural de suas idéias. Quantas vezes encontramos, nas páginas anteriores, a expressão

"liberalismo totalitário" e seus equivalentes, empregada por oradores que não mostram qualquer indício de alienação? A inferência natural desse veredicto deveria ser então a de preconizar a restauração da sociedade comunitária, o retorno às raízes do socialismo, a abolição da liberdade de empresa e da liberdade de comércio. É aí que está a contradição. Porque, considerando o balanço do comunismo e mesmo o do socialismo estatizante à francesa. da década de 1980, hoje bem conhecidos, a esquerda recua diante dessa conclusão, embora uma proporção significativa de seus seguidores mais fervorosos a cobicem com o olhar. Mas como um programa desse tipo não pode mais levar a nenhuma política concreta implementada por um governo sério. são principalmente os intelectuais de esquerda que, fiéis à sua missão histórica. não perdem a ocasião. demasiadamente atraente. de se tornarem seus arautos.

241 Ramsay, 1999.

272

EXTREMA ESQUERDA E ANTIAMERICANISMO

Günter Grass. em um romance publicado em 1995, *Ein Weites Feld* ("Uma longa história") louva retrospectivamente os encantos que embalaram a República Democrática Alemã e concentra toda a sua severidade na Alemanha Ocidental. Aos seus olhos, a reunificação alemã nada mais foi do que uma "colonização" (já vimos esse termo no mesmo contexto) do Leste pelo Oeste e, portanto, uma invasão do Leste pelo "capitalismo imperialista". Dever-se-ia fazer o inverso. diz ele. servir-se da RDA como um solo a partir do qual o socialismo teria irradiado sua luz sobre toda a Alemanha. A título de completar a beleza da demonstração, o herói do romance de Grass é um personagem que qualquer um de nós consideraria ingenuamente como infecto e nauseabundo, já que ele passou a vida espionando seus concidadãos e delatando-os, trabalhando primeiro para a

Gestapo, depois para a Stasi .

Mas para Grass ele é totalmente respeitável. Na medida em que esse homem sempre serviu a um Estado liberal e se inspirou em antigas virtudes do espírito prussiano! Esta é a precisão dos dados históricos e estes são os critérios morais do prêmio Nobel de literatura de 1999 . 242 Eles são lógicos na perspectiva de uma

"resistência" à influência norte-americana . Já que as únicas produções políticas originais da Europa no século XX, as únicas que não devem nada ao pensamento anglo-saxão foram o nazismo e o comunismo. Sejamos . portanto. leais às tradi

ções da terra !

O antiamericanismo ideológico da esquerda nada tem a ver com uma percep

ção da realidade da sociedade norte-americana . Os Estados Unidos merecem várias críticas; mas devem ter por base um estudo sério dos fatos que as compõem e do seu funcionamento intrínseco. A condenação dos erros de nada vale sem o reconhecimento dos méritos. A rejeição fóbica global aos Estados Unidos como encarnação do Grande Satã liberal diz muito sobre a subjetividade psíquica de seus propagadores, mas muito pouco sobre a civilização. objeto dessa rejeição, que os procuradores desvalorizados fazem questão absoluta de ignorar. Também aqui se manifesta um revisionismo dos sucessos do liberalismo, contrapartida e condi

ção para o revisionismo dos erros e crimes comunistas.

Felizmente. os políticos. obrigados que são a observar os princípios de realidade, não podem se permitir seguir eternamente os intelectuais nessas loucuras. Ao voltar de uma viagem oficial aos Estados Unidos. em julho de 1998, Lionel Jospin esvazia, com uma declaração, um dos vários boatos que correm na França acerca do 242 Ver a resenha bem detalhada desse romance feita por Rose-Marie Mercillon, " La nostalgie de Günter Grass " , Commentaire, n. 72, inverno de 1995-96.

273

A GRANDE PARADA

emprego, nos Estados Unidos. de clichês que servem de consolo para a esterilidade subsidiada . 241 Com toda honestidade . o primeiro-

inistro francês admite enfim que "ao contrário daquilo que sempre afirmamos e daquilo em que talvez acreditemos, a geração de empregos nos Estados Unidos não faz surgir apenas, nem mesmo principalmente, empregos não qualificados e pequenos biscoitos". Por que os Estados Unidos, com seus 258 milhões de habitantes conseguiram, de 1974 a 1994, criar 40 milhões de novos empregos, enquanto a Europa dos Doze com seus 270 milhões de habitantes, apesar dos bilhões em subsídios e "fundos estruturais" com os quais ela investiu sua economia, só criou, no mesmo período, 3 milhões de empregos?

Essa foi a pergunta que Lionel Jospin não pôde deixar de fazer a si mesmo. Ele chegou mesmo a arriscar: "Não queremos uma sociedade assistencialista, mas sim uma sociedade de trabalho". Será que evão acusá-lo de ter vivido fascista? De contribuir para espalhar o horror econômico e a ditadura liberal?

243 Eles são inúmeros e resistem bravamente a todos os livros por mais bem documentados que sejam, demonstrando, com todas as provas, sua fidelidade. Citarei três dos mais recentes: Christian Gerondeau, *Candide au pays des /ibéraux* [Cândido no País dos Liberais], 1998, Albin Michel. Alain Cotta, *Wall Street ou /e mirac/e américain* [Wall Street ou o Milagre Americano], Fayard, 1999. Philippe Manière, *Marx à la corbeille* [Marx no Pregão] (Trata-se do pregão da Bolsa!), Stock, 1999.

274

14

Ódio ao progresso

Aoper

século

lo

que

XX, e consome

o fárápr

mais

ovavel

energia

mente ai da

nda esquer

por m u da i n

itos ter

an nacional

os no

nesse

próxi mo. fim

tem de

por

obj etivo i mped i r que se d i scuta ou mesmo que se coloque a questão de sua participação ativa ou de sua adesão passiva , conforme o caso, ao tota l itarismo comun i sta . Enqua nto fi nge repudiar o socialismo tota l itário. o que faz a contragosto e com reticências, a esquerda se recusa a exa m i nar, em profundidade, a val idade do social ismo como ta l . de todos os tipos de social ismo, por medo de descobrir, ou talvez de ter que reconhecer explicitamente que ele é, em essência, u m regime total itário. Nos regi mes l ivres, os partidos socialistas são democráticos na mesma medida em que são menos socia l i stas.

São m u itos e variados os meios empregados para bloquear o ca m i n h o e i m por si l êncio a toda tentativa de ava l iação dos erros passados da esq uerda, com o fi m de cortar pela ra iz qualquer prolongamento sub-reptício e h i pócrita desses mesmos erros sob novos disfarces . Só mencionei neste livro os principa i s .

U m desses meios é ocupar praticamente toda a cena pública com a evocação e a reprovação, quase permanentes , do fascismo e do nazismo. Já vimos que a aproxima

ção entre o fascismo ital iano e o nazismo feita pela esquerda teve , sobretudo como fi nalidade, esconder o parentesco essencial entre este

último e o comum. Porém, mesmo que essa assimilação se justificasse, a reprovação diz respeito a duas formas



A GRANDE PARADA

de totalitarismo vencidas. eliminadas. julgadas e condenadas há mais de meio século. O ruído ensurdecedor e diário da orquestração do "dever de memória", com relação a esse passado já distante, parece ser em parte destinado a dar cobertura à amnésia e à auto-anestesia dos partidários do primeiro totalitarismo. Este começou antes, viveu por mais tempo, estendeu-se até muito mais tarde e ainda persiste às vezes em grandes extensões territoriais e, por toda parte, em muitas instâncias. Esses partidários abafam, assim, a voz daqueles que pretendem evocá-lo e, se necessário,

explicam essa vergonhosa insistência em falar do comunismo como resquício de uma astuciosa cumulatividade retrospectiva com o nazismo.

Se a esquerda democrática tivesse realmente e de modo sincero refletido sobre seu passado e rompido todos os laços com a tradição comunista, será que a Sra.

Danielle Mitterrand teria declarado, em Praga, por ocasião das comemorações do décimo aniversário da Revolução de Veludo, • que o desaparecimento do totalitarismo comunistas havia aberto caminho para um desastre ainda pior. o "totalitarismo liberal" imposto ao mundo inteiro? Este é um dos meios favoritos da esquerda para escapar de seu passado: ela admite a existência do fenômeno totalitário. mas... nas sociedades democráticas. Ela fez a crítica de seus preconceitos ideológicos muito menos do que se diz. Se ela o tivesse feito um pouco que fosse, será que o Ministério da Cultura socialista teria subvencionado, em 1999 - ou seja, teria feito os contribuintes pagarem - a publicação na França do livro *L'Age des extremes*. do velho e incurável socialista britânico Eric Hobsbawm? Que esse manifesto pró-totalitário seja publicado em francês, tudo bem: em um país livre. as editoras devem ser livres.

Mas quando um governo socialista contribui financeiramente, ou seja, obtém a contribuição involuntária dos cidadãos não consultados, para essa obra de propaganda política de uma época, disfarçada de trabalho científico. isso mostra quanto pouco a esquerda questionou sua ideologia, a não ser para atribuir as mesmas características a seu

adversário liberal. O inigualável Ignacio Ramonet, diretor do Monde diplomatique, reflete a opinião corrente à esquerda quando escreve: "O pensamento unificado

! subentende-se: liberal é um novo totalitarismo... a única ideologia autorizada pela política da opinião. invisível e onipresente." Ramonet descreve assim, com muita exatidão, o regime político que ele aprecia: o regime comunista.²⁴⁴ Pode haver melhor prova da "ditadura" liberal do que... o fracasso da conferência de Seattle?

N. do T.: Rebelião popular que derrubou o regime comunista na antiga Tchecoslováquia, em novembro de 1989, levando ao poder Václav Havel, primeiro presidente não comunista do país.

²⁴⁴ Ver o artigo de Jean-Claude Casanova, "Les habits neufs du progressisme" [As novas roupas do progressismo], Le Figaro, 24 de novembro de 1999.

276

ÓDIO AO PROGRESSO

Para a esquerda, o comunismo é como um membro fantasma, um braço ou uma perna que já não existe mais, porém que o amputado continua a sentir como se ele ainda estivesse presente. Embora tenhamos visto desaparecer o comunismo como ideologia global, que moldava todos os aspectos da vida humana nos países onde foi implantado, uma ideologia destinada a reinar, um dia, sobre todo o planeta, isso não significa que ele tenha cessado de controlar camadas inteiras de nossa sociedade e de nossa cultura. É o que Roland Hureaux, no livro les Hauteurs béantes de l'Europe !As Assombrosas Alturas da Europa, ²⁴⁵ chama de "a ideologia de peças avulsas". A ideologia não é necessariamente um bloco, ele observa.

"Fenômenos de natureza ideológica podem estar em jogo neste ou naquele setor da vida política, administrativa ou social sem que por isso estejamos em uma sociedade totalmenteitária."

Uma boa amostra dessas ideologias "em peças avulsas" é a corrente de emo

ções negativas suscitadas pela globalização do comércio.

A guerrilha urbana que se desencadeou, em novembro-dezembro de 1999, em Seattle contra a Organização Mundial do Comércio, a i

nda mais agressiva que a de Genebra , em 1 998, encarna m u ito bem a sobrevivência da loucura tota l itária. Diante de tamanha degradação, já nem se pode mais fa lar em "ideologia total itária".

De fato, a ideologia ao menos conserva as aparências da racional idade. Em Seattle, o espetáculo ficou por conta dos pri m itivos da pseudo-revolução. Eles u rrava m protestos e reivindicações fora de propósito, sem qualquer relação com o objetivo real da reu n ião m i n i sterial da OMC, e ao mesmo tempo heterócl itas e i ncompatíveis entre s i .

Fora de propósito porque a OMC, longe d e pregar a l iberdade i rrefreada e sem controle do comércio i nternaciona l . foi criada para organ izar, regulamentar e submeter esse comércio a u m código que respeita o funcionamento do mercado mas o enquadra em regras lega i s . Os manifesta ntes protestava m , portanto, contra u m adversário i maginário: a global ização "selvagem". E l a s e revelou bem menos selvagem do que eles próprios. Na verdade, tão pouco selvagem que a conferência acabou fracassando devido ao protecionismo, repleto de subvenções, ao qual se aferrara m i m portantes pa rticipantes da negociação. Outra crítica da esquerda, esta d i rigida aos países ricos, de q uererem i m por aos países menos desenvolvidos o l ivre comércio, particularmente a l ivre circulação de capita i s , a fi m de expl orar a mão-de-obra loca l , os ba ixos sa lários e sua deficiente proteção social ao traba l ha-245 Edição F.-X. de G u i l bert, 1 999.

277

A GRANDE PARADA

dor, revelou mais u m desses frutos do pensamento com u n ista que sobrevivem sob a forma de paranóia. Na rea l i dade, em Seattle, foram os países em desenvolvimento que se recusaram a firmar u m com prom isso para adotar medidas socia i s , garantir o salário m ín i mo ou ban i r o trabal ho i n fanti l . E l e s argu mentara m que, a o impor essas medidas, o s países ricos visavam a reduzir sua competitividade, garantida pelos ba ixos custos de produção, que preparam o cam i n ho para a decolagem econômica e, portanto, para u m a melhoria posterior do n ível de vida. Ao contrário dos preconceitos esquerdistas. foram os pa íses menos desenvolvidos . na ocasião, que se revest i ra m de l i be ral ismo "selvagem " enquanto os países capital istas avançados, com seu a lto custo do traba lho, pediam uma harmonização social por medo da concorrência dos pa íses menos avançados. São os menos ricos que tiram maior proveito da l i berdade de comércio, pois são eles que têm os produtos mais

competitivos e em certos setores relevantes. São os mais ricos, com seus elevados preços de custo, que temem a globalização nesses setores. Se considerarmos os conflitos que colocam em campos opostos, no que concerne à globalização

ção, os próprios países ricos entre eles e o conjunto dos países ricos em relação aos menos avançados, poderemos constatar que a idéia fixa, seguindo a qual um "pensamento único" liberal reinará em toda parte, só existe na imaginação daqueles que são obcecados por ela.

Da mesma forma, ao contrário do que dizem os slogans ecologistas, também bastante ruidosos entre os agitadores de Seattle, não são as empresas multinationais, oriundas das grandes potências industriais, as que mais resistem às medidas de proteção do meio ambiente, e sim os países menos desenvolvidos. Eles alegam que, pelo menos durante a primeira fase de sua industrialização, para que eles possam tomar impulso, eles precisam deixar em segundo plano, temporariamente, as preocupações com o meio ambiente, assim como o fizeram no passado os países atualmente ricos. Argumento formulado igualmente pelos pescadores de camarões da Índia ou da Indonésia, aos quais os ecologistas de Seattle pretendiam proibir o uso de certos tipos de rede que capturam também tartarugas, espécie ameaçada de extinção. Que espetáculo cômico o desses arruaceiros bem-nutridos das grandes universidades norte-americanas tentando privar de seu ganha-pão os trabalhadores do mar que sofrem do outro lado do mundo! Por que nossos defensores da ecologia não atacam, em vez disso, a pesca europeia, com sua selvageria protegida, que insiste em utilizar redes de malha estreita que matam os peixes ainda jovens, exterminando, assim, nossas reservas marinhas? É bem verdade que 278

ÓDIO AO PROGRESSO

enfrentar os pescadores de lorient ou de la Coruffa não é uma empreitada desprovida de riscos. Mas desfilhar com cartazes vingativos contra a liberdade de comércio em uma cidade como Seattle, onde quatro de cada cinco assalariados trabalham para as exportações geradas pela Microsoft ou pela Boeing, não é de se rir ridículo.

Outro detalhe divertido: os mesmos energúmenos que manifestam com violência sua hostilidade à liberdade de comércio mundial, com igual fervor, em prol da suspensão do embargo que impede o comércio entre Estados Unidos e Cuba. Por que será que o livre intercâmbio, encarnação diabólica do capitalismo mundial, de repente se

transforma em algo benéfico quando se trata de fazê-lo funcionar a favor de Cuba ou do Iraque de Saddam Hussein? Que coisa bizarra! Se a liberdade de comércio internacional é tão desastrosa, não seria melhor fazer o contrário e estender o embargo a todos os países?

Essa malha de contradições exibida coletivamente por pessoas que individualmente, com certeza são de inteligência normal, só pode ser explicada pelo feiti

ço do espectro saudoso do comunismo, que condicionou e condicionará, a cada um de nós, certos sentimentos e comportamentos políticos. Seguindo esses resquícios comunistas, o capitalismo continua sendo o mal absoluto e o único meio de combatê-lo é a revolução - mesmo que o socialismo esteja morto e que a "revolução" agora seja apenas o quebra-quebra de vitrines, eventualmente aproveitando-se para roubar um pouco do que há por trás delas.

Esse confortável socialismo dispensa todo esforço intelectual. A ideologia pensa por nós. Se ela for superada, estaremos reduzidos a estudar a complexidade da economia livre e da democracia, esses dois inimigos jurados da "revolução".

A tristeza é que esses fragmentos ideológicos e as pantomimas revolucionárias que eles inspiram servem de anteparo à defesa de interesses corporativistas bem definidos. Por trás da multiplicação de agitadores incoerentes de Seattle, escondiam-se os velhos grupos de pressão protecionistas dos sindicatos agrícolas e industriais dos países ricos. Estes sim, sabiam muito bem o que queriam: a manutenção dos subsídios, dos privilégios, os auxílios às exportações, sob o pretexto aparentemente generoso de lutar contra "o mercado gerador de desigualdades".

Os gritos de alegria da revolta "cidadã"²⁴⁶ auto-proclamada das ONG, da extrema esquerda anticapitalista, dos ecologistas, de todas as trupes hostis ao livre comércio, há alguns anos esse termo vem sendo empregado como adjetivo e melhora do termo "cívico" que já existia e não precisava de nenhum duplê incorreto. Cívico: "próprio do bom cidadão" (Grand Robert 1985); "que diz respeito aos cidadãos, que pertence a um bom cidadão" (Littré); "que diz respeito ao cidadão como membro da comunidade" (Academia Francesa de Letras). Nêscio: "referente ao cidadão como elemento integrante do Estado" (Houaiss).

A GRANDE PARADA

o intercâmbio, que reivindicava a glória do fiasco da conferência de Seattle. esse triunfo ruidoso. enfim, é um verdadeiro festival de incoerências. Reiteramos que o que provocou o fracasso de Seattle não foi de modo algum o suposto "ultraliberalismo" da União Europeia e dos Estados Unidos. mas seu excessivo protecionismo.

principalmente na área da agricultura, protecionismo esse gerador de ressentimentos nos países emergentes. em desenvolvimento ou nos chamados "do grupo de Cairns", que são ou gostariam de ser grandes exportadores de produtos agrícolas. O vencedor, em Seattle, foi o protecionismo dos ricos, queira ou não os obcecados que estigmatizam seu liberalismo. Os países em desenvolvimento. por sua vez. com quem estava em espaço para sua recusa das cláusulas sociais e ecológicas que a OMC tentou impor. Ao dar-lhes apoio. a esquerda aplaudiu. portanto, o trabalho é infindável. os salários de fome, a poluição, a escravidão nos campos de trabalho chinês. vietnamitas ou cubanos. Raramente se viu a natureza intrinsicamente contraditória da ideologia manifestar-se com tão tranquilamente a soberba.

Presenciamos aqui. ao vivo, outra propriedade do pensamento ideológico. além de sua ignorância deliberada dos fatos e do culto à incoerência: sua capacidade de engendrar. sob palavras de ordem progressistas. o contrário de seus objetivos expressos. Ela pretende e acredita trabalhar para a construção de um mundo igualitário, mas fabrica a desigualdade. Outra inversão de sentido entre intenção e resultado foi aquela praticada pela política francesa para a Educação nos últimos trinta anos. É mais um exemplo de ideologia totalitária que se apropria de um setor da vida nacional no seio de uma sociedade que. em outros aspectos. é livre.

Em 20 de setembro de 1997, publiquei um modesto editorial no jornal Le Point intitulado "O naufrágio da Escola".²⁴⁷ Modesto. porque não desenvolvi nesse texto.

conferência. nada de original. já que há anos sucediam de todo lado manifestações lamentando a baixa constante do nível de educação dos alunos. o progresso do analfabetismo. da violência, e daquilo que chamamos. por pudor. de "fracasso escolar", aparentemente uma espécie de catástrofe natural que em nada depende dos métodos adotados ou impostos pelos responsáveis por nosso ensino público.

Logo no dia seguinte, recebi uma carta em papel timbrado do Ministério da Educação.

assinada por um senhor Claude Thélot. "diretor de avaliação e de prospecção".

Tratando-me ironicamente como "Senhor Acadêmico" e "Caro Mestre", esse importante personagem ou sava notificar-me de que meu editorial era de uma rara indigência intelectual, em uma palavra. "deplorável". Obsequioso. o magnânimo e de-247 Retornado em minha coletânea Fin du siècle/et des ombres, obra citada, p. 589.

280

ÓDIO AO PROGRESSO

tor colocava-se à minha disposição para me fornecer esclarecimentos elementares sobre a escola, dos quais eu obviamente carecia.

Eis que, logo na semana seguinte, a imprensa publica um relatório dessa mesma Diretoria de Avaliação e Prospecção. O relatório mostra que, entre outras atrocidades. 35% dos alunos que chegam à sexta série não entendem realmente o que lêem e 9% não sabem nem mesmo decifrar as palavras.248

Em vista dessa constatação arrasadora, amplamente divulgada, eu me pergunto se por acaso esses dados chegaram ao conhecimento do Sr. Claude Thélot.

Parece que ele é o que se chama, em inglês, de um selfconfessed idiot. um tolo que se declara como tal. já que a Diretoria de Avaliação, cujo trono é ocupado por ele, corroborava meu artigo. Ou talvez ele seja um preguiçoso. que nem se deu o trabalho de ler os estudos realizados por seu próprio departamento. Afastei essas duas hipóteses e concluí, finalmente, que a explicação para a cegueira arrogante do Sr. Thélot era devida ao efeito todo-poderoso da ideologia, que se havia apossado de seu cérebro e de todo o seu raciocínio. Assim como um aparatchik era incapaz, no passado, de aceitar que a falta de produtividade da agricultura soviética pudesse ser resultado do próprio sistema de coletivismo. os burocratas do Ministério da Educação na França não podem conceber que o desmoronamento da escola possa ser devido ao tratamento ideológico que eles lhe têm pôem há trinta anos. Para um ideólogo, o fato de alcançar, durante décadas, um resultado contrário ao que

ele buscava no início não prova de modo algum que seus princípios sejam falhos ou seu método, inadequado. Aqui está um claro exemplo do freqüente fenômeno do "segmento totalitário", em meio a uma sociedade, de resto, democrática. 249 Diversas correntes ideológicas, hoje sobretudo de filiação comunistas, continuam flutuando aqui e ali pelo mundo afora, no mesmo momento em que o comunismo desaparece como entidade política e como projeto global.

Como e por que aparecera, como e por que conseguem se perpetuar, de certa forma póstuma, essas três características das ideologias totalitárias. e particular-248 Ver no jornal Le Point de 27 de setembro de 1997 o artigo no qual o próprio Luc Ferry, presidente do Conselho Nacional da Programação Educacional, expõe, analisa e comenta extensivamente esse relatório. No mesmo número, ver também o editorial de Claude Mbert sobre o assunto.

249 Ver Liliane Lurçat, La Destruction de l'enseignement élémentaire [A Destruição do Ensino Elementar] .

Editora F. -X. de Guilbert, 1998. Durante a Feira da Educação, organizada pelo ministério, pela primeira vez, em novembro de 1999 (é mais fácil organizar uma Feira da Educação do que a própria educação), Ségolene Royal, ministra encarregada do Ensino Escolar, "declarou guerra ao analfabetismo" (Journal du Dimanche, 28 de novembro de 1999). Se ela declarou guerra, é porque ele existe, independente do que diz Thélot. Pior: graças a uma pesquisa feita pela Inspeção Geral da Educação Nacional e publicada no final de novembro de 1999, ficamos sabendo que uma proporção crescente dos alunos admitidos na sexta série não apenas não sabe ler mas não são capazes nem mesmo de falar!

281

A GRANDE PARADA

mente da ideologia comunista, tantas vezes citadas nessas páginas: a ignorância voluntária dos fatos; a capacidade de viver em contradição com seus próprios princípios; a recusa em analisar as causas do fracasso? Não é possível responder a essas perguntas se excluirmos uma hipótese paradoxal: o ódio socialista ao progresso.

Vimos no Capítulo 13 como os teóricos do Partido Comunista e os da extrema esquerda marxista combinam, em bloco, todos os modernos meios de comunicação

ção, por serem "mercadorias" fabricadas pela "indústria da cultura". Esse pretensão progresso, segundo eles, só teria por objetivo o lucro capitalista e a dominação

ção das massas. As editoras, a televisão, o rádio, o jornalismo, a internet, por que não as gráficas? nenhuma forma, portanto, instrumentos de difusão do conhecimento e meios de libertação das mentes. Só serviriam, ao contrário, para enganar e arregimentar.

É importante lembrar que essa excomunhão da modernidade, do progresso científico e tecnológico e da ampliação da livre escolha cultural tem suas raízes profundas na origem da esquerda contemporânea, e de modo evidente, na obra de um dos seus principais fundadores: Jean-Jacques Rousseau. Ninguém o observou e descreveu melhor do que Bertrando de Jouvenel em seu *Essai sur la politique de Rousseau* 1 Ensaio sobre a Política de Rousseau, 251 exceto Benjamin Constant, muito antes, porém mais superficialmente, na obra *De la liberté des anciens comparée à celle des modernes* ! Sobre a Liberdade dos Antigos Comparada à dos Modernos 1.

Como todos sabem, embora poucos consigam tirar as conclusões apropriadas desse fato, o texto que tornou Rousseau instantaneamente famoso foi um manifesto virulento contra o progresso científico e técnico, segundo ele um fator de regressão, na medida em que nos afasta do estado natural. Esse texto contraria toda a filosofia do Século das Luzes, segundo a qual o progresso do conhecimento racional, da ciência e de suas aplicações práticas favorece a melhoria das condições de vida da humanidade. A imediata hostilidade dos filósofos do século XVIII, principalmente Voltaire, contra Rousseau não decorre apenas de motivos pessoais, como se diz sem a necessidade: sua causa é uma profunda divergência entre doutrinas. Na contracorrente das tendências dominantes em seu tempo, Rousseau considera a civilização como nociva e degradante para o homem. Ele aplaude sem cessar as pequenas comunicações rurais, prega o retorno ao modo de vida ancestral, dos 250 Jacques Joulliard tem uma obra no prelo, a ser publicada pela editora Gallimard, acerca das relações ambíguas da esquerda com a

idéia e a realidade do progresso, durante os dois séculos passados.

Aqui, eu me limito a fazer apenas algumas observações a esse respeito.

251 · Em 1947. Citado na Introdução à edição do Contrato social na coleção Pluriel de 1978.

282

ÓDIO AO PROGRESSO

camponeses espalhados no território em pequenos agrupamentos de duas ou três famílias. Seu principal objeto de crítica é a cidade. Após o terremoto de Lisboa, ele proclama, em alto e bom som, que esse abalo não teria feito tantas vítimas... se não houvesse habitantes em Lisboa, ou seja, se Lisboa nunca tivesse sido construída.

O inimigo, em todos os aspectos, é a cidade. Ela é corruptora e, além disso,

expõe os seres humanos às catástrofes, que não os atingiriam se eles tivessem continuado a viver em cavernas ou cabanas. Assim, a humanidade teria evoluído muito melhor, cultural e fisicamente, se nunca tivesse construído Atenas, Roma, Alexandria, Ispahan, Fez, Londres, Sevilha, Paris, Viena, Florença, Veneza, Nova York, ou São Petersburgo.

Mais uma vez, a visão nostálgica e o protecionismo campestre de uma parte da esquerda, a que originou o totalitarismo, coincidem com os temas da extrema direita tradicionalista, adepta do "retorno às origens". Tal convergência pode ser observada até mesmo nos debates mais acalorados do último ano do século XX: certas acusações contra o "ultraliberalismo" e a "globalização imperialista" eram tão idênticas nos textos comunistas ou de extrema esquerda e nos textos sobre

"soberania" da direita, que poderíamos inverter as assinaturas sem cometer nenhuma traição ao pensamento dos autores.²⁵²

Em sua lógica hostil à civilização, tida como corruptora, Rousseau é o criador do totalitarismo cultural. A *lettre a d'Alembert sur les spectacles* prefigura o jdanovismo "realista-socialista" do tempo de Stalin e as obras "revolucionárias" da Ópera de Pequim do tempo em que a esposa de Mao Tsé-tung dirigia. Para Rousseau, assim como para as autoridades eclesiásticas mais severas dos séculos

XVI I e XVII I I , o teatro é u m a fonte de degradação dos cost u mes. Representando as paixões. ele i ncita ao vício e ao esti mular a controvérsia ele conduz à i n discipl i n a . As ú nicas representações apreciadas por ele são as peças educativas, essas pequenas comédias edifica ntes. improvi sadas nos cantões suíços . por exemplo. nas noites após a vi n d i m a . Se Jean-Jacques tivesse aplicado a ele mesmo a estética de Rousseau . ele não teria se permitido escrever as Confessions e teria ass i m privado a l i teratura francesa de uma obra de arte.

Quanto às institu ições pol íticas. O Contrato Social gara nte a democracia exatamente da mesma maneira que a constitu ição sta l i n i sta de 1 93 7 na U n ão Soviéti-2 5 2 t: o caso de d o i s a rtigos publi cados n o mesmo d i a , 8 de dezembro de 1 999: u m no jornal L e Monde, escrito por Charles Pasqua, presidente do movi mento União pela França (direita gau l l ista) e i ntitulado

"A globa l i zação não é i nevitável " ; o outro, de Alain Krivine e Pierre Rousset, am bos membros da Liga Comunista Revolucionária, i ntitulado "Um esforço a mais, camaradas! " , publicado no jornal Libération.

Esses dois " l ivres testemun hos" são extraord inaria mente i ntercambiáveis.

283

A GRANDE PARADA

ca . Parti ndo do princípio que a autoridade de seu Estado emana da "vontade coletiva" de "todo o povo", nossos dois j u ristas estipulam que nen huma outra manifestação de l i berdade i ndividual deva ser tolerada a partir do ato constitucional fundador. É no Contrato Social que se expri me, precocemente. a teoria do "centra l ismo democrático" ou da "ditadu ra do proletariado" (em outro vocabu lário, bem-entendido) . De resto. existe u m si ntoma i nconfu n d ível : Rousseau sem pre exalta Esparta em detri mento de Atenas. N o sécu lo XVI I I . até Maurice Barres. i sso era praticamente um cód igo, um si nal de a l i nhamento dos adversários do p l u r a l ismo e da l i berdade. Ben j a m i n Constant destaca essa preferência pelo eterno conceito de reeducação espartan a . m a n i festado tanto pelo tem ível Abade de Mably, u m dos mais i n flexívei s precursores do pensamento total itário. quanto pelo bem-intencionado Jean-Jacques: Esparta , que a l i ava práticas republ icanas à mesma dom i nação dos indivíduos, despertava u m entusiasmo a i nda maior no espírito desse

fi filósofo.

Esse imenso convento lhe apresenta o exemplo ideal da perfeita república.

Ele sentia um profundo desprezo por Atenas e teria dito, a propósito desse Estado, o primeiro da Grécia, o que um grande acadêmico dizia da Academia Francesa: "Que despotismo espantoso! Cada um faz o que quer."

Como observa ironicamente Bertrand de Jouvenel, Rousseau é louvado, há dois séculos, como precursor de idéias completamente opostas às suas, verdadeiramente. Ele preferia "o camponês à cidade, a agricultura ao comércio, a simplicidade ao luxo, a estabilidade dos costumes às novidades, a igualdade dos cidadãos em uma economia simples à sua desigualdade em uma economia complexa e... acima de tudo, o tradicionalismo ao progresso". Mas nesse sentido, ao contrário do que diz a tradição, não foi o pai intelectual da democracia liberal, e sim o perfeito fundador da esquerda totalitária.

Seguindo o exemplo de Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Engels, em sua célebre obra Situação das classes laboriosas na Inglaterra, publicada em 1845, descreve a industrialização e a urbanização, antes de tudo, como fatores de destruição dos valores morais e tradicionais, principalmente entre os famíliares. Nas novas cidades industriais, as mulheres são levadas a trabalhar fora de casa. Elas não podem portanto desempenhar o papel que a natureza lhes reservou: "cuidar dos filhos, arrumar a casa e preparar a comida". Pior: se o marido está desempregado.

284

ÓDIO AO PROGRESSO

é ele quem tem que fazer tudo isso. Que horror! "Somente na cidade de Manchester, centenas de homens estão assim condenados ao trabalho de casa. É fácil compreender a justa indignação dos operários transformados em eunucos. As relações familiares estão invertidas. "253 O marido está privado de sua virilidade, enquanto a esposa, sozinha na grande cidade, está exposta a todo tipo de tentação.

O leitor há de convir que o sermão do reverendo Engels não trata exatamente de uma proposta de libertação da mulher.

De fato, as sociedades criadas pelo "socialismo real" foram das mais arcaicas que a humanidade já conheceu há milênios. Esse "retorno a Esparta" caracteriza, aliás, todas as utopias. As sociedades socialistas são oligárquicas. A minoria governante determina a cada indivíduo seu papel no sistema produtivo e seu local de residência. Já que não se pode viajar livremente, mesmo no próprio país, sem autorização, materializada sob a forma do "passaporte interno". A doutrina oficial deve penetrar em todas as mentes e constituir seu único aliamento intelectual. A arte propriamente dita só existe para fins edificantes e deve limitar-se a exaltar, com a mais hilariante imbecilidade, uma sociedade que nada em felicidade socialista, e a refletir o êxtase do reconhecimento administrativo do povo pelo superpovoamento. A população é, logicamente, impedida de qualquer contato com o estrangeiro, seja para fins de informação ou culturais; esse isolamento é o sonho de protecionismo cultural de certos intelectuais e artistas franceses sempre que eles se sentem ameaçados pelo perigo da globalização cultural. Eles denunciam nesta um risco de uniformização da cultura. Como se a uniformidade cultural não fosse.

ao contrário e de modo evidente, a marca registrada das sociedades fechadas, no sentido dado a esse adjetivo por Karl Popper e Henry Bergson! E como se a diversidade não fosse, ao longo de toda a História, o fruto natural da multiplicação dos intercâmbios culturais! É nas sociedades do socialismo real que os campos de reeducação têm por finalidade trazer de volta para o bom caminho do "pensamento único" todos os cidadãos que ousam cultivar qualquer divergência. Esse processo de reeducação tem, além disso, a vantagem de fornecer mão-de-obra a custos insignificantes. Ainda no ano 2000, mais de um terço da mão-de-obra chinesa era constituída por escravos. Não é de surpreender que os produtos que eles fabricavam de modo quase gratuito chegassem aos mercados internacionais por preços

"imbatíveis". Que não venham dizer que isso é culpa do liberalismo: o liberalismo pressupõe a democracia, com as suas respectivas leis sociais.

253 Capítulo VII.

285

A GRANDE PARADA

Parece incrível que, ainda hoje, tantas pessoas tenham nostalgia

desse tipo de sociedade, seja por inteiro ou em "pedaços separados". Mas é isso mesmo. A longa tradição, estabelecida por 2.500 anos, em obras de utopistas, surpreendentemente semelhantes até nos mínimos detalhes, em suas receitas para a construção do Estado ideal, atesta uma verdade: a tentação totalitária, sob a máscara do demônio do Bem, é uma constante no espírito humano. Ela sempre aí estará presente, em permanente conflito com seu desejo de liberdade.

286

Composição e diagramação SoftImage Assessoria Empresarial Ltda.

Quantidade de páginas 288

Formato 16 x 22cm

Mancha 29 x 45 paucas

Tipologia Identity SSI

Papel de miolo Offset 75g

Papel de capa Offset 240g (plastificada)

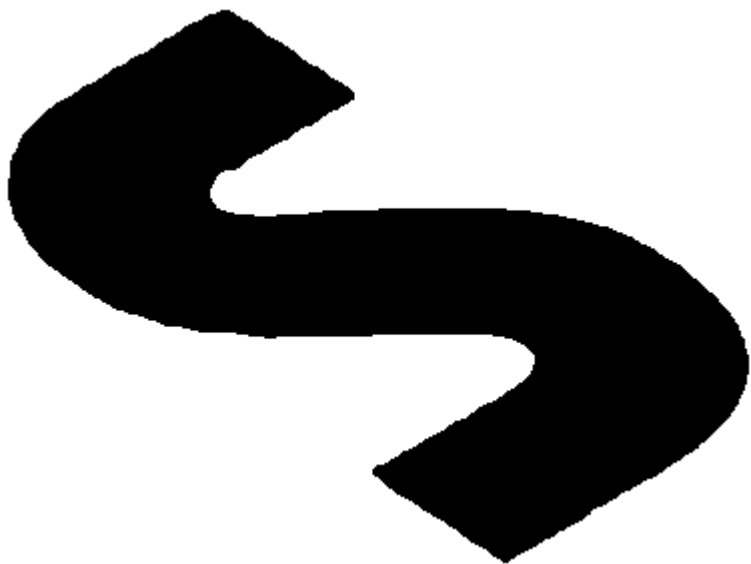
Impressão e acabamento Sermograf - Artes Gráficas Editora Ltda.

Fotolito de miolo Sermograf - Artes Gráficas Editora Ltda.

Fotolito de capa Sermograf - Artes Gráficas Editora Ltda.

Tiragem J. 000 exemplares

Término da obra Julho de 2002



Softl mage

Assessoria Empresarial

Composição e diagramação

Softlimage Assessoria Empresarial Ltda.

Tel . : O XX 2 1 2572-31 1 1